

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Entre livros e e-books:
a apropriação de textos eletrônicos
por estudantes ingressados na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011

André Carlos Moraes

Porto Alegre, março de 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**Entre livros e *e-books*:
a apropriação de textos eletrônicos
por estudantes ingressados na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011**

André Carlos Moraes

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre

Orientador
Dr^a Ana Cláudia Gruszynski

Porto Alegre, março de 2012.

CIP - Catalogação na Publicação

Moraes, André Carlos

Entre livros e *e-books*: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011 / André Carlos Moraes. -- 2012.

199 f.

Orientadora: Ana Cláudia Gruszynski.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Livro eletrônico. 2. História do livro. 3. Cultura letrada. 4. Vestibular. I. Gruszynski, Ana Cláudia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo autor.

André Carlos Moraes

Entre livros e *e-books*:
a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011

Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de
Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Banca examinadora:

Orientadora: Dr^a Ana Cláudia Gruszynski
Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr^a Aline do Amaral Garcia Strelow
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr Antonio Marcos Vieira Sanseverino
Programa de Pós-graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr^a Marília de Araújo Barcellos
Departamento de Ciências da Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

Porto Alegre, março de 2012.

MORAES, André Carlos. **Entre livros e e-books**: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

Com o propósito de contribuir com dados empíricos para as discussões sobre o livro eletrônico e o futuro do livro, a pesquisa buscou compreender e analisar as formas pelas quais estudantes que ingressaram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2011 se apropriaram dos conteúdos da lista de leituras obrigatórias do vestibular, composta por 12 títulos. Partiu-se do modelo da Ordem dos Livros de Roger Chartier (1998), aplicando-se o conceito das listas de vestibular como forma canônica desenvolvido por Ana Cláudia Fidélis (2008). O planejamento metodológico da dissertação seguiu o modelo de Pesquisa em Comunicação de Maria Immacolata Vasallo de Lopes (2003). A amostra foi escolhida levando em conta dados quantitativos preexistentes da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2008). A observação envolveu 263 estudantes de primeiro ano de nove cursos da UFRGS, um de cada Grande Área da Capes, que responderam a um questionário fechado autoaplicado. O formulário incluía questões sobre a quantidade de livros recomendados lidos na íntegra ou parcialmente e os suportes adotados, além de quantidades de *downloads* e leituras eletrônicas. Foram empregadas categorias descritivas elaboradas a partir de autores do referencial teórico como John B. Thompson (2008), Ted Striphas (2011) e José Afonso Furtado (2006). A análise dos dados quantitativos originados pelo levantamento foi realizada de forma qualitativa. Também foi realizada em menor escala triangulação empregando técnicas qualitativas, mesclando-se observação direta e entrevistas telefônicas. A análise dos resultados apontou que houve predominância da leitura em livro impresso, suporte empregado por 90% dos respondentes. O livro eletrônico foi consultado ou lido por pouco mais de 30% dos candidatos pesquisados. Este grupo minoritário dividia-se em dois subconjuntos principais: os que utilizaram o meio digital por se constituir em uma forma facilitada de acesso aos títulos e os que empregaram o suporte eletrônico como apoio ao estudo, conjugado com meios impressos. Também se observou que a distribuição em domínio público teve a tendência de determinar os títulos mais lidos eletronicamente. A observação apontou ainda grande variedade de configurações de relacionamento com os diferentes suportes de leitura, tanto em torno de perfis individuais quanto por área temática dos cursos. Colateralmente, observou-se que candidatos dos cursos mais disputados tiveram a tendência de ler mais títulos da lista recomendada, com prevalência da forma impressa.

Palavras-chave:

Livro eletrônico. *E-book*. História do livro. Vestibular. Cultura letrada.

ABSTRACT

With the purpose of contributing with empirical data in the discussions about the electronic book and the future of the book, this research sought to understand and analyze the ways in which students who joined the Federal University of Rio Grande do Sul in 2011 took hold of the contents of the admission exam's 12 titles mandatory reading list. The starting conceptual model was Roger Chartier's *The Order of Books* (1998), being applied the concept of admission exam's lists as canonical form developed by Ana Cláudia Fidélis (2008). The Dissertation's methodological planning followed the model of Research in Communication from Maria Immacolata Vasallo de Lopes (2003). The sample corpus was chosen taking into account quantitative data from pre-existing reading survey *Portraits of Reading in Brazil* (2008). The observation included 263 first year students from nine courses of the University, one from each major area of Capes. They responded to a self applied closed questionnaire. The form included questions about the amount of mandatory books read in full or in part, as well as the reading apparatus adopted. *Downloads* quantities and number of titles read in electronic form were also investigated. Descriptive categories came from theoretical reference authors such as John b. Thompson (2008), Ted Striphas (2011) and José Afonso Furtado (2006). The analysis of quantitative data from the survey was conducted by qualitative analysis. In lesser extent the empirical work employed qualitative techniques with triangulation intent, merging telephone interviews and direct observation. The analysis of the results pointed out that there was a predominance of reading on printed book, support chosen by 90% of the respondents. The electronic book was consulted or read by just over 30% of candidates surveyed. This minority group was divided into two main subsets: those who sought the digital medium as an easier access to the mandatory titles and those that employed electronic medium as support to study in conjunction with printed media. It was also noted that the public domain distribution had a tendency to determine the titles more read in electronic form. It was observed, still, that there was a wide variety of reading settings, both around individual profiles and by subject area. Collaterally, it was noted that candidates of more competitive courses had the tendency to read more recommended list titles, with prevalence of the printed form.

Keywords:

Electronic book. *E-book*. History of the book. Reading lists. Literate culture.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 5.1. Motivação para leitura de livros por idade (RETRATOS, 2008, p.190)..... | 61 |
| Tabela 5.2. Formas de acesso aos livros por idade (RETRATOS, 2008, p.190)..... | 61 |
| Tabela 6.1. Composição e tamanho da amostra | 72 |
| Tabela 6.2. Totais da amostra conforme o gênero, incluindo divisão por cursos | 74 |
| Tabela 6.3. Frequências de idade por curso dentro da amostra | 75 |
| Tabela 6.4. Médias de leitura por curso da amostragem | 77 |
| Tabela 6.5. Comparativo entre médias de leitura e peso das provas de Biologia e Literatura | 79 |
| Tabela 6.6. Frequências de leitura da lista do Vestibular 2011 estratificadas por curso | 81 |
| Tabela 6.7. Quantidades de respondentes que marcaram ter lido cada título na íntegra..... | 83 |
| Tabela 6.8. Percentagens de leitura de cada título dentro da amostra de cada curso | 83 |
| Tabela 6.9. Títulos da lista de leituras mais lidos pelo total dos respondentes da amostra..... | 84 |
| Tabela 6.10. Cursos que mais leram cada uma das obras da lista..... | 85 |
| Tabela 6.11. Obras da lista mais lidas pelos candidatos de cada curso | 86 |
| Tabela 6.12. Obras da lista do Vestibular 2011 disponíveis no Portal Domínio Público..... | 88 |
| Tabela 6.13. Cruzamento dos livros mais lidos com disponibilidade em domínio público | 89 |
| Tabela 6.14. Ranking de dados brutos de suporte de leitura e estudo, com divisão por curso | 91 |
| Tabela 6.15. Ranking de dados brutos organizado por subtipos, separando suporte e consulta | 92 |
| Tabela 6.16. Respondentes que usaram cada suporte | 95 |
| Tabela 6.17. Ranking de formas de suporte pelo critério de contagem de usuários, com dados de cursos | 96 |
| Tabela 6.18. Ranking pelo critério de contagem de usuários dividido em subtipos suporte e consulta | 97 |
| Tabela 6.19. Respondentes que leram livros inteiros só em computador | 99 |
| Tabela 6.20. Quantidade de vezes em que cada título foi lido exclusivamente em computador | 100 |
| Tabela 6.21. Comparação entre ranking de obras lidas no computador e domínio público..... | 102 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 6.22. Leituras totais e na íntegra em xerox/apostila..... | 103 |
| Tabela 6.23. Ranking de livros mais lidos em xerox/apostila, com dados de domínio público | 104 |
| Tabela 6.24. Ranking de leitura integral em livro por contagem de alunos | 105 |
| Tabela 6.25. Ranking das obras lidas na íntegra em livro, com dados de domínio público e total do suporte..... | 108 |
| Tabela 6.26. Leitura integral em livro por número de estudantes nos cursos | 109 |
| Tabela 6.27. Leitura integral em livro por porcentagem de estudantes nos cursos | 110 |
| Tabela 6.28. Candidatos que assistiram filmes ou documentários baseados na lista | 111 |
| Tabela 6.29. Ranking dos vídeos baseados na lista, por audiência..... | 113 |
| Tabela 6.30. Quantidades de <i>download</i> de livros declaradas pelos alunos, números absolutos | 117 |
| Tabela 6.31. Leituras por inteiro no computador, <i>laptop</i> ou <i>netbook</i> , números absolutos..... | 121 |
| Tabela 6.32. Diferenças entre livros descarregados e lidos na íntegra | 122 |
| Tabela 6.33. Lidos livros em <i>e-book reader</i> , <i>tablet</i> ou celular, números absolutos | 125 |
| Tabela 6.34. Respostas à pergunta “Quantos livros há em sua casa?”, números absolutos, por curso..... | 126 |
| Tabela 6.35. Obteve da Internet material de apoio para livros da lista de leitura | 128 |
| Tabela 6.36. Leu trechos de livros no computador ou celular..... | 130 |
| Tabela 6.37. Leu livros ou trechos em bibliotecas on-line ou digitais..... | 131 |
| Tabela 6.38. Discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu | 132 |
| Tabela 6.39. Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes | 133 |
| Tabela 6.40. Respostas sobre leitura de livro a partir de filme e audiência de filme a partir de livro | 134 |
| Tabela 6.41. Inconsistências observadas nos formulários da pesquisa..... | 136 |
| Tabela 6.42. Comparativo entre turmas da amostra de Publicidade..... | 139 |
| Tabela 6.43. Leitura de livros da lista por suporte nos cursos do teste de subamostragem | 140 |
| Tabela 6.44. Médias de leitura dos livros da lista nos cursos do teste de subamostragem..... | 141 |
| Tabela 6.45. Respostas a “Quais dessas coisas você já fez?” nos cursos do teste de subamostragem..... | 142 |
| Tabela 6.46. Leituras na íntegra em <i>e-book</i> , <i>tablet</i> e celular nos cursos do teste de subamostragem..... | 143 |
| Tabela 6.47. Bibliotecas em casa nos cursos do teste de subamostragem | 143 |
| Tabela 6.48. Espontânea para <i>sites</i> de <i>download</i> | 147 |
| Tabela 6.49. Espontânea para tipos de leitura | 150 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 3.1. Atividades de leitura de estudantes ingleses (SETTING, 2011, p.19)..... | 42 |
| Gráfico 3.2. Atividades dos brasileiros no tempo livre (RETRATOS, 2008, p.162) | 43 |
| Gráfico 6.1. Tamanhos das amostras em relação ao total de calouros por curso | 73 |
| Gráfico 6.2. Composição da amostra quanto ao gênero, dividida por curso | 74 |
| Gráfico 6.3. Frequências por idade no total da amostra | 75 |
| Gráfico 6.4. Diagramas de caixa para as médias de leitura por curso da amostragem..... | 77 |
| Gráfico 6.5. Comparativo entre média de leitura e densidade no Vestibular..... | 78 |
| Gráfico 6.6. Dispersão do total de leituras por curso dentro da amostra..... | 80 |
| Gráfico 6.7. Frequências de leitura dos livros da lista declaradas pelos respondentes..... | 81 |
| Gráfico 6.8. Visualização do ranking de formas de leitura e contato com os livros da lista | 91 |
| Gráfico 6.9. Ranking dos respondentes por suporte..... | 94 |
| Gráfico 6.10. Ranking de leitura dos títulos em computador..... | 101 |
| Gráfico 6.11. Frequências de superposição de categorias pelos respondentes (total da amostra) | 114 |
| Gráfico 6.12. Frequências de superposição de categorias, distribuição por curso..... | 115 |
| Gráfico 6.13. Quantidades de <i>downloads</i> declaradas pelos alunos (%), total da amostra | 117 |
| Gráfico 6.14. Quantidades de <i>download</i> de livros declaradas pelos alunos (%), distribuição por curso..... | 118 |
| Gráfico 6.15. Obras lidas por inteiro no computador, <i>laptop</i> ou <i>netbook</i> , total da amostra (%) | 120 |
| Gráfico 6.16. Leituras por inteiro no computador, <i>laptop</i> ou <i>netbook</i> , segundo os alunos (%)..... | 121 |
| Gráfico 6.17. Obras lidas na íntegra em leitor de <i>e-book</i> , <i>tablet</i> ou celular, segundo os alunos (%) | 123 |
| Gráfico 6.18. Leituras por inteiro no <i>e-book reader</i> , <i>tablet</i> ou celular, segundo os alunos (%)..... | 124 |
| Gráfico 6.19. Respostas à pergunta “Quantos livros há em sua casa?” em toda a amostra (%)..... | 126 |
| Gráfico 6.20. Comparativo entre <i>downloads</i> nas turmas da Publicidade | 139 |
| Gráfico 6.21. <i>Downloads</i> declarados nos cursos do teste de subamostragem | 142 |
| Gráfico 6.22. Leituras em computador nos cursos do teste de subamostragem | 143 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 Um campo de dúvidas | 14 |
| 1.2 O leitor jovem e os livros..... | 17 |
| 1.3 O estudante e os livros | 18 |
| 1.4 A pesquisa | 21 |
| 2 A ORDEM DOS LIVROS..... | 23 |
| 2.1 A lista de vestibular | 31 |
| 3 O LIVRO ELETRÔNICO E O FUTURO DO LIVRO..... | 34 |
| 3.1 O livro eletrônico | 34 |
| 3.1.1 O paradigma evolutivo..... | 35 |
| 3.1.2 O paradigma histórico-cultural..... | 37 |
| 3.2 O futuro do livro..... | 41 |
| 4 AS PESQUISAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS SOBRE SUPORTES | 45 |
| 4.1 A tipificação de Thompson..... | 45 |
| 4.2 As pesquisas brasileiras | 48 |
| 4.2.1 Os trabalhos pioneiros..... | 48 |
| 4.2.2 O livro eletrônico e o mercado..... | 50 |
| 4.2.3 A força da cultura do livro impresso | 53 |
| 4.2.4 Os reflexos do suporte entre os estudantes..... | 56 |
| 4.2.5 Considerações | 58 |
| 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 59 |
| 5.1 Corpus..... | 61 |
| 5.2 Limitações do método | 62 |
| 5.3 O instrumento de coleta de dados quantitativos..... | 64 |

| | |
|--|-----------|
| 5.4 As entrevistas semiestruturadas | 69 |
| 5.5 Tabulação de teste..... | 69 |
| 6 OS CALOUROS DA UFRGS E A LISTA DE VESTIBULAR | 71 |
| 6.1 Composição e tamanho da amostra | 71 |
| 6.2 Médias de leitura..... | 76 |
| 6.3 Títulos mais lidos da lista | 82 |
| 6.4 Relação da disponibilidade da lista com índices de leitura | 86 |
| 6.5 Os suportes e o contato dos candidatos com a lista do vestibular | 89 |
| 6.5.1 Ranking de leitura em números absolutos | 90 |
| 6.5.2 Ranking de suportes pelo critério do número de respondentes..... | 93 |
| 6.6 Indicadores sobre a relação entre suporte e leitura integral..... | 97 |
| 6.6.1 A leitura integral de títulos da lista em computador..... | 98 |
| 6.6.2 A leitura integral em polígrafos e xerox | 102 |
| 6.6.3 A leitura integral em livro | 104 |
| 6.6.4 A consulta em filme ou documentário..... | 110 |
| 6.7 Frequência de múltiplas categorias | 113 |
| 6.8 <i>Downloads</i> declarados pelos estudantes | 116 |
| 6.9 Obras lidas na íntegra em computador declaradas pelos estudantes | 119 |
| 6.10 Obras lidas na íntegra em <i>hardware</i> portátil..... | 122 |
| 6.11 Biblioteca doméstica assinalada pelos estudantes | 125 |
| 6.12 Quais dessas coisas você já fez? | 127 |
| 6.12.1 Apoio para leitura pela Internet..... | 127 |
| 6.12.2 Trechos de livros no computador ou celular..... | 129 |
| 6.12.3 Leitura em bibliotecas on-line ou digitais..... | 131 |
| 6.12.4 Discussão de material lido em fóruns ou redes sociais | 132 |
| 6.12.5 Quem recomendou livros digitais | 133 |
| 6.12.6 A relação entre livros e filmes..... | 133 |
| 6.13 Indicadores de fiabilidade | 136 |
| 6.14 Discussão sobre representatividade da amostra..... | 138 |
| 6.14.1 Subamostragem fora do universo da pesquisa | 139 |
| 6.15 Campo qualitativo: categoria Outros..... | 144 |
| 6.16 Campo qualitativo: <i>sites de download</i> | 146 |
| 6.17 Campo qualitativo: o que você lê? | 149 |
| 6.18 Perfis de leitura | 154 |
| 6.19 Triangulação através de entrevista telefônica | 158 |
| 6.19.1 LET1 | 158 |
| 6.19.2 DIR23 | 160 |
| 6.19.3 VET1 | 162 |
| 6.19.4 BIO16..... | 163 |
| 6.20 Notas de observação durante o levantamento | 164 |

| | |
|--|-----|
| 6.21 Considerações sobre a alternância de metodologias e técnicas | 166 |
| 6.22 Síntese e discussão dos resultados | 168 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 178 |
| 8 REFERÊNCIAS | 182 |
| 9 ANEXOS..... | 186 |
| 9.1 Anexo 1 – Levantamento de trabalhos encontrados no Estado da Arte | 186 |
| 9.2 Anexo 2 – Questionário para pesquisa quantitativa | 187 |
| 9.3 Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 189 |
| 9.4 Anexo 4 – Carta de aceite para unidades das turmas pesquisadas | 190 |
| 9.5 Anexo 5 – Transcrições das entrevistas qualitativas | 191 |
| 9.6 Anexo 6 – Respostas ao campo qualitativo “O que você lê?” | 194 |
| 9.7 Anexo 7 – Datas e turmas pesquisadas | 197 |
| 9.8 Anexo 8 (com adendo eletrônico) – Planilhas de tabulação da pesquisa | 198 |

1 INTRODUÇÃO

Trabalhos que abordem o *e-book* costumam ser introduzidos por uma listagem de preocupações, uma das quais a ausência de consenso em torno da própria definição do termo. Questiona-se, entre outras coisas, se o livro eletrônico é *software* ou *hardware*, extensão ou sucessão do volume impresso. Não é incomum que sejam associadas dúvidas sobre o futuro do livro, tanto ao ser confrontado com sua transposição digital quanto frente à concorrência de uma miríade de outros meios de comunicação. Em meio aos debates que às vezes assumem um tom alarmado, alguns olhares se concentram também nos hábitos de leitura das novas gerações, herdeiras de centenas de anos de cultura dos livros.

Trata-se de uma nuvem de inquietações e conceitos no meio da qual muitos pesquisadores encontram seu problema e elegem uma perspectiva. Dentro da mesma metáfora, este trabalho optou por ficar, justamente, sob o próprio temporal. Um dos propósitos, aqui, foi observar na perspectiva dos usuários os efeitos desta série de fenômenos que envolvem o livro eletrônico. Não se trata de um estudo aplicado ou de uma pesquisa de mercado. Buscou-se analisar em que medida as novas tecnologias de leitura ajudam a definir práticas culturais no cotidiano dos usuários, e em que escala elas possam representar indícios de reconfiguração daquela ordem social própria da era dos livros.

Nas primeiras linhas de um artigo científico, dissertação ou tese costuma-se fazer um esboço geral do problema que será tratado. Nesta primeira aproximação algumas vezes a temática é introduzida com o empréstimo de expressões do senso comum, mais adiante refinadas e circunscritas pelo aparato conceitual e pelo referencial que fundamentam o trabalho. Curiosamente, em áreas novas ou nas quais haja maior efervescên-

cia de debates acadêmicos esta etapa da diferenciação entre a linguagem cotidiana e a teoria pode se avolumar, especialmente naqueles casos em que há uma dimensão empírica. Este é, de certa maneira, o estágio em que se encontra a questão do livro eletrônico. O *e-book* suscita discussões científicas mas também mobiliza profissionais, angaria manchetes nos jornais e mesmo conquista usuários, cada uma destas instâncias seguindo suas próprias concepções, não raro desencontradas.

Está além do alcance de uma dissertação aspirar à unificação de conceitos ou sequer ao resumo de um debate tão amplo. Mas a indefinição sobre a constituição ou nomenclatura de um fenômeno não deveria representar obstáculo às tentativas de sondá-lo. Faz parte da compreensão do livro eletrônico como objeto de estudo a avaliação de como ele se constitui a partir da prática social daqueles que se apropriam dele e lhe atribuem função. Neste contexto, inclusive, ele não deveria ser visto como um fim em si mesmo mas como uma de várias facetas, um aspecto do fluxo de informação em que estão mergulhados os leitores. A relação entre livros, textos eletrônicos e outros meios como os audiovisuais representa um conjunto que em certa medida deve ser compreendido como um todo.

Neste propósito mais amplo de observação, a pesquisa trabalhou com uma amostra pequena e delimitada, buscando se constituir em um estudo de sondagem. A maneira pela qual se chegou ao corpus e a justificativa para a investigação nesta escala são desenvolvidas mais adiante. Inicialmente, é preciso fundamentar e discutir algumas das afirmações feitas até aqui.

1.1 Um campo de dúvidas

Ao longo das últimas décadas, discussões sobre o futuro do livro têm envolvido pelo menos dois grandes grupos de indagações. Um deles é a respeito da transposição dos livros para os meios eletrônicos, tema que no senso comum está associado a expressões como *e-book*, livro eletrônico ou livro digital. Este gênero de perguntas, no meio acadêmico, recebe formulações como esta de Robert Darnton:

Que terreno em comum existe entre os velhos livros e os *e-books*? Que vantagens mútuas ligam as bibliotecas à Internet? Estas questões podem parecer vazias no abstrato, mas tomam forma concreta nas decisões feitas todos os dias por participantes da indústria de comunicação – webmasters, engenheiros de computação, financistas,

advogados, editores, bibliotecários, e um bom número de leitores comuns.¹ (DARNTON, 2009, vii)

Esta observação sintetiza uma linha de investigação que tem fortes reflexos empíricos, envolvendo tanto profissionais ligados ao livro quanto o público em geral. Também é representativa da preocupação de entender uma transformação tecnológica.

Outro gênero de perguntas toma um ponto de vista mais amplo, questionando a própria continuidade do livro como forma de transmissão de conhecimento na sociedade contemporânea, marcada pela rapidez e diversidade dos meios de comunicação. Pertence a este tipo de indagação o parágrafo abaixo, escrito pelo representante da Unesco no Brasil, Jorge Werthein, na apresentação da coletânea de artigos *Reflexões sobre os Caminhos do Livro*, de 2003:

É um mundo onde coexistem realidades diversas: a possível redução da leitura de livros, em face da rapidez e relativa facilidade da comunicação por outros meios, como a dança eletrônica de imagens coloridas, em contraste com a mais notória escassez de acesso à era de Gutenberg, acrescida hoje do divisor digital. Em meio aos paradoxos desse mundo em processo de mundialização – onde, portanto, as disparidades tendem a se tornar cada vez mais marcantes, em aceleração crescente –, cumpre discutir o livro. (PORTELLA, 2003, p.8)

Estes dois gêneros de perguntas não são mutuamente excludentes e também podem não se encontrar separados em muitas das argumentações de autores que contemplam temas ligados ao futuro do livro. Mas a abordagem da pesquisa pressupõe que se assumam pelo menos algum grau de diferenciação entre os dois grupos. Embora não seja o objetivo principal da investigação, há fontes que discutem até que ponto as questões pertinentes ao livro eletrônico possam ser também pertinentes à persistência da própria cultura do livro. Esta pergunta faz parte das preocupações de alguns autores, do meio acadêmico ou não. No livro *Print is Dead*, o escritor norte-americano Jeff Gomez explica isto, embora tomando partido dentro do debate:

Então as pessoas que continuamente batem no peito em defesa dos livros estão seriamente perdendo de vista a batalha mais ampla, que é a maré crescente de apatia e falta de interesse na leitura. Aí é onde está a verdadeira guerra; isso é o que é importante. Apesar disso, no lugar de abordar esta preocupação muito real, críticos da leitura digital ou dos livros eletrônicos meramente louvam a estética (e não necessariamente as virtudes) dos livros impressos. (GOMEZ, 2008, p.45)²

¹ “What common ground exists between old books and *e-books*? What mutual advantages link libraries with the Internet? Those questions may sound empty in the abstract, but they take concrete form in decisions made every day by players in the communication industry – webmasters, computer engineers, financiers, lawyers, publishers, librarians, and a great many ordinary readers.” Todas as citações presentes no texto cujo original estiver reproduzido em nota de rodapé são traduções do autor desta dissertação.

² “So the people who repeatedly strike their chests in defense of books are seriously missing the larger battle, which is the rising tide of apathy and lack of interest towards reading. This is where the real war is; this is what’s important.

O capítulo 3 apresenta as ideias dos principais autores no debate sobre o futuro do livro, dentro de uma proposta de sistematização. Mas a dimensão teórica do problema é apenas um aspecto da abordagem proposta pela pesquisa. Como detalhado mais adiante nos Procedimentos Metodológicos, busca-se dimensionar o trabalho também nas instâncias epistemológica, metodológica e técnica, seguindo modelo de Pesquisa em Comunicação proposto por Maria Immacolata Vassallo de Lopes (LOPES, 2003, p.20).

Nas discussões sobre o futuro do livro há autores que destacam a necessidade de adotar outras abordagens além das análises puramente centradas em revisão bibliográfica, buscando no lugar disso efetuar também estudos empíricos. É uma diferente aproximação quanto ao método e epistemologia. John Thompson, em *Books in the Digital Age*, diz o seguinte:

Podemos abordar estes temas diferentemente enfatizando que tecnologias devem sempre ser contextualizadas – isto é, elas devem sempre ser analisadas em relação aos contextos sociais específicos nos quais elas são desenvolvidas e usadas, e daí em relação ao que os usuários realmente fazem com estas tecnologias [...] (THOMPSON, 2008, p. 317)

É dentro desta perspectiva que se propôs aqui uma pesquisa com leitores, realizada em âmbito local. Um estudo empírico desta natureza, ao mesmo tempo que situa o trabalho nas outras instâncias, também acompanha vertentes teóricas como a representada por Thompson, que buscam analisar as questões do livro eletrônico e do futuro do livro no contexto do uso pelos leitores.

A abordagem adotada explora, então, a dinâmica entre três eixos principais: os leitores, o livro e as tecnologias, com o objetivo de situar localmente esta interação de forças dentro das discussões teóricas sobre o futuro do livro. Esta confluência também é comum a outros trabalhos recentes sobre o livro eletrônico. É o caso de *The Late Age of Print*, de Ted Striphas, investigação do mercado do livro nos Estados Unidos frente às novas tecnologias, obra lançada em 2009. O autor propõe o seguinte:

O enfoque deste livro é estrategicamente eclético. Embora atue na sobreposição de história da mídia, tecnologia, ideias e cultura de massa, não é um trabalho de história em si. Aborda a sociologia dos livros e da leitura, mas não é exatamente um trabalho de sociologia. Embora vá da teoria literária e crítica à economia política e questões

Yet, instead of addressing this very real concern, critics of digital reading or electronic books merely extol the aesthetics (and not necessarily the virtues) of printed books.”

³ “We can approach these issues differently by emphasizing that technologies must always be contextualized – that is, they must always be analysed in relation to the specific social contexts in which they are developed and used, and hence in relation to what users actually do with these technologies [...]”

legais, não é um trabalho pertencente a nenhum destes campos. É um livro sobre comunicação [...]”⁴ (STRIPHAS, 2011, p.13)

Os capítulos 2 e 3 detalham os conceitos envolvidos nos três eixos e apresentam e debatem as ideias de autores que, como Striphas, trabalham na convergência entre eles ou oferecem construtos teóricos que possam ser considerados variações.

1.2 O leitor jovem e os livros

Há autores que ao abordar o tema das transformações do livro na era eletrônica dão atenção especial ao comportamento das novas gerações. Para o crítico e ensaísta norte-americano Sven Birkerts:

A absorção da cultura impressa pelas tecnologias eletrônicas continuou a grande velocidade, e confrontamos as consequências em toda parte. Para começar, jornais estão em crise, suas circulações despencando à medida que velhos leitores desertam para fontes on-line de áreas específicas (parte do fenômeno de nicho) e jovens leitores deixam de aderir como novos consumidores. Estes leitores potenciais já têm novas preferências condicionadas e novos reflexos para lidar com informação – condicionamento que, não surpreendentemente, afeta também a leitura de livros.⁵ (BIRKERTS, 2006, p. 238)

O norte-americano Jeff Gomez, discutindo o livro eletrônico, identifica o que chama de *Geração Download*:

Para eles, as noções de tempo e espaço foram quase totalmente apagadas: toda comunicação é instantânea e toda informação está a apenas um clique de distância. Mesmo objetos outrora físicos, como gravações e livros – para não falar em programas de tevê e filmes –, foram estourados em pedacinhos e convertidos em pequenas fatias e nacos digitais. E no lugar de tentar colar tudo de novo, a Geração Download está catando no meio dos cacos, interagindo com cada pedaço de entretenimento literalmente bit por bit.⁶ (GOMEZ, 2008, p. 71-72)

Nos dois trechos citados, os autores fazem, de formas diferentes, um duplo jogo de relações. Relacionam as novas gerações com as tecnologias de informação e a partir desta mediação abordam sua relação com os livros. Este paralelismo também é efetuado

⁴ “The approach of this book is strategically eclectic. Although it dwells where the history of media, technology, ideas, and mass culture all overlap, it isn’t a work of history per se. It addresses the sociology of books and reading, yet it’s not exactly a work of sociology. Although it ranges from literary theory and criticism to political economy and critical legal studies, it’s a work proper to none of these fields. It’s a book about communication [...]”

⁵ “The engulfing of print culture by electronic technologies has continued at great momentum, and we confront the consequences everywhere. To begin with, newspapers are in crisis, their circulations plummeting as old readers defect to topic-specific online sources (part of the niche phenomenon) and younger readers fail to enroll as new consumers. Those potential readers already have new conditioned preferences and new reflexes for dealing with information – conditioning that, not surprisingly, affects the reading of books, too.”

⁶ “For them, the notions of space and time have been almost totally erased: all communication is instant and all information is just a mouseclick away. Even formerly physical objects, such as records and books – not to mention TV shows and movies – have been blasted apart and broken into minute digital slivers and chunks. And rather than try to put them back together again, Generation Download is sifting through the rubble, interacting with each piece of entertainment literally bit by bit.”

por teóricos brasileiros. Em um dos ensaios da coletânea *A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias*, Arlindo Machado afirma:

A passagem de uma cultura do texto verbal para uma cultura do audiovisual e da multimídia, quando não é sumariamente condenada pelos analistas, é pensada pela maioria deles numa perspectiva exclusivamente *pedagógica*. As novas gerações – raciocinam esses analistas – resistem cada vez mais ao livro impresso e às formas escritas de fixação do pensamento. (MACHADO, 2002, p.114)

Uma das leituras possíveis das observações dos três autores acima seria que os leitores jovens são vistos como a linha de frente de uma transformação dos hábitos culturais. Se, por um lado, estão em maior contato com novas tecnologias e meios de distribuição de informação, por outro há quem aponte, como indicam Machado (2002) e Birkerts (2006), uma mudança na relação com os livros. Nestas referências teóricas, fundamenta-se aqui a relevância de uma pesquisa empírica com jovens. O estudo procurou indícios locais que pudessem ser relacionados à discussão mais ampla conduzida no âmbito teórico. Até que ponto espaços antes ocupados pelo livro estariam sendo substituídos, na experiência dos jovens, por outras formas de registro de conhecimento? De que forma eles interagem no meio eletrônico com os livros que tradicionalmente constituem a base do estudo formal?

1.3 O estudante e os livros

O leitor jovem, que merece atenção de alguns autores dentro do debate sobre o livro eletrônico e o futuro do livro, também pode ser associado na literatura teórica ao papel de aluno. Há pesquisas recentes sobre transformações tecnológicas do livro que, justamente, investigam a relação dos estudantes com os meios eletrônicos. Um destes trabalhos, apresentado adiante em maiores detalhes no capítulo 4, é *Books in the Digital Age*, de John Thompson. O autor analisa mudanças da indústria livreira motivadas por tecnologias, concentrando-se nas áreas de publicações estudantis e acadêmicas, que considera interligadas (THOMPSON, 2008, p. 10). Justificando seu interesse por esta parcela da indústria, afirma:

[...] livros-texto acadêmicos e escolares representam uma parcela substancial da produção anual de livros (grosseiramente um terço dos livros novos no Reino Unido por ano); e publicação educacional como um todo (incluindo livros-texto escolares e universitários) é uma proporção substancial das vendas totais de livros (vendas combinadas chegam a mais de um terço do total de venda de livros nos EUA). Mais que isso, a publicação estudantil e acadêmica tem sido de muitas formas a linha de frente

de mudanças recentes afetando a indústria livreira, e experiências com novas tecnologias progrediram mais nestes campos [...].⁷ (THOMPSON, 2008, p.10)

Embora o estudo de Thompson se concentre na indústria livreira que atende ao público estudantil, sua observação ilustra a importância desta parcela de leitores e também salienta a relação com a tecnologia.

O interesse teórico dos autores pelo público jovem e estudantil é corroborado por indicadores empíricos. Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-Livro, publicada em 2008 a partir de levantamento realizado em 2007 (RETRATOS, 2008, p.22), os maiores índices de motivação para leitura de livros entre a amostra pesquisada foram de jovens que alegaram exigência escolar ou acadêmica. Este foi o motivo para leitura de livros para 83% dos jovens de 5 a 10 anos; 81% entre 11 e 13 anos; e 75% entre 14 e 17 anos, que são os três índices mais altos presentes (RETRATOS, 2008, p.190). O comparativo completo pode ser visto na Tabela 5.1, apresentada no capítulo 5.⁸

Especificamente a respeito de livros em meio eletrônico, *Retratos* também indica um papel preponderante da faixa etária jovem. O público entre 14 e 17 anos é apontado como o que mais acessa livros gratuitamente pela Internet (15% da amostra). Logo em seguida vêm as faixas etárias de 18 a 24 anos (12%) e 25 a 29 anos (11%). Mesmo assim, dentro da faixa etária dos 14 a 17 anos, os títulos descarregados da Internet ocupam apenas sexto lugar entre as formas de acesso, atrás dos empréstimos de biblioteca (47%), empréstimos de particulares (43%), compras (37%), distribuição do governo (30%) e presentes (25%) (RETRATOS, 2008, p.206). O comparativo completo pode ser visto na Tabela 5.2, exibida no capítulo 5.⁹

O presente trabalho fundamentou em parte nestes indicadores quantitativos iniciais a escolha do corpus amostral, definido em maiores detalhes nos capítulos 5 e 6. A

⁷ [...] academic and college textbooks published represent a substantial proportion of annual book output (roughly a third of all new books published in Britain each year could be classified in this way); and educational publishing as a whole (including school and college textbooks) accounts for a substantial proportion of total book sales (combined sales of school and college textbooks account for more than a third of total book sales in the US). Moreover, academic and college textbook publishing have in many ways been at the forefront of the recent changes affecting the publishing industry, and experiments with new technologies have proceeded much further in these fields [...].

⁸ O planejamento metodológico e a pesquisa teórica do presente trabalho foram realizados entre 2010 e 2011, tendo por base a segunda edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, publicada em 2008. Em março de 2012 foi divulgada a terceira edição. No estudo mais recente, a motivação escolar ou acadêmica foi a justificativa para leitura de livros para 79% dos entrevistados na faixa dos 5 a 10 anos, 72% dos 11 aos 13 anos e 70% dos 14 a 17 anos, ainda os três maiores índices registrados. (RETRATOS, 2012, p.91)

⁹ Na terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2012, os maiores valores para acesso a livros pela Internet estão nas faixas de 18 a 24 anos (11%), 25 a 29 anos (11%) e 30 a 39 anos (9%). A faixa de 14 a 17 anos aparece com 6%. (RETRATOS, 2012, p.109)

proposta foi de realizar um estudo empírico com jovens estudantes, avaliando suas formas de interação com os livros e, comparativamente, com *e-books* ou textos eletrônicos. Com este propósito, buscou-se um indicador que representasse um ponto de contato entre o estudante e os livros, mas ao mesmo tempo pudesse refletir variedade de modos de acesso, tanto em forma eletrônica quanto por meios alternativos, como os audiovisuais ou interativos.

O indicador primário adotado utiliza um conceito apresentado por Ana Cláudia Silva Fidélis na tese *Do cânone literário às provas de vestibular: canonização e escolarização da literatura*, apresentada em 2008 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. A autora aborda os cânones literários, definidos por ela como “textos ou escritores autorizados, reconhecidos por uma tradição ou que passam a fazer parte dela” (FIDÉLIS, 2008, p.11), na perspectiva de sua adoção pelas escolas e universidades. Especificamente, identifica nas listas de leitura obrigatória dos vestibulares uma forma de cânone:

Em seus exames de seleção, uma parcela significativa das instituições públicas de nível superior adota a indicação prévia de escritores e obras para leitura a ser avaliada nas Provas de Língua e Literatura. Essa indicação prévia (geralmente anunciada no início de cada ano letivo) lista, então, uma série de obras a serem lidas durante o ano por alunos de Ensino Médio que pretendem se submeter aos exames de seleção destas instituições; daí adveio a nomeação adotada no ambiente escolar – listas de Vestibular. A partir desta prática, as Listas de Vestibular passaram a instituir as leituras feitas pelos estudantes de Ensino Médio, rerepresentando no ambiente escolar um outro recorte canônico. (FIDÉLIS, 2008, p.96)

A tese da autora discute as formas de disseminação de cânones literários, interesse que diz respeito a outra área do conhecimento que a tratada aqui. Mas o atual projeto propõe a adoção do conceito de cânone nos moldes aplicados nas listas de leitura obrigatória como um indicador que põe o estudante em contato com os livros. As listas representariam uma forma de texto sancionado pela instituição de ensino superior, papel tradicionalmente associado aos livros impressos. O conceito de livro como forma culturalmente autorizada de transmissão de conhecimento é apresentado em maiores detalhes na perspectiva de Roger Chartier (1998) no capítulo 2.

A pesquisa, em seu viés empírico, procurou identificar as formas de apropriação de leituras obrigatórias por parte de estudantes que passaram no vestibular. A partir do contato dos jovens com esta lista, buscou-se identificar e analisar a interação com os suportes de leitura. À parte os livros impressos, os estudantes tomaram contato com os conteúdos da lista de outras formas? O livro eletrônico foi uma das formas adotadas

para a leitura? Há parcela significativa de obras que não foram lidas, ou foram apropriadas por vias alternativas, como meios audiovisuais ou mesmo assimiladas através de resumos e postagens na Internet? Houve transmissão oral, através de aulas ou grupos de estudo? Embora aparentemente numerosas, estas perguntas dizem respeito basicamente a um mesmo problema de pesquisa, o suporte de acesso adotado pelos jovens no espaço que seria consagrado ao livro.

1.4 A pesquisa

A partir dos pressupostos apresentados nas seções anteriores definiu-se o problema de pesquisa, que passou a ser a investigação sobre o modo como estudantes que ingressaram em 2011 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) utilizaram o livro eletrônico ou outros suportes para se apropriar do conteúdo dos livros recomendados para o vestibular. Também fazia parte do problema relacionar estes indicadores com a discussão teórica sobre o *e-book* e sobre o futuro do livro.

O objetivo geral da pesquisa, assim, era avaliar, com ênfase no suporte adotado, as formas de apropriação de textos recomendados como leitura obrigatória para o vestibular por parte de alunos que ingressaram em 2011 na UFRGS, discutindo como os indicadores encontrados se articulam com o debate teórico sobre o *e-book* e o futuro do livro. Para chegar a esta meta principal, o trabalho foi decomposto nos seguintes objetivos específicos:

1. Compreender a ligação entre os suportes de leitura e a configuração das práticas culturais, com ênfase no papel dos livros no processo de legitimação do conhecimento, nos moldes aplicados na Universidade.
2. Identificar e analisar questões sobre o *e-book* e reflexões sobre o futuro do livro que pudessem ser utilizadas como operadores conceituais na discussão da realidade local.
3. Localizar e discutir pesquisas sobre perfis de leitura que ajudassem a compreender a temática e/ou o público envolvido.
4. Realizar um levantamento com estudantes ingressados na Universidade em 2011 a fim de obter indicadores sobre seu perfil de leitura, com ênfase no suporte adotado, problematizando os dados encontrados.

Defende-se que estes objetivos específicos ajudariam na tarefa de realizar a transposição da discussão teórica para o contexto empírico local. A popularização das tecnologias eletrônicas de disseminação de textos e a disponibilidade cada vez maior de conteúdos em formas audiovisuais são vistas por alguns autores como componentes de uma transformação cultural em curso e um dos aspectos centrais da discussão é a mudança na relação com os livros por parte das novas gerações. Mas muitos dos teóricos que investigam estas questões estão concentrados nos Estados Unidos e Europa, onde as circunstâncias culturais e econômicas são muito diferentes da realidade brasileira e gaúcha.¹⁰ Justifica-se que estudar a relação dos jovens leitores locais com os livros impressos e eletrônicos ou com outras formas de apropriação de conteúdo é, assim, uma forma de situar o panorama regional dentro da grande discussão sobre o *e-book* e o futuro do livro. Acessoriamente, a pesquisa pode ser de utilidade para agentes, dentro da sociedade, envolvidos na área. Editoras e autores, professores e educadores poderiam ser beneficiados por um maior conhecimento das formas de interação dos jovens com os livros.

O trabalho foi estruturado seguindo a ordem dos objetivos específicos. O capítulo 2 discute conceitos básicos sobre o livro, incluindo sua compreensão como prática cultural e como forma legitimadora dos discursos, dimensão que pode ser diretamente relacionada à existência das listas de vestibular. O capítulo 3 aborda o livro eletrônico, procurando apresentar sob uma proposta de sistematização alguns dos principais pontos da discussão sobre o e-book e sobre o futuro do livro. No capítulo 4 são debatidas pesquisas internacionais e nacionais sobre o tema, tanto aquelas que tragam desenvolvimentos teóricos quanto as que já tenham empreendido transposições da teoria para o campo empírico. Nos capítulos de 2 a 4 concentra-se o Referencial Teórico, de onde vêm os operadores conceituais interpretativos e os parâmetros de investigação. O planejamento dos instrumentos de observação e a definição do corpus são detalhados no capítulo 5. O capítulo 6 traz o levantamento realizado, desde sua composição detalhada até a discussão dos dados e sua interpretação à luz do Referencial Teórico. Nos capítulos 5 e 6 também se faz a discussão metodológica, importante para a compreensão e relativização dos resultados. A síntese final e as possibilidades de desenvolvimento posterior da pesquisa estão no capítulo 7.

¹⁰ Um exemplo é a abordagem de Jeff Gomez sobre o livro eletrônico que cita o levantamento norte-americano *Reading at Risk*, de 2004, que aponta uma queda nos índices médios de leitura nos EUA em um intervalo de 20 anos (GOMEZ, 2008, p.37). Os dados contrastam com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que aponta uma tendência de aumento dos índices de leitura no País entre 2000 e 2007 (RETRATOS, 2008, p.227). Mesmo a pesquisa citada por Gomez contrasta com outro levantamento norte-americano mais recente, *Reading on the Rise*, de 2008, citado por Alan Jacobs (2011, p.5)

2 A ORDEM DOS LIVROS

Dentro do propósito de compreender a relação dos estudantes com o livro eletrônico e os suportes de leitura em geral, um dos objetivos específicos da pesquisa era compreender o papel dos livros no processo de legitimação do conhecimento e, em especial, entender como essa operacionalização se dá dentro da universidade. Isto será tratado neste capítulo.

Este trabalho utiliza o termo “livro” como sinônimo do volume impresso. Quando a referência for à forma eletrônica, são utilizados os termos “livro eletrônico” ou “*e-book*”. As várias nomenclaturas e ontologias referentes ao texto digital são abordadas no capítulo 3. Mas antes disso é preciso esclarecer o conceito básico.

Definições de livro costumam levar em conta o desenvolvimento histórico e tecnológico da sua morfologia. A síntese a seguir é de um livro-texto:

Entre o século 1 a.C. e o século 6 d.C. o códex, ou manuscrito feito de páginas individuais encadernadas, começou a substituir o livro em forma de rolo e estabeleceu a forma moderna do livro. A publicação de livros continuou a evoluir, com impressão em blocos inventada na China em 600 d.C.; tipos móveis de liga de cobre inventados na Coreia em 1234; e a primeira prensa de impressão mecânica do mundo ocidental na Alemanha em 1455. A portabilidade dos livros e sua distribuição mais ampla após o desenvolvimento da impressão deram origem à primeira forma de comunicação de massa. Livros tiveram efeitos profundos na cultura e na sociedade disseminando novas ideias e construindo um corpo comum de conhecimento que pode ser compartilhado ao longo de gerações.¹¹ (PAVLIK, 2010, p.105)

¹¹ “Between the first century BCE and the sixth century CE the codex, or manuscript made of bound individual pages, began replacing the scroll-form book and established the modern book form. Book publishing continued to evolve, with block printing invented in China by 600 CE; movable copper-alloy type invented in Korea in 1234; and the Western world's first mechanical printing press in Germany in 1455. The portability of books and their wider distribution after the development of printing gave rise to the earliest form of mass media. Books have had profound effects on culture and society in disseminating new ideas and building a common body of knowledge that can be shared across generations.”

Esta citação traz vários dos elementos recorrentes em obras sobre a História do Livro, como as origens do códex ou volume encadernado, o papel central da tecnologia de impressão mecânica no Ocidente a partir do século XV e o efeito de transformação social da disseminação do conhecimento proporcionada pela imprensa. Embora se procure aprofundar e discutir esta abordagem, é importante apresentá-la como aproximação inicial aos conceitos tratados neste capítulo e também para ilustrar a representatividade desta definição na bibliografia da área. Ela representa consenso suficiente para integrar um livro-texto publicado por uma grande editora universitária, no caso a Oxford Press.

Mas, justamente, estudos recentes começam suas abordagens colocando em questão as certezas referentes ao livro clássico. Do norte-americano Ted Striphas:

[...] livros – e aqui estou me referindo aos impressos, de papel, ou aquilo que alguns ultimamente começaram a chamar de *p-books* – permanecem importantes artefatos no mundo de hoje, mesmo que seu papel social, usos preferidos e prestígio pareçam ser questionados como nunca tinham sido.¹² (STRIPHAS, 2011, p.IX-X)

Neste trecho, o autor detém-se por um momento para especificar do que está falando quando se refere ao termo “livro”. Sintomaticamente, esta é uma necessidade em muitos dos trabalhos recentes que se dedicam ao tema. Alan Jacobs, em outro título da Oxford Press, afirma:

Esta seria uma boa hora para parar e refletir – pela primeira vez mas de modo algum pela última – sobre as outras tecnologias de leitura além do objeto familiar feito de folhas de papel encadernadas. Em geral, quando uso o termo “livro”, estarei me referindo aos textos suficientemente longos para serem encadernados entre capas, sejam eles encadernados entre estas capas ou não. *Grandes Esperanças* é um livro tanto se você lê-lo em um Kindle, em um Nook, iPad ou iPhone, no seu *laptop* ou em folhas soltas de papel impressas de um e-texto do Projeto Gutenberg, num códex de papel ou mesmo em um rolo de papiro. Em qualquer destas encarnações ele permanece *Grandes Esperanças* – ainda em um sentido profundamente significativo *o mesmo livro*, um ponto que merece ser enfatizado, dadas certas ansiedades comuns sobre o advento da leitura eletrônica.¹³ (JACOBS, 2011, p.63)

É interessante comparar os dois trechos em vários níveis. Ambos estão preocupados em explicar o que é o livro antes de prosseguir em suas respectivas argumentações. Os dois também fazem alusões, de alguma forma, à vizinhança de uma crise (Stri-

¹² “[...] books – and here I’m referring to printed, paper ones, or what some have lately taken to calling *p-books* – remain important artifacts in today’s world, even if their social meanings, preferred uses, and sense of prestige seem to be called into question as never before.”

¹³ “This would be an appropriate time to pause and reflect – for the first time but by no means the last – on technologies of reading other than the familiar object made from bound leaves of paper. In general, when I use the term ‘book’ I will be referring to texts long enough to be bound between covers, whether they actually are bound between such covers or not. *Great Expectations* is a book whether you read it on a Kindle or on a Nook or on an iPad or on an iPhone or on your *laptop* or on loose sheets of paper printed from a Project Gutenberg e-text or on a paper codex or even on a papyrus scroll. In any of those incarnations it remains *Great Expectations* – still in a deeply meaningful sense *the same book*, a point that bears emphasis, given certain common anxieties about the advent of electronic reading.”

phas diz que o livro está sendo “questionado como nunca” e Jacobs menciona “ansiedades”). O mais curioso, contudo, é que as duas definições diferem. Um autor indica explicitamente que ao usar “livro” está falando do volume em papel. O outro alerta que vai tratar como “livro” um texto longo, que pode vir em papel mas pode se apresentar sob outras formas.

No centro da divergência entre estas duas definições está a questão do suporte. Os autores se dividem entre considerar que a materialidade representa o livro em si ou ponderar que há um conteúdo independente do meio (Jacobs usa inclusive o termo “encarnação”, uma das metáforas recorrentes nas definições de livro digital, como abordado no próximo capítulo). O tema não é simples e pode, inclusive, consistir no ponto essencial para algumas fontes, porque em torno desta fisicalidade posta em questão se articulam a indústria editorial e parte da própria sociedade. Do crítico norte-americano David Ulin:

O iPad ou o Kindle podem ser dispositivos de leitura, mas eles também são mercadorias para compra e venda. Se o mesmo se aplica para os livros, a indústria editorial por muito tempo operou sob a ilusão de que é diferente, um negócio de cavalheiros (ou damas), no qual ideias, não comércio, são a moeda corrente. Seja ou não este o caso (não é) não é o ponto; o que é importante é que isso engendrou um conjunto de ideais ou crenças. Quando se trata de leitura eletrônica, entretanto, outras influências, outros sistemas de crenças entram em jogo.¹⁴ (ULIN, 2010, p. 126)

Para Ulin, o ponto essencial da discussão é referente ao confronto entre a cultura do impresso e o mundo eletrônico. A questão social e econômica representada pela indústria editorial, os “sistemas de crenças” associados ao livro são, justamente, a base de um modelo teórico que analisa em uma perspectiva histórica e social o papel da imprensa na cultura contemporânea. É *A Ordem dos Livros*, título de uma obra do francês Roger Chartier que investiga os fundamentos da civilização letrada. Sua proposta é sintetizada neste trecho:

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. [...] A ordem dos livros tem também um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. Compreender os princípios que governam a “ordem do discurso”

¹⁴ “The iPad or the Kindle may be devices for reading, but they are also commodities to be bought and sold. If the same is true of books, the publishing industry has long operated under the illusion that it is different, a gentlemen’s (or gentlewomen’s) business, in which ideas, not commerce, are common currency. Whether or not this is the case (it isn’t) is not the issue; what’s important is that it has engendered a set of shared ideals or beliefs. When it comes to e-reading, however, other influences, other belief systems come into play.”

pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). (CHARTIER, 1998, p.8)

Quando Chartier se refere a “ordem do discurso” está fazendo uma alusão a Michel Foucault, um dos autores com os quais dialoga. É foucaultiana a noção de que a ordem social se articula ao redor de uma estrutura que chama de “discursos”. A teoria foi originalmente proposta neste corolário:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p.8)

Uma das categorias envolvidas no modelo de Foucault é a “função autor”, esboçada por ele no ensaio *Qu'est-ce qu'un auteur?*. Neste texto, uma análise sobre a evolução do conceito de autor, Foucault investiga a forma histórica pela qual um conjunto de textos (ou discursos) vem a ser identificado com uma relação de autoria e, no interior desta, qual a diferença existente para com os textos do indivíduo que claramente não pertencem ao corpo de sua obra. Chartier descreve a função autor de Foucault como “função classificadora maior dos discursos” (CHARTIER, 1998, p.36).¹⁵

Na extensão de Chartier para o modelo proposto por Foucault, o livro é visto não só como um veículo de conteúdo mas um concentrador de atividade econômica, social e política, uma das estruturas que sedimentam os discursos que constituem o jogo de forças sociais. É nesse construto que a pesquisa situa a dimensão teórica envolvida na relação dos estudantes com o suporte de leitura. A lista de títulos recomendados, enquanto requisito apresentado pela Universidade aos candidatos a uma vaga, é uma das implementações dos procedimentos aludidos por Foucault através dos quais “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 1996, p.8). É composta de obras legitimadas pela função autor que têm, nas palavras de Chartier, uma “ordem de decifração” – que a Universidade vai devidamente testar nos aspirantes através da prova de Literatura. O livro, na qualidade de forma solidificada do discurso, é um objeto cuja forma, ainda segundo Chartier, comanda os usos e apropriações possíveis. Justamente essa forma que determina as apropriações é a dimensão envolvida na alternância de suportes de leitura. Diferentes meios de transmissão do conteúdo representam diferentes configurações do jogo de apropriações dos discursos.

¹⁵ Roger Chartier parte da categoria foucaultiana para realizar uma análise histórica que amplia algumas proposições de Foucault e questiona outras. Considera-se que o nível em que os autores diferem não é de consequência no contexto em que a categoria é utilizada aqui.

Reconfigurações em larga escala por parte dos leitores neste nível podem representar ou determinar transformações em toda a estrutura. Daí a relevância, defendida aqui, de observar a extensão deste efeito de forma empírica.

A perspectiva teórica macrossocial, contudo, permanece subjacente ao longo do trabalho como possibilidade interpretativa. Uma das preocupações foi evitar incorrer no erro de simplificação do problema. Por se tratar de observação de campo, é necessário contar com ferramentas conceituais suficientemente versáteis para dar conta da complexidade da realidade dos leitores, dentro do propósito preconizado por Chartier de “decifrar, com todo o rigor [...], os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito)” (CHARTIER, 1998, p.8). É preciso diferenciar os efeitos que possam ser relacionados como indicadores de reconfiguração mais profunda da ordem dos livros daqueles que, por outro lado, integram a margem individual de liberdade dos leitores inerente à cultura escrita.

Um destes aspectos intrínsecos à cultura letrada, especificamente importante em atividades educacionais ou acadêmicas, é o da leitura instrumental. Alan Jacobs distingue a leitura lenta, por prazer, daquela que chama de “*upload*”: “Eu acredito que a maioria das pessoas lê rápido porque não quer ler mas ter lido. Por que elas querem ter lido? Porque, penso, elas concebem a leitura simplesmente como um meio de fazer *upload* de informação para seus cérebros.”¹⁶ (JACOBS, 2011, p.73)

Jacobs vê este tipo de leitura como uma consequência quase inevitável do sistema de ensino que recomenda livros obrigatórios:

O modelo *upload* de leitura é geralmente válido em muitos casos. É assim que se lê um livro de receitas ou um manual de *software* – embora mesmo nestes casos ainda tenhamos que traduzir isso em ação significativa e apropriada. E enquanto eu e meus colegas professores podemos não ficar felizes com isso, é como muitos estudantes vão ler literatura e filosofia. Amaríamos se aquela jovem lendo as *Meditações* de Marco Aurélio fosse levada a repensar seus conceitos sobre o Bom, ou se aquele rapaz tivesse toda sua escala de valores alterada por seu encontro com *Passeio ao Farol*, mas seríamos tolos de *esperar* que algo assim acontecesse. Afinal, se recomendamos estes livros, estamos provavelmente testando a compreensão de nossos estudantes sobre eles de alguma forma, e portanto por nossas ações estamos virtualmente demandando que os alunos leiam instrumentalmente, ou seja, por benefícios completamente externos aos prazeres da leitura por si mesma: em outras palavras, estamos mandando que leiam por uma nota. E qualquer estudante que tenha uma nota como motivação principal ou de fundo vai provavelmente ler naquele estilo de *uplo-*

¹⁶ “I believe that most people read quickly because they want not to read but to have read. But why do they want to have read? Because, I think, they conceive of reading simply as a means of uploading information to their brains.”

ad, para que a informação exigida esteja disponível quando for necessário.¹⁷ (JACOBS, 2011, p.74)

Esta reflexão deve ser considerada na interpretação dos dados do levantamento, já que a pesquisa envolve precisamente o tipo de leitura “por nota” que, segundo Jacobs, tende a estimular que se leia no que chama de “modelo *upload*”. Isso pode ser relevante quando forem analisados os números de leitura em suportes ou categorias que tenham um caráter instrumental, como as apostilas, por exemplo. Além disso, é útil ter o conceito do autor em mente ao interpretar os resultados que confrontam o perfil pessoal de leitura dos alunos com a preparação que fizeram para o vestibular.

Há versões mais sombrias do argumento de Alan Jacobs. É o caso do norte-americano Nicholas Carr, que em *The Shallows* defende a tese de que os meios eletrônicos, e especialmente a Internet, têm um efeito condicionante sobre os indivíduos justamente ao ampliar a leitura instrumental: “O modo como as pessoas leem – e escrevem – já foi mudado pela Net, e as mudanças vão continuar enquanto, devagar mas certamente, as palavras dos livros forem extraídas da página impressa e embutidas no ‘ecossistema de tecnologias disruptivas’ do computador.”¹⁸ (CARR, 2011, p.108) O autor acredita que “a prática de leitura em profundidade que se tornou popular com o advento da invenção de Gutenberg [...] vai continuar a se enfraquecer, sendo provável que vá se tornar a província de uma pequena e cada vez menor elite”¹⁹ (Idem).

Carr invoca também Marshall McLuhan, identificando-se com uma tendência que será abordada no próximo capítulo, na seção 3.2. O aspecto de sua argumentação que concerne ao tema tratado neste momento é uma de suas conclusões em relação ao livro. “Cinquenta anos atrás, seria possível defender que ainda estávamos na era do im-

¹⁷ “Now, the uploading model of reading is a generally valid one in many cases. That’s how to read a cookbook or a *software* manual – though even in those we still have to translate what we have uploaded into meaningful and appropriate action. And while I and my fellow teachers might not be happy about it, that’s how many students will read literature and philosophy. We would love it if this young woman staring at Marcus Aurelius’s *Meditations* were moved to rethink her concept of the Good, or if that young fellow had his whole scale of values altered by his encounter with *To the Lighthouse*, but we would be foolish to *expect* anything of the kind to happen. After all, if we have assigned those books, we are probably testing our students’ understanding of them in some way, and therefore by our actions are virtually demanding that students read instrumentally, that is, for some good completely external to the pleasures and values of reading itself: in other words, we are telling them to read for a grade. And any student who has a grade in the forefront, or perhaps even in the background, of his or her mind is likely to read in that uploading style, so the necessary data will be available when it’s needed.

¹⁸ “The way people read – and write – has already been changed by the Net, and the changes will continue as, slowly but surely, the words of books are extracted from the printed page and embedded in the computer’s ‘ecosystem of interruption technologies.’ ”

¹⁹ “The practice of deep reading that became popular in the wake of Gutenberg’s invention [...] will continue to fade, in all likelihood becoming the province of a small and dwindling elite.”

presso. Hoje, não mais.”²⁰ (CARR, 2011, p.111)

Esta observação de Nicholas Carr colide com a análise de outro autor norte-americano, o professor Ted Striphas. O autor propõe o termo *late age of print* para descrever o momento atual da indústria e da cultura do livro, no qual, pondera, os impressos ainda têm muita força e desempenham papel importante na sociedade. Ele defende que o estado de coisas, porém, é de uma configuração diferente dos períodos anteriores. Em seu livro *The Late Age of Print* ele faz alguns estudos de caso, abordando assuntos como os códigos de barra baseados em ISBN²¹, o Clube do Livro da apresentadora Oprah Winfrey nos EUA e as táticas extremas dos editores para proteger globalmente a série Harry Potter contra a pirataria. Uma de suas conclusões é a seguinte:

No fim, alegações do declínio dos livros e da cultura do livro provavelmente nos dizem mais sobre as lacunas na história do livro que necessitam ser preenchidas ou sobre a inclinação da cultura popular em direção ao discurso de crise do que a respeito da saúde dos livros nos séculos XX e XXI. Quanto mais rápido chegarmos a bom termo sobre a vitalidade dos livros na *late age of print*, mais rápido vamos estar aptos a explorar mais significativamente como, através da crescente prevalência dos livros na vida cotidiana, as condições presentes estão se abrindo para futuros emergentes.²² (STRIPHAS, 2011, p.188)

Através do caminho das análises de caso, Striphas conclui que os livros seguem importantes na cultura atual. A observação do autor é um dos parâmetros de investigação da pesquisa, que busca analisar esta projeção teórica em uma abordagem empírica. Mas outra observação contida na citação acima merece ser destacada, aquela que diz respeito à “inclinação da cultura popular em direção ao discurso de crise”.

Umberto Eco faz um comentário similar no livro de entrevistas *Não contem com o fim do livro*:

O livro irá desaparecer em virtude do surgimento da Internet? Escrevi sobre o assunto na época, isto é, no momento em que a questão parecia pertinente. Agora, sempre que me pedem para eu me pronunciar, não faço senão reescrever o mesmo texto. Ninguém percebe isso, principalmente porque nada mais inédito do que o que foi publicado; e, depois, porque a opinião pública (ou pelo menos os jornalistas) tem sempre essa ideia fixa de que o livro vai desaparecer (ou então são esses jornalistas

²⁰ “Fifty years ago, it would have been possible to make the case that we were still in the age of print. Today, it is not.”

²¹ O International Standard Book Number (ISBN) é uma numeração padronizada e unificada atribuída por um organismo internacional a todos os livros publicados por editores cadastrados. Striphas (2011, p.93) aborda a evolução histórica deste padrão e sua união, no caso dos livros, com outra catalogação de origem industrial, os códigos de barra (STRIPHAS, 2011, p.98). O autor utiliza este caso para analisar como as tecnologias recentes são utilizadas a serviço das forças econômicas e da logística envolvidas no mercado livreiro (STRIPHAS, 2011, p.109).

²² “In the end, claims about the decline of books and book culture probably tells us more about the gaps in book history that need filling or about popular culture’s proclivities toward crisis discourse than it does about the health of books in the twentieth and twenty-first centuries. The sooner we come to grips with the vitality of books in the late age of print, the sooner we’ll be able to explore even more meaningfully how, through the growing prevalence of books in everyday life, present conditions are opening out onto emergent futures.”

que acham que seus leitores têm essa ideia fixa) e cada um formula incansavelmente a mesma indagação. (ECO, 2010, p.16)

Também John B. Thompson diz algo muito parecido na Introdução de seu *Books in the Digital Age*: “O *e-book* atraiu a atenção de jornalistas e outros que gostam de contar histórias dramáticas e especular sobre o fim da civilização como nós a conhecemos, mas a verdadeira revolução em publicação estava acontecendo em outra parte.”²³ (THOMPSON, 2008, p.2)

Autores ligados à prática acadêmica e científica, Striplas, Eco e Thompson alertam, cada um à sua maneira, para o perigo do alarmismo quando se trata de abordar o futuro do livro ou o texto eletrônico. Outras fontes com menor rigor, como Carr, chegam a utilizar citações de matérias jornalísticas, esfera de informação especificamente mencionada nos alertas de Eco e Thompson.

Neste ponto é necessário um balizamento metodológico. Maria Immacolata Vasalo de Lopes recomenda como a primeira das operações em uma pesquisa de comunicação a “ruptura epistemológica entre o objeto científico e o objeto real ou concreto” (LOPES, 2003, p.121). Segundo ela:

Tratando-se do universo social, a ilusão de transparência do objeto real deve ser criticada e as relações mais aparentes, que são as mais familiares, devem ser afastadas. Essa operação de ruptura exige também submeter à crítica metódica as categorias, os problemas e os esquemas que a linguagem científica toma da linguagem comum. (LOPES, 2003, p.121)

A questão do livro eletrônico e do declínio da cultura do livro pertence parcialmente ao domínio dos “problemas e esquemas que a linguagem científica toma da linguagem comum”, e as observações cautelares de Striplas, Eco e Thompson sobre a propensão popular ao “discurso de crise” cumprem exatamente uma parte deste papel de resguardar a distância científica em relação ao tema abordado.

Normalmente operações básicas de pesquisa como a ruptura epistemológica não precisariam ser explicitadas na redação científica e poderiam permanecer subjacentes na etapa de categorização e apresentação do referencial teórico. Mas, como indicam os procedimentos adotados pelos próprios autores consultados, a questão do livro parece requerer a cautela adicional, dada a abrangência e complexidade do assunto. Adicionalmente, um problema encontrado ao longo de todo o trabalho adveio da própria natureza metodológica da abordagem escolhida. Em se tratando de um levantamento empírico

²³ “The ebook has commanded the attention of journalists and others who like to tell dramatic stories and to speculate about the end of civilization as we know it, but the real revolution in publishing was taking place elsewhere.”

envolvendo uma técnica de entrevista e observação, houve um fluxo contínuo entre os termos utilizados cientificamente e sua versão coloquial, através da qual se dava a comunicação com os respondentes. Palavras como “livro” precisavam ser usadas em contexto mais amplo, de uso comum, durante o contato com os entrevistados. O capítulo atual buscou circunscrever os sentidos e usos em que o nome deve ser compreendido no texto.

2.1 A lista de vestibular

O indicador principal adotado na pesquisa é a lista de obras de leitura obrigatória do vestibular. A intenção era investigar as modalidades de interação e suporte empregadas pelos estudantes ao lidar com a tarefa, apresentada pela instituição de ensino superior, de tomar contato com um conjunto de títulos com dimensão canônica.

Como a investigação está centrada no suporte empregado pelos candidatos para a leitura ou não-leitura, o foco principal não está na dimensão literária dos títulos recomendados, na importância histórica deles ou sequer nos critérios de escolha. Mas estas questões, assim como a própria existência de uma lista, motivam debate acadêmico à parte que tangencia alguns temas de interesse.

Duas teses brasileiras abordaram a questão das listas de vestibular. Uma delas foi apresentada em 2001 por Claudete Amália Segalin de Andrade no curso de pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em *Dez livros e uma vaga: a leitura de literatura no vestibular*, a autora detalha o surgimento das relações de títulos recomendados:

[...] o vestibular inicia a década de 90 inserindo a leitura entre seus requisitos, através de listas de obras da literatura em língua portuguesa. Entre seus objetivos principais, destacam-se os de servir como possibilidade de ampliação de repertório cultural do aluno e de representar a melhoria de seu desempenho linguístico. A partir da inclusão da leitura entre as suas exigências, e dos objetivos que a justificam, o vestibular torna-se um agente também implicado na tentativa de amenizar a crise de leitura que se disseminava havia algum tempo. Embora não fosse seu objetivo resolver essa questão, a expectativa de que tal fato viesse a ocorrer conferiu às suas indicações um sentido maior do que o de um simples requisito para uma de suas provas. (ANDRADE, 2001, p.4)

A síntese histórica da autora menciona o aspecto da lista como agente de combate à “crise de leitura”. Esta dimensão está ligada à escolha deste indicador na atual pesquisa, já que um dos pontos investigados é como o suporte está relacionado à leitura ou ausência dela.

A tese da PUCRS também menciona outra implicação teórica da lista:

Para a leitura, especificamente, que vinha enfrentando sérias dificuldades para manter-se como um dos valores culturais duráveis da sociedade, fazer parte das exigências do vestibular representou um modo de recuperar, se não todo, parte do seu desgastado prestígio. Ao ser recolocada em cena através das indicações de leitura ‘obrigatória’, a leitura adquiria o respaldo das instâncias de ensino superior, como legitimação da sua importância. Desde então, observa-se um movimento de resgate de valor, em função de ser avalizada pela instituição acadêmica. (Idem)

Aqui é possível fazer uma relação com o modelo de Roger Chartier e Michel Foucault que compreende o livro e a função autor como particular configuração dos discursos. São palavras-chave, neste caso, os termos “respaldo” e “legitimação” e a expressão “avalizada pela instituição acadêmica”. Com base nesta interpretação justifica-se o peso atribuído à lista de vestibular dentro da pesquisa. Ela representa a voz institucional da universidade endossando uma série de obras que os candidatos devem ler.

Outra tese menciona a questão das listas: *Do cânone literário às provas de vestibular: canonização e escolarização da literatura*, de Ana Cláudia e Silva Fidélis, apresentada em 2008 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. A autora analisa a forma pela qual as recomendações de leitura da universidade constituem, segundo ela, uma forma própria de cânone literário:

Assim, elas funcionam como mais uma instância canônica, pela força do processo seletivo e por se outorgar um papel de veiculadoras do que se lê e do como se lê. Em virtude disto, instauram-se práticas de leitura diversas que reverberam no próprio processo de manutenção do cânone e no ensino de literatura na escola, a quem não cabe mais o papel central de instância legitimadora das escolhas canonizadas e dos modos de ler o cânone e, conseqüentemente, a literatura. (FIDÉLIS, 2008, p.165)

Esta autora, ao mencionar “a força do processo seletivo” e a “instância legitimadora das escolhas canonizadas”, também vê nas listas a voz institucional da universidade fazendo determinações de leitura aos candidatos. Seu objeto de estudo são os cânones em si, o conjunto dos títulos que integram as recomendações.²⁴ Mas a apropriação desta discussão dentro da pesquisa é que a listagem representa, tanto para Ana Cláudia Fidélis quanto para Claudete Segalin de Andrade, um rol de obras literárias avalizadas pela Universidade e apresentadas como requisito aos aspirantes à vaga.

Um ponto levantado por Ana Fidélis que interessa diretamente à pesquisa é sua observação sobre os propósitos da criação das listas:

²⁴ A pesquisa atual passa à margem da questão, aprofundada por Ana Cláudia Fidélis, da constituição da lista de vestibular como cânone à parte. Ela identifica diferentes modelos canônicos, como o historiográfico, o crítico e o escolar, e defende a tese de que o vestibular institui uma instância canônica própria (FIDÉLIS, 2008, p.96).

As listas marcam a tentativa de reintroduzir, na visão de seus idealizadores, a prática da leitura das obras, abdicando-se, dessa maneira, de um estudo centrado em movimentos literários, períodos e estilos de época. Nessa perspectiva, seu papel é o de “forçar” a leitura de obras [...] (FIDÉLIS, 2008, p.100)

Na conclusão da tese, a autora diz que as listas “são, hoje, a personificação do cânone no ambiente escolar porque são os ‘únicos’ textos lidos (quando e se são lidos), conseqüentemente são os elementos que constituem a construção da identidade cultural dos alunos” (FIDÉLIS, 2008, p.166).

Desta base parte a pesquisa, já que um dos objetivos é exatamente aferir a “identidade cultural” dos candidatos a partir da leitura ou não dos textos. A diferença de enfoque do presente trabalho reside em que, analisando-se fenômenos de comunicação, o interesse está nos processos e suportes tanto de leitura quanto de não-leitura. Isso se traduz, na esfera empírica na qual se dá o contato com os estudantes, em categorias de estudo (aula e consulta de resumos, por exemplo) e de contato com o texto integral (em papel, em meio eletrônico ou outros).

Uma última precaução necessária é ressaltar que o objetivo, neste capítulo, foi partir de um entendimento básico de alguns dos temas da pesquisa, como o livro e as listas de vestibular, e também apresentar operadores conceituais que serão utilizados na porção interpretativa do trabalho. Não houve a pretensão de realizar sínteses históricas, apenas a preocupação de delimitar o sentido ou o contexto em que alguns termos são compreendidos dentro da dissertação. A mesma cautela é válida para o próximo capítulo, que trata do livro eletrônico.

3 O LIVRO ELETRÔNICO E O FUTURO DO LIVRO

Propõe-se neste capítulo agrupar as referências teóricas em dois grupos, apresentados em seções distintas. O primeiro concentra reflexões teóricas sobre o livro eletrônico. O segundo traz referências sobre o tema mais amplo do papel da cultura do livro no cotidiano dos usuários de uma sociedade multimídia. Nos dois casos, o propósito não é realizar revisão exaustiva, já que não seria possível esgotar ou sequer resumir o debate. A busca é por tópicos recorrentes quando se trata de textos eletrônicos, que funcionarão como operadores conceituais na etapa interpretativa deste trabalho.

3.1 O livro eletrônico

Esta pesquisa não parte de uma definição em termos absolutos do objeto empírico envolvido, a saber o livro eletrônico, também chamado de *e-book* e livro digital, entre outros referentes. A esse propósito da multiplicidade de nomenclaturas, o português José Afonso Furtado comenta que há um “verdadeiro *flo* lexical em torno de uma panóplia de termos muitas vezes usados indistintamente: edição on-line, edição digital, documento eletrônico ou digital, livro eletrônico, livro digital, livro virtual, *e-book*, livro desmaterializado” (FURTADO, 2006, p.42). Furtado acrescenta que a esta diversidade de nomenclaturas corresponde um “*flo* semântico”:

O conceito tem sido discutido de modo impreciso, numa série de contextos em que se sublinha, por um lado, o conteúdo digital ou digitalizado e, por outro, as características do médium em que ele é apresentado. E, assim, o entendimento do que é um *e-book* vai desde um simples arquivo digital acompanhado pelo *software* que possibilita o acesso e a navegação do conteúdo. Outros referem-se ao *e-book* a partir do outro lado do espectro, fazendo referência apenas ao novo *hardware* que irá conter os arquivos eletrônicos de livros. (FURTADO, 2006, p.44)

Embora não proponha nem defenda um entendimento específico sobre livro eletrônico, esta seção analisa, justamente, uma das bases sobre as quais se assenta a multiplicidade de conceitos mencionada pelo autor. Não apenas a morfologia do objeto físico ou virtual representado pelo livro eletrônico suscita diferentes entendimentos. Num nível mais básico de abordagem, a própria dimensão ontológica do fenômeno do *e-book* comporta paradigmas diferentes.

Propõe-se que é possível identificar, no debate acadêmico sobre o livro eletrônico, dois grandes entendimentos ou paradigmas ontológicos. Pelos motivos mencionados mais adiante, procura-se também demonstrar que ambos não são totalmente compatíveis ou que, ao menos, em certos casos são tratados pelos autores em regime de exclusão mútua.

3.1.1 O paradigma evolutivo

O primeiro dos paradigmas identificáveis na bibliografia sobre livro eletrônico pode ser considerado o mais intuitivo, sendo mais frequente entre autores de áreas não ligadas diretamente ao livro, ou que não estejam enfocando diretamente esta área. Observe-se esta citação da pesquisadora brasileira Lucia Santaella:

O livro não desapareceu com a explosão do jornal, nem deverão ambos – livro e jornal – desaparecer com o surgimento das redes teleinformáticas. Poderão, no máximo, mudar de suporte, tal como o livro já saltou do couro para o papiro e deste para o papel. (SANTAELLA, 2007, p. 129)

Embora não desenvolva o tema da mudança de suporte no trecho em questão, Santaella expressa de forma simples e direta a ideia de que o livro já existiu em forma de papiro, depois em papel e, no futuro, poderia vir a existir em forma eletrônica. Este raciocínio básico entende o livro eletrônico como uma nova manifestação do livro. As primeiras sínteses sobre os debates acadêmicos em torno do *e-book* apontavam a tendência deste paradigma de utilizar a metáfora da “desencarnação”, como aponta Paul Duguid: “O livro, não mais sua encarnação, foi reduzido ao encarceramento da palavra.”²⁵ (DUGUID, 1996, p. 75). Em outras variações este argumento ganha o contorno de um discurso com viés evolucionista. O trecho abaixo é do autor norte-americano Jeff Gomez, no livro *Print is Dead*:

Porque os livros têm sido deste jeito por tanto tempo, a indústria é incapaz de imaginar qualquer coisa diferente do que existe atualmente. Entretanto, fica claro que o estágio evolucionário para os livros vai ser muito como o da música: seu formato final não existirá fisicamente. No lugar disso, a maioria das palavras impressas vai

²⁵ “The book, no longer its incarnation, has been reduced to the incarceration of the word.”

evoluir para arquivos eletrônicos que serão distribuídos, comprados, vendidos e consumidos em dispositivos digitais.²⁶ (GOMEZ, 2008, p. 16)

O viés evolucionista pode ganhar, no caso de autores de áreas técnicas, uma retórica tecnológica. É o caso de alguns dos primeiros autores que falaram em livros digitais, ao longo da última década do século XX. Em 1999, o norte-americano Ray Kurzweil usava o livro impresso para exemplificar sua teoria sobre evoluções tecnológicas:

Outro exemplo é o livro impresso, uma tecnologia bastante madura nos dias atuais. Está agora no estágio dos pretendentes, com o livro “virtual” baseado em *software* como o pretendente. Sem possuir a resolução, contraste, ausência de flicker e outras qualidades do papel e tinta, a corrente geração de livros virtuais não tem a capacidade de substituir as publicações à base de papel. Entretanto esta vitória do livro de papel terá vida curta, quando futuras gerações de telas de computador obtiverem sucesso em prover uma alternativa satisfatória ao papel.²⁷ (KURZWEIL, 1999, p. 20)

Em 1995, antes ainda de Kurzweil, Nicholas Negroponte fazia observação similar a respeito do livro impresso:

Uma editora trabalha no ramo da transmissão de informações (bits) ou no da confecção de livros (átomos)? Historicamente, ambas as alternativas estão corretas, mas isso vai mudar rapidamente, à medida que as ferramentas da informação forem se tornando mais ubíquas e mais fáceis de utilizar. No presente momento é difícil, mas não impossível, competir com as qualidades do livro impresso. (NEGROPONTE, 1995, p. 18)

Uma crítica recorrente a esta abordagem em particular consiste em apontar sua tendência ao determinismo tecnológico. Alguns autores questionam a própria natureza do livro eletrônico a partir deste argumento, como o crítico norte-americano Sven Birkerts: “Nossa miríade de inovações tecnológicas deve ser vista como resposta a desejos e necessidades coletivas, ou é simplesmente o desenvolvimento lógico na evolução inexorável da própria tecnologia?”²⁸ (BIRKERTS, 2006, p. 154)

Críticos deste paradigma também apontam sua tendência a simplificar o processo cultural e, através da análise tecnológica, incorrer no argumento da sucessão²⁹, segundo o qual um meio tecnológico eventualmente substituiria o seu precedente. Umberto Eco critica esta tendência fazendo uma analogia com a expressão “Ceci tuera cela”,

²⁶ “Because books have been this way for so long, the industry is unable to envision anything different from what currently exists. Yet it’s clear to see that the evolutionary stage for books will be much the same as for music: its final format will not physically exist. Instead, the majority of printed words will evolve into electronic files that will be distributed, bought, sold, and consumed on digital devices.”

²⁷ “Another example is the print book, a rather mature technology today. It is now in the stage of the pretenders, with the *software*-based ‘virtual’ book as the pretender. Lacking the resolution, contrast, lack of flicker, and other visual qualities of paper and ink, the current generation of virtual book does not have the capability of displacing paper-based publications. Yet this victory of the paper-based book will be short-lived as future generations of computer displays succeed in providing a fully satisfactory alternative to paper.”

²⁸ “Are our myriad technological innovations to be seen as responses to collective needs and desires, or are they simply logical developments in the inexorable evolution of technology itself?”

²⁹ DUGUID (1996, p.77) utiliza o termo “supersession” para este argumento.

utilizada por um personagem de Victor Hugo para afirmar que o livro impresso substituiria as catedrais medievais (ECO, 1996, p. 295).

3.1.2 O paradigma histórico-cultural

Outro paradigma ontológico para o livro digital pode não ser inteiramente compatível com o anterior. Trata-se da categoria que José Afonso Furtado agrupa sob o termo de “cluster conceitual” da “cultura do livro”, descrito por ele como uma “família de conotações associadas a expressões como livro impresso, tradição tipográfica ou gutenberguiana, textualidade, linearidade, abstração, raciocínio dedutivo, monomídia, contexto fechado”. (FURTADO, 2006, p. 59)

À primeira vista este paradigma poderia ser considerado apenas um refinamento do anterior, já que em geral os autores que aderem a ele costumam também manifestar preocupação com as questões tecnológicas, reconhecendo a importância das transformações advindas do livro eletrônico. Uma das referências neste entendimento é o francês Roger Chartier, que diz o seguinte:

A revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg. Ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores. (CHARTIER, 1998. p. 97)

Mas afora esta semelhança na abordagem que reconhece uma revolução tecnológica, a grande diferença para o paradigma anterior é que autores mais identificados com este grupo centram sua atenção não na morfologia técnica dos objetos de estudo (o livro impresso e o livro eletrônico), mas nos processos históricos e sociais que os constituíram. Em um artigo em que emprega vários conceitos de Chartier, Carla Hesse faz a seguinte síntese:

[...] apesar do viés tecnocrático de muita desta pesquisa, o registro histórico torna inquestionavelmente claro que as mais marcantes características do que chamamos ‘cultura impressa’ – ou seja, a estabilização da cultura escrita em um cânone de textos autorais, a noção do autor como criador, o livro como propriedade e o leitor como público eletivo – não foram consequências históricas inevitáveis da invenção da imprensa durante a Renascença, mas, antes, o resultado cumulativo de escolhas sociais e políticas particulares feitas por determinadas sociedades em determinados momentos.³⁰ (HESSE, 1996, p. 21)

Ainda assim, não é por si só esta prevalência da análise histórico-cultural que

³⁰ “[...] despite the technocratic bias of much of this research, the historical record makes unquestionably clear that the most distinctive features of what we have come to refer as ‘print culture’ – that is, the stabilization of written culture into a canon of authored texts, the notion of the author as creator, the book as property, and the reader as an elective public – were not inevitable historical consequences of the invention of printing during the Renaissance, but, rather, the cumulative result of particular social and political choices made by given societies at given moments.”

tornaria este paradigma incompatível com o anterior. Também derivando suas observações dos conceitos de Roger Chartier, Patrick Bazin diz o seguinte:

O livro então deriva sua eficácia específica não tanto de ser um texto mas principalmente como nóculo de forças físicas, econômicas e legais que diferenciam e difundem o efeito do texto.³¹ (BAZIN, 1996, p. 158)

Esta observação, que é uma decorrência do modelo que Roger Chartier define em seu *A Ordem dos Livros*, faz menção à fisicalidade do impresso como um concentrador de atividade econômica, legal e mesmo política. A formulação original de Chartier é sintetizada neste parágrafo:

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras. (CHARTIER, 1998, p. 17)

A partir destas formulações de Chartier e dos outros teóricos ligados ao paradigma histórico-cultural do livro, é possível derivar algumas proposições. Uma delas é que este entendimento, ao enfatizar a importância dos fatores editoriais e físicos ligados ao desenvolvimento do produto que constitui o livro, naturalmente assume algum tipo de perenidade destas condições mesmo em face das transformações morfológicas trazidas pelo livro eletrônico. Neste sentido, o *e-book* seria visto como uma reatualização dos conceitos ligados à indústria gráfica no contexto dos meios eletrônicos. Este conceito, conforme o autor que se tome por referência, pode ser considerado ou como uma realidade ou como uma proposição. Segundo Patrick Bazin:

Livros, a fundação desde séculos da textualidade, podem agora ser vistos como obscurecidos por uma metatextualidade que se estende progressivamente para todo o complexo de modos de representar o mundo, para as diferentes mídias, enquanto que continuando, mesmo assim, a funcionar como referentes. É por essa razão que a dificuldade de aperfeiçoar e enquadrar os métodos para folhear através de “páginas” na tela testemunha tanto o esforço para reconformar o livro como não-livro quanto, ao mesmo tempo, a permanência do livro.³² (BAZIN, 1996, p. 153)

Embora a perspectiva de Bazin tenha sido esboçada em uma coletânea de ensaios datada de 1996, as observações sobre a tentativa de refazer o livro como “não-livro”

³¹ “The book thus derives its specific efficacy not so much from being a text but rather as a node of physical, economic, and legal forces that differentiate and diffuse the effect of the text.”

³² “Books, the centuries-old foundation of textuality, can now be seen as overshadowed by a metatextuality that extends progressively to the whole complex of modes of representing the world, to all the different media, while continuing, nevertheless, to function as a referent. It is for this reason that the difficulty of perfecting and framing the methods for leafing through ‘pages’ on screen witnesses both an effort to reconform the book as a nonbook, and at the same time the book’s permanence.”

poderiam ainda ser consideradas válidas mesmo à luz das tecnologias atuais. Dispositivos leitores que ainda não existiam 15 anos atrás, como o Kindle, Sony Reader e Nook, costumam empregar justamente o recurso visual da organização por páginas herdado dos livros impressos. Não por acaso, talvez, dois dos equipamentos desta espécie, o Kindle e o Nook, foram criados e são vendidos por livrarias, respectivamente as norte-americanas Amazon e Barnes & Noble.

A partir destas derivações, pode-se fundamentar qual o ponto de ruptura entre o paradigma do livro eletrônico como evolução do livro impresso e o paradigma da dependência histórico-cultural do livro eletrônico em relação ao impresso. Se for entendido como dependente (ainda que no nível da intenção, do ponto de vista dos distribuidores ou agentes ligados ao livro) do aparato conceitual herdado do livro impresso, o livro eletrônico não se torna uma entidade com existência própria que justifique a afirmação com viés evolutivo ou de sucessão. Isto não significa dizer que o livro digital não tem futuro, ou ignorar aquilo que alguns autores classificam como a recessão do domínio do livro impresso em face das mídias eletrônicas. Mas poderia significar que o termo “livro”, quando aplicado ao texto eletrônico, passaria a ser tanto menos significativo quanto mais se distanciar do universo conceitual do livro impresso ao qual está originalmente vinculado. Nesta proposição que é uma das derivações possíveis do paradigma histórico-cultural, um texto eletrônico só ganharia a condição de livro após a legitimação através de alguma das estruturas herdadas da era do impresso.

Esta proposição pode ser encontrada, sob diferentes formulações, nas reflexões de mais de um autor ligado ao paradigma histórico-cultural. José Afonso Furtado resume as proposições de Roger Chartier a respeito:

Chartier acrescenta então que essa oposição essencial entre um mundo de descontinuidade material que remete, por um lado, “para diferenças textuais ou a pluralidades de uso” e, por outro, para um “continuum de textos distribuído e apresentado num só objeto e que confere a esses textos formas semelhantes”, tem consequências muito profundas e que, pelo menos temporariamente, “substituem a antiga ordem dos discursos por aquilo a que se poderia chamar uma desordem dos discursos”. (FURTADO, 2006, p. 145)

Autores centrados em compreender o fenômeno do livro impresso e do livro eletrônico na perspectiva histórico-cultural também podem formular em termos bastante explícitos sua discordância com o paradigma evolutivo. Em *The Late Age of Print*, de 2009, uma obra recente dedicada à indústria do livro em face das transformações das novas mídias, o norte-americano Ted Striphas escreve o seguinte:

Algumas partes interessadas inclusive vão tão longe a ponto de sugerir que a era dos livros impressos está se aproximando do fim. Justificam suas alegações sugerindo que estes itens podem existir *no* momento presente, mas para todos os propósitos práticos eles não são *do* momento presente. É hora de mudar, dizem. Estes falsos profetas erram em não reconhecer como esta estranha condição temporal é dificilmente única ao nosso próprio tempo. De fato, é um dos atributos mais perenes dos livros impressos na história.³³ (STRIPHAS, 2011, p. X)

Tanto através de derivações contidas no corpo da própria teoria, então, quanto em formulações críticas dos próprios autores, pode-se observar como seria possível sustentar uma incompatibilidade fundamental entre aspectos daquilo que aqui se optou por chamar de o paradigma evolutivo e o paradigma histórico-cultural do livro eletrônico. Trata-se, sob uma análise mais profunda, de diferentes abordagens ontológicas, isto é, dizendo respeito à própria definição de objeto que tratam. Ainda assim, apesar da diferença manifesta e mesmo explicitada pelos autores, é preciso mencionar que o simples confronto entre as duas perspectivas só pode ser realizado do ponto de vista de um construto teórico e no presente escopo de revisão bibliográfica comparativa. Cada uma das perspectivas pode conter, no interior do desenvolvimento pelas diferentes fontes, maneiras distintas de lidar com os aspectos que são vistos como exclusivos da vertente oposta. Mesmo autores simpáticos ao conceito da sucessão simples do livro impresso pelo livro eletrônico, por exemplo, tendem a argumentar que isso não significa que o meio anterior deixe de existir em qualquer futuro próximo. Igualmente, em autores do paradigma histórico-cultural pode ser empreendida, em alguns ensaios, uma tentativa mais quantitativa de acompanhar mudanças tecnológicas em curso que poderia, mesmo, se aproximar de um viés evolutivo. Assim, também, outros teóricos que poderiam mesmo ser agrupados no grupo ligado ao paradigma histórico-cultural costumam ensaiar compreensões mais abrangentes. É o caso de Robert Darnton, que em *The Case for the Books*, coletânea de ensaios publicada em 2009, propõe tanto a compreensão do fenômeno da transformação dos livros à luz de precedentes históricos quanto detalha sua experiência pessoal com o desenvolvimento de um projeto de publicação de livros hipertextuais, explorando as possibilidades exclusivas do meio eletrônico.

³³ “Certain interested parties even go so far as to suggest that the era of printed books is nearing its end. They justify their claims by suggesting that these items may exist *in* the present day, yet for all practical purposes they’re not *of* the present day. It’s time to move on, they say. These false prophets fail to acknowledge how this strange temporal condition is hardly unique to our own time. In fact, it’s one of the most enduring attributes of printed books in history.”

3.2 O futuro do livro

À parte as discussões teóricas a respeito da natureza do livro eletrônico mencionadas na seção anterior, também é possível identificar na literatura da área uma outra categoria de indagações. É frequente que autores que abordam o futuro do livro na era eletrônica façam menção à concorrência com outras formas de disseminação de informação, tanto audiovisuais quanto interativas. Em um ensaio de 2000, a autora Regina Zilberman escrevia:

A valorização do leitor e da leitura parece chegar tarde demais: anunciam-se o final da era do livro, sua substituição por multimídias interativas, a metamorfose do consumidor de obras escritas no nerd internauta, aventureiro que percorre até agora desconhecidos universos virtuais. (ZILBERMAN, 2000, p.105)

Para alguns autores, esta perspectiva pode ser vista com pessimismo e para outros com entusiasmo. Para Sven Birkerts:

As tecnologias de entretenimento – MTV, videogames, canais adicionais de tevê e videocassetes – chegaram com grande fanfarra, diminuindo audiências para o livro, permitindo que os atos de assistir e jogar suplantassem a leitura como atividade doméstica dominante. A atenção concentrada do ato não é mais nosso paradigma central. Mais, estas tecnologias começaram a exercer um efeito condicionante sobre seus usuários. Elas não só tomam tempo que poderia ter pertencido ao livro, mas tornam mais difícil, quando nos desviamos da tela, adotar o requisito de foco único da leitura. A leitura é ensinada, claro, e livros são recomendados na escola, mas qualquer professor a quem você pergunte vai lhe dizer que está ficando cada vez mais difícil vender o hábito solitário aos estudantes. (BIRKERTS, 2006, p.201)³⁴

Já uma síntese deste argumento é feita pelo autor brasileiro Arlindo Machado:

As imagens animadas do cinema e da televisão, bem como a música difundida através de rádio e discos atraem muito mais a atenção e o interesse de nossos jovens do que os assépticos tipos seriados da literatura impressa. Se assim é – concluem os analistas – por que não recorrer aos novos meios informatizados, como a hipermídia, para transmitir informação e conhecimento a todas essas gerações refratárias aos livros? (MACHADO, 2002, p.114)

A linha teórica que especula a existência de algum tipo de conflito entre meios audiovisuais ou eletrônicos e cultura escrita impressa costuma ser atribuída originalmente ao ensaísta canadense Marshall McLuhan. Em *A Galáxia de Gutenberg*, McLuhan expunha sua tese de que a cultura alfabetizada, iniciada pelos gregos, privilegiou o sentido do ordenamento visual em substituição à polissemia da expressão oral e corporal das sociedades não letradas. Esse efeito teria chegado ao ápice após a invenção da

³⁴ “The technologies of entertainment – MTV, video games, expanded channel options, and VCRs – have arrived with great fanfare, diminishing audiences for the book, allowing watching and playing to supplant reading as a dominant home activity. The gathered concentration of the act is no longer our central cultural paradigm. Moreover, these technologies have begun to exert a conditioning impact upon their users. They not only take up time that might have once belonged to the book, but they make it harder, once we do turn from the screen, to engage the single-focus requirement of reading. Reading is taught, of course, and books are assigned in school, but any teacher you ask will tell you that it is getting harder and harder to sell the solitary one-on-one to students.”

imprensa. Mas os meios eletrônicos a partir do século 20, acreditava ele, representavam uma tendência de retorno à cultura não escrita. Essa análise de McLuhan enfatizava um conflito:

[...] já não é agora tão fácil compreender a lógica da dinâmica do texto impresso como força centralizadora e homogeneizadora: todos os efeitos da tecnologia tipográfica encontram-se agora em forte oposição à tecnologia eletrônica. (MCLUHAN, 1972, p.311)

Embora o atual estudo enfoque principalmente o livro eletrônico, esta seção do Referencial Teórico apresenta as reflexões da linha iniciada por McLuhan em função de sua representatividade na bibliografia teórica. É comum que autores dedicados ao tema do *e-book* abordem, sob alguma forma de variação, a temática dos fenômenos de concorrência de mídia. Adicionalmente, há a preocupação, em vista do levantamento empírico junto a leitores, de incluir no sistema conceitual da dissertação elementos que permitam explicar possíveis articulações deste gênero encontradas na pesquisa.

Esta linha de reflexões teóricas fundamenta alguns levantamentos quantitativos. Pesquisas sobre livros e leitura costumam ter espaço também para indicadores que apontem os hábitos de consumo de conteúdos em meios alternativos, quer audiovisuais, quer digitais. Levantamento com estudantes ingleses realizado em 2010 e divulgado em 2011 aponta que entre os materiais lidos por estudantes britânicos fora da sala de aula as mensagens de texto ocupam mais espaço do que os livros. Os dados estão no Gráfico 3.1.

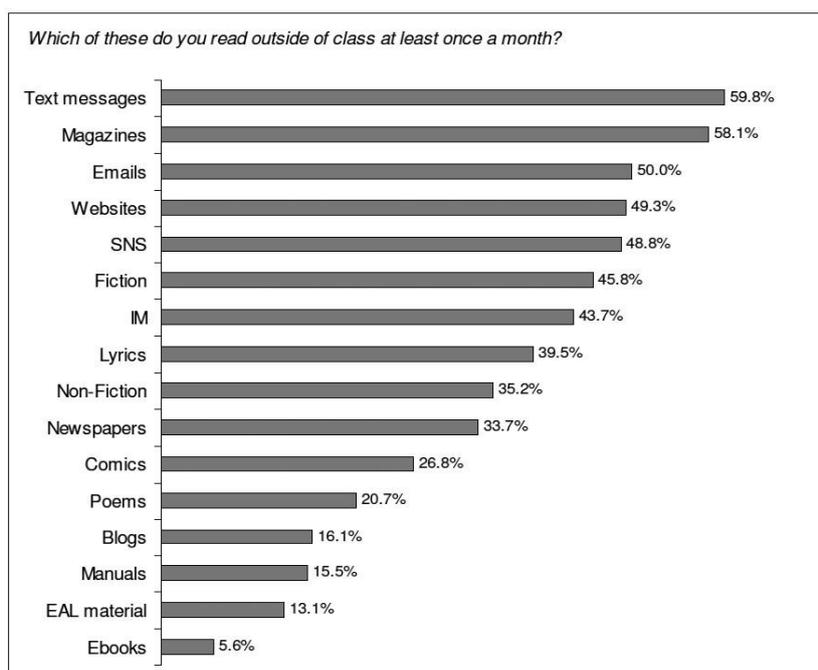


Gráfico 3.1. Atividades de leitura de estudantes ingleses (SETTING, 2011, p.19)

A menção da pesquisa inglesa tem, aqui, principalmente o objetivo de ilustrar como levantamentos quantitativos recentes podem comparar suportes de leitura. Mais significativos são os dados da pesquisa brasileira *Retratos da Leitura no Brasil*, que aponta o que os brasileiros gostam de fazer no tempo livre e fornece um quadro que inclui a leitura comparativamente a outras atividades. Os dados estão no Gráfico 3.2.

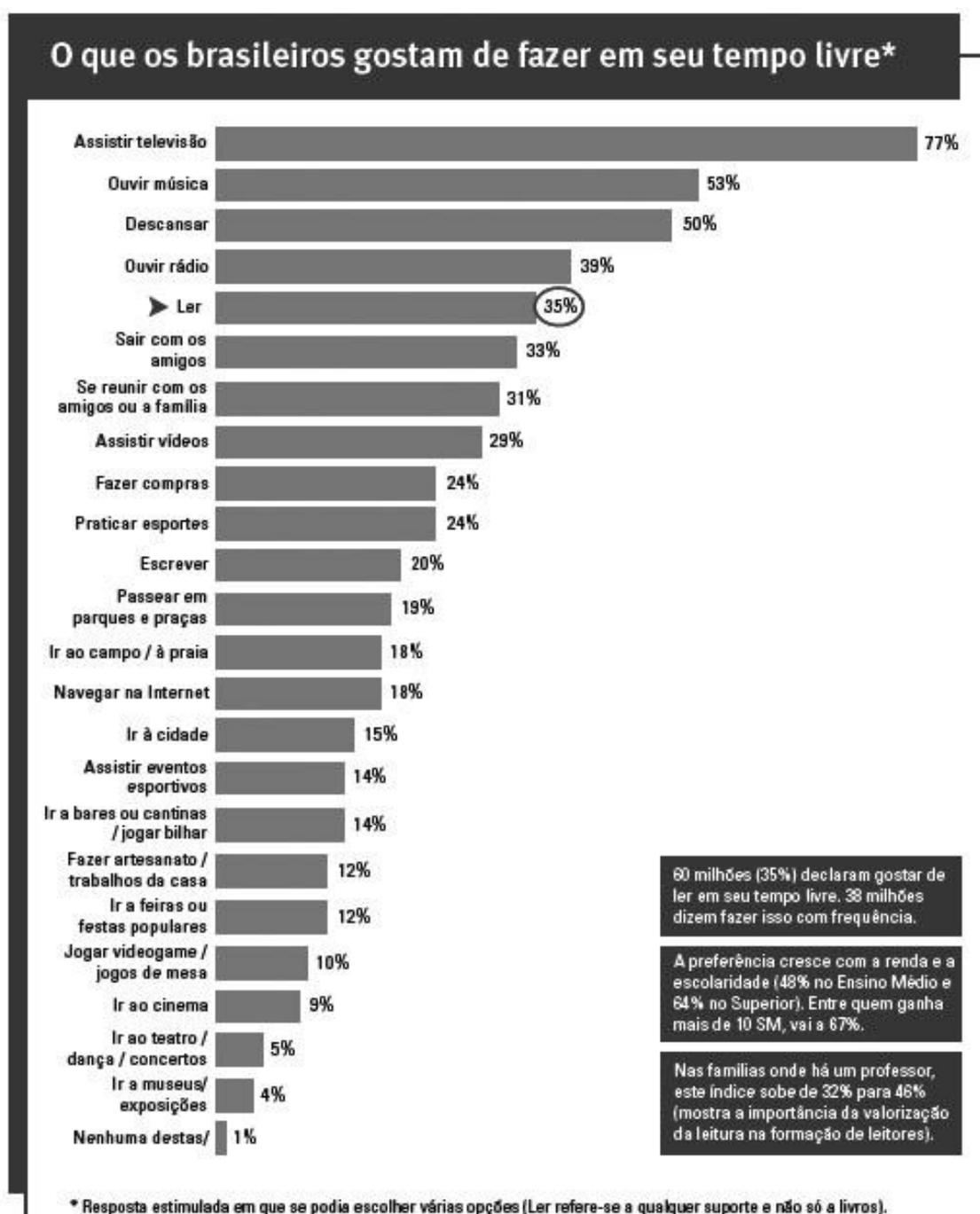


Gráfico 3.2. Atividades dos brasileiros no tempo livre (RETRATOS, 2008, p.162)

É importante acrescentar que mesmo autores que se dediquem a estudar o enfraquecimento da cultura do livro na era eletrônica costumam colocar o problema em perspectiva, sem simplificar a questão. No ensaio *The Lost Art of Reading*, de 2010, o norte-americano David L. Ulin critica, justamente, a tendência pessimista de certas análises:

Para reacionários à novas mídias como Lee Siegel e Andrew Keen, o problema é a tecnologia, as distrações sem fim da Internet, a quebra da autoridade em uma era de *blogs* e Twitter, o colapso da narrativa em um mundo hiperlinkado e multiconectado. O que esse argumento esquece, claro, é que a cultura literária como conhecemos foi o produto de uma revolução tecnológica, que começou com a invenção dos tipos móveis de Johannes Gutenberg. Assumimos livros e literariedade de massa como dados, mas na realidade eles são um fenômeno recente, datando de menos de um milênio.³⁵ (ULIN, 2010, p.4-5)

Também a visão de que as novas gerações sejam necessariamente afetadas pela concorrência de estímulos em competição com o livro é um conceito questionado por alguns autores. No livro de 2011 *The Pleasures of Reading in an Age of Distraction*, o norte-americano Alan Jacobs comenta acreditar que a difusão deste argumento possa ter, em si, efeito sobre os jovens:

Fico particularmente intrigado pelos jovens que ouviram sua turma ser acusada de “A geração mais burra”, a quem continuamente contam que seu vício por estímulos múltiplos simultâneos torna-os incapazes da atenção seriamente focada e única que a leitura de livros grandes e grossos exige. Alguns deles questionam estas acusações, mas muitos ao menos acreditam parcialmente. Ouvindo de novo e de novo que não são capazes de ler, eles começam a imaginar por que devem mesmo tentar.³⁶ (JACOBS, 2011, p.6)

Estas visões críticas a respeito das próprias teorias foram incluídas para ajudar na interpretação de dados obtidos junto aos leitores. Alguns dos conceitos apresentados neste capítulo, como as diferentes definições de livro eletrônico e as preocupações de alguns autores sobre a concorrência dos meios audiovisuais com a cultura escrita, serviram para embasar categorias e parâmetros de investigação da pesquisa, como será detalhado mais adiante, no capítulo 5. Antes disso, o capítulo 4 concluirá o referencial teórico apresentando pesquisas nacionais e internacionais a respeito do *e-book* e do futuro do livro.

³⁵ “For new media reactionaries such as Lee Siegel and Andrew Keen, the problem is technology, the endless distractions of the Internet, the breakdown of authority in an age of blogs and Twitter, the collapse of narrative in a hyperlinked, multi-networked world. What this argument overlooks, of course, is that literary culture as we know it was the product of a technological revolution, one that began with Johannes Gutenberg’s invention of movable type. We take books and mass literacy for granted, but in reality, they are a recent interaction, going back not even a millennium.”

³⁶ “I find myself particularly intrigued by younger people who have heard their cohort called ‘The Dumbest Generation’, who are continually told that their addiction to multiple simultaneous stimuli renders them incapable of the seriously focused and single-minded attention that the reading of big thick books requires. Some of them are defiant in response to such charges, but most at least half-believe them. Told over and over again that they can’t read, they begin to wonder why they should even try.”

4 AS PESQUISAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS SOBRE SUPORTES

Os capítulos 2 e 3 concentraram desenvolvimentos teóricos sobre o livro e o texto eletrônico. Incluíram principalmente análises e proposições de autores a respeito das possibilidades e consequências sociais, culturais e mesmo históricas das diversas configurações de suporte de leitura. Mas há uma outra classe de estudos que também integra o referencial e junto à qual esta dissertação se insere. Trata-se das pesquisas de fundo empírico. Elas aplicam ou inspiram sistemas conceituais nos moldes daqueles abordados pelas fontes teóricas, mas com o diferencial metodológico. As pesquisas apresentadas neste capítulo percorrem um caminho preferencialmente indutivo, construindo categorias e definições a partir do nível dos leitores ou dos agentes ligados ao livro. Aqui também foram agrupadas as dissertações e teses brasileiras.³⁷

4.1 A tipificação de Thompson

No livro *Books in the digital age*, John B. Thompson utilizou extensivamente estudos de caso no propósito amplo de compreender as transformações da indústria editorial livreira nas últimas décadas, incluindo as mudanças trazidas pelas tecnologias digitais nas esferas de produção e distribuição. Thompson (2008, p. 440) detalha que o trabalho foi realizado a partir de 16 estudos de caso de editoras dos EUA e Reino Unido, através de 230 entrevistas semiestruturadas ao longo de três anos, entre 2000 e 2003. A partir deste contato com os profissionais do mercado ele adota vários conceitos do ramo, como o ciclo de vida do livro (concepção, processo editorial, tiragem, distribuição,

³⁷ Por afinidade geográfica, este capítulo também inclui os trabalhos de mestrado e doutorado com metodologia exclusivamente teórica.

retirada do catálogo).

A fim de compreender o impacto das novas tecnologias na produção e distribuição de livros, o autor cria um construto teórico alicerçado em categorias e tipificações. Um dos alicerces é o conceito de campos emprestado do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Campo é definido, no uso de Thompson, como “um espaço estruturado de posições sociais; é um espaço estruturado de recursos e poder com suas próprias formas de competição e recompensa”³⁸ (THOMPSON, 2008, p.6). Ele acrescenta que “campos são muito mais que mercados: são também feitos de agentes e organizações e as relações entre eles”³⁹ (THOMPSON, 2008, p.7).

O autor divide, então, o mercado livreiro em campos, como acadêmico, escolar e *trade publishing* (THOMPSON, 2008, p.38), este último composto das obras dirigidas ao público em geral. Dentro dos campos, cada agente (por exemplo, a casa editora) possui um balanço de recursos composto de quatro diferentes tipos de capital: econômico (a capacidade de investimento da empresa); humano (os profissionais que trabalham nela); simbólico (o prestígio da empresa) e intelectual (os autores com os quais a editora trabalha) (THOMPSON, 2008, p.31). A pesquisa de Thompson se concentra em dois campos, o acadêmico das editoras universitárias e o escolar dos livros-texto de ensino superior. Também é circunscrito ao mercado anglo-saxônico norte-americano e britânico.

Algumas das observações da pesquisa dizem respeito a características locais dos mercados e campos anglo-saxônicos, como o sistema de adoção de livros-texto. Mas outras conclusões do autor podem ser aplicáveis ao contexto brasileiro, como o fato de que o mercado de livro usado leva as editoras do campo escolar à necessidade de atualização contínua como uma forma de obrigar os leitores à compra de exemplares novos. Também fala da preocupação dos editores com os *course packs* (THOMPSON, 2008, p.253), reuniões de fotocópias e excertos de livros montados pelos professores e recomendados aos estudantes, geralmente explorados por pequenas oficinas nos campi universitários. Thompson detalha que esta área começa a atrair atenção de editoras de maior porte, que passam a atuar como fornecedoras de pequenas edições desta espécie sob demanda. Este é um dos aspectos listados pelo autor como desenvolvimentos tecnológicos ligados ao mercado.

³⁸ “A field is a structured space of social positions; it is a structured space of resources and Power with its own forms of competition and reward”

³⁹ “[...] fields are much more than markets: they are also made up of agents and organizations and the relations between them [...]”

Entre as operacionalizações de Thompson está a criação de categorias para abranger o tipo de conteúdo com o qual as editoras trabalham, sendo que algumas, ele conclui, são mais propensas à distribuição digital. As categorias, segundo ele, são as seguintes (THOMPSON, 2008, p.321): dados (relatórios, catálogos); informação (jurisprudência e afins); conhecimento (subdividido em: resultados discretos, caso das monografias; conhecimento agregado, livros teóricos; conhecimento pedagógico, livros escolares; e argumento sustentado, caso das obras discursivas de filosofia, por exemplo); e narrativa (tanto ficção quanto não ficção). Destes, Thompson conclui que os primeiros estão ou já passaram para ambientes on-line (THOMPSON, 2008, p.327), como aconteceu com as enciclopédias e muitos jornais científicos. Mas ele questiona, a partir de opiniões dos produtores, a viabilidade de portar as longas narrativas para distribuição digital. Com base nisso, elabora uma tipificação em relação à possibilidade de disseminação on-line de conteúdos, classificando a atividade dos campos em uma escala que vai da mais propensa à distribuição digital à menos propensa (THOMPSON, 2008, p.328). Jornais, literatura profissional e obras de referência, segundo esta classificação, estariam na metade mais afeita à portabilidade ao meio digital. Obras educacionais, escolares e a *trade publishing* estariam na metade menos propensa.

Especificamente sobre a distribuição de conteúdo, a partir do levantamento com editores, Thompson lista os pontos que são vistos como vantagens no meio digital. São eles (THOMPSON, 2008, p.318): facilidade de acesso; facilidade de atualização; escalabilidade; recurso de busca; intertextualidade e multimídia. De formas diversas, estes recursos seriam então explorados pelos diversos campos de publicações e aplicados às tipologias de conteúdo de forma diferenciada.

Prosseguindo nas conclusões, o estudo de Thompson menciona os esforços de construir acervos on-line e catálogos digitais vendidos a instituições de ensino superior e bibliotecas (THOMPSON, 2008, p.345). Entre as editoras do campo escolar, uma tendência apontada era o aumento de conteúdos on-line paralelos aos livros, como CD-ROMs e *sites* associados aos títulos (THOMPSON, 2008, p.401). Também aborda o *print on demand* (impressão de livros avulsos ou em microtiragens), visto por ele como uma alternativa tecnológica de manter catálogos ativos durante mais tempo, aumentando o ciclo de vida dos livros (THOMPSON, 2008, p.421).

4.2 As pesquisas brasileiras

Levantamento na base de dissertações e teses da Capes realizado até março de 2012 localizou 35 títulos abordando no todo ou em parte o tema do livro digital, *e-book* ou livro eletrônico. A relação destes trabalhos está listada no Anexo 1. Destes, foram selecionados e sintetizados a seguir os títulos que abordam aspectos de maior interesse para a atual pesquisa.

4.2.1 Os trabalhos pioneiros

Quatro trabalhos devem ser mencionados pelo pioneirismo, tendo dez anos ou mais. O mais antigo dos títulos localizados é a dissertação *O Computador: Próteses Sonoras e Visuais que dão Suporte à Multimídia*, de Marco Antonio de Carvalho Bonetti, apresentada em 1997 no Mestrado em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, com orientação de Lúcia Santaella. Embora aborde principalmente conceitos como multimídia e hipertexto, é um dos primeiros trabalhos acadêmicos brasileiros nesta esfera a utilizar o termo “livro-eletrônico” (BONETTI, 1997, p.74). O autor menciona a experiência de “um projeto de realização de aplicativos multimídia no Curso de Comunicação e Semiótica da PUC” em 1994, grupo integrado por Fernando Iazzetta, Gisella Belluzzo, Marco Bonetti e Regina Motta (BONETTI, 1997, p.72). Das conclusões deste trabalho merecem destaque dois trechos:

A multimídia como suporte alternativo da escrita é, sem dúvida, superior à interface do livro em muitos aspectos, como na compactação de informações, interatividade, recursos audiovisuais e, em primeiro lugar, deve-se elogiar o fácil e barato acesso à cultura que esse poder de síntese deve ocasionar com a disseminação dos micro-computadores. (BONETTI, 1997, p. 91-92)

E especificamente sobre o contraste entre livro tradicional e livro eletrônico:

Os mercados editoriais tradicionais, por outro lado, deveriam se preocupar em buscar espaços não ocupados pelas novas mídias ou até mesmo ocupá-las para tentar alcançar algo mais nobre que uma simples sobrevivência enquanto não se desenvolve uma interface realmente eficiente da informática para a edição de livros eletrônicos. Sobre este “perigo” representado pelas novas tecnologias, além de mostrar que ele também existiu quando se tratou do surgimento do livro, é interessante expor um outro ponto de vista: sobre a falsa impessoalidade da técnica. (BONETTI, 1997, p. 92)

Já em 1997, como se nota pelos trechos acima, eram abordados aspectos do livro eletrônico como os recursos audiovisuais e a interatividade, que ainda no estudo de Thompson, em 2003, eram pontos apontados como importantes. A pesquisa brasileira também indica uma possível reestruturação de mercado, exatamente a área investigada mais tarde pelo trabalho inglês.

Em 1998, Vera Cecília Frossard apresentou na Escola de Comunicação/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a dissertação de mestrado em Ciência da Informação *A Trajetória do Livro: da matéria impressa ao mundo digital novas possibilidades emergem para a aquisição de conhecimento*. O trabalho analisava “as mudanças que a mídia impressa e eletrônica trazem ao livro, na forma de apresentação da informação e na redefinição do processo de comunicação e transferência do conhecimento” (FROSSARD, 1998, p.1). A autora mencionava conceitos como livro eletrônico e hipertexto, citando também pesquisas do Massachusetts Institute of Technology com interfaces de leitura; dois aparelhos leitores que eram vendidos na época, o Rocket eBook e o Softbook; e a impressão sob demanda ou *print on demand*.

Os dois leitores de livros digitais Rocket eBook e Softbook são objeto de outra dissertação de mestrado, do ano 2000. *Softbook e Rocket Book: o livro eletrônico dos bits aos átomos* foi apresentada por Luiz Otavio Maciel da Silva no Mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação, dentro de convênio entre a Universidade Federal do Pará e a UFRJ. O autor resumia seu trabalho assim:

A partir dos devices Softbook e o Rocket eBook é feita uma análise do aparecimento de um novo “suporte físico” para o livro, mostrando as suas deficiências, vantagens, evolução, o estágio atual de desenvolvimento e as principais implicações nas atividades ligadas diretamente ao livro impresso, como hábitos de leitura, armazenamento, empréstimo, acesso e copyright. (SILVA, 2000, vi)

Nesta dissertação, o autor mencionava em suas conclusões que “as definições e conceituações que são associadas ao livro eletrônico e, nesse caso específico, aos *devices* ainda estão em construção, mesmo porque, estamos ainda em sua primeira geração” (SILVA, 2000, p.46-47). Ele também concluía que “o livro impresso tem na sua perenidade de registro na história da humanidade uma das suas vantagens sobre o livro eletrônico” (SILVA, 2000, p. 49).

Em 2001, outra dissertação de mestrado mencionava o termo *e-book*, *Formas rizomáticas na Internet escrita/leitura no mundo digital*, apresentada no Departamento de Letras da PUC do Rio de Janeiro. O autor, Pablo Mobellan Cuquejo Silva, utilizava conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, rizoma e pensamento raiz, para analisar as práticas de leitura e escrita na Web, abordando também hiperlink, hipertexto e *e-book*. O trabalho foi ampliado em 2006 para uma tese de doutorado, *Novos agenciamentos rizomáticos: navegando pelos sites de social networking – leituras de uma comunicação*

literária da dissipação e o pensamento do fora. Sobre as conclusões da dissertação, o autor apontou o seguinte:

[...] a investigação continuou seu trajeto ou sua linha de fuga, como diria Gilles Deleuze, atravessou a literatura, mostrou uma nova escritura digital, demonstrou que a atividade hiperlink há muito acontecia nas páginas dos livros mais antigos – como a Bíblia, por exemplo – e apontou possibilidades para outros fenômenos. (SILVA, 2006, p.13)

Embora procedendo de diferentes áreas e assumindo perspectivas teóricas diversas, estes quatro trabalhos pioneiros têm em comum o fato de explorarem as possibilidades e limitações do meio digital⁴⁰ como forma de suporte de escrita e leitura. Três deles mencionavam o potencial criativo do hipertexto e dois analisavam *hardware* como interface de leitura.

4.2.2 O livro eletrônico e o mercado

Mais recentemente, nos âmbitos de mestrado e doutorado, têm sido realizadas pesquisas específicas sobre o panorama do mercado editorial brasileiro em um contexto de emergência das tecnologias digitais. Tese de José Antônio Rosa apresentada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) em 2008 aborda “as principais tendências internacionais e brasileiras nos negócios editoriais no contexto da transição digital” (ROSA, 2008, p.3). O trabalho, intitulado *Análise do livro como produto e como negócio no contexto brasileiro atual*, tem uma seção dedicada ao “livro digital e o desafio da transição” (ROSA, 2008, p.103). Nesta porção do trabalho, o autor faz algumas considerações sobre o livro digital:

Há hoje uma considerável quantidade de livros colocados à disposição dos interessados – gratuitamente – na Internet, para *download* e leitura em papel ou qualquer dispositivo eletrônico. Essa tendência à distribuição gratuita deverá crescer por impulso de iniciativas privadas e públicas até atingir 100% das obras relevantes em domínio público. (ROSA, 2008, p.106)

E, especificamente, sobre leitores e livros digitais:

Entrevistas por nós realizadas com leitores heavy-users, talvez o público mais fiel ao formato de brochura, por ter ligações afetivas com ele, mostrou que parte deles não só aceita bem a ideia de ler textos digitais, mas também já fez *download* de livros e até já os leu em tela. (ROSA, 2008, p.107)

No Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração de Empresas da

⁴⁰ Curiosamente, durante o trabalho de revisão bibliográfica houve uma contradição circunstancial entre a temática destes trabalhos pioneiros e as condições de sua armazenagem e distribuição. Diferentemente das demais pesquisas consultadas, obtidas em arquivos digitais, as dissertações com mais de dez anos só possuíam cópias em papel e restritas geograficamente às instituições de origem. Com isso, a fim de consultá-las foi preciso recorrer ao sistema nacional de transferência interbibliotecas, um procedimento mais lento de remessa de papel pelo correio que contrastava com a dimensão teórica das discussões sobre possibilidades do meio eletrônico.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentada por Ana Helena Seuánez Salgado em 2008 a dissertação de mestrado *O impacto das novas tecnologias na indústria editorial do livro*. O trabalho se propõe a “analisar o impacto das novas tecnologias na indústria editorial brasileira, compreendendo dois importantes elos da cadeia de valor: a editora e o leitor” (SALGADO, 2008, p.9). Ao longo do trabalho, aponta que:

Poucas pesquisas quantitativas foram encontradas para analisar o comportamento dos leitores e identificar os benefícios que buscam durante a experiência da leitura, na era da informação. As pesquisas encontradas foram realizadas nos Estados Unidos e Reino Unido, países onde os *e-books* são mais conhecidos e a inclusão digital é presente em grande parte da população, realidade diferente da do Brasil, onde nenhuma pesquisa foi encontrada. (SALGADO, 2008, p.70)

A partir daí, a autora dividiu o trabalho em uma pesquisa qualitativa com representantes de editoras e em uma pesquisa quantitativa com leitores. A porção qualitativa foi utilizada para embasar a fase quantitativa, durante a qual um questionário foi aplicado pela Internet em uma comunidade de rede social composta por alunos e ex-alunos de um instituto de administração do Rio de Janeiro. Os dados foram analisados quantitativamente. Nas conclusões, foram identificados três grupos de respondentes, que a pesquisadora nomeou de *print lovers*, *techies* e *trenders* (SALGADO, 2008, p.156).

Os *print lovers*, equivalentes a 13% dos participantes da pesquisa, foram descritos como “muito apegados ao livro impresso. Este grupo não pretende comprar conteúdo digital e quer manter o hábito de ler em papel” (SALGADO, 2008, p.157). Um segundo grupo, os *techies*, representava 33% da amostra e era descrito como um público de alto poder aquisitivo e interessado em eletrônicos, com um hábito de consumo de livros menor que o grupo anterior. A autora detalha que o grupo tinha interesse de adquirir livros em formato digital, mas não se mostrava, à época, interessado em adquirir aparelhos leitores de livros eletrônicos. “Nas livrarias, os *techies* valorizam a oferta de conteúdo complementar como áudio e vídeo.” (SALGADO, idem).

O último grupo descrito pela autora é o dos *trenders*, correspondente a 52% do estudo. Sobre eles, ela escreve o seguinte:

Os *trenders* são os consumidores mais suscetíveis à mudança de consumo e mostram forte pretensão em comprar o leitor eletrônico. Em geral, eles têm a intenção de comprar (baixar/fazer *download*) livros e substituir o livro em papel pelo formato digital. São consumidores que valorizam os benefícios do consumo digital de livros, tal como a variedade e praticidade, mostrando-se menos apegados ao livro físico. Porém, também valorizam os ambientes de livrarias com bistrôs e ambientes de estar, para folhear livros. (SALGADO, 2008, p.157)

Desenvolvido nos moldes de um estudo de mercado e voltado à área de adminis-

tração, o trabalho de Ana Salgado é o mais abrangente que foi localizado, em termos metodológicos, abordando leitores e *e-book*. De interesse para a presente pesquisa, especialmente, são as categorias quantitativamente definidas de grupos de leitores, porque trazem dados a respeito de preferências em termos de suporte de conteúdo (livro impresso para os *print lovers*; áudio e vídeo para os *techies*; livros impressos ou digitais para os *trenders*).

Outra dissertação apresenta um apanhado bastante abrangente da entrada dos textos eletrônicos no mercado editorial nacional. *Do códex ao e-book: metamorfoses do livro na era da informação*, de José de Mello Junior, foi apresentada em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). O autor faz uma revisão bibliográfica com base na história do livro e se guia pela midiologia de Régis Debray para analisar o contexto do livro no cenário nacional, além de empregar conceitos de Pierre Bourdieu para explicar a dinâmica interna do mercado livreiro, dos leitores e dos agentes envolvidos. Algumas das conclusões são de interesse para o atual trabalho:

O que a pesquisa demonstrou é que existem dois movimentos bastante distintos. Por um lado, o mercado editorial de livros impressos permanece não sendo diretamente afetado pela emergência do meio eletrônico. Por outro, está se formando, à margem, uma geração de leitores de textos publicados no meio digital. Estes textos assumem diversos formatos, podem ser a simples transposição para o digital de um texto impresso, um diário eletrônico (*blog*), até uma obra composta em hipertexto. (MELLO JR, 2006, p.387)

E, sobre o panorama do livro no contexto atual:

[...] este objeto passa, assim como as identidades do sujeito, por uma profunda transição. Ela aponta para um descentramento (ou seria para um novo centro?), no qual conceitos como autoria individual, propriedade intelectual e unidade da obra perdem força para conceitos como autoria coletiva, domínio público e obras polifônicas e fragmentárias. Neste contexto os utensílios tecnológicos são a expressão da cultura e não o contrário. Talvez, por este mesmo motivo a idéia de venda de livros eletrônicos pensados como objetos unitários, homólogos ao livro impresso, esteja demonstrando pouca atratividade, (MELLO JR, 2006, p.410)

Um último aspecto apontado pode ser convertido em um operador de análise:

O consumo maciço de produtos culturais pirateados, entre os quais se encontram textos, é um subproduto da sociedade de consumo e uma consequência lógica do avanço das técnicas de reprodução. Ao discutirmos a mudança de materialidade do livro, cuja característica principal é a desmaterialização dos conteúdos, não poderemos deixar de perceber que este atributo técnico atende diretamente as demandas de consumo de uma imensa parcela que se encontra à margem da indústria cultural. (MELLO JR, 2006, p.51)

O levantamento quantitativo não buscava dados sobre pirataria ou cópias ilegais, mas este era um aspecto que poderia surgir espontaneamente nas porções qualitativas da pesquisa, como de fato aconteceu.

4.2.3 A força da cultura do livro impresso

Também há trabalhos acadêmicos que investigam, frente às tecnologias eletrônicas, a força do livro impresso. Foram encontrados, entre estes, estudos com leitores, em contextos específicos.

Uma revisão abrangente de bibliografia está na dissertação *A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica*, apresentada em 2006 por Felipe Gomberg no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC do Rio de Janeiro. O autor se propõe, frente ao avanço das tecnologias digitais, a investigar o livro através do conceito de aura de Walter Benjamin. Ele conclui que “O livro impresso é um bem da indústria cultural que ainda cumpre uma função ritual e que, portanto, continua aurático” (GOMBERG, 2006, p.115). Sobre as tecnologias eletrônicas, conclui o seguinte:

Por outro lado, assinalamos que, ao contrário do que se esperava, a revolução comunicacional em curso não decretou a morte do livro, sendo que a Internet – um dos principais expoentes dessa nova fase da Comunicação –, tem se alimentado da aura desse objeto da indústria cultural, através de suas livrarias virtuais e de seus *sites* literários. (GOMBERG, 2006, p.115)

Gomberg não utiliza de forma ortodoxa os conceitos de Walter Benjamin, já que expande o conceito de aura do autor e passa a usá-lo como sinônimo de materialidade. Neste sentido, se aproxima mais dos debates sobre o virtual do que da esfera benjaminiana de discussão artística.

A dissertação *O uso do livro eletrônico na prática científica*, apresentada em 2008 por Juliana Oliveira Velasco no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, contém uma pesquisa quantitativa com pesquisadores de programas credenciados pela Capes a respeito de sua utilização de livros eletrônicos na atividade científica. Entre suas conclusões, aponta que “o livro eletrônico aparece no contexto dos programas de pós-graduação credenciados pela Capes, mas não representa necessariamente o uso efetivo e mudanças nas práticas e comportamento dos docentes pesquisadores” (VELASCO, 2008, p.150). Este trabalho possui dados quantitativos sobre posse de livros digitais:

Quando perguntados sobre quantos livros em formato eletrônico os docentes possuem em seu computador, 152 docentes responderam ao questionamento, sendo que

45,4% docentes marcaram a opção “Nenhum”, 38,2% “1 a 10”, 6,6% informaram “11 a 20” e 9,9% docentes “Mais de 20”. (VELASCO, 2008, p.134)

O trabalho também menciona que 95% dos pesquisadores entrevistados utilizam o livro impresso no seu cotidiano de trabalho (VELASCO, 2008, p.150). São dados como estes que fundamentam a conclusão mais geral da autora: “É natural que a população estudada tenha resistência ao novo modelo de livro criado no âmbito das redes temáticas, apesar de uma tecnologia não ser descartada em função da chegada de outra. Muitas vezes elas se complementam.” (VELASCO, idem)

Revisões de bibliografia com base na história do livro integram em alguma medida quase todos os trabalhos consultados. Alguns deles são desenvolvidos inteiramente a partir desta metodologia. É o caso de *Bases históricas das práticas ocidentais de leitura: do papiro ao suporte digital*, de Marco Antonio Simões, apresentado em 2007 no Programa Interdisciplinar em Educação, Comunicação e Administração da Universidade São Marcos. O trabalho realiza uma síntese teórica a partir de autores que também integram a bibliografia da atual dissertação, como Roger Chartier e José Afonso Furtado, além de Marshall McLuhan e Pierre Lévy, entre outros.

Outra dissertação recente baseada em revisão bibliográfica é *A questão do livro: do formato impresso ao eletrônico*, apresentada em 2011 por Arlete Aparecida Mathias no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília, SP. A autora apresenta seu problema:

Esta dissertação, para verificar o epicentro que origina as dúvidas sobre o futuro do livro impresso buscou referências históricas, do seu momento atual até o alcance de suas possibilidades futuras, encontrando indícios que justificassem a alteração – sua migração – para o ambiente das novas tecnologias da informação e da comunicação, estas bastante influenciadas pela Internet. A pesquisa objetiva apresentar e avaliar ao menos parte dos conflitos em torno da morte do livro impresso e principalmente sua alocação no ambiente eletrônico. (MATHIAS, 2011, p.12)

Duas das conclusões de Arlete Mathias abordam aspectos já tratados no capítulo 3. “Por meio deste levantamento percebeu-se que o objeto midiático, o livro eletrônico, é derivado da versão impressa e se alocou nas telas em consequência do desenvolvimento tecnológico da comunicação e da informação do século XXI.” (MATHIAS, 2011, p.82). Ela também conclui, baseada em argumentos de Robert Darnton, que “Esta investigação [...] confirma como extinta a hipótese levantada sobre a morte do livro impresso e a condição dada para o livro eletrônico sucedê-lo.” (MATHIAS, 2011, p.83)

Seria cabível argumentar, em relação às considerações finais do estudo da Uni-

versidade de Marília, que pode ser prematuro considerar extinta a hipótese tão somente a partir de desenvolvimentos teóricos oriundos da revisão bibliográfica. Mesmo a conclusão de que os livros eletrônicos sejam derivados da versão impressa poderia ser proposta em termos de construto, alicerçada em uma determinada vertente teórica.

Também proposta como pesquisa teórica, a dissertação *O Futuro do livro: o eletrônico como um contraponto do impresso* foi apresentada em 2009 por Rosiane Lúcia Ribeiro no Centro de Ciência do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, RJ, na área de Cognição e Linguagem. A autora repassa conceitos de História do Livro e Leitura e Linguagem para abordar definições e conceitos de livro eletrônico, passando pelos diversos formatos, vantagens e desvantagens. Das conclusões:

Com a chegada de novos formatos de livros influenciados pela tecnologia da informação e da comunicação, a maneira de ler também é alterada. Esse novo leitor que navega pelas infovias do ciberespaço, que tem como características a velocidade e interatividade, precisa agora desenvolver habilidades para que ele consiga ler, escutar e olhar ao mesmo tempo. Pois ele não é mais um simples leitor contemplador de livros ou um leitor de imagens, fragmentos, e sim, um leitor que emerge num mundo novo, dinâmico, em movimento, que junta vários tipos de linguagem: imagens, sons e letras. (RIBEIRO, 2009, p.106)

A autora vai mais longe e faz uma projeção: “Nessa perspectiva, talvez não seja arriscado afirmar que as novas gerações, sim, abrirão mão dos tradicionais livros impressos e preferirão os eletrônicos, pois serão seduzidas pelas facilidades da vida tecnológica.” (RIBEIRO, 2009, p.107)

Assim como acontecia na dissertação anterior, a autora arrisca inferências que podem ser passíveis de contra-argumentação ao estarem baseadas unicamente em revisão bibliográfica. Seria próprio do trabalho teórico a criação de construtos ou sistemas conceituais, mas neste caso as conclusões deveriam ser extrapoladas apenas com cautela na forma de projeções a respeito do comportamento futuro dos leitores.

É com base na leitura crítica destas dissertações que a atual pesquisa justifica a utilidade do levantamento empírico, a fim de confrontar proposições dos autores e auxiliar no desenvolvimento de processos indutivos que mais tarde ajudem a corroborar hipóteses. Sem desejar incorrer na limitação de se constituir em um estudo aplicado, alijado da dimensão de desenvolvimento teórico, o trabalho também busca evitar o risco das inferências exageradas e do caráter especulativo que podem às vezes ser observados em

tratados abstratos, sem vinculação com a esfera cotidiana na qual os leitores exercem sua prática cultural.

4.2.4 Os reflexos do suporte entre os estudantes

Também foram examinados trabalhos de Educação ou de Letras que, dentro da área pertinente ao projeto, analisam em alguma medida reflexos do suporte de leitura sobre os estudantes. Embora a ênfase dos estudos diga respeito aos propósitos de ensino, os resultados podem ser relevantes na medida em que apontam efeitos originados por processos editoriais ou de comunicação.

É o caso da tese *Discursos, representações e gestos de leitura: a formação do leitor entre o impresso e o digital*, apresentada em 2004 por Maria Regina Momesso de Oliveira na área de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara. O resumo detalha a experiência⁴¹:

A leitura do game Perninha e o pé de feijão (CD-ROM), comparada à do livro impresso João e o pé de feijão, é o objeto de análise desta tese. Participaram da pesquisa in loco professoras e alunos (entre 6 e 10 anos, pré III e 1^a série) de três escolas particulares (Bauru-SP). As aulas de leitura – suporte eletrônico e impresso – foram gravadas em vídeo, fazendo parte do corpus do trabalho. O objetivo geral é verificar como se dá o processo de leitura do texto eletrônico em comparação com o livro impresso e quais são os efeitos de sentido que se destacam nessas práticas de leitura.

Das conclusões da tese, é relevante para o projeto o corolário também sintetizado pela autora no resumo: “Os sujeitos-leitores observados, diante do suporte eletrônico, deparam-se com um conjunto complexo de intertextualidades e interdiscursividades e sentem mais entusiasmo com a leitura digital.”⁴²

Em *Novas tecnologias e a prática docente*, apresentada na área de mestrado profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências da Saúde da USP em 2004 por Silvia Elsa Lizarralde de Pittamiglio, é investigada a interação entre professores e um livro-texto digital. O trabalho investiga principalmente a dinâmica de navegação em hipermídia e os diferentes tipos de leitura (linear ou não sequencial), mas nas conclusões a autora aponta a necessidade de maior estudo a respeito da leitura eletrônica:

Novos construtos de compreensão de leitura que introduzam estratégias para interagir com estas linguagens de forma a apreciar as diferenças entre a leitura de material

⁴¹ Disponível em <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200427033004030009P4>. Consulta em 28/3/2012.

⁴² Disponível em Disponível em <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200427033004030009P4>. Consulta em 28/3/2012.

impresso e digital devem ser elaborados para incentivar a exploração dos meios digitais de informação de forma crítica e responsável. (PITTAMIGLIO, 2004, p.92-93)

Argumento semelhante é mencionado por Raquel Silvano Almeida, autora da dissertação de mestrado *O uso das mídias no ensino de língua estrangeira: concepções e métodos utilizados por professores dos cursos de graduação em Letras e Secretariado Executivo*, apresentada em 2007 no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Em uma argumentação sobre o uso de ferramentas multimídia por professores de línguas no ensino superior, aponta que “cabe o reconhecimento de que produções midiáticas, como a linguagem fílmica (texto audiovisual), a linguagem escrita (texto impresso) e a linguagem digital (texto virtual), podem contribuir na prática de ensino docente” (ALMEIDA, 2007, p.73). A autora também cita os Parâmetros Curriculares Nacionais, que mencionam que todo tipo de material pode ser usado como fonte de informação. “As informações podem ser propagadas por meios impressos, eletrônicos ou digitais” (ALMEIDA, 2007, p.70), aponta.

Das conclusões do estudo de Maringá:

Com base na análise dos dados levantados por meio de questionários e de entrevistas, chegou-se a resultados significativos que revelam terem os professores consciência de que a educação vivencia hoje as interferências das inovações tecnológicas, uma vez que fora do ambiente acadêmico, os indivíduos já se encontram inseridos no “mundo midiático”. Assim, a inserção das mídias no ensino torna-se evidente para esses professores, os quais buscam meios para introduzi-las em suas práticas docentes no Ensino Superior. (ALMEIDA, 2007, p.137)

Destes últimos trabalhos da área de Educação cabe fazer uma apropriação do ponto de vista da área de Comunicação. Os três estudos citados apontam a necessidade ou as vantagens de exploração didática das diferentes mídias. Dois aspectos das conclusões merecem atenção na atual proposta de leitura transdisciplinar. Um deles é a associação quase automática, no corpo dos trabalhos, do meio eletrônico à interatividade e à hipermídia. Embora reconhecendo a possibilidade de utilização linear do texto eletrônico, Silvia Elsa Lizarralde de Pittamiglio investiga principalmente as possibilidades da linguagem eletrônica. Raquel Almeida diferencia “a linguagem escrita (texto impresso) e a linguagem digital (texto virtual)” (ALMEIDA, 2007, p.73). Como se trata de trabalhos de outra área, o interesse das autoras se concentra na potencialidade de recursos dos diferentes meios. Permanece menos desenvolvida a questão da migração ou alteração de suportes, que poderia ser de interesse em um projeto de Comunicação.

4.2.5 Considerações

O conjunto dos trabalhos analisados indica que existem no Brasil pesquisas acadêmicas a respeito da questão do livro eletrônico, algumas inclusive pioneiras. O enfoque vai desde os estudos de mercado às implicações estéticas e filosóficas do meio digital. Mas como aponta Ana Helena Seuánez Salgado (SALGADO, 2008, p.70), estão menos representadas as pesquisas com dados quantitativos. A presente dissertação busca ajudar a suprir esta lacuna.

Na parte do levantamento que buscou teses e dissertações que tratassem de universitários, os trabalhos localizados, provenientes das áreas de Educação e Letras, privilegiavam o estudo do conteúdo e de suas relações com os alunos. Embora reconhecendo a possibilidade de que os estudantes lancem mão de uma variedade de suportes para se apropriar de conteúdo, as pesquisas encontradas nesta área quase não trazem perfis de leitura desta parcela do público ou dados quantitativos.

Dentro do processo científico de agregar conhecimento ao corpo de informações já consolidado, este capítulo também teve o objetivo de obter, nos trabalhos analisados, operadores teóricos e categorizações que pudessem ser utilizados posteriormente, na interpretação dos dados e resultados obtidos no trabalho de campo. O capítulo 5, a seguir, detalhará a operacionalização de alguns destes conceitos na fase de planejamento metodológico do levantamento.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O planejamento formal do trabalho, propondo relacionar bases teóricas com os resultados da observação empírica, segue o modelo proposto por Maria Immacolata Vassallo de Lopes em *Pesquisa em Comunicação*, que identifica quatro instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica (LOPES, 2003, p.120). Seguindo este modelo, cada um dos procedimentos da pesquisa, desde o trabalho de campo até a formulação teórica, deve se mostrar coerente com os outros níveis em uma estrutura vertical. No caso da pesquisa, o que se quer é uma articulação e tensionamento entre as visões teóricas sobre o fenômeno estudado (no caso, o livro eletrônico e o futuro do livro) e os fenômenos observáveis no mundo empírico (a dimensão na qual se encontram os leitores).

Um dos objetivos específicos era realizar um levantamento com estudantes que recém ingressaram na Universidade a fim de obter indicadores sobre seu perfil de leitura, com ênfase no suporte adotado. Estes dados foram coletados através de questionário fechado via formulário a ser preenchido pelos respondentes, um procedimento quantitativo identificado por Juan José Igartua Perosanz com o paradigma positivista⁴³ (PEROSANZ, 2006, p.58). Este tipo de levantamento, conforme o mesmo autor, pressupõe epistemologicamente uma realidade objetiva e apreensível através de observação empírica. Requer também preparação atenta dos instrumentos de medida e posterior tratamento estatístico (PEROSANZ, 2006, p.58).

Mas o trabalho empírico buscava também compreender a relação dos leitores com o livro e a tecnologia. Alguns dos respondentes do questionário, conforme seu per-

⁴³ “El tipo de investigación asociado con este paradigma es cuantitativo y se basa en técnicas como la experimentación, la encuesta o el análisis de contenido.”

fil, foram selecionados para entrevista. Este procedimento qualitativo, conforme Perrosanz, se vincula a outro paradigma, interpretativo, que contrasta com o positivista ao considerar que “o mundo social é profundamente diferente do mundo natural” (Idem, p. 62). Aqui, se busca analisar “o que significam tais ações para os próprios sujeitos” (Ibidem, p. 62).

A técnica do questionário fechado se vincula epistemologicamente a uma metodologia quantitativa positivista, derivada da concepção de uma realidade objetiva e mensurável. Já a entrevista segue diferente matriz metodológica, qualitativa, vinculada a uma visão de mundo fenomenológica. O projeto da pesquisa propôs que este contraste de abordagens não representa uma contradição dentro do modelo vertical de instâncias metodológicas, mas uma forma de iluminar o objeto de estudo sob diferentes enfoques, a fim de compreendê-lo melhor. Uwe Flick, em *Introdução à Pesquisa Qualitativa*, menciona a possibilidade deste tipo de combinação entre resultados qualitativos e quantitativos visando à “obtenção de um conhecimento mais amplo sobre o tema da pesquisa, em comparação ao conhecimento fornecido por uma única abordagem” (FLICK, 2009a, p.46).

As abordagens quantitativa e qualitativa dentro do trabalho não foram simultâneas, mas encadeadas. Dentro da fase de trabalho empírico, o primeiro momento consistiu em um procedimento quantitativo dentro da amostra. Este levantamento foi realizado com uma amostra selecionada a partir de dados quantitativos preexistentes. Pesquisa sobre os leitores e o livro digital realizada pela Câmara Brasileira do Livro e Imprensa Oficial em quatro capitais em 2008, incluindo Porto Alegre, aponta que 4,6 milhões de brasileiros leem livros digitais (RETRATOS, 2008, p.175), sendo que 7 milhões baixam livros gratuitamente pela Internet (RETRATOS, 2008, p.205).⁴⁴ A faixa etária que mais faz isso é a dos jovens entre os 14 e 17 anos (RETRATOS, 2008, p.206). A Tabela 5.1 e a Tabela 5.2 trazem comparativos sobre as motivações para leitura e as formas de acesso aos livros, dimensionando a importância do público estudantil e apresentando indicadores de suas formas de relação com o suporte eletrônico.

⁴⁴ Os dados são referentes à segunda edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2008. Um rápido comparativo dos dados com a terceira edição da pesquisa, divulgada em 2012, era feito em notas de rodapé na seção 1.3.

Motivações dos leitores para ler um livro* (Por idade)

| | Total | 5 a 10 | 11 a 13 | 14 a 17 | 18 a 24 | 25 a 29 | 30 a 39 | 40 a 49 | 50 a 59 | 60 a 69 | 70 ou + |
|---|-------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Prazer, gosto ou necessidade espontânea | 63% | 66% | 59% | 56% | 59% | 64% | 63% | 69% | 68% | 69% | 61% |
| Atualização cultural/ Conhecimento | 53% | 32% | 41% | 53% | 60% | 66% | 60% | 59% | 63% | 59% | 50% |
| Exigência escolar / acadêmica | 43% | 83% | 81% | 75% | 36% | 24% | 17% | 12% | 7% | 6% | 2% |
| Motivos religiosos | 26% | 15% | 17% | 13% | 20% | 26% | 34% | 36% | 44% | 52% | 57% |
| Atualização profissional | 23% | 0% | 2% | 17% | 40% | 37% | 33% | 31% | 25% | 12% | 11% |
| Exigência do trabalho | 11% | 0% | 0% | 9% | 15% | 18% | 17% | 19% | 14% | 5% | 6% |
| Outras citações com menos de 1% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 1% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| Não costuma ler | 3% | 2% | 1% | 3% | 3% | 3% | 5% | 5% | 4% | 8% | 5% |
| Não sabe/ Não opinou | 1% | 1% | 1% | 0% | 1% | 1% | 0% | 0% | 1% | 1% | 2% |

* Resposta estimulada em que podia assinalar três opções.

Crianças e adolescentes são os que mais leem por exigência da escola.

Jovens e adultos que estão na faixa etária economicamente ativa são os que mais leem por exigência do trabalho.

Os mais velhos são os que mais leem por motivos religiosos (chega a 57% acima de 70 anos).

Tabela 5.1. Motivação para leitura de livros por idade (RETRATOS, 2008, p.190)

Principais formas de acesso aos livros de acordo com a idade

| | 5 a 10 | 11 a 13 | 14 a 17 | 18 a 24 | 25 a 29 | 30 a 39 | 40 a 49 | 50 a 59 | 60 a 69 | +de70 |
|--|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|
| Comprados | 33% | 29% | 37% | 46% | 55% | 52% | 55% | 59% | 53% | 44% |
| Fotocopiados/ xerocados | 3% | 4% | 6% | 11% | 14% | 8% | 4% | 6% | 4% | 2% |
| Presenteados | 25% | 19% | 25% | 20% | 20% | 22% | 27% | 29% | 38% | 31% |
| Emprestados por bibliotecas (inclui escolares) | 49% | 53% | 47% | 36% | 20% | 26% | 20% | 19% | 10% | 8% |
| Emprestados por particulares | 29% | 31% | 43% | 56% | 56% | 53% | 51% | 49% | 46% | 52% |
| Distribuídos pelo governo e/ou escolas | 35% | 30% | 30% | 14% | 11% | 11% | 12% | 11% | 6% | 4% |
| Baixados gratuitamente da Internet | 3% | 7% | 15% | 12% | 11% | 6% | 3% | 4% | 2% | 0% |
| Não costuma ler livros | 1% | 3% | 2% | 3% | 4% | 9% | 7% | 6% | 6% | 11% |

Tabela 5.2. Formas de acesso aos livros por idade (RETRATOS, 2008, p.190)

Utilizando-se estes dados como ponto de partida, a seleção da amostra privilegiou um público leitor dentro da faixa etária jovem, mas com hábitos de leitura.

5.1 Corpus

Como grupo de entrevistados, a proposta foi de recorrer a estudantes universitá-

rios aprovados no vestibular de 2011 de oito unidades diferentes da UFRGS, uma de cada área de conhecimento na árvore da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).⁴⁵ Este procedimento se encaixa na descrição de Amostra não Probabilística ou de Conveniência feita por Sonia Vieira (VIEIRA, 2009, p.133-134): “n unidades reunidas em uma amostra simplesmente porque o pesquisador tem fácil acesso a essas unidades.” Para a autora: “As amostras de conveniência não invalidam a pesquisa, mas precisam ser muito bem descritas porque representam apenas a população de indivíduos semelhantes àqueles incluídos na amostra.” (Idem)

Este procedimento quantitativo inicial teve o fim de obter da amostra dados tratáveis de forma numérica, numa abordagem mais ampla do fenômeno estudado, dentro do perfil de “macroprocessos” mencionado por Guillermo Orozco Gómez como integrante das características da pesquisa quantitativa (GÓMEZ, 2000, p.71). Já a etapa posterior, de entrevistas realizadas com parcelas deste público, contemplava o que o autor entende como a perspectiva qualitativa de “fazer sentido daquilo que se está investigando”⁴⁶ (Idem). Ainda sobre este método, Orozco Gómez menciona que “pretende encontrar o distinto, o próprio, o que diferencia aquilo que estamos explorando do conjunto que está integrando”⁴⁷ (GÓMEZ, 2000, p.72). Durante a análise dos dados e interpretação dos resultados, também foram feitas leituras qualitativas dos dados quantitativos a fim de compreender as informações sob diferentes enfoques.

5.2 Limitações do método

O procedimento de selecionar uma porção de leitores identificada quantitativamente e analisá-la qualitativamente busca projetar os dados do campo empírico no quadro teórico de referência. Com isso, pretendia-se tanto tensionar a teoria existente quanto fornecer subsídios para enriquecê-la. Deriva, contudo, dos procedimentos metodológicos a compreensão necessária de que quaisquer resultados apresentados não podem ser conclusivos mas apenas indicadores, mesmo em relação à pequena porção do uni-

⁴⁵ A Capes tem 9 Grandes Áreas, conforme relação disponível no endereço da Internet <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarGrandeArea> (consulta em 29/2/2012), mas a última delas é um grupo multidisciplinar, que não é organizado em função de afinidades temáticas mas por interdisciplinaridade. Qualquer curso escolhido neste grupo não seria necessariamente representativo dos demais da Grande Área. Por este motivo, a pesquisa considerou os oito primeiros grupos: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes.

⁴⁶ “[...] la perspectiva cualitativa busca hacer sentido de aquello que está investigando [...]”

⁴⁷ “pretende encontrar lo distintivo, lo próprio, lo que diferencia aquello que estamos explorando del conjunto que está integrando.”

verso de estudo acessada empiricamente. Tanto na porção qualitativa quanto na quantitativa do estudo é preciso levar em conta as limitações de método e os erros que são próprios de cada uma.

A respeito da necessidade de levar em consideração os erros em levantamentos quantitativos, Perosanz (2006, p.307) diz que “medir é estar preparado para errar”⁴⁸. O autor considera que “o valor verdadeiro constitui uma entidade hipotética que nunca se pode chegar a conhecer porque as medições não são infalíveis”⁴⁹ (Idem). Dentro da matriz positivista que fundamenta epistemologicamente este tipo de pesquisa, o risco é tanto maior quanto menor for a amostragem. Como na pesquisa não se trabalhou exclusivamente com esta abordagem, é necessário relativizar todos os dados obtidos por este procedimento devido à inevitável distorção de resultados. A opção por realizar a pesquisa junto a estudantes de primeiro ano teve o objetivo de minimizar a distorção por tamanho reduzido da amostra, já que a população de estudo diminui e a representatividade da mostra aumenta.

A porção qualitativa do trabalho de campo teve o objetivo tanto de triangular os dados quantitativos quanto obter informações que não seriam acessíveis via questionário fechado. As entrevistas devem ser consideradas à luz de uma perspectiva diferente, de forma coerente com a matriz fenomenológica que as origina. Para Francisco Sierra, “Na investigação qualitativa, o problema sobre A verdade não é tão importante [...]. A verdade do relato se reconhece e aceita como uma verdade fragmentária”⁵⁰ (SIERRA, 1998, p.329). Já para Sonia Vieira, “A pesquisa qualitativa não é generalizável, mas exploratória, no sentido de buscar conhecimento para uma questão sobre a qual as informações disponíveis são, ainda, insuficientes” (VIEIRA, 2009, p.6). O objetivo desta porção do trabalho de campo, então, não era obter dados com pretensão estatística, mas enriquecer o relatório final com informações que de outra forma não seriam visíveis no tratamento quantitativo. Um ponto importante, ainda, é que na análise das entrevistas qualitativas os resultados podiam inclusive contradizer o que se pensava serem tendências numéricas, ou então apontar limitações do próprio instrumento de coleta de dados

⁴⁸ “[...] medir es estar preparado a errar [...]”

⁴⁹ “[...] el valor verdadero constituye una entidad hipotética que no puede nunca llegar a conocerse porque las mediciones no son infalibles [...]”

⁵⁰ “En la investigación cualitativa, el problema de La verdad no es tan importante [...]. La verdad del relato se reconoce y acepta como una verdad fragmentaria”

quantitativos que não haviam sido antecipadas. Isso efetivamente aconteceu, como será visto na apresentação e discussão dos dados no capítulo 6.⁵¹

5.3 O instrumento de coleta de dados quantitativos

No Anexo 2 consta o instrumento de coleta de dados da parte quantitativa do levantamento. Trata-se de um questionário a ser preenchido pelos próprios respondentes, modalidade que alguns autores denominam de entrevista autoaplicada (PEROSANZ, 2006). Esta técnica é compatível com o perfil da amostra de conveniência adotada pela pesquisa, conforme Perosanz (2006, p.292): “Neste sentido, em muitos casos (sobretudo na investigação acadêmica), realiza-se uma administração coletiva do questionário em várias classes de um centro de estudos para acessar uma mostra de conveniência [...]”⁵²

O principal conjunto de dados que se desejava obter através do questionário dizia respeito à forma pela qual os estudantes recém-ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) se apropriaram da lista de leituras obrigatórias do vestibular. A opção por este critério partiu de dois pressupostos teóricos já apresentados na Introdução e no capítulo 2. Tomando-se a categoria do “cânone de textos autorais”, um dos componentes do que Carla Hesse chama de “cultura impressa” (HESSE, 1996, p. 21), adotou-se o entendimento de Ana Cláudia e Silva Fidélis de que “as Listas de Vestibular passaram a instituir as leituras feitas pelos estudantes de Ensino Médio, reapresentando no ambiente escolar um outro recorte canônico” (FIDÉLIS, 2008, p.96). Na fusão destes conceitos que se propõe aqui, as listas de livros de leitura obrigatória do vestibular seriam entendidas como uma forma de confrontar o estudante com um componente canônico da cultura impressa.

O formulário apresentava este indicador primário junto aos respondentes em duas questões. A primeira era uma lista das leituras obrigatórias do vestibular 2011 da UFRGS.⁵³ Os respondentes eram solicitados a marcar aquelas que leram na íntegra.

A segunda questão era exibida no formulário em forma de tabela, solicitando-se que os respondentes assinalassem a forma pela qual tomaram contato com cada uma das obras. As opções tiveram por base conceitos e dados apresentados nas seções anteriores

⁵¹ Ver, principalmente, as seções 6.19 e 6.21.

⁵² “En este sentido, em muchos casos (sobre todo en la investigación académica), se realiza una administración colectiva del cuestionário en varias clases de un centro de estudios para acceder a una muestra de conveniencia [...]”

⁵³ A lista está disponível em <http://www.ufrgs.br/coperse/cv2011/leituras.htm>. Acesso em 30/8/2011. Os títulos constam na primeira questão do formulário exibido no Anexo 2.

(referidos a seguir em notas de rodapé) e incluíam tanto o livro impresso tradicional quanto textos eletrônicos e formas de disseminação oral ou audiovisual de conteúdo. As opções para marcar eram: “leu em livro”; “leu em xerox ou apostila”⁵⁴, “leu no computador, *netbook* ou *laptop*”⁵⁵; “leu em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*”⁵⁶; “leu resumo na Internet”⁵⁷; “leu resumo ou resenha em livro ou apostila”⁵⁸; “viu filme ou documentário”⁵⁹; “aprendeu em aula ou grupo de estudo”⁶⁰; “escutou audiolivro”⁶¹; e “outros (especificar)”⁶².

As próximas quatro questões do formulário eram perguntas fechadas envolvendo variáveis numéricas. Pergunta fechada, para Manuela Magalhães Hill e Andrew Hill, é aquela em que “o respondente tem de escolher entre respostas alternativas fornecidas pelo autor” (HILL; HILL, 2009, p.93). Entre as vantagens deste dispositivo, conforme os autores, estão que “é fácil aplicar análises estatísticas para analisar as respostas” e que “muitas vezes é possível analisar os dados de maneira sofisticada” (HILL; HILL, 2009, p.94).

A primeira destas perguntas fechadas pedia que o respondente fizesse uma estimativa de quantos livros já descarregou da Internet ou pelo computador. As alternativas eram “nunca descarregou” (equivalente a 0), “1 a 12”, “13 a 99” e “mais de 100”. As quantidades oferecidas levavam em conta a lista de leitura obrigatória, que era de 12 livros. Todos os respondentes que tivessem descarregado eletronicamente apenas os títulos da lista do vestibular ficariam dentro do mesmo grupo numérico. As demais quantidades desta questão utilizavam valores redondos para facilitar a estimativa, tendo por base o marco de uma centena.

⁵⁴ Esta opção segue a observação de John Thompson sobre os “*course packs*” (THOMPSON, 2008, p.253) e também espelha uma das categorias do levantamento da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil exibida na Tabela 5.2 (RETRATOS, 2008, p.190).

⁵⁵ Esta opção utiliza uma das categorias de livro eletrônico descritas por José Afonso Furtado, aquela do “arquivo digital acompanhado pelo *software* que possibilita o acesso e a navegação do conteúdo” (FURTADO, 2006, p.44).

⁵⁶ Esta opção cobre outra categoria descrita por José Afonso Furtado: “o novo *hardware* que irá conter os arquivos eletrônicos de livros” (FURTADO, 2006, p.44).

⁵⁷ Esta opção engloba o que Jeff Gomez descreve como o hábito da “Geração Download” de interagir com “fatias e nacos digitais” de informação (GOMEZ, 2008, p. 71-72).

⁵⁸ Esta opção procura ser um equivalente impresso da anterior.

⁵⁹ Este item explora o interesse pelos meios audiovisuais associado aos jovens, mencionado por Arlindo Machado (MACHADO, 2002, p.114), e que Sven Birkerts vê como um concorrente do livro impresso (BIRKERTS, 2006, p.201).

⁶⁰ Trata-se de uma decorrência lógica das opções disponíveis aos estudantes para tomar contato com o livro. Mas esta opção também poderia ser defendida com base no conceito de cultura oral ou não escrita baseado em Marshall McLuhan, referido na seção 3.2 .

⁶¹ Ver nota de rodapé anterior. Também espelha categoria da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil exibida na Tabela 5.2 (RETRATOS, 2008, p.190).

⁶² A inclusão desta categoria adota sugestão técnica descrita por Sonia Vieira: “A solução mais simples – se você não tiver a certeza de que está oferecendo ao respondente todas as opções possíveis de resposta – é colocar uma categoria com a denominação ‘Outros _____.’” (VIEIRA, 2009, p.39)

As duas próximas questões fechadas numéricas pediam ao respondente estimativas de leitura de livros em formato eletrônico. Uma indagava se o usuário já leu livros eletrônicos em computador, *netbook* ou *laptop*, e a outra se já leu em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*. Esta diferenciação seguia aproximadamente duas categorias mencionadas por José Afonso Furtado, do *e-book* como *software* ou como *hardware* (FURTADO, 2006, p.44), mesma diferenciação que envolvia duas das alternativas da tabela apresentada aos respondentes no início do formulário. As opções para marcar eram “nunca leu” (equivalente a 0), “1 a 12” e “mais de 13”. Novamente, foi tomada por base para a referência numérica a quantidade de livros na lista de leituras obrigatórias. Respondentes que tivessem tido contato com a leitura eletrônica apenas por conta do vestibular ficariam dentro da mesma categoria.

Estas duas questões se justapõem parcialmente com campos da tabela apresentada no início do questionário. A redundância era proposital. Ela servia para constituir o índice estatístico chamado por Manuela Magalhães Hill e Andrew Hill de “fiabilidade”, uma forma de avaliar a consistência das respostas de cada respondente (HILL; HILL, 2009, p.141). Há várias técnicas. A proposta para o formulário era uma variante da consistência interna do tipo *split-half*. Os autores explicam que para implementar este tipo de índice divide-se o questionário em duas metades que repitam as perguntas. “Se para cada pessoa o valor total obtido para a parte A for exatamente o mesmo do obtido para a parte B, diz-se que o questionário apresenta consistência interna *split-half* perfeita.” (HILL; HILL, 2009, p.142) Como não se pretendeu realizar um estudo estatístico de grande envergadura nem onerar os respondentes com um questionário longo demais, a proposta foi restringir o *split-half* a estas questões que envolviam o indicador primário buscado. Desta forma, respondentes que nas duas primeiras questões tivessem marcado que leram eletronicamente na íntegra algum dos títulos da lista do vestibular tiveram a resposta confrontada com as duas questões relativas à quantidade de *e-books* lidos. Manuela e Andrew Hill salientam que os indicadores de consistência não costumam se mostrar perfeitos na prática (HILL; HILL, 2009, p.142). Mas o recurso foi empregado como um dos subsídios para auxiliar na discussão dos resultados e na interpretação posterior, feita a ressalva de que é apenas uma medida para referência auxiliar.

A última das questões fechadas de valor numérico pedia que os respondentes fizessem uma estimativa de quantos livros havia em suas casas. As opções eram “até 20 livros”, “entre 21 e 100 livros”, “entre 101 e 1000 livros” e “mais de 1000 livros”. Aqui

foram escolhidos valores arredondados para facilitar a estimativa. Na redação da pergunta, optou-se por “quantos livros há em sua casa”, ao invés de formas como “quantos livros você possui”, levando em conta a faixa etária da amostra, composta por estudantes que podiam viver com os pais. O objetivo, aqui, seria obter uma estimativa da biblioteca doméstica. A questão buscava facilitar a operação de comparação com os outros dados do formulário e servir como subsídio para entender o perfil dos leitores.

A pergunta fechada seguinte oferecia uma série de alternativas que os respondentes podiam marcar, introduzidas pela questão “Quais dessas coisas você já fez?”. As opções, cujas justificativas teóricas são dadas em notas de rodapé, eram as seguintes: “Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular”⁶³; “Leu trechos de livros no computador ou celular”⁶⁴; “Leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais”⁶⁵; “Discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu”⁶⁶; “Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes”⁶⁷; “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”; e “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”⁶⁸.

Os dois campos seguintes do questionário eram “Se você já baixou livros da Internet, quais *sites*, programas ou redes sociais você usou para fazer isso?” e “Independente de estudo, trabalho ou faculdade, o que você lê?”. Ambos continham espaços de resposta em branco para preenchimento pelos próprios estudantes, de forma livre. Tecnicamente, seguiam a definição de pergunta aberta de Manuela Magalhães Hill e An-

⁶³ Esta alternativa busca aferir a interação on-line paralela ou decorrente da leitura. É parcialmente baseada na observação de Jeff Gomez sobre os hábitos da “Geração Download” (GOMEZ, 2008, p.71-72), referida na nota de rodapé 57.

⁶⁴ Neste item, buscava-se avaliar a leitura global de trechos por parte do respondente. As questões anteriores do formulário avaliavam só a possibilidade da leitura de trechos da lista de vestibular. Aqui, a intenção era aprofundar o conhecimento sobre os hábitos de leitura.

⁶⁵ Este item usava uma das categorias apontadas por John Thompson como reflexos da tecnologia eletrônica aplicada aos livros, as bibliotecas on-line (THOMPSON, 2008, p.345).

⁶⁶ A opção utilizava uma categoria de interação descrita por David L. Ulin, a dos fóruns sobre obras literárias, que ele considera “uma relação tridimensional com a literatura em ação, uma série de respostas em tempo real” (“[...] a three-dimensional relationship to literature in action, a series of real-time responses [...]”) (ULIN, 2010, p.115-116)

⁶⁷ Ver nota de rodapé 57. Esta categoria também buscava avaliar, de forma indireta e sem constranger os respondentes, a questão da pirataria de conteúdo protegido por direitos autorais, um dos pontos enfatizados em relação ao texto eletrônico por José de Mello Jr. (2006, p.51).

⁶⁸ Estas duas últimas alternativas tinham o objetivo de sondar o fluxo de interesse dos respondentes ao longo de diferentes mídias. Especificamente a concorrência dos livros com os filmes era mencionada por Arlindo Machado (2002, p.114) e Sven Birkerts (2006, p.201), nas discussões referidas na seção 3.2. A operacionalização do teste destas categorias buscou a verificação de qual delas já havia sido priorizada pelos estudantes, que poderiam indicar se haviam lido um livro e depois assistido ao filme ou percorrido o caminho contrário, vendo o filme e só então se interessado pelo livro. Uma hipótese de trabalho, a partir das observações de Birkerts, seria que a segunda opção iria se sobressair. Isso acabou não sendo corroborado pelos dados empíricos, como discutido mais adiante na subseção 6.12.6.

drew Hill: “Requerem uma resposta construída e escrita pelo respondente, ou seja, a pessoa responde com as suas próprias palavras.” (HILL; HILL, 2009, p.93) Segundo esta fonte, uma das vantagens deste tipo de perguntas é que “muitas vezes dão informação mais ‘rica’ e detalhada” e “por vezes dão informação inesperada” (HILL; HILL, 2009, p.94). Os autores acrescentam que mesclar este tipo de questão aberta com as questões fechadas “é útil quando se pretende obter informação qualitativa para complementar e contextualizar a informação quantitativa obtida pelas outras variáveis” (HILL; HILL, 2009, p.95).

No caso da pergunta sobre as fontes de livros descarregados da Internet, buscava-se aferir tanto a relação dos estudantes com o intercâmbio dos fóruns virtuais⁶⁹ quanto observar sua relação com as formas de distribuição eletrônica dos textos.⁷⁰ Já a questão “O que você costuma ler?”, do ponto de vista teórico, buscava permitir que os respondentes explicassem com suas próprias palavras quais eram suas preferências de leitura. Buscava-se investigar, principalmente, os seguintes pontos:

- A espontaneidade pela qual surgiriam respostas envolvendo livros impressos ou textos eletrônicos.
- A ocorrência de respostas envolvendo meios eletrônicos com textos fragmentados ou hipertextos da Internet.

O primeiro destes pontos dizia respeito diretamente a um dos objetivos específicos da pesquisa, obter dados sobre a apropriação de textos eletrônicos por parte dos respondentes. O segundo era uma sondagem a respeito de formas de leitura *on-line* nos moldes daquela apontada pela pesquisa inglesa referida no Gráfico 3.1. Naturalmente, estas eram diretrizes iniciais de análise das respostas. Como se trata de pergunta aberta, pela própria natureza da técnica envolvida era possível que as respostas indicassem outras direções de interpretação, como de fato aconteceu.

Após estas questões o questionário apresentava um quadro para obtenção de dados demográficos básicos: idade, sexo e curso. Assim como a questão anterior, estas informações buscavam facilitar a comparação. Um último quadro do questionário solicitava dados do respondente para contato, com vistas à porção qualitativa do estudo.

⁶⁹ Aqui, novamente se trata de uma categoria ligada à observação de David Ulin referida na nota de rodapé 66.

⁷⁰ Uma das dimensões exploradas aqui era a pirataria de obras literárias realizada eletronicamente, já mencionada na nota de rodapé 67 como um dos pontos enfatizados por José de Mello Jr. (2006, p.51). Mas também se avaliava a questão da disponibilidade digital de obras em domínio público, apontada como fator relevante por José Antônio Rosa (2008, p.106).

5.4 As entrevistas semiestruturadas

Alguns dos respondentes do questionário foram selecionados para entrevista. Este procedimento utiliza um outro pressuposto epistemológico, de matriz qualitativa e referência fenomenológica, com o objetivo de enriquecer o relatório final com informações não quantificáveis. Embora essa porção do estudo não tivesse pretensão estatística, serviu para triangular os dados obtidos quantitativamente.⁷¹

A técnica inicialmente planejada nesta fase seria a da entrevista semiestruturada.⁷² Conforme Maria Rosa e Marlene Arnoldi, “as questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados” (ROSA; ARNOLDI, 2008, p.30). As autoras acrescentam que as entrevistas semiestruturadas “exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente” (ROSA; ARNOLDI, 2008, p.31).

As entrevistas foram gravadas e transcritas, resumidas na seção 6.19 e reproduzidas na íntegra no Anexo 5. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos os respondentes, mostrado no Anexo 3, informava o entrevistado de que seria garantido o sigilo do nome, mas que trechos ou a íntegra da entrevista poderiam figurar no trabalho.

Como uma das finalidades das entrevistas desta porção do trabalho era a triangulação dos dados quantitativos, as perguntas envolveram o formulário preenchido pelo entrevistado. O objetivo era avaliar a consistência das respostas e mesmo aprofundar eventuais tendências observadas.

5.5 Tabulação de teste

O projeto não contou com estudo piloto, embora houvesse sido inicialmente planejado.⁷³ Na fase de planejamento metodológico, foi realizada apenas uma tabulação de teste, com um corpus simulado de 30 fichas preenchidas aleatoriamente. Este procedi-

⁷¹ A definição de triangulação é dada na seção 6.19, junto com a apresentação dos dados.

⁷² Conforme descrito na seção 6.19, esta porção do trabalho teve que ser contingenciada e as entrevistas foram realizadas por telefone.

⁷³ O cronograma de pesquisa inicialmente elaborado teve que ser readequado devido ao tempo de trâmite mais alongado que o previsto no Comitê de Ética em Pesquisa.

mento serviu para auxiliar no planejamento do manejo dos dados empíricos. Foram inseridos apenas os dados numéricos. As informações foram depois lançadas em uma planilha eletrônica, sendo padronizados nomes de variáveis e códigos para os respondentes. A tabulação de teste apontou a necessidade de algumas adequações no próprio instrumento de pesquisa. Foi observado que era preciso orientar os respondentes a marcar categorias de suporte e estudo mesmo para os títulos que não houvessem lido na íntegra. Isso foi feito acrescentando-se uma porção final no cabeçalho da segunda questão do formulário.⁷⁴

O instrumento de medição voltará a ser abordado no capítulo 6, durante a apresentação dos resultados do levantamento, a partir da seção 6.2. O presente capítulo discutiu os pressupostos metodológicos da pesquisa, a constituição inicial da amostra e a operacionalização dos conceitos teóricos na forma de questões apresentadas aos estudantes pesquisados. O capítulo seguinte começa com o detalhamento da composição da amostra efetivamente atingida e realiza a apresentação e análise dos dados. Limitações e falhas verificadas no formulário também serão discutidas nas seções referentes às questões respectivas.

⁷⁴ Conforme pode ser visto no Anexo 2, a redação final da pergunta ficou “A tabela abaixo mostra formas pelas quais você pode ter tido ou tomado contato com as leituras obrigatórias do Vestibular. Assinale aquelas que utilizou para cada título. É permitido marcar mais de uma para cada leitura. Marque todas as que você usou, mesmo que não tenha lido os livros por inteiro”.

6 OS CALOUROS DA UFRGS E A LISTA DE VESTIBULAR

Este capítulo apresenta os resultados do levantamento realizado, que envolveu 263 estudantes de primeiro ano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa usou como indicador principal a leitura das obras da lista do vestibular por parte de estudantes que ingressaram na UFRGS em 2011. O objetivo era apurar as formas de contato com os títulos, com base no suporte, para relacionar os dados obtidos com as discussões teóricas sobre o livro eletrônico e o futuro do livro.

Como descrito no capítulo 5, um formulário para ser preenchido pelos próprios respondentes foi distribuído no início do primeiro período das aulas, após negociação com os professores. No Anexo 2 encontra-se o instrumento utilizado nesta fase da pesquisa. O anexo 7 traz a relação completa das turmas que integraram a amostra e as datas em que o questionário foi aplicado.

6.1 Composição e tamanho da amostra

Conforme detalhado no capítulo anterior, foram escolhidas turmas de calouros de oito cursos da UFRGS, um de cada grande área da Capes, utilizando-se como critério a maior densidade de candidatos por vaga no vestibular 2011.⁷⁵ Um nono curso foi a-

⁷⁵ Partiu-se do pressuposto de que candidatos de cursos mais disputados tivessem mais motivo para ter lido os livros da lista obrigatória. Como mostrado mais adiante na seção de apresentação e análise do levantamento, esta premissa foi pelo menos parcialmente corroborada pelos dados.

cremescentado à amostra principal para que fosse incluída a Comunicação, área de origem desta dissertação.⁷⁶

A meta para amostra em cada curso era de 30 respondentes, número escolhido arbitrariamente a partir de sugestão da Banca de Qualificação. Durante o trabalho de campo esta quantidade não chegou a ser atingida em todos os cursos. Operacionalmente, alguns critérios foram adotados para encerrar a amostragem em cada caso. Para reduzir ao mínimo possível o número de visitas às unidades universitárias envolvidas, buscou-se aplicar a pesquisa em classes com número de estudantes maior do que a meta de respondentes pretendida. Quando possível, a amostra foi completada com turma única.⁷⁷ Nos casos em que isso não foi viável, estabeleceu-se um máximo de três turmas. Um dos cursos⁷⁸ ficou subamostrado porque não houve horário adicional dentro do calendário letivo.

A Tabela 6.1 traz detalhamento da amostra, com a quantidade de respondentes por curso, densidade de candidatos por vaga no vestibular, total de vagas⁷⁹ e percentagem da amostra em relação ao total de calouros. O gráfico 6.1 apresenta visualmente o percentual da amostra dentro do ingresso anual de cada curso.

| curso | densidade | vagas no curso | amostra | percentual |
|---|-------------|----------------|---------|------------|
| Medicina | 45,32 | 140 | 32 | 22,86% |
| Direito | 18,9 | 70 | 37 | 52,86% |
| Psicologia | 17,45 | 40 | 21 | 52,50% |
| Publicidade | 14,7 | 50 | 29 | 58,00% |
| Veterinária | 11 | 88 | 37 | 42,05% |
| Engenharia Civil* | 9,56 | 150 | 26 | 17,33% |
| Computação | 7,55 | 100 | 29 | 29,00% |
| Biologia | 6,75 | 100 | 26 | 26,00% |
| Letras** | 3,37 / 3,39 | 215 | 26 | 12,09% |
| Total da amostra: 263 respondentes | | | | |

* Engenharia Ambiental teve densidade maior no vestibular UFRGS 2011, com 11,13 candidatos por vaga, mas o curso não é mantido exclusivamente pela Escola de Engenharia, que concentra os cursos desta Grande Área da Capes. Optou-se pela Engenharia Civil, maior densidade dentro da unidade.

** O curso de Letras da UFRGS é dividido em Bacharelado e Licenciatura, com opção no vestibular. A amostra teve alunos dos dois cursos por decisão operacional, atendendo ao critério de envolver um máximo de 3 turmas.

Tabela 6.1. Composição e tamanho da amostra

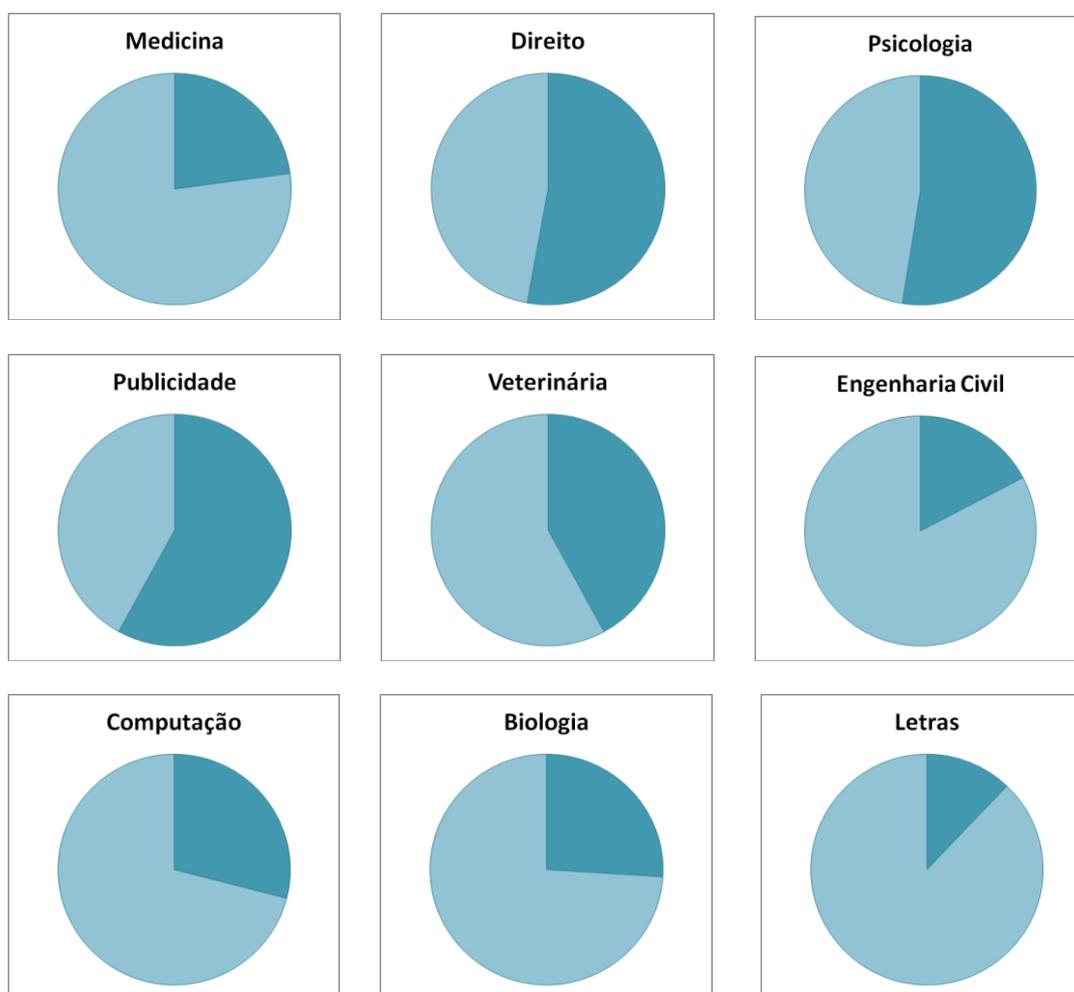
⁷⁶ Na UFRGS há opção no Vestibular por três habilitações na área de Comunicação: Relações Públicas (RP), Jornalismo e Publicidade e Propaganda (PP). O curso selecionado para a pesquisa, PP, também seguiu o critério da maior densidade de candidatos por vaga no Vestibular, dentre os três da área.

⁷⁷ Um dos critérios, neste caso, foi que a partir de 26 respondentes não foram agendadas turmas adicionais dentro do curso e deu-se a meta por atingida.

⁷⁸ O curso em questão foi Psicologia, com 21 respondentes da meta de 30. A validade desta amostra ainda se justifica pela sua representatividade no ingresso anual do curso, de 53%, mesmo índice atingido no Direito.

⁷⁹ Total de vagas em cada curso e densidade foram obtidas na lista que está disponível no endereço da Internet http://www.ufrgs.br/copese/cv2011/densidade_2011.htm, acesso em 26/1/12.

O Gráfico 6.1. permite avaliar intuitivamente as diferentes representatividades da quantidade de respondentes dentro da população de calouros de cada curso pesquisado. É útil lembrar, neste ponto, que embora o levantamento tenha empregado uma técnica quantitativa e os dados dessa fase do trabalho tenham apresentação estatística e gráfica, a análise que cumpre o objetivo geral do projeto é orientada qualitativamente. Não havendo o objetivo de universalização das informações apuradas, justifica-se a escolha pela amostra de conveniência, que não leva em conta quotas uniformes de representatividade. A percentagem dos respondentes em relação ao total dos ingressantes de cada curso em 2011 foi apresentada aqui principalmente para evitar que interpretações posteriores dos dados da pesquisa arrisquem universalizações não permitidas pela amostragem efetivamente realizada.



As áreas escuras indicam as amostras e o círculo representa o total de ingressantes no ano

Gráfico 6.1. Tamanhos das amostras em relação ao total de calouros por curso

O formulário preenchido pelos estudantes tinha dois componentes demográficos básicos, sexo e idade. Estes dados são usados apenas de forma acessória ao longo da

análise, mas são incluídos aqui para auxiliar na compreensão do perfil do grupo de respondentes. O Gráfico 6.2 e a Tabela 6.2 trazem visualização e informações detalhadas da composição da amostra por gênero.

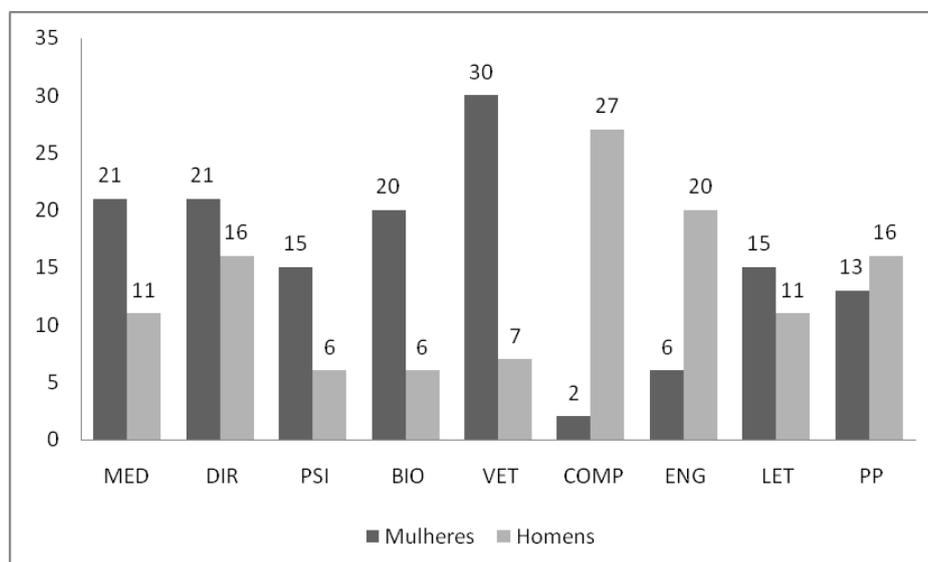


Gráfico 6.2. Composição da amostra quanto ao gênero, dividida por curso

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP | TOTAL |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|-------|
| Mulheres | 21 | 21 | 15 | 20 | 30 | 2 | 6 | 15 | 13 | 143 |
| Homens | 11 | 16 | 6 | 6 | 7 | 27 | 20 | 11 | 16 | 120 |
| TOTAL | 32 | 37 | 21 | 26 | 37 | 29 | 26 | 26 | 29 | 263 |

Tabela 6.2. Totais da amostra conforme o gênero, incluindo divisão por cursos

A Tabela 6.2 indica predominância das mulheres de 143 para 120. A estratificação por cursos, que pode ser melhor visualizada no Gráfico 6.2, mostra que a composição por sexo é bem contrastada em cada caso, havendo algumas áreas com grandes diferenças, como Veterinária (maioria feminina de 30 para 7) e Computação (maioria masculina de 27 para 2). Três cursos têm maioria masculina e seis feminina. As disparidades locais dificultam análises que levem em conta as preferências por gênero, já que em muitos cursos um deles é bem menos representado. Nas ocasiões em que este tipo de relação for feita, serão escolhidos cursos com composições mais próximas.

No Gráfico 6.3 consta a distribuição de frequências de idade entre os respondentes da pesquisa. Há variações por curso, que podem ser observadas em detalhe na Tabela 6.3, onde também consta a referência de moda (o valor que se repete mais vezes). No caso do comparativo entre faixas etárias, esta medida pode ser mais útil do que a média, porque ajuda a indicar o maior grupo de alunos.

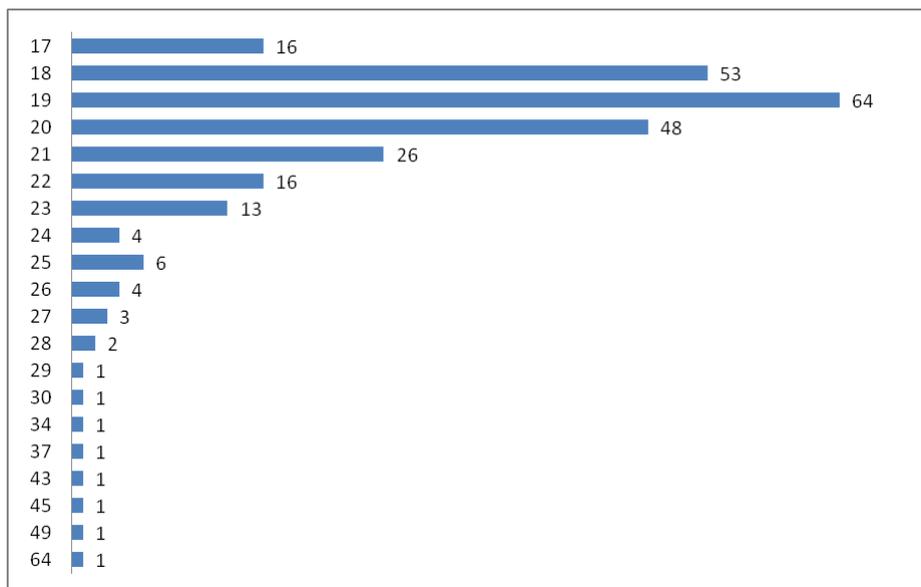


Gráfico 6.3. Frequências por idade no total da amostra

| Idades | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|
| 17 | 1 | 3 | 2 | 1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 3 |
| 18 | 5 | 8 | 6 | 6 | 2 | 9 | 4 | 5 | 8 |
| 19 | 6 | 10 | 5 | 8 | 7 | 7 | 7 | 4 | 10 |
| 20 | 7 | 5 | 4 | 1 | 12 | 8 | 6 | 2 | 3 |
| 21 | 5 | 4 | 1 | 5 | 6 | 2 | 2 | 1 | 0 |
| 22 | 4 | 1 | 0 | 0 | 3 | 1 | 3 | 3 | 1 |
| 23 | 2 | 1 | 0 | 2 | 3 | 0 | 1 | 2 | 2 |
| 24 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| 25 | 0 | 1 | 0 | 2 | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 |
| 26 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| 27 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| 28 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 |
| 29 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 30 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 34 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| 37 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 43 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 45 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 49 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 64 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAIS | 32 | 37 | 21 | 26 | 37 | 29 | 26 | 26 | 29 |
| moda | 20 | 19 | 18 | 19 | 20 | 18 | 19 | 18 | 19 |

Tabela 6.3. Frequências de idade por curso dentro da amostra

As informações sobre idade serão utilizadas algumas vezes na análise de dados, principalmente na porção qualitativa da pesquisa. Também são úteis para estudar a composição das amostras de cada curso. Como se observa no gráfico, grande parte dos alunos se concentra entre os 18 e 20 anos, com o pico do histograma em 19. Mas nem todos os cursos têm uma onda de frequência idêntica. Na Medicina, há um ligeiro deslocamento para cima, com a moda em 20 anos. Na Computação ocorre o contrário, com

o pico no intervalo dos 18 anos. Como será detalhado mais adiante, os cursos têm diferentes médias de leitura e de interação com os tipos de suporte. Ao analisar estes parâmetros, que dizem respeito diretamente aos objetivos da pesquisa, é preciso, portanto, levar em conta a informação etária.

6.2 Médias de leitura

A primeira questão do formulário respondido pelos estudantes perguntava quantos livros da lista do vestibular haviam lido na íntegra. Embora o interesse principal da pesquisa seja em relação aos suportes adotados para esta leitura, a informação sobre as quantidades totais de obras lidas por inteiro declaradas pelos respondentes tem importância como uma qualificadora deste indicador. Acessoriamente, também, os dados podem ser úteis para pesquisadores de outras áreas.

A Tabela 6.4 contém diferentes dados estatísticos a respeito da leitura dos livros da lista do vestibular, divididos por curso e apresentados em ordem decrescente de média aritmética. As medidas, cujas definições técnicas são dadas em notas de rodapé, são as seguintes: média (aritmética)⁸⁰, mediana⁸¹, desvio padrão⁸², moda⁸³, mínimo e máximo⁸⁴. Para fins de análise, a tabela também traz outros dois dados: a densidade de candidatos por vaga no vestibular 2011⁸⁵ e o peso da prova de Literatura no cálculo da nota final dos candidatos do curso⁸⁶.

⁸⁰ Segundo Sonia Vieira (2012, p.38), “média aritmética, ou simplesmente média”, “é obtida somando todos os dados e dividindo o resultado pelo número deles”.

⁸¹ “Mediana é o valor que ocupa a posição central do conjunto de dados ordenados.” (VIEIRA, 2012, p.42) A autora acrescenta que “quando ocorrem dados discrepantes (valores muito maiores ou menores que os demais), o mais correto é usar a mediana para descrever a tendência central dos dados” (Idem). É importante acrescentar que esta e outras medidas apresentadas na tabela foram calculadas com o programa Microsoft Office Excel 2007, cujo resultado, conforme Sonia Vieira (2012, p.53), às vezes pode apresentar variações em relação a outros métodos. No caso da mediana, por exemplo, havendo dois valores ao centro de um conjunto de dados o Excel apresenta um número fracionado, enquanto outros procedimentos optam por arbitrar um número inteiro.

⁸² Conforme Jack Levin e James Alan Fox (2004, p.113), desvio padrão é “uma medida de variabilidade obtida somando-se os quadrados dos desvios em relação à média, dividindo-se por N e tomando-se então a raiz quadrada”. Os autores acrescentam que “é um instrumento útil para avaliar o grau de variabilidade em uma distribuição ou para comparar a variabilidade de diferentes distribuições” (LEVIN; FOX, 2004, p.118). Em termos práticos na tabela em questão, o desvio padrão é um índice estatístico apontando quantos livros a mais ou a menos do que a média cada aluno mais provavelmente leu.

⁸³ “Moda é o valor que ocorre com maior frequência.” (VIEIRA, 2012, p.44) A notação de moda também segue a padronização do Excel 2007. Em caso de empate de valores na maior frequência, é exibido o valor mais alto.

⁸⁴ Conforme Sonia Vieira (2012, p.50), “mínimo de um conjunto de dados é o número de menor valor” e “máximo de um conjunto de dados é o número de maior valor”.

⁸⁵ Lista disponível no endereço http://www.ufrgs.br/coperse/cv2011/densidade_2011.htm. Acesso em 26/1/2012.

⁸⁶ Na UFRGS todos os candidatos do Vestibular prestam a prova de Literatura de Língua Portuguesa. Conforme o curso escolhido, o escore tem peso diferente na nota final. Os valores são 1, 2 e 3, ordem crescente. Cada curso tem duas matérias de peso 3 (uma delas sendo sempre Língua Portuguesa e Redação) e duas de peso 2. A tabela completa das provas e cursos do Vestibular 2011 da UFRGS está disponível no endereço <http://www.ufrgs.br/coperse/cv2011/manual/tabela%20de%20pesos.pdf>. Acesso em 26/1/2012. Este índice foi acrescentado na tabela para inves-

O Gráfico 6.4 apresenta visualmente os dados estatísticos da Tabela 6.4 através de diagramas de caixa ou *box plots*, que, conforme Jack Levin e James Alan Fox (2004, p.126), são “uma técnica gráfica popular para exibir vários aspectos de uma distribuição”. Os autores sugerem “apresentar os diagramas de caixa de dois grupos lado a lado, para melhor compreender as diferenças entre grupos” (LEVIN; FOX, 2004, p.126-127). Seguindo o modelo descrito por eles, o gráfico traz dados de quantidade de leitura dos nove cursos da amostra, indicando visualmente várias medidas. O círculo representa a média aritmética de leituras na íntegra em cada curso. Ele fica no centro de um retângulo formado pelo desvio padrão acima e abaixo da média. Uma reta horizontal indica a mediana e um asterisco representa a moda. Um prolongamento do retângulo em T normal ou invertido marca o máximo e o mínimo de leitura em cada curso.

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|-----------------|-------|------|-------|------|-----|------|------|-------|------|
| mediana | 9,5 | 9 | 7 | 6 | 6 | 5 | 6,5 | 6 | 4 |
| desvio p. | 2,3 | 3 | 3,6 | 3,4 | 3 | 3,6 | 3,9 | 3 | 3,4 |
| média | 8,9 | 8,5 | 6,5 | 6,1 | 6 | 5,5 | 5,5 | 5,5 | 4,6 |
| moda | 10 | 9 | 7 | 3 | 8 | 10 | 0 | 6 | 0 |
| mínimo | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| máximo | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 11 | 11 | 12 | 12 |
| densidade | 45,32 | 18,9 | 17,45 | 6,75 | 11 | 7,55 | 9,56 | 3,39* | 14,7 |
| peso Literatura | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 |

* a amostra foi realizada com dois cursos, Letras Bacharelado, densidade 3,37 candidatos por vaga, e Letras Licenciatura, 3,39.

Tabela 6.4. Médias de leitura por curso da amostragem

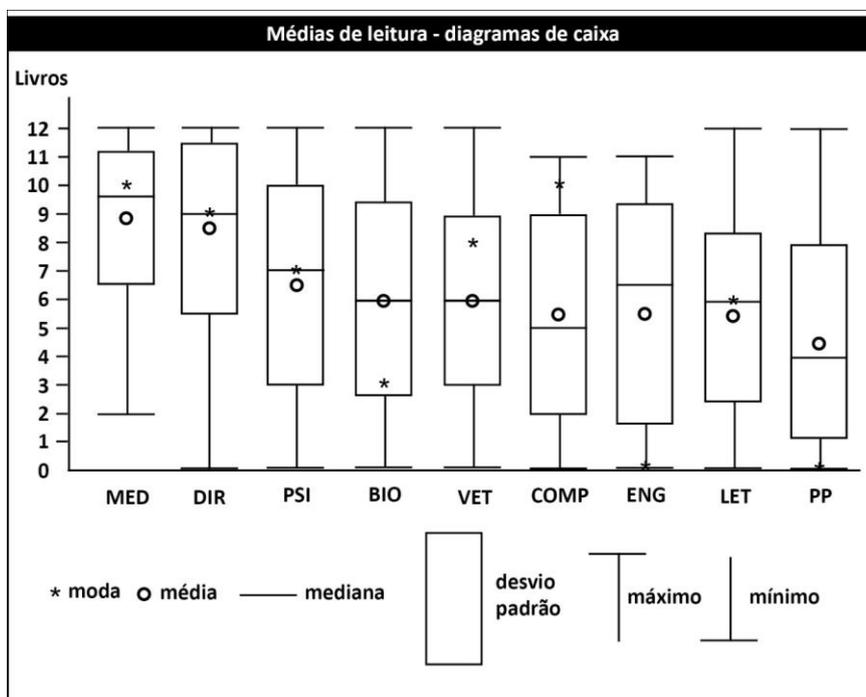


Gráfico 6.4. Diagramas de caixa para as médias de leitura por curso da amostragem

tigar a hipótese de que o peso da prova de Literatura no curso do candidato influenciasse a quantidade de leituras da lista obrigatória. Como discutido mais adiante neste capítulo, os dados empíricos não indicaram isso.

O Gráfico 6.4 e a Tabela 6.4 estão classificados em ordem decrescente de média aritmética de leitura. Coincidentemente, esta sequência deixou nos três primeiros lugares os cursos de maior densidade de candidatos por vaga no vestibular 2011, Medicina, Direito e Psicologia. O paralelismo não se mantém a partir do quarto lugar em média de leitura (Biologia), que não corresponde à quarta maior densidade (Publicidade). O Gráfico 6.5 mostra a comparação visual entre densidade e média de leitura. As duas linhas oscilam uma em relação à outra na parte final e não têm coincidência absoluta, mas apresentam tendência geral de inclinação decrescente, o que poderia indicar algum nível de relação entre os dois índices. O comparativo corrobora parcialmente a opção do critério de densidade na seleção dos cursos da amostra, embora também aponte que as medidas talvez estejam sujeitas à influência por outros fatores.

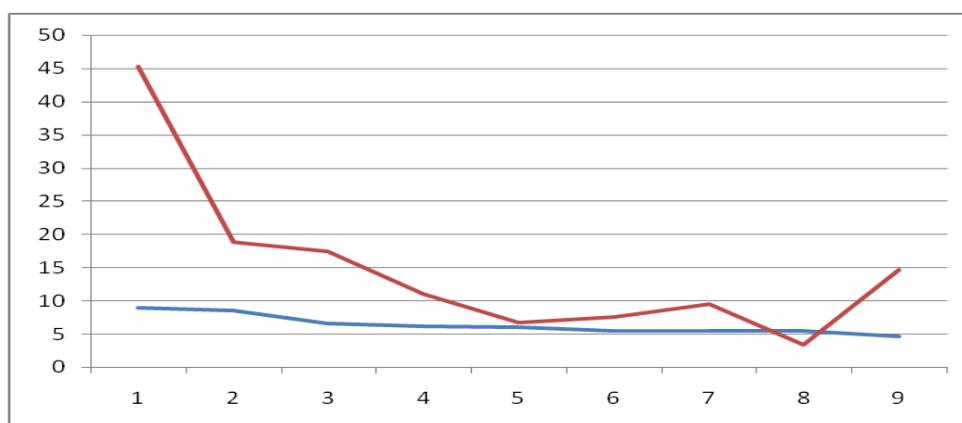


Gráfico 6.5. Comparativo entre média de leitura e densidade no vestibular.

A análise dos diagramas de caixa permite visualizar dados acessórios que ajudam a compreender a distribuição. A Medicina, primeiro curso em média de leitura e em densidade, também tem a mediana mais alta, o menor desvio padrão e empata na moda mais elevada (10), além de ser o único cujo mínimo (dois) ficou acima de zero, ou seja, nenhum dos candidatos deixou de ler pelo menos dois livros.

Diferente da média aritmética, a mediana é uma medida menos influenciada por valores extremos e tende a refletir melhor a distribuição no grupo. É sintomático que os três primeiros cursos em média de leitura e densidade no vestibular também tenham as medianas situadas acima da média. Neste caso, isso indica que mais candidatos estavam na parte superior da média de leitura. Dois cursos ao centro do gráfico (Veterinária e Biologia) coincidem a média com a mediana, indicando distribuição equilibrada. Na segunda metade do gráfico ficaram os dois casos da amostra em que a mediana se situou abaixo da média (Computação e Publicidade). Esta metade posterior do gráfico também

concentra as três modas mais baixas (Biologia, três; Engenharia, zero; e Publicidade, zero) e os dois únicos máximos inferiores a 12, topo do gráfico (os valores foram 11 para Computação e Engenharia Civil, indicando que nenhum candidato na amostra leu todos os livros da lista). Embora com exceções, os desvios padrão também foram maiores nos cursos do final do gráfico, sendo o maior o da Engenharia Civil, 3,9. Desvios padrão maiores indicam distribuição menos homogênea dos números, ou seja, há maiores disparidades entre alunos que leram e não leram. A relação completa dos níveis de leitura declarados pelos respondentes de cada curso pode ser conferida no Gráfico 6.6, que contém diagramas de dispersão. Formas diferentes de visualização dos números estão no Gráfico 6.7, que traz as distribuição de frequência de níveis declarados de leitura em toda a amostra, e na Tabela 6.6.

A hipótese de que o peso maior da prova de Literatura no vestibular pudesse ter influência direta na média de leitura não é corroborada pelos dados da amostra. Seis dos sete primeiros cursos mostrados no Gráfico 6.4 e na Tabela 6.4 tinham a matéria como peso 1. Apenas o Direito, segunda maior média de leitura, tinha peso 2. O único curso da amostra com peso 3, Letras, aparece em penúltimo lugar no total de leituras. Outro curso de peso 2, Publicidade, consta como o último. A densidade do curso no vestibular parece ter tido mais influência na quantidade de livros lidos pelos candidatos do que o valor da prova de Literatura.

Um dado curioso consta na Tabela 6.5, que traz o comparativo entre as médias de leitura e os pesos das provas de Literatura e Biologia do vestibular. Os 4 cursos com pesos 2 e 3 nesta última prova ficaram entre as 5 maiores médias de leitura, mesmo tendo peso 1 na prova de Literatura. A relação segue válida para os cursos de Biologia e Veterinária, que tinham densidades menores do que o último curso, Publicidade, com peso 2 na prova de Literatura. No caso da Biologia, a densidade também era menor do que os cursos de Computação e Engenharia Civil, que tiveram índices menores de leitura. Não tendo relação direta com os objetivos do projeto, não foi investigado se o fenômeno é apenas coincidência estatística ou tem origens culturais.

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|
| média | 8,9 | 8,5 | 6,5 | 6,1 | 6 | 5,5 | 5,5 | 5,5 | 4,6 |
| peso Literatura | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 |
| peso Biologia | 3 | 1 | 2 | 3 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 |

Tabela 6.5. Comparativo entre médias de leitura e peso das provas de Biologia e Literatura

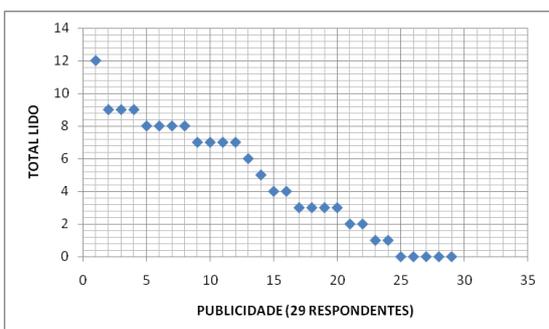
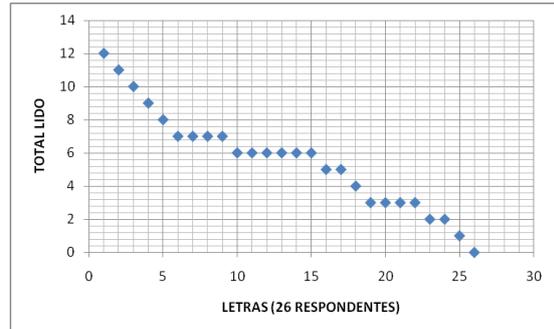
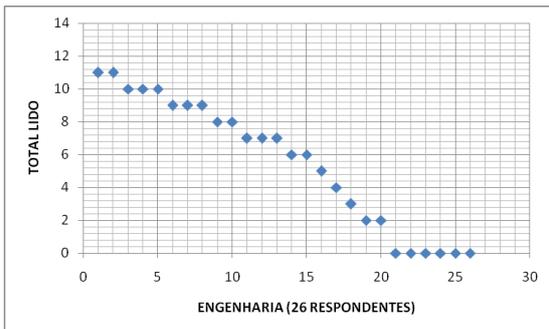
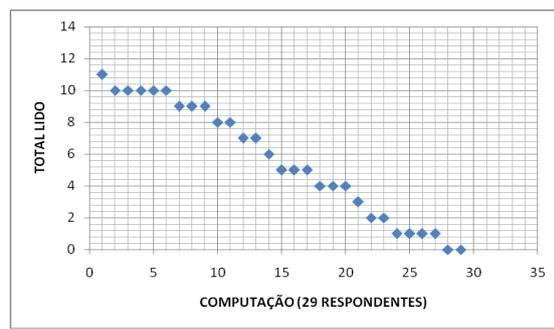
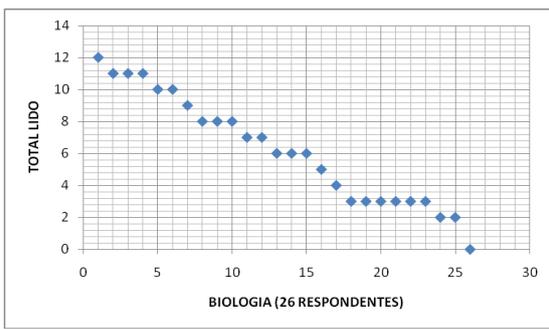
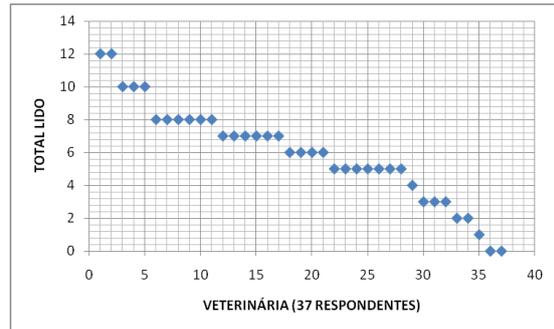
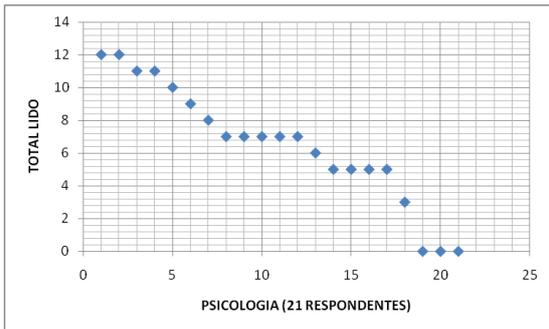
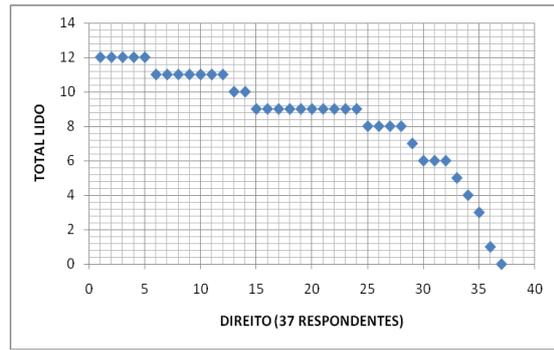
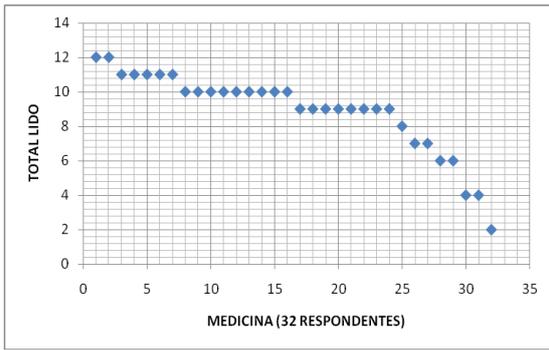
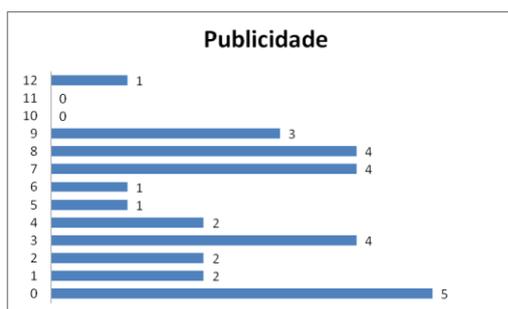
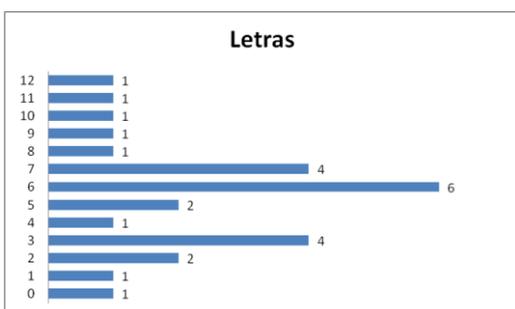
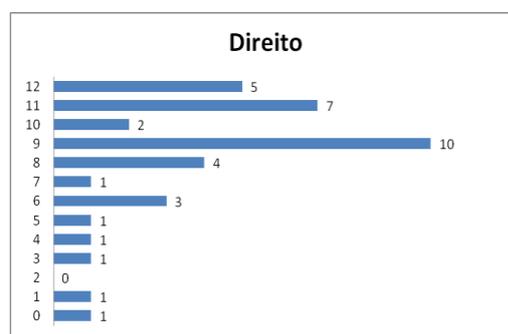
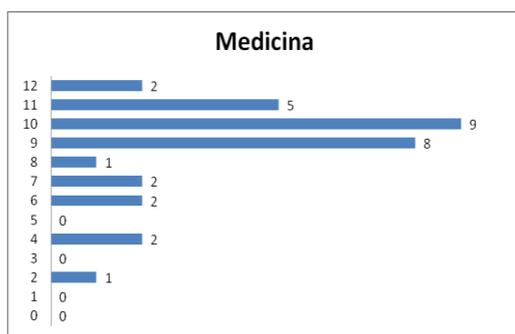
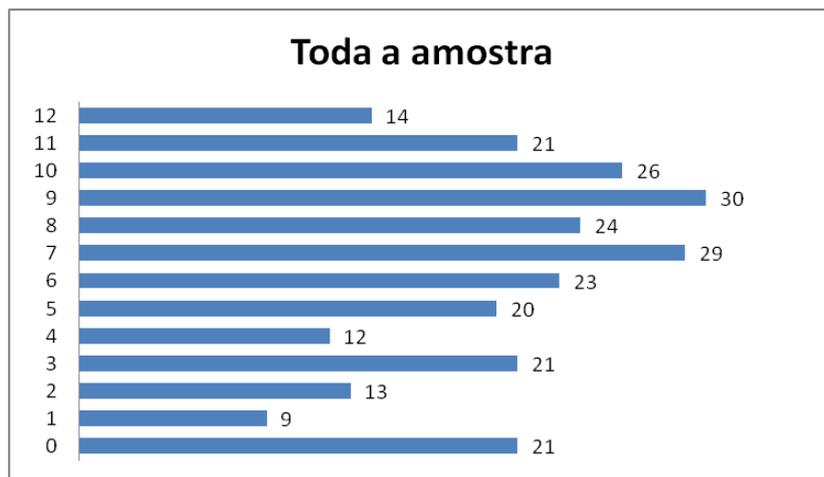


Gráfico 6.6. Dispersão do total de leituras por curso dentro da amostra



Eixo vertical representa livros lidos declarados pelos respondentes, barras são número de casos

Gráfico 6.7. Frequências de leitura dos livros da lista declaradas pelos respondentes

| LIVROS | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PUB | TOTAIS |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|--------|
| 12 | 2 | 5 | 2 | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 1 | 14 |
| 11 | 5 | 7 | 2 | 3 | 0 | 1 | 2 | 1 | 0 | 21 |
| 10 | 9 | 2 | 1 | 2 | 3 | 5 | 3 | 1 | 0 | 26 |
| 9 | 8 | 10 | 1 | 1 | 0 | 3 | 3 | 1 | 3 | 30 |
| 8 | 1 | 4 | 1 | 3 | 6 | 2 | 2 | 1 | 4 | 24 |
| 7 | 2 | 1 | 5 | 2 | 6 | 2 | 3 | 4 | 4 | 29 |
| 6 | 2 | 3 | 1 | 3 | 4 | 1 | 2 | 6 | 1 | 23 |
| 5 | 0 | 1 | 4 | 1 | 7 | 3 | 1 | 2 | 1 | 20 |
| 4 | 2 | 1 | 0 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 2 | 12 |
| 3 | 0 | 1 | 1 | 6 | 3 | 1 | 1 | 4 | 4 | 21 |
| 2 | 1 | 0 | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 13 |
| 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 1 | 2 | 9 |
| 0 | 0 | 1 | 3 | 1 | 2 | 2 | 6 | 1 | 5 | 21 |
| TOTAIS | 32 | 37 | 21 | 26 | 37 | 29 | 26 | 26 | 29 | 263 |

Tabela 6.6. Frequências de leitura da lista do vestibular 2011 estratificadas por curso

No Gráfico 6.7, o quadro maior, referente ao total dos estudantes pesquisados, mostra picos em nove e sete livros, acompanhando uma curva de frequência que ocupa a metade superior. Isso indica que no grupo de 263 respondentes a tendência mais pronunciada de leitura ficava neste intervalo. Mas é preciso levar em consideração a estratificação e composição da amostra.

A Tabela 6.6 traz todas as frequências por curso, notando-se que os valores mais altos de leitura na parte superior são concentrados nos dois primeiros grupos, Medicina e Direito, que também tinham amostras um pouco maiores, ajudando a elevar a média geral. Os quadros menores no Gráfico 6.7 são os histogramas dos dois primeiros e dos dois últimos cursos (Letras e Publicidade) em ordem de média de leitura. A dupla do topo do ranking tem inclinações com características de pirâmide invertida, com as barras mais altas na parte de cima. A dupla das posições finais tem o desenho no formato oposto, com a base maior, indicando predominância de números mais baixos. A comparação entre os quatro cursos demonstra como os extremos da tabela têm médias que acabam se complementando, o que dá ao gráfico geral uma impressão de mais homogeneidade.

6.3 Títulos mais lidos da lista

A seção anterior apresentou e analisou os totais de livros lidos na íntegra marcados pelos respondentes na primeira questão do formulário. A mesma questão produziu dados sobre os títulos da lista do vestibular. A tabela 6.7 e a Tabela 6.8 exibem as quantidades totais de leitura de cada obra entre os 263 candidatos e as percentagens.

A pesquisa investiga a relação dos alunos com o suporte de leitura na lista do vestibular, um efeito que diz respeito à área de Comunicação. A frequência de leitura por título pode não ser de tanto interesse para o objetivo do projeto quanto seria, por exemplo, para estudos vinculados à Educação ou Letras. Mesmo assim, os dados desta fase do levantamento estão sendo apresentados em maior profundidade tanto para permitir eventual uso por pesquisadores destas outras áreas quanto para testar a hipótese de que as formas de suporte possam influenciar as frequências de leitura por título.

| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K | L |
|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| MED | 22 | 30 | 28 | 31 | 24 | 7 | 26 | 11 | 27 | 24 | 25 | 31 |
| DIR | 26 | 31 | 27 | 35 | 20 | 13 | 30 | 17 | 28 | 33 | 28 | 29 |
| PSI | 10 | 13 | 14 | 16 | 12 | 6 | 12 | 7 | 10 | 14 | 10 | 12 |
| BIO | 10 | 17 | 19 | 22 | 12 | 3 | 13 | 8 | 16 | 15 | 12 | 14 |
| VET | 15 | 28 | 26 | 30 | 18 | 10 | 19 | 9 | 16 | 20 | 12 | 18 |
| COMP | 13 | 16 | 19 | 23 | 14 | 4 | 14 | 6 | 17 | 14 | 11 | 11 |
| ENG | 12 | 19 | 17 | 18 | 12 | 3 | 13 | 5 | 13 | 13 | 11 | 9 |
| LET | 12 | 17 | 19 | 21 | 11 | 4 | 9 | 6 | 13 | 11 | 7 | 15 |
| PP | 7 | 16 | 14 | 22 | 9 | 4 | 11 | 4 | 13 | 15 | 8 | 13 |
| TOTAIS | 127 | 187 | 183 | 218 | 132 | 54 | 147 | 73 | 153 | 159 | 124 | 152 |
| (%) | 48% | 71% | 70% | 83% | 50% | 21% | 56% | 28% | 58% | 60% | 47% | 58% |

Cada coluna representa uma das obras da lista, segundo o código abaixo:

| | |
|--|--|
| A - Basílio da Gama – O Uruguai | G - Cyro Martins – Porteira Fechada |
| B - José de Alencar – Lucíola | H - Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim |
| C - Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | I - Dias Gomes – O Pagador de Promessas |
| D - Contos de Machado de Assis | J - Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo |
| E - Eça de Queirós – O Primo Basílio | K - Cristóvão Tezza – O Filho Eterno |
| F - Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | L - Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa |

Tabela 6.7. Quantidades de respondentes que marcaram ter lido cada título na íntegra

| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K | L |
|-------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| MED | 69% | 94% | 88% | 97% | 75% | 22% | 81% | 34% | 84% | 75% | 78% | 97% |
| DIR | 70% | 84% | 73% | 95% | 54% | 35% | 81% | 46% | 76% | 89% | 76% | 78% |
| PSI | 48% | 62% | 67% | 76% | 57% | 29% | 57% | 33% | 48% | 67% | 48% | 57% |
| BIO | 38% | 65% | 73% | 85% | 46% | 12% | 50% | 31% | 62% | 58% | 46% | 54% |
| VET | 41% | 76% | 70% | 81% | 49% | 27% | 51% | 24% | 43% | 54% | 32% | 49% |
| COMP | 45% | 55% | 66% | 79% | 48% | 14% | 48% | 21% | 59% | 48% | 38% | 38% |
| ENG | 46% | 73% | 65% | 69% | 46% | 12% | 50% | 19% | 50% | 50% | 42% | 35% |
| LET | 46% | 65% | 73% | 81% | 42% | 15% | 35% | 23% | 50% | 42% | 27% | 58% |
| PP | 24% | 55% | 48% | 76% | 31% | 14% | 38% | 14% | 45% | 52% | 28% | 45% |

Tabela 6.8. Percentagens de leitura de cada título dentro da amostra de cada curso

Para facilitar a análise e consulta, foram organizadas as Tabelas de 6.7 a 6.11. Todos os dados dizem respeito à primeira pergunta do formulário, que perguntava quais livros haviam sido lidos na íntegra. A Tabela 6.7 contém os dados brutos, indicando quantidades de leitores de cada obra em todos os cursos da amostra, mais os totais de leitores de cada uma e a percentagem de leitura de cada título no conjunto da amostra. A Tabela 6.8 permite uma visualização diferente, apresentando os percentuais, dentro da amostra de cada curso, de leitura dos títulos.

A apresentação dos dados brutos se justifica dada a escala reduzida, que se reflete principalmente nos títulos de baixa leitura. Como um exemplo, veja-se um dos menores índices entre os títulos do levantamento, o livro de código F no curso de Engenharia Civil. Trata-se de *Estrela da Vida Inteira*, de Manuel Bandeira, que na Tabela 6.8 consta como lido por 12% dos respondentes deste curso. A Tabela 6.7 indica que esta percentagem corresponde ao número de apenas três leitores. Mas ao mesmo tempo que permitem colocar em perspectiva as percentagens, os dados brutos da primeira tabela são mais difíceis de compreender porque nem todas as amostras têm o mesmo tamanho, o que torna o índice percentual mais informativo. Como exemplo, tome-se o mesmo título F no curso de Veterinária e o título K (*O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza) no curso de Psicologia. A Tabela 6.7 traz o mesmo número para ambos, dez leitores, mas devido à diferença de tamanho das amostras a Tabela 6.8 esclarece que na Veterinária esta quantidade representa 27% dos respondentes do curso e na Psicologia 48%.

Os dois dados, quantidade bruta de leitores e percentual, foram utilizados na Tabela 6.9, que classifica a lista do vestibular 2011 em ordem de leitura levando-se em conta todos os respondentes dos 9 cursos. O título mais lido foi *Contos de Machado de Assis*, perfazendo 83% da amostra (218 leitores dos 263 pesquisados), e o menos lido foi *Estrela da Vida Inteira*, de Manuel Bandeira, com 21% (54 leitores).

| Ordem | Obra | leitores | (%) |
|-------|--|----------|-----|
| 1º | Contos de Machado de Assis | 218 | 83% |
| 2º | José de Alencar – Lucíola | 187 | 71% |
| 3º | Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | 183 | 70% |
| 4º | Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | 159 | 60% |
| 5º | Dias Gomes – O Pagador de Promessas | 153 | 58% |
| 6º | Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | 152 | 58% |
| 7º | Cyro Martins – Porteira Fechada | 147 | 56% |
| 8º | Eça de Queirós – O Primo Basílio | 132 | 50% |
| 9º | Basílio da Gama – O Uruguai | 127 | 48% |
| 10º | Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | 124 | 47% |
| 11º | Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | 73 | 28% |
| 12º | Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | 54 | 21% |

Tabela 6.9. Títulos da lista de leituras mais lidos pelo total dos respondentes da amostra

Apesar de apresentar dados interessantes que serão utilizados mais tarde na análise dos suportes de leitura, a Tabela 6.9 deve ser compreendida na totalidade dos alunos pesquisados. É válida como uma indicação geral sobre os 263 respondentes. Mas as composições de cada curso dentro do total são diferentes, o que poderia trazer diferen-

ças significativas em alguns casos. Para contrastar os dados com esta estratificação foram organizadas a Tabela 6.10 e a Tabela 6.11. A primeira delas traz ao lado de cada título seu ranking de leitura em ordem decrescente de percentual dentro da amostra de cada curso. A segunda classifica as 12 obras da lista pela leitura dentro de cada curso.

É possível confrontar as informações das duas tabelas para fazer relações que ajudam a compreender os perfis únicos dos cursos. Como um exercício para ilustrar isso, é possível ver na Tabela 6.10 que o curso de Medicina teve o maior índice de leitura dos *Poemas de Álvaro de Campos*, de Fernando Pessoa (97%), e com uma boa margem de diferença em relação aos demais. No Direito, segundo lugar em leitura desta obra, a percentagem era de 78%. Na Tabela 6.11 nota-se que estas poesias, listadas pelo código L, ficaram em segundo lugar no ranking de leitura dos respondentes da Medicina. Na mesma tabela é possível verificar que a obra ficou em quinto no curso de Direito. O curso de Letras tem a segunda maior classificação ordinal deste título, quarto preferido. Mesmo com 78% de leitura no Direito contra 58% na Letras, os poemas de Pessoa ficaram na posição 5 do ranking do curso de ciências jurídicas, inferior à posição 4 da Letras, porque os níveis de leitura foram mais elevados no Direito.

| | 1º | 2º | 3º | 4º | 5º | 6º | 7º | 8º | 9º |
|--|---------|---------|---------|----------|----------|----------|----------|----------|---------|
| Basílio da Gama – O Uruguai | DIR 70% | MED 69% | PSI 48% | ENG 46% | LET 46% | COMP 45% | VET 41% | BIO 38% | PP 24% |
| José de Alencar – Luciola | MED 94% | DIR 84% | VET 76% | ENG 73% | BIO 65% | LET 65% | PSI 62% | COMP 55% | PP 55% |
| Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | MED 88% | DIR 73% | BIO 73% | LET 73% | VET 70% | PSI 67% | COMP 66% | ENG 65% | PP 48% |
| Contos de Machado de Assis | MED 97% | DIR 95% | BIO 85% | VET 81% | LET 81% | COMP 79% | PSI 76% | PP 76% | ENG 69% |
| Eça de Queirós – O Primo Basílio | MED 75% | PSI 57% | DIR 54% | VET 49% | COMP 48% | BIO 46% | ENG 46% | LET 42% | PP 31% |
| Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | DIR 35% | PSI 29% | VET 27% | MED 22% | LET 15% | COMP 14% | PP 14% | BIO 12% | ENG 12% |
| Cyro Martins – Porteira Fechada | MED 81% | DIR 81% | PSI 57% | VET 51% | BIO 50% | ENG 50% | COMP 48% | PP 38% | LET 35% |
| Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | DIR 46% | MED 34% | PSI 33% | BIO 31% | VET 24% | LET 23% | COMP 21% | ENG 19% | PP 14% |
| Dias Gomes – O Pagador de Promessas | MED 84% | DIR 76% | BIO 62% | COMP 59% | ENG 50% | LET 50% | PSI 48% | PP 45% | VET 43% |
| Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | DIR 89% | MED 75% | PSI 67% | BIO 58% | VET 54% | PP 52% | ENG 50% | COMP 48% | LET 42% |
| Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | MED 78% | DIR 76% | PSI 48% | BIO 46% | ENG 42% | COMP 38% | VET 32% | PP 28% | LET 27% |
| Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | MED 97% | DIR 78% | LET 58% | PSI 57% | BIO 54% | VET 49% | PP 45% | COMP 38% | ENG 35% |

Tabela 6.10. Cursos que mais leram cada uma das obras da lista

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|-----|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1º | D 97% | D 95% | D 76% | D 85% | D 81% | D 79% | B 73% | D 81% | D 76% |
| 2º | L 97% | J 89% | C 67% | C 73% | B 76% | C 66% | D 69% | C 73% | B 55% |
| 3º | B 94% | B 84% | J 67% | B 65% | C 70% | I 59% | C 65% | B 65% | J 52% |
| 4º | C 88% | G 81% | B 62% | I 62% | J 54% | B 55% | G 50% | L 58% | C 48% |
| 5º | I 84% | L 78% | E 57% | J 58% | G 51% | E 48% | I 50% | I 50% | I 45% |
| 6º | G 81% | I 76% | G 57% | L 54% | E 49% | G 48% | J 50% | A 46% | L 45% |
| 7º | K 78% | K 76% | L 57% | G 50% | L 49% | J 48% | A 46% | E 42% | G 38% |
| 8º | E 75% | C 73% | A 48% | E 46% | I 43% | A 45% | E 46% | J 42% | E 31% |
| 9º | J 75% | A 70% | I 48% | K 46% | A 41% | K 38% | K 42% | G 35% | K 28% |
| 10º | A 69% | E 54% | K 48% | A 38% | K 32% | L 38% | L 35% | K 27% | A 24% |
| 11º | H 34% | H 46% | H 33% | H 31% | F 27% | H 21% | H 19% | H 23% | F 14% |
| 12º | F 22% | F 35% | F 29% | F 12% | H 24% | F 14% | F 12% | F 15% | H 14% |

As letras nas colunas representam as obras conforme o código abaixo:

| | |
|--|--|
| A - Basílio da Gama – O Uruguai | G - Cyro Martins – Porteira Fechada |
| B - José de Alencar – Lucíola | H - Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim |
| C - Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | I - Dias Gomes – O Pagador de Promessas |
| D - Contos de Machado de Assis | J - Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo |
| E - Eça de Queirós – O Primo Basílio | K - Cristóvão Tezza – O Filho Eterno |
| F - Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | L - Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa |

Tabela 6.11. Obras da lista mais lidas pelos candidatos de cada curso

A análise dos dados da Tabela 6.7 à Tabela 6.11 permite, ainda, visualizar de formas diferentes a tendência de distribuição da leitura pelos cursos já vislumbrada no Gráfico 6.4. A Tabela 6.11 de percentagens de leitura apresenta os cursos segundo a ordem de média aritmética decrescente, mesmo critério dos diagramas de caixa. Com algumas oscilações, observa-se que os valores mais altos ficam na porção esquerda, decaindo ao longo das médias de leitura em direção ao extremo direito dentro de cada linha. Outras relações numéricas são observáveis pela tabela. Na primeira linha, no curso de Medicina, o décimo livro menos popular entre os respondentes foi lido por 69% dos candidatos. No extremo oposto, na última linha (Publicidade), o terceiro livro mais lido registrou apenas 52% de leitores, último número acima dos 50% no curso. Os números mostram as grandes diferenças de médias de leitura. Muitas destas relações, entretanto, são de interesse secundário tendo em vista o objetivo da pesquisa e permanecem aqui apenas esboçadas, ilustrando possibilidades para consulta por outras áreas.

6.4 Relação da disponibilidade da lista com índices de leitura

Até a seção anterior deste capítulo foram apresentados apenas os dados da primeira questão do levantamento, que abordava quantas e quais obras da lista do vestibulo-

lar 2011 haviam sido lidas na íntegra pelos respondentes. Mas antes de seguir para a apresentação e análise dos dados que investigam os suportes de leitura propriamente ditos, é útil para o objetivo da pesquisa cruzar alguns dos dados encontrados até agora com informações de uma fonte externa. Trata-se da disponibilidade de títulos em domínio público.

Um dos pontos que perpassam toda a pesquisa é a motivação para leitura, por parte dos estudantes, nos diferentes suportes disponíveis. Como um dos parâmetros investigados é o acesso aos textos eletrônicos ou distribuídos por apostilas e outros meios, é útil comparar, neste ponto, os dados sobre leitura e a disponibilidade de títulos gratuitamente em bases de dados públicas. No Brasil, obras que já não pagam direito autoral são oferecidas em um portal do Ministério da Educação, o Domínio Público, que estampa na página de Missão o seguinte texto:

O “Portal Domínio Público”, lançado em novembro de 2004 (com um acervo inicial de 500 obras), propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime, colocando à disposição de todos os usuários da rede mundial de computadores - Internet - uma biblioteca virtual que deverá se constituir em referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral. Este portal constitui-se em um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada.⁸⁷

Como mencionado mais adiante nas seções que apresentam dados qualitativos da pesquisa (tanto os do formulário quanto das entrevistas telefônicas), este portal é de amplo conhecimento de estudantes e professores. Por este motivo, a partir de consulta ao acervo público registrado no *site*⁸⁸, foi elaborada a Tabela 6.12, que aponta quais dos livros da lista do vestibular 2011 é possível encontrar em formato eletrônico no Domínio Público.⁸⁹

⁸⁷ Disponível no endereço <http://www.dominiopublico.gov.br/Missao/Missao.jsp>, consulta em 27/1/12.

⁸⁸ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>, consulta em 27/1/12

⁸⁹ A expressão “Domínio Público” apareceu algumas vezes nos campos de preenchimento manual do formulário de pesquisa, e não se chegou a investigar até que ponto os usuários confundem o nome do portal com o status jurídico das obras livres de pagamento de direito autoral, já que ambos são homônimos.

| Código | Título | Domínio público |
|--------|--|-----------------|
| A | Basílio da Gama – O Uruguai | SIM |
| B | José de Alencar – Lucíola | SIM |
| C | Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | SIM |
| D | Contos de Machado de Assis | SIM |
| E | Eça de Queirós – O Primo Basílio | SIM |
| F | Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | NÃO |
| G | Cyro Martins – Porteira Fechada | NÃO |
| H | Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | NÃO |
| I | Dias Gomes – O Pagador de Promessas | NÃO |
| J | Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | NÃO |
| K | Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | NÃO |
| L | Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | SIM |

Tabela 6.12. Obras da lista do vestibular 2011 disponíveis no Portal Domínio Público

A disponibilidade no portal tem importância não só para eventuais candidatos que tenham obtido as obras através do *site*. Trata-se também do indicativo de que, estando em domínio público junto à lei brasileira de direitos autorais, as obras podem estar em circulação livre na Internet ou com distribuição autorizada através de meios alternativos como xerox e apostilas. Nesta situação, mesmo os professores e cursinhos pré-vestibulares poderiam estar atuando como agentes de disseminação.

A partir desta importância potencial da disponibilidade dos títulos da lista de vestibular em domínio público justifica-se a Tabela 6.13, que faz o cruzamento dos dados absolutos de leitura, contidos na Tabela 6.9, com a relação de obras que se encontram nos acervos públicos gratuitos. A ordem de apresentação dos livros segue a de popularidade e é apresentada ainda a percentagem de leitura. A partir desta comparação nota-se que as três obras mais lidas estão em domínio público: *Contos de Machado de Assis*, *Lucíola* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Por outro lado, as três obras menos lidas ainda se encontram sob direitos autorais: *O Filho Eterno*, *Manuelzão e Miguilim* e *Estrela da Vida Inteira*. Mas a relação entre disponibilidade gratuita e índice de leitura não se aplica nas posições 4, 5 e 7, ocupadas por três obras com restrição de direito autoral, *Feliz Ano Novo*, *O Pagador de Promessas* e *Porteira Fechada*, em posição superior às de outras obras liberadas que vêm abaixo delas. Isso indica a complexidade do fenômeno e sugere que outras causas e motivações também possivelmente atuam na determinação da leitura por parte dos candidatos. Ainda assim, outras interpretações numéricas a partir da tabela são que todos os seis títulos protegidos por direitos autorais

tiveram menos de 60% de leitores (três deles menos de 50%) e que seis dos oito livros lidos por mais de 50% dos alunos eram de domínio público.⁹⁰

| Ordem | Título | Leitura total | Domínio público |
|-------|--|---------------|-----------------|
| 1º | Contos de Machado de Assis | 83% | SIM |
| 2º | José de Alencar – Lucíola | 71% | SIM |
| 3º | Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | 70% | SIM |
| 4º | Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | 60% | NÃO |
| 5º | Dias Gomes – O Pagador de Promessas | 58% | NÃO |
| 6º | Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | 58% | SIM |
| 7º | Cyro Martins – Porteira Fechada | 56% | NÃO |
| 8º | Eça de Queirós – O Primo Basílio | 50% | SIM |
| 9º | Basílio da Gama – O Uruguai | 48% | SIM |
| 10º | Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | 47% | NÃO |
| 11º | Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | 28% | NÃO |
| 12º | Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | 21% | NÃO |

Tabela 6.13. Cruzamento dos livros mais lidos com disponibilidade em domínio público

6.5 Os suportes e o contato dos candidatos com a lista do vestibular

A segunda questão do formulário respondido pelos alunos trazia o principal indicador da pesquisa. Havia um quadro onde se solicitava que fossem marcadas as formas de contato com os 12 títulos da lista do vestibular 2011. As categorias, cuja justificativa teórica consta na seção 5.3 do capítulo de Procedimentos Metodológicos, eram: “leu em livro impresso”; “leu em xerox ou apostila”; “leu no computador, *netbook* ou *laptop*”; “leu em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*”; “leu resumo na Internet”; “leu resumo ou resenha em livro ou apostila”; “viu filme ou documentário”; “aprendeu em aula ou grupo de estudo”; “escutou audiolivro ou arquivo de áudio”; “outros (especificar). A alternativa “outros” foi desdobrada na tabulação em duas categorias surgidas espontaneamente a partir das respostas: “peça de teatro” e “palestra”.⁹¹

Dentro dos objetivos da pesquisa, o indicador primário buscava não só informações sobre os suportes de leitura como impressos e arquivos eletrônicos, mas também sobre as formas pelas quais os alunos haviam estudado os títulos (caso de categorias como as aulas e os resumos). A justificativa teórica para este procedimento está ligada aos grupos de questões discutidos no capítulo 3, já que há autores que, além de abordar a alternância de suporte entre livro e *e-book*, consideram igualmente importante analisar

⁹⁰ Também é preciso levar em consideração a possibilidade de que a disponibilidade em domínio público seja uma característica associada mas não determinante na leitura, já que se trata, quase sempre, de clássicos da literatura que naturalmente atrairiam a atenção dos candidatos durante a preparação para o vestibular.

⁹¹ Como critério para inclusão de categorias extras na tabulação, adotou-se o requisito de que no mínimo dois alunos tivessem apresentado a mesma resposta. As restantes marcações espontâneas, em geral ocorrências únicas, são mostradas mais adiante na seção 6.15.

uma possível mudança de hábitos culturais de aquisição de conhecimento entre a juventude, que supostamente seria menos propensa à leitura de obras longas como os livros clássicos. Dada a importância deste indicador para a discussão empreendida aqui, as informações são apresentadas e analisadas em profundidade maior do que na seção anterior.

6.5.1 Ranking de leitura em números absolutos

A Tabela 6.14 contém os números absolutos de uso de cada suporte de leitura e estudo, incluindo o total geral e a estratificação por curso.⁹² Neste conjunto pretende-se oferecer uma visão inicial sobre a distribuição das frequências. Como se trata de dados brutos, a compreensão deles é pouco intuitiva. A tabela está classificada em forma de ranking, trazendo as formas de suporte e contato com a lista em ordem decrescente de casos totais.⁹³ Como cada respondente podia assinalar mais de uma categoria, o total de respostas ultrapassa o total da amostra e não há sentido em apresentar percentagens. Para tomar por base uma referência numérica, na segunda linha da tabela, em cinza, foi acrescentado o total de livros lidos declarado na primeira questão.

A linha cinza com o total de livros lidos no geral e por curso não tem relação direta com o resto da Tabela 6.14, mas é possível observar que em todos os cursos traz um valor superior àquele dos livros impressos, que são a primeira forma de suporte no ranking (acima vem a marcação de “aula”, mas esta é uma forma de contato e estudo, não suporte de leitura). Isto significa que como regra geral a leitura foi composta pela soma de livros e outros meios.

A observação da tabela também permite notar um primeiro nível do contraste entre as formas de leitura da íntegra das obras e os outros métodos de estudo. Os dois cursos da amostra com maiores médias de leitura, Direito e Medicina, estão entre os únicos cujo total bruto de livros lidos ultrapassa a marcação “aula” (294 para 266 e 272 para 225, respectivamente). O único outro curso em que isso aconteceu é o de Letras (128 contra 119). No outro extremo nestas categorias da tabela, o curso de Publicidade, menor média de leitura da amostra, teve a marcação de “aula” em 209 e a de livros em 102,

⁹² A ordem dos cursos segue a média de leitura, apresentada nos diagramas de caixa do gráfico 6.2.

⁹³ Trata-se de todas as formas de suporte assinaladas pelos estudantes. Era possível marcar mais de uma para cada título. Além disso, a partir de correção no formulário incluída após a tabulação de teste descrita no capítulo de Procedimentos Metodológicos, a versão final do questionário continha o pedido de que os respondentes marcassem todas as categorias que tinham empregado em cada livro, mesmo que não houvessem lido as obras por inteiro. Devido à possibilidade de marcar várias opções, o total excede a amostra. Para referência, a quantidade máxima de possibilidades comportadas por esta questão do formulário era de 11 formas de suporte x 12 títulos x 263 respondentes, perfazendo um total possível de 34.716. Naturalmente, o resultado computado foi bem abaixo disso, 1.742.

menos da metade. O Gráfico 6.8 exibe o ranking da Tabela 6.14 visualmente.

| | GERAL | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|-------------------|-------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|
| Total lidos | 1708 | 285 | 317 | 137 | 161 | 221 | 162 | 144 | 145 | 136 |
| Aula | 1742 | 225 | 266 | 163 | 170 | 240 | 187 | 163 | 119 | 209 |
| Livro | 1528 | 272 | 294 | 132 | 135 | 182 | 158 | 125 | 128 | 102 |
| Resumo impresso | 1261 | 209 | 238 | 151 | 92 | 167 | 91 | 93 | 87 | 133 |
| Resumo Internet | 606 | 23 | 106 | 66 | 52 | 71 | 96 | 34 | 83 | 75 |
| Xerox | 261 | 27 | 37 | 41 | 31 | 41 | 12 | 19 | 21 | 32 |
| Computador | 158 | 12 | 18 | 15 | 11 | 18 | 22 | 10 | 23 | 29 |
| Filme ou vídeo | 126 | 15 | 23 | 10 | 13 | 22 | 9 | 17 | 3 | 14 |
| Outros (palestra) | 34 | 12 | 10 | 0 | 0 | 0 | 12 | 0 | 0 | 0 |
| E-book | 19 | 0 | 0 | 0 | 2 | 6 | 5 | 0 | 6 | 0 |
| Audiolivro | 13 | 0 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Outros (teatro) | 11 | 0 | 4 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 0 |

Tabela 6.14. Ranking de dados brutos de suporte de leitura e estudo, com divisão por curso

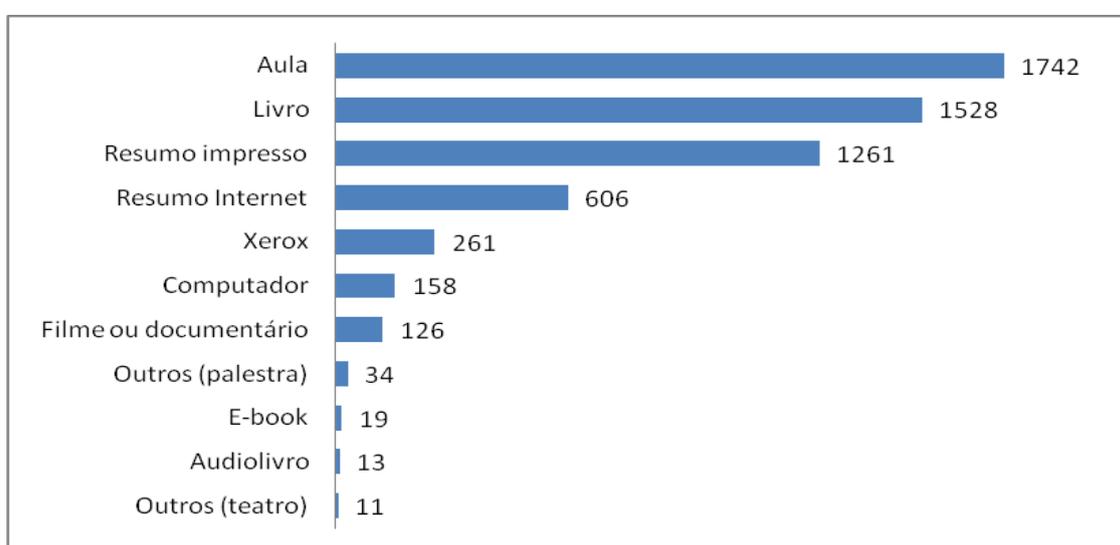


Gráfico 6.8. Visualização do ranking de formas de leitura e contato com os livros da lista

No Gráfico 6.8 fica mais evidente a predominância das formas de contato com a lista que não incluem leitura integral. A categoria “aula” está no topo da lista. Ela é seguida pelos livros impressos, mas as duas categorias abaixo, com valores significativos, são de resumos (impresso e Internet), cuja soma ultrapassa a leitura de livros.

Para compreender melhor a dinâmica entre os dois grupos de categorias de acesso à lista de leituras (o dos suportes de leitura integral e os de consulta ou estudo) a Tabela 6.15 traz um desdobramento em grupos. Na metade superior são exibidos os totais por curso para livro, xerox⁹⁴, computador, *e-book*⁹⁵ e audiolivro. Na inferior constam os

⁹⁴ Nas tabelas, “xerox” indica a categoria que abrange também as apostilas.

⁹⁵ O termo “*e-book*” é utilizado nas tabelas deste ponto em diante sempre para se referir à categoria composta por tablets, celulares e leitores de *e-book*. Mas esta divisão cobre apenas a modalidade do *e-book* entendido como hardware portátil de leitura. A categoria de *e-book* compreendido como *software* está, nas tabelas, com o rótulo “compu-

valores para aula, resumos impresso e da Internet, filme, palestra e teatro. Novamente, verifica-se que em todos os cursos os totais das formas de consulta ultrapassam os das formas de leitura somadas. Um aspecto interessante desta divisão é que há menos anomalias na ordem. A Tabela 6.14 era classificada pelo total geral, mas nenhum dos grupos representados pelos diferentes cursos tinha ordem decrescente perfeita. Na classificação da Tabela 6.15 há apenas quatro anomalias de ordem em relação à regra aplicável para a maioria dos grupos.⁹⁶ A maior harmonia dos dados pode sugerir a procedência de agrupar as categorias em dois subtipos.

| | GERAL | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|-------------------|-------------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|
| Livro | 1528 | 272 | 294 | 132 | 135 | 182 | 158 | 125 | 128 | 102 |
| Xerox | 261 | 27 | 37 | 41 | 31 | 41 | 12 | 19 | 21 | 32 |
| Computador | 158 | 12 | 18 | 15 | 11 | 18 | 22 | 10 | 23 | 29 |
| <i>E-book</i> | 19 | 0 | 0 | 0 | 2 | 6 | 5 | 0 | 6 | 0 |
| Audiolivro | 13 | 0 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 1979 | 311 | 362 | 188 | 179 | 247 | 197 | 154 | 178 | 163 |
| | | | | | | | | | | |
| Aula | 1742 | 225 | 266 | 163 | 170 | 240 | 187 | 163 | 119 | 209 |
| Resumo impresso | 1261 | 209 | 238 | 151 | 92 | 167 | 91 | 93 | 87 | 133 |
| Resumo Internet | 606 | 23 | 106 | 66 | 52 | 71 | 96 | 34 | 83 | 75 |
| Filme ou vídeo | 126 | 15 | 23 | 10 | 13 | 22 | 9 | 17 | 3 | 14 |
| Outros (palestra) | 34 | 12 | 10 | 0 | 0 | 0 | 12 | 0 | 0 | 0 |
| Outros (teatro) | 11 | 0 | 4 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 0 |
| TOTAL | 3780 | 484 | 647 | 391 | 328 | 501 | 397 | 308 | 293 | 431 |

Tabela 6.15. Ranking de dados brutos organizado por subtipos, separando suporte e consulta

Apesar do indicativo de que os dados brutos comportariam uma divisão em subtipos, nesta altura da interpretação dos dados ainda seria prematuro fazer conclusões sobre predominância de formas de consulta em relação a suportes de leitura. A própria observação da Tabela 6.15 mostra que é preciso relativizar o contraste entre as duas metades. Lembrando-se que a ordem dos cursos segue a da média de leitura, mesmo os dois cursos com maiores índices de livros lidos pelos estudantes, Direito e Medicina, apresentam totais superiores na metade inferior. Isso pode ser explicado simplesmente pelo fato de que estudantes que leram os livros também se prepararam fazendo consultas de conteúdo paralelas. Por outro lado, mesmo respondentes que tenham assinalado

tador⁹⁵, incluindo o conjunto dos textos digitais lidos em desktop, *laptop* ou *netbook*. As diversas conceituações de *e-book* foram discutidas no capítulo 3.

⁹⁶ As quatro anomalias podem indicar apenas oscilações estatísticas ou podem realmente advir de idiossincrasias dos cursos envolvidos. Duas delas são na Computação, cujos valores de leitura em computador são mais altos que os de xerox ou apostila e onde também os resumos da Internet ficam acima dos resumos impressos, ao contrário dos demais cursos. Na Letras também há uma pequena inversão entre os números de leitura em computador e xerox. No Direito há inversão entre Audiolivro e *E-book*.

as formas de suporte da metade superior da tabela podem não ter necessariamente lido os títulos na íntegra, mas apenas realizado consultas.

6.5.2 Ranking de suportes pelo critério do número de respondentes

Uma forma de observar diferentemente os resultados do levantamento de suportes de leitura e consulta é alternar dos escores brutos para o critério de contagem por respondente. Na subseção anterior eram apresentados os dados absolutos, com números que incluíam os dois eixos da grade contida no formulário de pesquisa, ou seja, as categorias e os títulos da lista do vestibular. Embora seja um exercício válido para uma visualização prévia da apresentação geral dos dados, o critério tinha como uma das desvantagens o fato de não permitir um cálculo percentual. Outra limitação, mais significativa ainda para o tema da pesquisa, é que aquela forma de apresentação pode acentuar distorções por anomalias individuais no preenchimento do formulário.

Um exemplo é o de uma das categorias menos populares em todo o levantamento, a dos audiolivros ou arquivos de áudio. Esta forma de suporte de conteúdo consta no Gráfico 6.8 como a penúltima menos adotada pelos estudantes da amostra ao tomar contato com as obras obrigatórias. O valor com que ela aparece é 13, significando que em todo o universo da pesquisa este é o número de ocasiões em que uma ou mais obras foram consultadas ou apropriadas desta forma. Mas uma dimensão que não consta naquele gráfico é a da quantidade de pessoas associadas com esta opção. Um outro modo de totalizar os dados é pela contagem de respondentes que marcaram cada categoria, independentemente da quantidade de obras que tenham consultado em cada uma delas. No exemplo do audiolivro, os números mudam acentuadamente. No lugar de 13, o valor cai para 2, ou seja, só dois respondentes marcaram esta opção.⁹⁷ A Tabela 6.16 e o Gráfico 6.9 mostram que desta maneira a categoria audiolivro cai para último lugar na pesquisa, abaixo das palestras.

Como a questão das categorias é essencial para o tema da pesquisa sobre suportes de conteúdo e consulta, é útil confrontar os dados absolutos com as informações pelo critério de contagem individual. Desta forma cada respondente conta uma vez para cada modalidade e os totais não ultrapassam o número da amostra. É possível calcular percentagens de utilização de cada meio. A desvantagem é que este critério não aponta uso

⁹⁷ De fato, um dos respondentes marcou 12 obras em audiolivro. Não foi possível esclarecer se a informação é procedente ou se foi um equívoco de preenchimento. Em qualquer uma das possibilidades, o caso ilustra como o critério de números absolutos é mais suscetível a variações por conta de cada indivíduo da amostra.

extensivo, ou seja, não reflete a quantidade de vezes com que cada indivíduo fez uso daquele suporte em particular.

A diferença do uso extensivo pode ajudar a explicar a diferença nos topos do Gráfico 6.8 e do Gráfico 6.9. No primeiro, a categoria “aula” aparece em primeiro lugar, seguida pelos livros. No segundo, a ordem se inverte e o livro, inclusive, aparece com uma diferença maior à frente.⁹⁸ A comparação entre as duas figuras traz outras informações importantes. Das posições 3 até 7 segue a mesma sequência, com os resumos impresso e da Internet, xerox ou apostila, textos de computador e filme ou documentário. As últimas categorias têm ordens diferentes, com palestras, *e-books*, audiolivros e teatro na Tabela 6.8 e teatro, *e-book*, palestra e audiolivro na Tabela 6.9. Outra coisa é que as mesmas quantidades de pessoas marcaram a opção de livros em computador e filmes, aspecto que ganha importância dentro da discussão sobre a dimensão do texto eletrônico frente aos meios audiovisuais de disseminação de conhecimento.⁹⁹

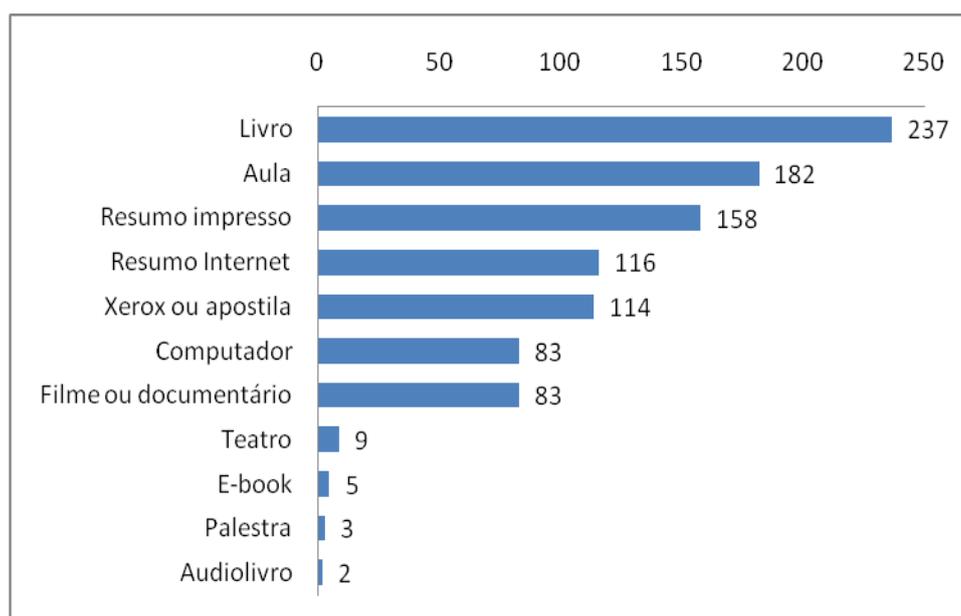


Gráfico 6.9. Ranking dos respondentes por suporte

⁹⁸ O confronto precisa ser feito visualmente através dos gráficos, já que eles são medidos em unidades diferentes.

⁹⁹ Este confronto é aprofundado mais adiante na tabela que leva em conta o número de livros efetivamente lidos em meio eletrônico.

| | Respondentes | (%) |
|--------------------------|--------------|--------|
| 1º Livro | 237 | 90,11% |
| 2º Aula | 182 | 69,20% |
| 3º Resumo impresso | 158 | 60,08% |
| 4º Resumo Internet | 116 | 44,11% |
| 5º Xerox ou apostila | 114 | 43,35% |
| 6º Computador | 83 | 31,56% |
| 7º Filme ou documentário | 83 | 31,56% |
| 8º Teatro* | 9 | 3,42% |
| 9º <i>E-book</i> | 5 | 1,90% |
| 10º Palestra* | 3 | 1,14% |
| 11º Audiolivro | 2 | 0,76% |

* Estas não eram opções originalmente oferecidas para preenchimento no formulário entregue aos respondentes, mas a grade continha um campo “Outros – especificar”, que teve estas duas categorias como recorrentes.

Tabela 6.16. Respondentes que usaram cada suporte

Algumas dimensões dos dados mostrados no Gráfico 6.9 podem ser melhor explicadas através das percentagens da Tabela 6.16. Em primeiro lugar, é significativo que 90,11% dos respondentes da pesquisa tenham utilizado livros em algum momento. Este número demonstra estatisticamente a força da cultura do impresso, ainda mais levando-se em consideração que as outras formas de suporte em papel, como os resumos impressos e a xerox ou apostila, também estão entre as cinco mais populares (com 60,08% e 43,35%, respectivamente).

Tomadas em conjunto, as categorias de aula e resumos (impresso e Internet), que configuram formas de consulta e estudo, não suportes de leitura integral, também têm forte presença, figurando em segundo, terceiro e quarto lugares na preferência dos usuários. Uma última relação numérica importante diz respeito às quatro últimas categorias, com importância percentual muito reduzida em relação às demais. A categoria de *hardware* portátil referida como *e-book*, um dos temas da pesquisa, aparece abaixo de 2%, mencionada por cinco usuários.¹⁰⁰

A Tabela 6.17 traz os números completos estratificados por curso do uso das diversas formas de suporte e consulta. A ordem das categorias segue o critério da percen-

¹⁰⁰ A dimensão efetiva da presença deste suporte tem indicativo de ser menor ainda, a partir de dados mostrados mais adiante na triangulação qualitativa da pesquisa. Um dos 5 usuários que marcaram esta opção, ao ser entrevistado, mencionou que durante a preparação ao vestibular só leu livros em PDF no computador, não se enquadrando, realmente, nesta categoria.

tagem de usuários que utilizou cada uma ao ter contato com a lista do vestibular 2011. Também aqui há informações que interessam diretamente aos temas da pesquisa. Informações sobre as preferências de categoria que sejam únicas de determinados cursos podem ser de utilidade para analisar perfis de leitores. No caso do *e-book*, os únicos cursos em que a opção foi marcada foram Biologia, Veterinária, Computação e Letras. A leitura em computador é maior na Psicologia, Computação e Letras. Nestas duas categorias, são recorrentes os cursos de Computação e Letras, talvez por seus perfis de relação com a tecnologia, caso do primeiro, e com as formas de suporte de leitura em geral, no segundo.

Direito, Veterinária e Medicina lideram na opção por filme ou documentário. Dois são os cursos com maiores médias de leitura, o que iria contra a hipótese de que usuários menos afeitos aos livros necessariamente utilizem meios audiovisuais.¹⁰¹ Por outro lado, o curso de Letras tem o menor índice na categoria filmes, apenas 2 usuários na amostra, valor bem abaixo dos 9 registrados pelo último curso da lista, Publicidade, e dos 7 do segundo menor da linha, Biologia. Seria possível especular sobre um eventual perfil conservador dos estudantes do curso, mas os números de leitura em computador não acompanham o raciocínio. Naturalmente, é preciso levar em conta flutuações estatísticas. Mas também há a possibilidade de que o perfil conservador do curso só se aplique às categorias de consulta, não às de suporte.

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP | TOTAIS | (%) |
|-----------------------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|--------|--------|
| Livro | 32 | 36 | 18 | 25 | 32 | 27 | 20 | 23 | 24 | 237 | 90,11% |
| Aula | 21 | 25 | 16 | 17 | 26 | 21 | 18 | 17 | 21 | 182 | 69,20% |
| Resumo impresso | 22 | 30 | 16 | 15 | 19 | 11 | 12 | 14 | 19 | 158 | 60,08% |
| Resumo Internet | 8 | 19 | 12 | 13 | 13 | 14 | 10 | 14 | 13 | 116 | 44,11% |
| Xerox | 17 | 17 | 10 | 11 | 13 | 8 | 13 | 11 | 14 | 114 | 43,35% |
| Computador | 6 | 10 | 12 | 7 | 9 | 11 | 8 | 11 | 9 | 83 | 31,56% |
| Filme ou documentário | 10 | 16 | 7 | 9 | 14 | 8 | 9 | 2 | 8 | 83 | 31,56% |
| Teatro | 0 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 9 | 3,42% |
| E-book | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | 1 | 0 | 1 | 0 | 5 | 1,90% |
| Palestra | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 3 | 1,14% |
| Audiolivro | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0,76% |

Tabela 6.17. Ranking de formas de suporte pelo critério de contagem de usuários, com dados de cursos

Para ajudar na análise dos perfis de usuários dos cursos por categoria, a Tabela 6.18 traz a estratificação da amostra em subtipos, dividindo as opções em grupos de

¹⁰¹ Obviamente, deve-se levar em conta perfis individuais dentro da amostra de cada curso, mas, no caso do Direito, há indicativo na parte qualitativa da pesquisa de que pelo menos alguns dos usuários utilizaram os filmes como reforço para a análise de livros que tinham lido.

suporte ou de consulta e estudo, como já havia sido feito com os dados brutos na Tabela 6.15. Com auxílio deste critério pode-se observar, a respeito da análise do índice baixo dos respondentes de Letras na categoria “filmes”, que o curso também fica com o menor valor no subconjunto das categorias de consulta e estudo. De fato, além do valor baixo para audiovisuais, os estudantes deste curso também foram os que menos marcaram a opção “aula” e estão entre os três menores valores para resumo impresso. Publicidade e Computação, que estão com valores próximos da Letras no grupo de categorias de suporte (entre 46 e 47 usuários), têm escores muito acima no outro conjunto (61 e 57). Mantém-se possível a hipótese de que, apesar do baixo índice de leitura da lista do vestibular, os estudantes do curso sejam menos afeitos às formas de contato que não envolvam o acesso à íntegra das obras.

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP | GERAL | (%) |
|-----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|--------|
| Livro | 32 | 36 | 18 | 25 | 32 | 27 | 20 | 23 | 24 | 237 | 90,11% |
| Xerox | 17 | 17 | 10 | 11 | 13 | 8 | 13 | 11 | 14 | 114 | 43,35% |
| Computador | 6 | 10 | 12 | 7 | 9 | 11 | 8 | 11 | 9 | 83 | 31,56% |
| E-book | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | 1 | 0 | 1 | 0 | 5 | 1,90% |
| Audiolivro | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0,76% |
| TOTAL | 55 | 65 | 40 | 44 | 56 | 47 | 41 | 46 | 47 | 441 | |
| Aula | 21 | 25 | 16 | 17 | 26 | 21 | 18 | 17 | 21 | 182 | 69,20% |
| Resumo impresso | 22 | 30 | 16 | 15 | 19 | 11 | 12 | 14 | 19 | 158 | 60,08% |
| Resumo Internet | 8 | 19 | 12 | 13 | 13 | 14 | 10 | 14 | 13 | 116 | 44,11% |
| Filme ou documentário | 10 | 16 | 7 | 9 | 14 | 8 | 9 | 2 | 8 | 83 | 31,56% |
| Teatro | 0 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 9 | 3,42% |
| Palestra | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 3 | 1,14% |
| TOTAL | 62 | 93 | 52 | 55 | 73 | 57 | 50 | 48 | 61 | 551 | |

Tabela 6.18. Ranking pelo critério de contagem de usuários dividido em subtipos suporte e consulta

6.6 Indicadores sobre a relação entre suporte e leitura integral

Para seguir na discussão sobre o papel efetivamente desempenhado pelos suportes no uso dos estudantes, foram cruzadas as duas primeiras questões respondidas no formulário. Na primeira pergunta, cujos dados eram apresentados nas seções 6.2 e 6.3, os respondentes assinalaram os títulos da lista do vestibular 2011 que haviam lido na íntegra. Na segunda, apresentada na 6.5, marcaram os suportes de leitura e consulta utilizados para cada obra, sendo possível escolher mais de uma opção. A análise contida na seção atual procurou filtrar, de dentro do grupo dos pesquisados que marcaram algumas das categorias, aqueles que houvessem utilizado o meio para leitura integral ou contato único. Buscou-se com isso compreender melhor a interação dos usuários com os diferentes suportes.

Como o tema da pesquisa diz respeito à apropriação de textos eletrônicos, o trabalho foi concentrado na leitura por computador. A categoria referida como *e-book*, conforme mencionado na seção anterior, não teve suficiente significação estatística para que os dados deste procedimento fossem tabulados.¹⁰² Além da leitura digital, também foram confrontados os dados de xerox ou apostila e filmes.

O procedimento operacional de tabulação destes dados consistiu em apurar quais obras cada respondente havia assinalado que leu em computador, confrontar com a lista de livros marcados como lidos na íntegra e então observar se o mesmo título havia sido marcado em outros suportes pelo usuário. Foi totalizada, então, uma lista dos usuários que leram algum livro integralmente só desta forma. Procedimento semelhante foi adotado para a opção de xerox ou apostila e para filmes.¹⁰³

6.6.1 A leitura integral de títulos da lista em computador

A Tabela 6.19 traz duas séries de valores, ambas pelo critério da contagem de usuários. São mostradas as quantidades de respondentes que leram obras da lista de vestibular em computador e daqueles que fizeram alguma leitura só neste meio. Observa-se que há uma diminuição de 10 pontos percentuais na representatividade do grupo no total da pesquisa. Dos 83 que marcaram ter lido obras nesta categoria, 57 leram alguma na íntegra exclusivamente na tela. Isso significa que 26 pessoas (31,33% deste grupo) utilizaram o texto eletrônico como apoio, conjugado com outro suporte.¹⁰⁴

Também é mostrada a estratificação por curso na Tabela 6.19, que está classificada pela última coluna, formando um ranking de áreas cujos alunos leram mais livros na íntegra em computador. Em primeiro lugar fica o Direito, com 10 usuários, seguido pela Letras e Publicidade, empatadas com oito. Curiosamente, este segundo lugar é ocupado por cursos que tiveram médias de leitura mais baixas. A diferença entre o primeiro e o último é de 10 para cinco, indicando que se trata de um grupo com menos usuários porém mais homogêneo.

¹⁰² Apenas cinco usuários marcaram leitura nesta categoria em toda a pesquisa. Destes, um não havia lido os livros por inteiro. Dos quatro que teriam lido obras do vestibular na íntegra por este suporte, dois foram contatados durante a triangulação qualitativa. Foi averiguado que um deles havia preenchido o formulário equivocadamente, embora o outro tenha efetivamente lido títulos da lista em *hardware* portátil.

¹⁰³ No caso da categoria filmes, é feita a ressalva de que se trata de uma forma de consulta ou estudo, não suporte de texto integral.

¹⁰⁴ Esta conclusão não é apoiada apenas na interpretação dos números. Indicativo neste sentido foi dado pela triangulação qualitativa (ver subseção 6.19.2).

| CURSO | Quem leu em computador | Quem leu só no computador |
|---------------|-------------------------------|----------------------------------|
| DIR | 10 | 10 |
| LET | 11 | 8 |
| PP | 9 | 8 |
| VET | 9 | 6 |
| MED | 6 | 5 |
| PSI | 12 | 5 |
| BIO | 7 | 5 |
| COMP | 11 | 5 |
| ENG | 8 | 5 |
| TOTAIS | 83 | 57 |
| (%) | 31,56% | 21,67% |

Totais na contagem de usuários por categoria considerando toda a amostra

Tabela 6.19. Respondentes que leram livros inteiros só em computador

Psicologia e Computação tiveram as maiores diferenças entre os usuários que utilizaram o computador e os que fizeram leitura na íntegra por ele (os números, respectivamente, são sete e seis). O Direito, pelo contrário, não teve diferença entre os dois grupos. Embora não sejam conclusivos, estes contrastes podem sinalizar diferenças no perfil de uso do suporte.¹⁰⁵

Enquanto a Tabela 6.19 contabiliza a quantidade de respondentes que leram algum título na íntegra em computador, a Tabela 6.20 traz dados mais aprofundados, enumerando as quantidades de obras e os títulos, com a divisão por curso.¹⁰⁶ Informações sobre os títulos mais lidos neste suporte serão melhor visualizadas nas tabelas subsequentes, mas há dados que aparecem unicamente neste quadro. O curso de Publicidade, embora esteja empatado em segundo lugar na quantidade total de usuários que leram obras da lista exclusivamente em computador, lidera em quantidade de obras lidas na íntegra neste suporte (19) e inclusive na variedade de títulos dele (oito).¹⁰⁷ Os cursos de Direito, Letras e Computação vêm em seguida na quantidade. Letras e Veterinária empatam em segundo na variedade de obras (seis). Engenharia, Medicina (seis cada) e Psi-

¹⁰⁵ No caso do Direito, poderia haver um uso mais instrumental do suporte, com fins pragmáticos de estudo, como sugeriram indicadores qualitativos. Na Computação, o efeito poderia estar ligado à prática técnica de acúmulo de arquivos eletrônicos, condizente com o perfil do curso, como igualmente apontam dados qualitativos.

¹⁰⁶ A soma ao pé das colunas verticais representa dados diferentes da tabela anterior. É preciso lembrar que aqui se trata das leituras e na anterior dos leitores. Alguns usuários fizeram duas ou mais leituras no suporte, por isso os números são maiores nesta segunda tabela. A ressalva é válida para os dois conjuntos de dados da Tabela 6.19 e se aplica mesmo para valores que pareçam coincidentes na Tabela 6.20. Por exemplo, na segunda tabela a coluna vertical da Medicina totaliza seis. Mas este valor não expressa a mesma grandeza registrada para a Medicina na segunda coluna da Tabela 6.19, embora os dois números sejam idênticos. Num caso, se trata de indivíduos que fizeram alguma leitura na íntegra em computador, no outro de títulos efetivamente lidos exclusivamente em meio eletrônico.

¹⁰⁷ Este dado não está discriminado na tabela. Pode ser obtido somando-se as casas verticais ocupadas de cada curso.

ciologia (cinco) têm as menores quantidades. Biologia tem a menor variedade (dois títulos).¹⁰⁸

| Obras | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP | SOMA |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|------|
| A | | | 1 | | | 2 | | | 2 | 5 |
| B | | | | | 1 | 2 | | | 2 | 5 |
| C | | | | | 1 | | 1 | | 1 | 3 |
| D | 1 | 5 | 2 | 4 | 3 | 4 | 2 | 5 | 6 | 32 |
| E | | | | | | | | 1 | 2 | 3 |
| F | 1 | | | | | | | | 1 | 2 |
| G | | | | | 1 | | | | | 1 |
| H | | 1 | | | | | | 1 | | 2 |
| I | | 2 | | | | | 1 | 2 | | 5 |
| J | | | | | 1 | | | 1 | 1 | 3 |
| K | | | | | | | | | | 0 |
| L | 4 | 7 | 2 | 3 | 2 | 2 | 2 | 3 | 4 | 29 |
| SOMA | 6 | 15 | 5 | 7 | 9 | 10 | 6 | 13 | 19 | |

Cada linha representa uma das obras da lista, segundo o código abaixo:

| | |
|--|--|
| A - Basílio da Gama – O Uruguai | G - Cyro Martins – Porteira Fechada |
| B - José de Alencar – Lucíola | H - Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim |
| C - Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | I - Dias Gomes – O Pagador de Promessas |
| D - Contos de Machado de Assis | J - Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo |
| E - Eça de Queirós – O Primo Basílio | K - Cristóvão Tezza – O Filho Eterno |
| F - Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | L - Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa |

Tabela 6.20. Quantidade de vezes em que cada título foi lido exclusivamente em computador

Outra visualização possível a partir deste conjunto de dados é a das obras mais lidas integralmente em computador, como mostra o Gráfico 6.10. Em seções anteriores a relação dos títulos mais lidos não era de interesse direto para os objetivos da pesquisa. Já a presente classificação pode ter maior significado, já que oferece indicativos sobre possíveis motivações e critérios que nortearam a escolha do suporte.

Em primeiro lugar vêm os *Contos de Machado de Assis* e em segundo os *Poemas de Álvaro de Campos*, de Fernando Pessoa, com 32 e 29 leituras, respectivamente. Este gráfico deveria ser comparado com a Tabela 6.9, que trazia os totais de leitura integral dos títulos da lista em toda a amostra. A ordem não é idêntica, apesar do primeiro lugar ser o mesmo. Os poemas de Fernando Pessoa eram apenas a sexta obra mais popular no ranking geral e aqui aparecem em segundo. *O Uruguai*, nono lugar na classifi-

¹⁰⁸ Rankings deste tipo podem não ter significado especial, mas indicam que a popularidade deste suporte em particular não parece ter relação com as médias de leitura, já que cursos em extremos diferentes daquela classificação como Direito e Publicidade aparecem equiparados.

cação geral, consta no Gráfico 6.10 como empatado no terceiro lugar ao lado de *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, e *Lucíola*, de José de Alencar. *Estrela da Vida Inteira*, de Manuel Bandeira, livro menos popular na classificação geral, aparece nesta lista um pouco acima, ao lado de *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa.

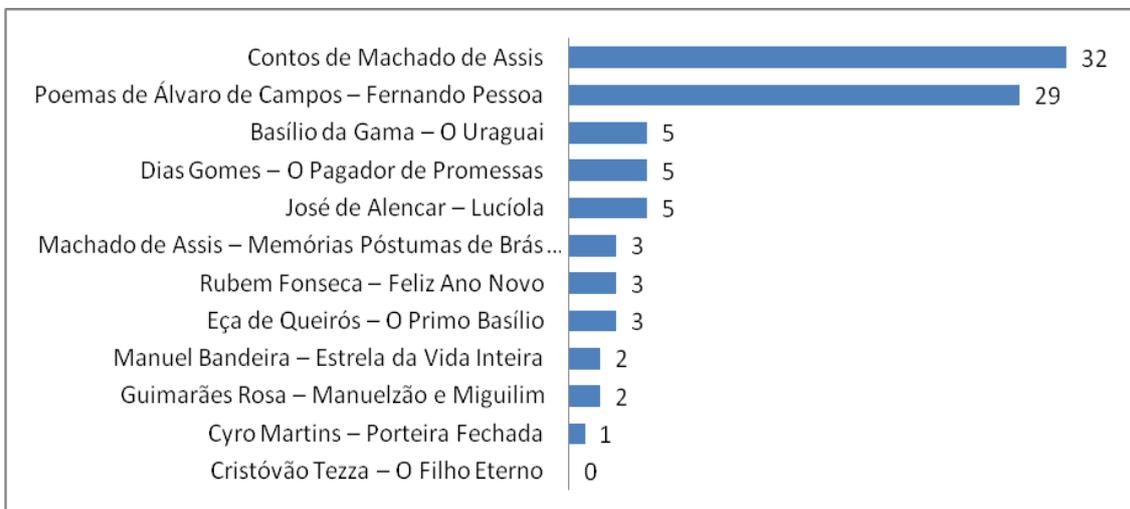


Gráfico 6.10. Ranking de leitura dos títulos em computador

É possível que a ordem diferente de leitura no computador esteja pelo menos parcialmente relacionada a conteúdo. Tanto os *Contos de Machado de Assis* quanto os *Poemas de Álvaro de Campos* são textos mais curtos. Na triangulação telefônica exposta mais adiante, um entrevistado mencionou que lê na tela mas não muito devido ao desconforto. As primeiras posições do ranking e este indicador qualitativo poderiam fazer parte do mesmo fenômeno, apontando uma tendência de leituras curtas em computador, com caráter fragmentado.¹⁰⁹

Outro fator motivador possível para a leitura em computador seria a disponibilidade em domínio público, conforme já preliminarmente tratado na seção 6.4. A Tabela 6.21 mescla o ranking de títulos mais lidos na íntegra em computador com a lista de domínio público da Tabela 6.12. Não é possível comparar integralmente os rankings das duas tabelas, porque a segunda possui uma amostragem menor e em algumas posições está classificada arbitrariamente em ordem alfabética (caso das posições 6, 7 e 8, com três leitores cada). Mas há uma ligeira tendência de que as obras não protegidas por direito autoral estejam mais acima na Tabela 6.21. Dos cinco primeiros títulos mais popu-

¹⁰⁹ Trata-se de um indicador, não dado conclusivo. Outras obras curtas, como os contos de Guimarães Rosa (a lista exigia a leitura de apenas dois deles), não parecem ter tido muito mais leitura em computador apesar do tamanho menor. Neste caso, também teriam que ser levados em conta outros fatores não diretamente ligados à questão do suporte, como as diferenças do próprio estilo de prosa de Guimarães Rosa e Machado de Assis e a importância que os estudantes atribuíam aos autores para a prova de Literatura.

lares neste quadro, quatro são de distribuição liberada, contra três na posição equivalente do ranking geral da Tabela 6.12. As quatro obras menos lidas na classificação de leitura em computador são protegidas por *copyright*. Na lista geral, entre as quatro últimas havia uma em domínio público. Só uma obra não teve leitura na íntegra em texto eletrônico, e tratava-se de uma com direito autoral, *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza.¹¹⁰

| | Leitores | d.público |
|--|----------|-----------|
| Contos de Machado de Assis | 32 | SIM |
| Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | 29 | SIM |
| Basílio da Gama – O Uruguai | 5 | SIM |
| Dias Gomes – O Pagador de Promessas | 5 | NÃO |
| José de Alencar – Lucíola | 5 | SIM |
| Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | 3 | SIM |
| Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | 3 | NÃO |
| Eça de Queirós – O Primo Basílio | 3 | SIM |
| Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | 2 | NÃO |
| Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | 2 | NÃO |
| Cyro Martins – Porteira Fechada | 1 | NÃO |
| Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | 0 | NÃO |

Tabela 6.21. Comparação entre ranking de obras lidas no computador e domínio público

6.6.2 A leitura integral em polígrafos e xerox

Para compreender o papel do texto eletrônico na preparação dos estudantes é preciso dimensioná-lo em comparação com as outras formas de suporte e contato com os livros da lista de vestibular. Por este motivo o formulário entregue aos respondentes incluía a categoria dos polígrafos e xerox, cuja importância no meio estudantil já foi ressaltada por John Thompson (2008, p.253). As coleções reprográficas distribuídas por cursinhos, professores ou providenciadas pelos próprios alunos poderiam ser consideradas, tecnologicamente, um estágio intermediário entre a forma de distribuição tradicional dos livros e os arquivos eletrônicos. Esta seria uma maneira de interpretar a Tabela 6.16, que mostra este meio, justamente, classificado entre a leitura em livro e em computador.¹¹¹

Para aprofundar a compreensão da relação dos estudantes com esta categoria de suporte, a Tabela 6.22 traz os totais de leitores de xerox/apostila por curso, comparados

¹¹⁰ Curiosamente, *O Filho Eterno* é o único dos títulos da lista de vestibular protegidos por direito autoral que foi encontrado disponível para compra em versão *e-book* durante a pesquisa. A busca por todos os títulos foi realizada no site da Livraria Cultura (www.livrariacultura.com.br, consulta em 12/3/2012).

¹¹¹ Esse raciocínio abstrai a questão de escala. Somadas, as leituras em xerox/polígrafo e em computador não chegam ao total dos livros. Mas a ordem delas é bem marcada, com 90,11% para o livro, 43,35% para a xerox/apostila e 31,56% para computador. As percentagens são a proporção de usuários dentro do total da amostra que utilizaram cada categoria.

com aqueles que realizaram leituras integrais das obras da lista. São 114 respondentes que marcaram ter tido contato com alguma obra por este meio, dos quais 94 leram algum título por inteiro. No total da amostra, estes números representam 43,35% e 35,74%, respectivamente. Observa-se que esta forma de suporte não desempenha apenas papel de consulta. A maioria dos usuários fez uso para leitura integral. Este uso oscila um pouco ao longo dos cursos, mas se mantém coerente em toda a amostra. Em alguns casos, como na Medicina e Biologia, todos os usuários que utilizaram xerox/apostila leram obras por inteiro desta forma. As maiores percentagens de alunos que leram integralmente por este suporte estão na Medicina (53,13%), Publicidade (44,83%) e Biologia (42,31%). O menor uso, tanto para leitura integral quanto para consulta, está na Computação (17,24% leram por inteiro, 27,59% consultaram).

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP | TOTAL |
|-----------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| quem leu só em xerox | 17 | 12 | 7 | 11 | 9 | 5 | 10 | 10 | 13 | 94 |
| (%) | 53,13% | 32,43% | 33,33% | 42,31% | 24,32% | 17,24% | 38,46% | 38,46% | 44,83% | 35,74% |
| todos que leram xerox | 17 | 17 | 10 | 11 | 13 | 8 | 13 | 11 | 14 | 114 |
| (%) | 53,13% | 45,95% | 47,62% | 42,31% | 35,14% | 27,59% | 50,00% | 42,31% | 48,28% | 43,35% |

Tabela 6.22. Leituras totais e na íntegra em xerox/apostila

A lista dos livros mais lidos neste suporte está na Tabela 6.23, que deve ser analisada em comparação com a Tabela 6.13, que tinha o ranking geral de leitura, e a Tabela 6.21, que trazia os números relativos ao uso de computador. Nas três o primeiro mais lido é o mesmo, *Contos de Machado de Assis*. A classificação dos mais populares em xerox/polígrafo tem na segunda posição os *Poemas de Álvaro de Campos*, mesma ordem que os textos eletrônicos. O terceiro título, *O Pagador de Promessas*, também está em ordem semelhante à da Tabela 6.21 (naquela consta em quarto, mas pelo critério de ordem alfabética, já que empata com *O Uruguai*).

Parte da coincidência nas três primeiras posições pode vir do fato de que as listas de xerox/apostila e computador se relacionam em mais de um nível. Indicadores dentro da pesquisa sugerem que alguns respondentes marcaram nesta categoria aqueles textos que descarregaram da Internet e depois imprimiram.¹¹² Ainda é possível que os textos tenham sido distribuídos por outras formas, como nas apostilas de cursinho. Neste caso, pode ser relevante a distribuição em domínio público, informação que também consta na Tabela 6.23.

¹¹² Em um dos casos, citado na seção 6.15, dedicada às respostas únicas para o campo “Outros”, um respondente indicou que imprimiu os *Poemas de Álvaro de Campos* da Internet.

| Título | Leitores | D.público |
|--|----------|-----------|
| Contos de Machado de Assis | 59 | SIM |
| Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | 52 | SIM |
| Dias Gomes – O Pagador de Promessas | 12 | NÃO |
| Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | 8 | NÃO |
| Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | 7 | NÃO |
| Basílio da Gama – O Uruguai | 5 | SIM |
| José de Alencar – Luciola | 5 | SIM |
| Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | 5 | SIM |
| Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | 5 | NÃO |
| Eça de Queirós – O Primo Basílio | 3 | SIM |
| Cyro Martins – Porteira Fechada | 3 | NÃO |
| Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | 3 | NÃO |

Tabela 6.23. Ranking de livros mais lidos em xerox/apostila, com dados de domínio público

Um detalhe é que na Tabela 6.23 há três livros com copyright nas cinco primeiras posições, contra um na Tabela 6.21 e dois na Tabela 6.13. Uma hipótese é que isso esteja ligado ao uso social do suporte. O meio xerox/apostila se apresenta como alternativa mais barata que a compra dos livros com copyright¹¹³, que por sua vez são mais difíceis de obter gratuitamente por meio eletrônico. Este mecanismo poderia explicar, por exemplo, a colocação do livro de Manuel Bandeira *Estrela da Vida Inteira* em quarto, posição muito superior às da lista geral (12^o) e de computador (empatado em 9^o). Mas é útil levar em conta que abaixo da terceira posição da tabela o número de leitores cai abaixo de uma dezena, intervalo no qual as preferências individuais dos respondentes ou o mero acaso podem mascarar os números. Algumas tendências são comuns às três listagens. Os contos de Guimarães Rosa figuram entre os três títulos menos lidos na íntegra em qualquer formato. Neste caso, é mais possível que se trate de motivação ligada ao conteúdo do que um efeito de suporte.

6.6.3 A leitura integral em livro

O livro foi o suporte dominante entre os estudantes da pesquisa, utilizado por 90,11% dos respondentes, conforme a Tabela 6.16. A observação dos dados em maior profundidade é útil para compreender a relação dos respondentes dos diferentes cursos com este meio. A Tabela 6.24 traz os números de alunos que leram pelo menos um título integralmente em livro, com indicação da percentagem que representam no curso. A classificação segue o percentual de leitores na íntegra. Medicina foi a única com 100%,

¹¹³ Por questões de distribuição, também pode ser mais fácil reproduzir livros de biblioteca ou emprestados por professores do que encontrá-los nas livrarias. Indicativo neste sentido foi mencionado por uma leitora a respeito dos textos eletrônicos.

seguida pelo Direito, Biologia, Computação e Letras, todos acima dos 90%. O curso com a maior quantidade de respondentes que não fizeram leitura integral em livro foi a Publicidade. As duas primeiras posições e a última desta ordenação coincidem, respectivamente, com os maiores índices de leitura (Medicina e Direito) e o menor (Publicidade). A ordem dos demais, entretanto, tem variações.

No ranking geral de médias de leitura mostrado na Tabela 6.4, Letras aparecia em oitavo lugar. Na Tabela 6.24 está mais à frente, em quinto. Em seções anteriores, este curso já aparecia como aquele com menor diferença entre o uso das categorias de suporte e as de leitura, o que poderia indicar maior tendência do que nos outros de que os estudantes preferissem as formas de contato com a lista que incluíssem acesso ao texto integral. Seria compatível com este perfil o fato de que, como indicado no quadro abaixo, 92,31% dos candidatos desta especialidade tenham realizado leituras na íntegra em livro.

| Cursos | leu íntegra | (%) | não leu | (%) |
|---------------|--------------------|------------|----------------|------------|
| MED | 32 | 100,00% | 0 | 0,00% |
| DIR | 36 | 97,30% | 1 | 2,70% |
| BIO | 25 | 96,15% | 1 | 3,85% |
| COMP | 27 | 93,10% | 2 | 6,90% |
| LET | 24 | 92,31% | 2 | 7,69% |
| VET | 31 | 83,78% | 6 | 16,22% |
| PSI | 17 | 80,95% | 4 | 19,05% |
| ENG | 20 | 76,92% | 6 | 23,08% |
| PP | 20 | 68,97% | 9 | 31,03% |

Tabela 6.24. Ranking de leitura integral em livro por contagem de alunos

Outros dados da Tabela 6.24 mostram pistas sobre perfis de leitura. Na Medicina todos os respondentes leram pelo menos algum livro em forma impressa. No Direito e Biologia, apenas um aluno não leu títulos na íntegra por este suporte. Pode-se cruzar estas informações com outras de categorias anteriores. No caso do Direito, o curso também era o primeiro lugar em textos por computador, além de figurar entre os maiores índices de leitura da pesquisa. Como indicaram ainda dados qualitativos, isto poderia indicar uma aproximação mais pragmática ao estudo por parte dos candidatos, que utilizaram diferentes modalidades para tomar contato com a lista. Medicina e Biologia, por sua vez, também haviam ficado entre os primeiros colocados em outra categoria. A Tabela 6.22 indicava que os dois cursos haviam sido os únicos em que todos os candidatos que marcaram a opção de polígrafo ou xerox haviam feito leituras na íntegra por este

meio. Somando-se a esses indicadores o dado de que ambos estão entre os primeiros no ranking da leitura em livro, isso indica que nestes cursos houve uma preferência pelo contato com as formas de suporte em papel.¹¹⁴

Na última posição da tabela está a Publicidade, com quase um terço de candidatos que não fizeram qualquer leitura na íntegra por este suporte (31,03%). A posição no ranking de livros contrasta com o primeiro lugar em obras lidas na íntegra em computador e maior variedade de títulos em meio eletrônico, conforme era visto na Tabela 6.20. O curso também estava entre os campeões em leitura por xerox ou apostila (segundo maior em leitura integral, conforme a Tabela 6.22). Estes indicadores poderiam apontar um perfil mais eclético, com tendência de alternância entre suportes de leitura e estudo.

Deve-se salientar que quaisquer inferências sobre perfis de leitura não são conclusivas. Vários fatores devem ser considerados, um dos quais o fato de que nem todos os conjuntos de dados são convergentes. Precisam ser levados em conta, ainda, os índices de fiabilidade, apresentados em outra seção deste capítulo. Outro aspecto é a variação de indivíduos dentro dos cursos. Se forem tomados modelos como o descrito por Ana Helena Seuánez Salgado, que comportam diferentes grupos de usuários a partir da relação com o suporte (SALGADO, 2008, p.156), alguns indicadores contidos na estratificação por curso deveriam ser compreendidos apenas como sinalizadores de que há mais de uma categoria de leitor incluída na amostra de cada área.¹¹⁵ Apesar destas cautelas, as medidas mais amplas, como é o caso do número de leitores em livro, podem ser válidas para fornecer indicativos em escalas coletivas, como é o caso dos cursos. É o caso, na Tabela 6.24, dos 100% de candidatos da Medicina que leram integralmente por este suporte, ou dos 31% que não fizeram leitura em livro na Publicidade.

Também é útil, na análise dos números sobre livros, observar o ranking dos títulos da lista do vestibular mais lidos nesta forma de suporte. A Tabela 6.25 mostra que o livro mais lido na clássica forma impressa foi *Lucíola*, seguido de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Feliz Ano Novo*. É útil cotejar as posições com a Tabela 6.9, que trazia a ordem geral de leitura pelo total da amostra, com a Tabela 6.21 (leitura em computa-

¹¹⁴ No caso da Medicina, uma terceira categoria ainda indica esta preferência, já que a Tabela 6.17 traz o curso como segundo lugar no ranking de consulta a resumo impresso, ao mesmo tempo que aponta a maior diferença de toda a amostra entre alunos que consultaram resumo impresso e pela Internet (22 contra 8, respectivamente). O conjunto dos dados apontaria para um perfil conservador, mais ligado às formas tradicionais de suporte, não eletrônicas. Note-se que ao longo da análise às vezes serão empregados os termos “conservador” e “tradicional” em relação aos meios impressos, em especial o livro (também ocasionalmente referido como formato “clássico”), com propósitos unicamente descritivos, referindo-se à anterioridade histórica do suporte. Os termos não são aplicados em um sentido político/sociológico, embora fosse possível problematizar indicadores da observação também desta forma.

¹¹⁵ Para ajudar nesta dimensão da análise, ver a seção 6.18, com perfis de respondentes.

dor) e com a Tabela 6.23 (leitura em xerox/apostila).

Um dos primeiros aspectos observáveis é que a ordem dos livros é semelhante à da Tabela 6.9, o que se explica pelo fato de que os livros impressos representaram 90,11% do total de leitura e, portanto, tiveram mais peso no total. Mesmo assim, há algumas diferenças entre os rankings geral e deste suporte em específico, que se devem ao papel dos outros meios de leitura. A primeira destas é o topo do quadro, em que figura a obra de José de Alencar que, na Tabela 6.9, era a segunda. Naquela, os *Contos de Machado de Assis* ficavam no primeiro lugar em leitura. Nas tabelas de computador e xerox/polígrafo verifica-se que os dois suportes concentraram a leitura deste título, e por uma margem tão grande que elevou sua posição no ranking geral. Em livro, os *Contos* foram apenas a nona posição.

Fenômeno semelhante aconteceu com os *Poemas de Álvaro de Campos*, que são a décima posição no ranking de livros mas a segunda nos de computador e xerox. Com isso, na colocação geral a obra de Fernando Pessoa ficou em sexto lugar. Por outro lado, o efeito oposto ocorreu com *O Filho Eterno*, sétimo título mais popular em livro, mas décimo no ranking geral. Pesaram para essa diferença, entre outras coisas, a última posição no ranking de computador e a nona em xerox/apostila. Os desempenhos diferenciados dos *Poemas* e do livro de Cristóvão Tezza nos diversos suportes poderiam ser devidos, pelo menos parcialmente, à questão da disponibilidade, já que no caso do segundo se trata de obra protegida por direitos autorais e não legalmente disponível para *download* gratuito.

A esse respeito, a Tabela 6.25 também traz informações sobre a disponibilidade em domínio público, já que nas seções anteriores este foi um dos parâmetros investigados. Há uma menor tendência do que na Tabela 6.21 de que as obras de distribuição gratuita fiquem em posições superiores. Assim como no quadro de xerox/polígrafo, os livros de copyright representam 3 dos cinco mais lidos, proporção que no caso do computador era só de 1/5. O comparativo entre as tabelas sugere a hipótese de que a disponibilidade em domínio público seja um fator que influencia principalmente a distribuição eletrônica e um pouco a por xerox/apostila. No suporte livro a proteção por direito autoral não parece ser um fator que tenha afetado diretamente a leitura.

Os títulos da lista menos lidos em papel, de Guimarães Rosa e Manuel Bandeira, são os mesmos da relação geral da Tabela 6.9. Havia ligeiramente mais leitores para ambos em computador. *Estrela da Vida Inteira* teve mais leitura em xerox/apostila. Ape-

sar disso, os números não foram suficientemente expressivos para afetar o total geral. É possível que não se trate, neste caso, de um efeito de suporte.

| Título | D. público | total alunos | (%) | íntegra | (%) |
|--|------------|--------------|--------|---------|--------|
| José de Alencar – Lucíola | SIM | 183 | 69,58% | 175 | 66,54% |
| Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | SIM | 181 | 68,82% | 172 | 65,40% |
| Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo | NÃO | 150 | 57,03% | 145 | 55,13% |
| Cyro Martins – Porteira Fechada | NÃO | 143 | 54,37% | 142 | 53,99% |
| Dias Gomes – O Pagador de Promessas | NÃO | 141 | 53,61% | 134 | 50,95% |
| Eça de Queirós – O Primo Basílio | SIM | 143 | 54,37% | 126 | 47,91% |
| Cristóvão Tezza – O Filho Eterno | NÃO | 121 | 46,01% | 119 | 45,25% |
| Basílio da Gama – O Uruguai | SIM | 125 | 47,53% | 110 | 41,83% |
| Contos de Machado de Assis | SIM | 119 | 45,25% | 110 | 41,83% |
| Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa | SIM | 70 | 26,62% | 69 | 26,24% |
| Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim | NÃO | 86 | 32,70% | 65 | 24,71% |
| Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | NÃO | 69 | 26,24% | 43 | 16,35% |

Tabela 6.25. Ranking das obras lidas na íntegra em livro, com dados de domínio público e total do suporte

A Tabela 6.25 também traz números, por título, dos alunos que consultaram cada livro e os que fizeram a leitura integral. A maior diferença é em *Estrela da Vida Inteira*, o livro menos lido, chegando a cerca de 10 pontos percentuais (26,24% marcaram ter tido acesso ao título nesta categoria, mas só 16,35% leram por inteiro). Nos outros títulos há diferenças menores, entre 2 a 4 pontos percentuais, em dois casos 6 e 7 (*O Primo Basílio* e *O Uruguai*) e um 8 (*Manuelzão e Miguilim*)¹¹⁶. Na média, estas diferenças ficam abaixo do contraste de 31,56% para 21,67% registrado na Tabela 6.19, sobre as leituras em computador. Os números sugerem que a tendência de utilizar o suporte apenas como consulta é maior no caso dos textos eletrônicos, já que em computador houve, em comparação, mais alunos que tiveram acesso ao texto integral e não leram. A Tabela 6.22 indica que também em xerox/apostila houve contraste mais marcado entre quem teve acesso ao texto integral e efetivamente realizou a leitura. Os dados não podem ser considerados conclusivos porque o formulário não foi planejado para esta verificação estatística, mas resta viável a hipótese de que o suporte em livro seja mais utilizado para leitura integral e que xerox, apostila e textos de computador tenham tendência maior a ser utilizados como fonte de consulta.¹¹⁷

A Tabela 6.26 e a Tabela 6.27 trazem a leitura em livro de cada título entre os estudantes conforme a opção no vestibular. O primeiro quadro traz os números absolutos e o segundo as percentagens dentro da amostra de cada curso. A distribuição se aproxima

¹¹⁶ Na observação feita durante a aplicação do formulário, *O Primo Basílio* foi um dos títulos dos quais mais alunos se queixaram. A menor popularidade do livro, neste caso, parece ter se traduzido em uma maior quantidade de estudantes que tiveram acesso ao volume mas não concluíram a leitura. Coincidentemente, os livros de Manuel Bandeira e Guimarães Rosa, os menos lidos da lista, também apresentaram contraste maior entre consulta e leitura.

¹¹⁷ Note-se que os números apontam apenas que houve mais alunos que usaram textos de computador e xerox/apostila como consulta do que no caso dos livros impressos. Em todas as categorias houve mais alunos que fizeram leitura integral do que não fizeram.

das médias de leitura já apresentadas na Tabela 6.7 e na Tabela 6.8, embora o comparativo aponte diferenças na preferência de suporte em alguns pontos. Na Medicina, *O Uruguai* teve 22 leitores, todos em livro, como se observa comparando a Tabela 6.26 com a Tabela 6.7. Já na Publicidade os poemas de Fernando Pessoa tiveram 13 leitores no total e só dois em livro, os restantes se distribuíram por outros suportes. Outros comparativos são interessantes mas não diretamente ligados ao tema da pesquisa, como o fato de que o livro impresso com maior leitura dentro de um curso foi *Lucíola*, de José de Alencar, lido por 94% dos candidatos de Medicina. Similarmente, o livro menos lido em papel foi *Estrela da Vida Inteira*, de Manuel Bandeira, na Biologia, que teve somente um leitor (4% da amostra do curso).

As duas tabelas foram incluídas para oferecer os dados à consulta de eventuais pesquisadores interessados de outras áreas, como Letras e Educação. Na finalidade da dissertação, ajudam a compreender em detalhes a articulação entre os perfis de leitura dos diversos cursos e a composição do panorama mais amplo já analisado na Tabela 6.25. Um detalhe a respeito das tabelas desta seção, ligado aos índices de fiabilidade apresentados na seção 6.13, é que os números devem ser entendidos como indicativos genéricos, não grandezas absolutas. O formulário entregue aos respondentes tinha duas questões, uma sobre os títulos lidos na íntegra e outra sobre os suportes utilizados. Esta seção realizou o cruzamento entre ambas. Mas embora os dados originados por este procedimento tenham sido interessantes, devem ser relativizados porque nem sempre as respostas eram 100% coerentes. Em alguns casos, alunos marcaram as obras lidas na íntegra mas não suficientes categorias de leitura integral para elas.¹¹⁸

| livros | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|
| A | 22 | 23 | 8 | 9 | 12 | 9 | 10 | 11 | 6 |
| B | 30 | 29 | 12 | 16 | 26 | 14 | 18 | 17 | 13 |
| C | 28 | 25 | 13 | 17 | 22 | 19 | 16 | 19 | 13 |
| D | 19 | 21 | 8 | 12 | 16 | 12 | 8 | 9 | 5 |
| E | 24 | 20 | 11 | 12 | 17 | 14 | 12 | 10 | 6 |
| F | 7 | 11 | 4 | 1 | 8 | 3 | 3 | 4 | 2 |
| G | 26 | 30 | 11 | 13 | 15 | 14 | 13 | 9 | 11 |
| H | 11 | 15 | 7 | 7 | 7 | 5 | 4 | 5 | 4 |
| I | 26 | 23 | 9 | 15 | 14 | 15 | 11 | 9 | 12 |
| J | 24 | 31 | 12 | 13 | 18 | 13 | 12 | 10 | 12 |
| K | 25 | 27 | 10 | 10 | 11 | 11 | 10 | 7 | 8 |
| L | 19 | 14 | 6 | 4 | 8 | 8 | 4 | 4 | 2 |

| | |
|--|--|
| A - Basílio da Gama – O Uruguai | G - Cyro Martins – Porteira Fechada |
| B - José de Alencar – Lucíola | H - Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim |
| C - Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | I - Dias Gomes – O Pagador de Promessas |
| D - Contos de Machado de Assis | J - Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo |
| E - Eça de Queirós – O Primo Basílio | K - Cristóvão Tezza – O Filho Eterno |
| F - Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | L - Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa |

Tabela 6.26. Leitura integral em livro por número de estudantes nos cursos

¹¹⁸ Os tipos e quantidades de incoerências deste tipo são apresentados na seção 6.13, que discute a fiabilidade.

| Livros | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|
| A | 69% | 62% | 38% | 35% | 32% | 31% | 38% | 42% | 21% |
| B | 94% | 78% | 57% | 62% | 70% | 48% | 69% | 65% | 45% |
| C | 88% | 68% | 62% | 65% | 59% | 66% | 62% | 73% | 45% |
| D | 59% | 57% | 38% | 46% | 43% | 41% | 31% | 35% | 17% |
| E | 75% | 54% | 52% | 46% | 46% | 48% | 46% | 38% | 21% |
| F | 22% | 30% | 19% | 4% | 22% | 10% | 12% | 15% | 7% |
| G | 81% | 81% | 52% | 50% | 41% | 48% | 50% | 35% | 38% |
| H | 34% | 41% | 33% | 27% | 19% | 17% | 15% | 19% | 14% |
| I | 81% | 62% | 43% | 58% | 38% | 52% | 42% | 35% | 41% |
| J | 75% | 84% | 57% | 50% | 49% | 45% | 46% | 38% | 41% |
| K | 78% | 73% | 48% | 38% | 30% | 38% | 38% | 27% | 28% |
| L | 59% | 38% | 29% | 15% | 22% | 28% | 15% | 15% | 7% |

Tabela 6.27. Leitura integral em livro por porcentagem de estudantes nos cursos

6.6.4 A consulta em filme ou documentário

As subseções anteriores buscaram comparar índices de leitura em diversos suportes, como computador, xerox/polígrafo e livro. Dentro dos objetivos da pesquisa, este procedimento buscou dimensionar e compreender a dinâmica do processo de alternância entre as formas tradicionais e eletrônicas de disseminação de textos. Foi uma forma de avaliar empiricamente conceitos teóricos explicados no capítulo 2 e na seção 3.1, relações que serão retomadas na seção 6.22 e nas Considerações Finais. Mas outra linha teórica também foi representada no instrumento de coleta de dados, aquela dos autores que demonstram preocupação com as formas de concorrência dos meios audiovisuais com a cultura letrada, abordada na seção 3.2. Um parâmetro do trabalho de campo que buscou traduzir esta vertente teórica em questões práticas do cotidiano dos estudantes foi a categoria “Filme ou documentário” disponível nas opções que os respondentes podiam marcar no formulário. A intenção era compreender o uso dos meios audiovisuais pelos candidatos na aproximação aos títulos da lista. Alguma obra foi apropriada exclusivamente por este formato? Isto ocorreu em números expressivos?

Os dados estão na Tabela 6.28, com números totais e por curso. Um dos primeiros fatos que devem ser analisados é o de que o total de respondentes que marcaram a opção “Filme ou documentário” nas formas de contato com a lista de vestibular é, coincidentemente, o mesmo dos que assinalaram a categoria “computador”. Ambos tinham 83 candidatos, equivalendo a 31,56% do total da amostra, conforme se observava na Tabela 6.16. Trata-se das quantidades absolutas de pessoas que utilizaram estes meios. A Tabela 6.19 e a Tabela 6.28 aprofundam estas informações detalhando quantos dos alunos haviam, respectivamente, lido obras inteiras no computador e assistido só filmes no lugar de ler algum dos livros recomendados. Neste comparativo os números diferem.

Dos 83 que marcaram ter lido títulos da lista em computador, 57 disseram ter feito leitura integral, perfazendo 21,67% da amostra. Já dos 83 que assinalaram ter assistido a filmes ou documentários baseados em livros da lista, 43 (16,35%) não haviam lido os livros, só utilizado este meio audiovisual. Comparativamente, o uso de texto eletrônico como alternativa à leitura integral em livro teve maior presença percentual do que o vídeo.

| | MED | DIR | PSI | BIO | VET | COMP | ENG | LET | PP | TOTAL |
|------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|
| Alunos que viram filme da lista | 9 | 16 | 7 | 9 | 14 | 9 | 9 | 2 | 8 | 83 |
| (%) | 28,13% | 43,24% | 33,33% | 34,62% | 37,84% | 31,03% | 34,62% | 7,69% | 27,59% | 31,56% |
| Alunos que viram filme e não leram | 4 | 8 | 4 | 2 | 7 | 6 | 4 | 1 | 7 | 43 |
| (%) | 12,50% | 21,62% | 19,05% | 7,69% | 18,92% | 20,69% | 15,38% | 3,85% | 24,14% | 16,35% |

Tabela 6.28. Candidatos que assistiram a filmes ou documentários baseados na lista

Mesmo assim, é significativo que 16,35% dos respondentes, no total da amostra, tenham assistido a filmes ou documentários no lugar de ler algum dos livros da lista de vestibular.¹¹⁹ É preciso compreender esta estatística dentro de uma comparação entre as categorias de suporte à leitura integral, de um lado, e as formas de consulta, de outro – aqui em forma audiovisual. Também se observa na Tabela 6.28 que há bastante variação de um curso para outro. A maior percentagem de candidatos que substituíram a leitura pelo vídeo está na Publicidade, com 24,14% (7 pessoas), e a menor na Letras, 3,85% (apenas uma pessoa). Em números absolutos, houve mais casos deste tipo no Direito, com oito, embora pela diferença no tamanho da amostra a representatividade seja menor, 21,62%. Biologia (2 alunos, 7,69%) e Medicina (4 alunos, 12,5%) são o segundo e terceiro menores números.

A comparação aponta que a substituição de livros por filmes não parece ser uma função diretamente ligada às médias de leitura, já que cursos dos dois extremos ficaram em posições similares, caso do Direito e Publicidade. Mas os valores podem confirmar algumas tendências já sinalizadas nas seções anteriores, como o perfil possivelmente mais eclético da Publicidade e, por outro lado, mais conservador da Letras e mesmo Medicina.

Outra dimensão dos números é dada pela linha superior do quadro, que mostra

¹¹⁹ Note-se que os números dizem respeito a títulos. Significam que cada aluno viu pelo menos um filme de livro que não leu. Não significam que aquele candidato não leu livro algum. Mas isso efetivamente aconteceu em 8 casos, em que estudantes não leram qualquer livro na íntegra mas assistiram a alguns dos filmes. Estes últimos se concentraram no Direito, Psicologia, Computação, Engenharia (2) e Publicidade (3).

as quantidades de candidatos que assistiram a filmes ou documentários mas não necessariamente de forma exclusiva. O curso com o maior percentual, neste caso, é o de Direito, em que 43,24% dos respondentes marcaram ter assistido alguma obra em meio audiovisual. Foram 16 pessoas, das quais oito leram integralmente os livros também. Foi a maior quantidade de alunos que usaram esta categoria como suporte de estudo sem descartar o contato com o texto integral. Houve indicativo qualitativo de que para alguns este foi um procedimento de estudo planejado.¹²⁰

O fenômeno dos estudantes que utilizaram o audiovisual como apoio ao estudo sem prejuízo da leitura integral também pode explicar os índices mais altos da primeira linha da Tabela 6.28 para os cursos de Veterinária (37,84%), Biologia (34,62%), Engenharia (34,62%), Psicologia (33,33%) e Computação (31,03%). A diferença foi menos marcada na Publicidade, em que apenas uma das oito pessoas que marcaram filme/documentário não usou este meio em substituição à leitura de algum título. Com isso, as percentagens da Publicidade ficaram as mais próximas nas duas linhas do quadro, 27,59% na superior e 24,14% na inferior. A Letras teve os menores índices nas duas linhas. Na superior, eram dois respondentes. Na inferior, apenas um.

A análise dos números da Tabela 6.28 permite elaborar a hipótese de que há pelo menos dois fenômenos superpostos quando se trata de confrontar a lista de vestibular com o suporte audiovisual representado pelos filmes e documentários. De um lado, há efetivamente casos em que o vídeo atuou como substituto do texto integral. De outro, certos estudantes utilizaram este meio como recurso complementar, cotejado com a leitura dos textos integrais nos diferentes suportes. Os dois grupos são estatisticamente quase iguais, como indicado no quadro, com o primeiro representado por 43 respondentes (16,35%) e o segundo por 40 (15,21%).

A Tabela 6.29 traz o ranking dos filmes e documentários baseados na lista de vestibular mais assistidos pelos respondentes que não leram os livros na íntegra. Importante notar que, diferentemente do quadro anterior, que era organizado em função dos alunos, a medida desta tabela é por audiência. Cada aluno pode ter assistido a mais de um vídeo, então as quantidades, somadas, têm um valor acima daquele da linha inferior da Tabela 6.28. Nota-se que são poucos títulos com presença expressiva. Três filmes concentram a maior parte de espectadores, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *O Pri-*

¹²⁰ Um dos entrevistados na porção qualitativa da pesquisa explicou que primeiro leu o livro, depois assistiu ao filme, para fazer comparações entre ambos (ver subseção 6.19.2).

mo *Basílio* e *O Pagador de Promessas*. A relação também indica a necessidade de utilizar estes dados com cautela, já que algumas das informações podem ter sido resultado de preenchimento equivocado. É o caso das opções em que consta apenas um aluno.¹²¹

| Filmes | Alunos |
|---------------------------------|--------|
| Memórias Póstumas de Brás Cubas | 20 |
| O Primo Basílio | 20 |
| O Pagador de Promessas | 9 |
| Contos de Machado de Assis | 3 |
| O Uruguai | 1 |
| Lucíola | 1 |
| Manuelzão e Miguilim | 1 |
| Feliz Ano Novo | 1 |
| Poemas de Álvaro de Campos | 1 |

Tabela 6.29. Ranking dos vídeos baseados na lista, por audiência

Os dados da Tabela 6.29 indicam que basicamente três títulos baseados na lista de leitura foram assistidos pelos alunos. A compreensão da dimensão desta categoria de suporte de conteúdo deve levar em conta esta disponibilidade limitada de opções. Das 12 obras que constituíam o conjunto das leituras recomendadas, só estas três tinham adaptações audiovisuais mais conhecidas. Mesmo assim, o índice de consultas se equiparou ao dos textos por computador. Seria cabível perguntar se a participação deste meio na amostra seria maior se houvesse mais livros adaptados para o cinema e tevê na lista de vestibular.

6.7 Frequência de múltiplas categorias

Ainda com respeito à tabulação dos dados da segunda questão do formulário preenchido pelos respondentes, o Gráfico 6.11 compara as quantidades de categorias de suporte e consulta marcadas pelos alunos. Havia originalmente dez opções, uma delas “outros”, que foi desdobrada em duas na tabulação mas aqui consta unificada. As outras alternativas eram “leu em livro impresso”, “leu em xerox ou apostila”, “leu no computador, *netbook* ou *laptop*”, “leu em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*”, “leu resumo na Internet”, “leu resumo ou resenha em livro ou apostila”, “viu filme ou documentário”, “aprendeu em aula ou grupo de estudo” e “escutou audiolivro ou arquivo de áudio”. O

¹²¹ Estas entradas não foram omitidas da tabela porque em levantamento em *sites* de audiovisual foram localizados vídeos didáticos a respeito de alguns dos títulos.

Gráfico 6.11 e o Gráfico 6.12 mostram o total de meios marcado pelos estudantes no questionário.

O Gráfico 6.11 mostra uma curva com pico de 66 no valor quatro, significando que o maior grupo de estudantes marcou este número de categorias. Os extremos, com menor participação, ficam em zero e oito, ambos com três respondentes. Não houve casos de nove e dez, ou seja, ninguém chegou a marcar todas as opções.

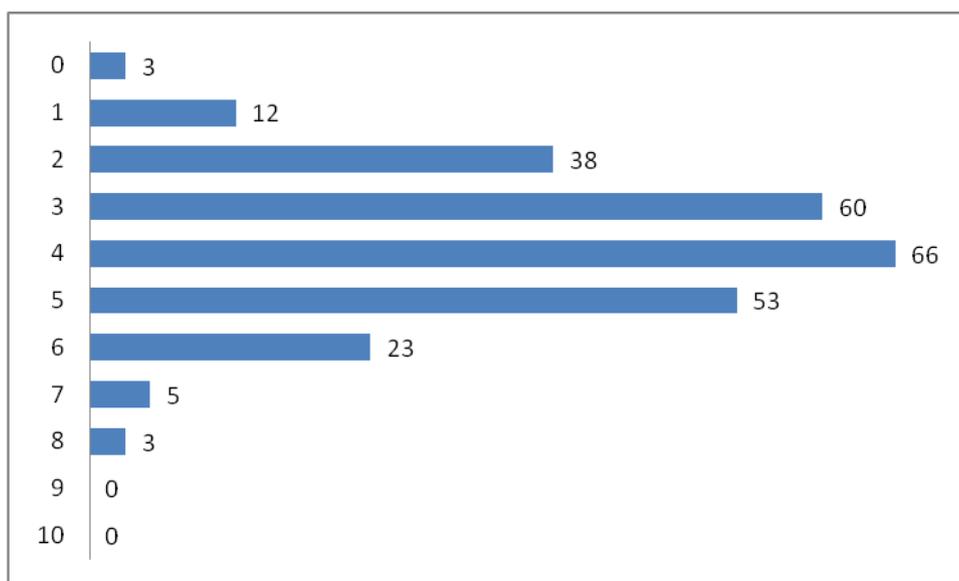


Gráfico 6.11. Frequências de superposição de categorias pelos respondentes (total da amostra)

No Gráfico 6.12 consta a distribuição de frequências por curso. Como se trata de uma composição de categorias que já foram analisadas em separado, a análise é coerente com observações que já haviam sido feitas. Letras e Biologia têm a menor diversidade de frequências, com cinco. O diferencial entre estas duas áreas está na amplitude. Os estudantes de Biologia ficaram na faixa entre duas e oito opções, com pico em quatro e uma descontinuidade em seis e sete, com zero marcações cada. A curva da Letras foi mais uniforme, situada entre dois e seis e com pico em três. Esta distribuição mostra que em geral os estudantes do curso assinalaram menos opções, de forma condizente com o perfil mais conservador de leitura já observado em categorias como as audiovisuais e de consulta. O desenho harmônico e estreito da curva também aponta que esta tendência foi uniforme dentro do grupo. Em comparação, a Biologia mostra uma curva com mais de um pico e um intervalo vazio, indicando distribuição menos homogênea.

Direito teve uma das maiores amplitudes, entre um e oito, e um pico duplo em quatro e cinco. Dos nove cursos da amostra, é a única curva deslocada em direção à parte inferior, com seis estudantes que assinalaram seis categorias. O Gráfico 6.12 ilus-

tra uma tendência, já observada em opções como as dos textos eletrônicos e dos filmes, de diversificação de métodos de estudo por parte de alguns dos alunos de Ciências Jurídicas, que se reflete em escolhas múltiplas de categorias de consulta e suporte.

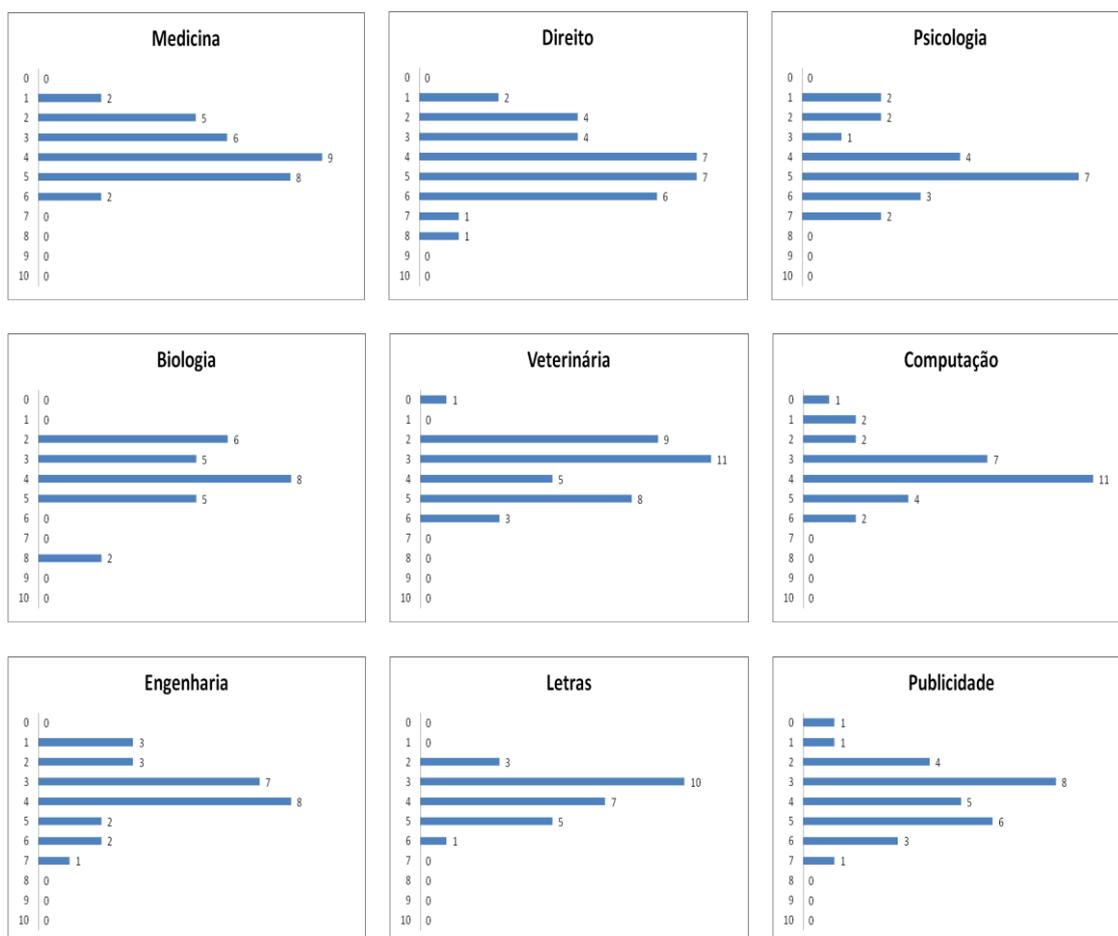


Gráfico 6.12. Frequências de superposição de categorias, distribuição por curso

Publicidade empatou em amplitude com o Direito, com sete faixas, mas com o diferencial de que ocupa a faixa do zero, quando o outro curso iniciava em um. A curva de frequência tem dois picos, o maior em três, com oito alunos, e outro em cinco, com seis. Embora a média dos respondentes não tenha ficado fora da faixa dos demais cursos, a distribuição indica o ecletismo que já havia sido observado nas análises das categorias em separado. Publicidade, Veterinária e Letras apresentaram os picos mais baixos, com o maior grupo de estudantes concentrado em três categorias.

Medicina, Direito, Biologia, Computação e Engenharia têm picos em quatro, tendência que dominou no geral, como se vê no Gráfico 6.11. Destes, apenas a Biologia tem uma curva não uniforme. O outro curso com gráfico descontínuo foi a Veterinária, indicando distribuição não homogênea dentro da amostra.

6.8 Downloads declarados pelos estudantes

Além do número de leituras integrais e dos suportes de leitura e estudo utilizados para contato com a lista do vestibular, o formulário perguntava aos alunos se já haviam feito *download* de livros da Internet e pelo computador. Solicitava-se que o respondente marcasse uma de quatro alternativas: “nunca descarregou”, “1 a 12”, “13 a 99” e “mais de 100”. O Gráfico 6.13 traz as percentagens destas faixas para o total da amostra.¹²²

A maior parte das opções dos estudantes foi por “1 a 12”, com 55%. Vêm empatadas as faixas “nunca” e “13 a 99”, com 21%. Apenas 3% marcaram “mais de 100”. Como explicado nos Procedimentos Metodológicos, as quantidades que era possível marcar levaram em consideração o tamanho da lista de leitura do vestibular, com 12 títulos. Assim, alunos que descarregaram obras somente por conta das provas ficaram na mesma categoria de 1 a 12, que de fato foi a maior.

Neste ponto é importante cotejar a informação com a da Tabela 6.19, que trazia as quantidades de alunos que fizeram leitura por computador. Naquela, constava que 31,56% dos respondentes haviam tido contato com algum título da lista através deste meio. Com base neste total, a expectativa era que o Gráfico 6.13 indicasse um número igual ou superior de *downloads*, como realmente aconteceu. O interessante é que as percentagens são muito superiores. Somados, os alunos que marcaram ter descarregado algum título no computador perfazem 79%. A minoria, 21%, jamais descarregou. Trata-se de uma inversão do observado na Tabela 6.19, em que a minoria de pouco mais de 30% havia utilizado os textos eletrônicos.

Os totais mostrados no gráfico não dizem respeito somente ao estudo para o vestibular, mas aos hábitos pessoais dos estudantes. Uma interpretação possível para estas percentagens é que o hábito de descarregar livros e arquivos de texto da Internet é bastante disseminado entre os jovens, embora não necessariamente no propósito de estudo abrangido pela pesquisa.¹²³

¹²² As respostas desta seção do formulário serão apresentadas em gráficos de setores. Segundo Sonia Vieira (2012, p.22), “Os gráficos de setores são especialmente úteis para mostrar como se divide o todo. São popularmente conhecidos como gráfico de pizza, em razão de seu aspecto, dividido em fatias. Cada fatia é uma parte do todo”.

¹²³ Houve indicativo qualitativo neste sentido, tanto nas entrevistas quanto nas respostas às perguntas abertas do formulário, conforme apresentado mais adiante.

Downloads

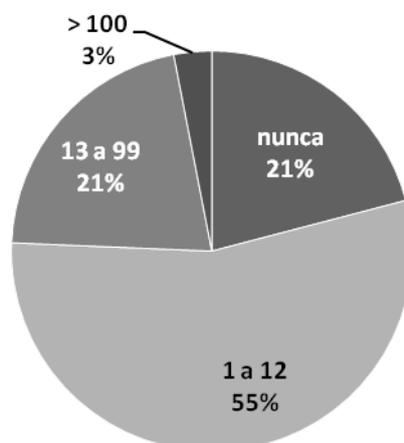


Gráfico 6.13. Quantidades de *downloads* declaradas pelos alunos (%), total da amostra

As quantidades de obras descarregadas estão mais detalhadas na Tabela 6.30 e no Gráfico 6.14, que trazem dados desdobrados em cursos. Na tabela constam os números absolutos de respondentes. As percentagens totais de cada grupo de respostas também aparecem de forma inteira, enquanto no Gráfico 6.13 constam de forma arredondada para facilitar a leitura.

Pode-se comparar os dados brutos contidos na Tabela 6.30 com aqueles referentes ao suporte de computador que constavam na Tabela 6.17. Na Medicina, por exemplo, seis dos 32 alunos pesquisados haviam marcado que consultaram livros da lista em computador, a menor quantidade desta categoria no levantamento. Aqui, são 22 na opção “1 a 12” e 4 em “13 a 99”, um total de 26 alunos. Na prática, isso significaria que 20 alunos (62,5% da amostra) descarregaram títulos da Internet com outros objetivos, independentemente do preparo para as provas.

| | nunca | 1 a 12 | 13 a 99 | mais de 100 |
|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| MED | 6 | 22 | 4 | 0 |
| DIR | 4 | 23 | 6 | 4 |
| PSI | 9 | 9 | 3 | 0 |
| BIO | 6 | 13 | 7 | 0 |
| VET | 16 | 16 | 5 | 0 |
| COMP | 1 | 17 | 9 | 2 |
| ENG | 7 | 16 | 2 | 1 |
| LET | 0 | 11 | 14 | 1 |
| PP | 6 | 17 | 6 | 0 |
| totais | 55 | 144 | 56 | 8 |
| (%) | 20,91% | 54,75% | 21,29% | 3,04% |

Tabela 6.30. Quantidades de *download* de livros declaradas pelos alunos, números absolutos

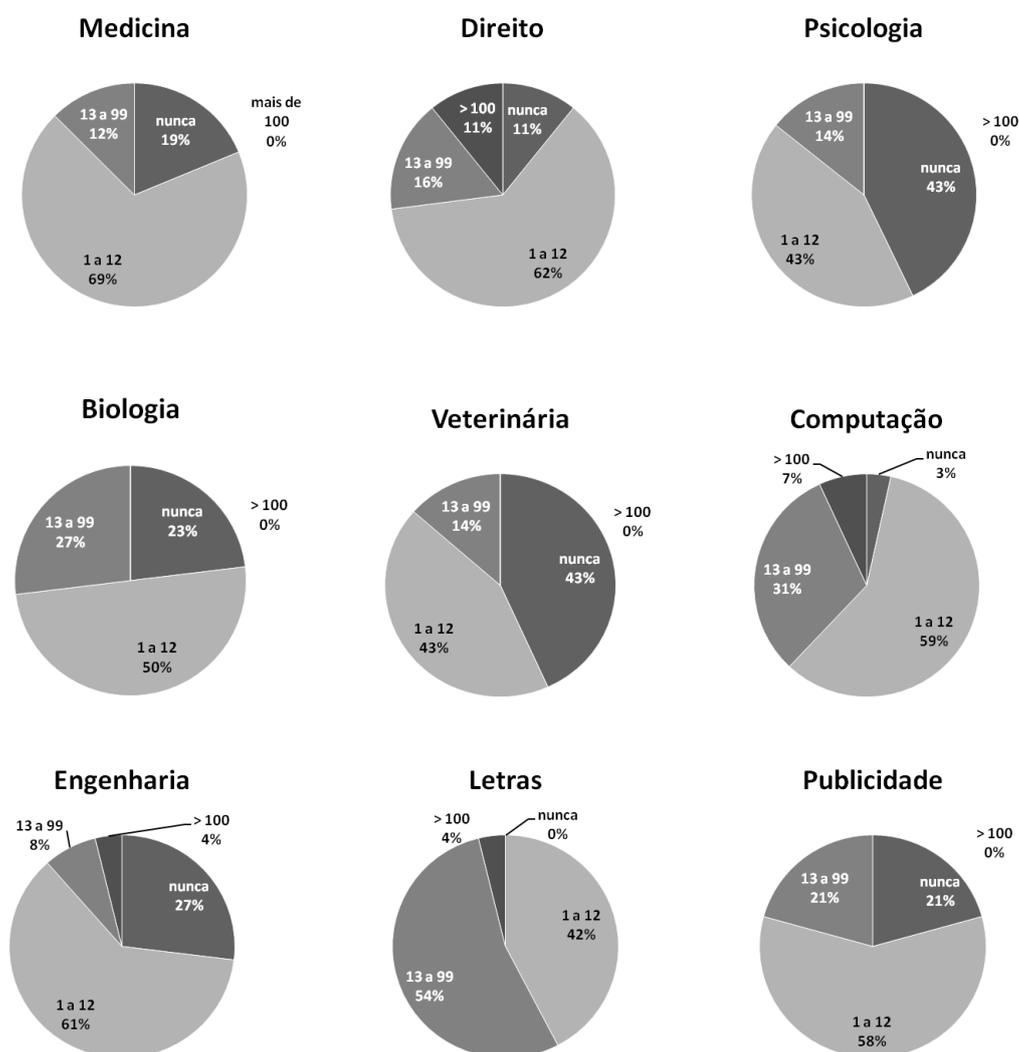


Gráfico 6.14. Quantidades de *download* de livros declaradas pelos alunos (%), distribuição por curso

O Gráfico 6.14 mostra grandes contrastes entre as frequências de download nos diferentes cursos. Publicidade e Biologia foram os casos mais próximos da média geral, com percentagens semelhantes às do Gráfico 6.13. Mas em outros casos houve oscilações significativas. Em média, uma minoria de 21% assinalou que jamais descarregou títulos em computador. Mas a análise dos cursos em separado mostra que na Psicologia e na Veterinária este percentual é quase majoritário, chegando aos 43%. No outro extremo, na Letras ninguém marcou esta opção. De forma semelhante, na Computação o “nunca” é quase nulo, com 3%. As diferenças provavelmente estão ligadas ao perfil dos próprios cursos, como sugeriram indicadores qualitativos.

Houve poucos que marcaram ter feito mais de 100 *downloads* de livros. Esta op-

ção foi mais pronunciada no Direito, com 11%.¹²⁴ Vêm em seguida a Computação (7%) e, empatadas, a Engenharia e Letras (4%).¹²⁵ Também é significativo que a Letras tenha sido o único curso em que o maior setor não foi “1 a 12”, mas sim “13 a 99”.¹²⁶

6.9 Obras lidas na íntegra em computador declaradas pelos estudantes

Outra questão do formulário pedia que os estudantes fizessem uma estimativa de quantos livros haviam lido na íntegra no computador, *netbook* ou *laptop*. Esta opção, como explicado no capítulo 5, corresponde ao entendimento do *e-book* como *software*. Havia três alternativas oferecidas aos respondentes: “nunca leu”, “1 a 12” e “mais de 13”. A categoria intermediária leva em conta os 12 títulos da lista de títulos obrigatória e buscava agrupar todos os candidatos que porventura tivessem feito leituras neste meio só por conta do vestibular. O Gráfico 6.15 traz as percentagens de resposta para o total da amostra.

As respostas desta seção deveriam ser confrontadas com os dados da subseção 6.6.1 e, especialmente, com a Tabela 6.19. Naquele quadro registrava-se que o percentual de candidatos que haviam lido obras exclusivamente no computador era de 21,67%. O número era um terço inferior ao do total de alunos que haviam marcado ter feito algum tipo de leitura em meio eletrônico (31,56%). Assim, a expectativa para a questão do formulário que indagava se os pesquisados haviam feito leituras na íntegra seria de uma percentagem pelo menos equivalente de respostas afirmativas. Os números ficaram bastante acima disso. Em termos práticos, o Gráfico 6.15 aponta que metade dos respondentes leu alguma obra na íntegra em computador, *laptop* ou *netbook* (43% leram de 1 a 12 títulos, 7% mais de 13). Das três alternativas, a que teve mais opções foi “nunca”, perfazendo 50% no total, o maior setor do gráfico. Ainda assim, fica bem abaixo da maioria absoluta depreendida da Tabela 6.19, que seria de 68,44% de pessoas que não haviam feito qualquer leitura eletrônica.

¹²⁴ Neste curso, aliás, a opção “nenhum” teve o mesmo percentual, 11%. O contraste é um indicativo numérico sobre as diferenças de perfis individuais de leitura e relacionamento com os suportes entre os pesquisados.

¹²⁵ Vale, aqui, a mesma cautela na interpretação dos números já mencionada em outras porções da pesquisa. Traduzidos em números absolutos, os percentuais de download acima de 100 significam 4 leitores no Direito, 2 na Computação e 1 na Engenharia e Letras. Quantidades tão pequenas podem ser mais significativamente afetadas por distorções individuais e em estudos estatísticos a rigor costumam ser incluídas na margem de erro da pesquisa.

¹²⁶ Os números da Letras em patamar acima dos demais podem ser pelo menos parcialmente ligados à atividade acadêmica do curso, conforme indicativo fornecido por uma entrevistada contatada por telefone. Ver 6.19.1.

Obras lidas na íntegra no computador

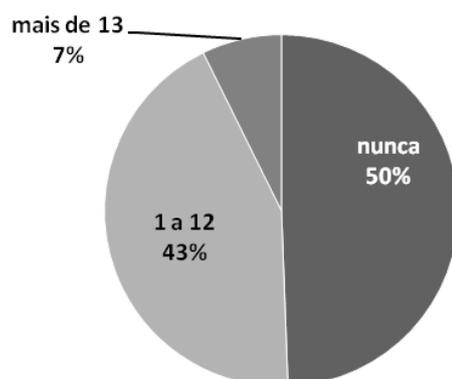


Gráfico 6.15. Obras lidas por inteiro no computador, *laptop* ou *netbook*, total da amostra (%)

Assim como na questão anterior do questionário, aqui as respostas incluíram hábitos pessoais dos alunos em outras áreas que não apenas o estudo para o vestibular, o que explicaria o contraste de números na média. Dados mais detalhados estão no Gráfico 6.16 e na Tabela 6.31, com a distribuição das respostas por curso e os números absolutos. As porcentagens dos gráficos são arredondadas para facilitar a consulta, os dados da tabela trazem totais fracionados.

Em alguns cursos a porcentagem de alunos que nunca leram títulos na íntegra em forma eletrônica é o setor preponderante, como é o caso da Medicina (66%), Psicologia (76%), Biologia (64%) e Veterinária (57%).¹²⁷ As outras áreas tiveram maioria de pessoas que fizeram ao menos uma leitura por este meio, com destaque para a Letras (80%, somando-se os 68% da opção “1 a 12” com os 12% de “mais de 13”) e, empatadas, Computação (62%, somando os 52% “1 a 12” e 10% “mais de 13”) e Publicidade (62%, somando 48% “1 a 12” e 14% “mais de 13”).

O curso de Publicidade teve a maior porcentagem de leitores que marcaram ter lido na íntegra mais de 13 títulos (14%) e o de Letras a maior participação na faixa intermediária de 1 a 12 (68%). Psicologia, no outro extremo, foi o curso em que mais pesquisados responderam jamais ter feito leituras digitais (76%), seguindo-se a Medicina (66%) e a Biologia (64%). Direito, Engenharia e Veterinária tiveram os gráficos mais semelhantes à composição da média, embora com pequenos desvios.

¹²⁷ Curiosamente, os quatro são os cursos com peso maior da prova de Biologia, conforme mostrado na Tabela 6.5.

| | nunca | 1 a 12 | mais de 13 |
|---------------|---------------|---------------|--------------|
| MED | 21 | 10 | 1 |
| DIR | 16 | 17 | 4 |
| PSI | 16 | 5 | 0 |
| BIO* | 16 | 9 | 0 |
| VET | 21 | 13 | 3 |
| COMP | 11 | 15 | 3 |
| ENG | 12 | 13 | 1 |
| LET* | 5 | 17 | 3 |
| PP | 11 | 14 | 4 |
| Totais | 129 | 113 | 19 |
| (%) | 49,05% | 42,97% | 7,22% |

* Cursos em que um aluno não marcou resposta nesta questão

Tabela 6.31. Leituras por inteiro no computador, *laptop* ou *netbook*, números absolutos

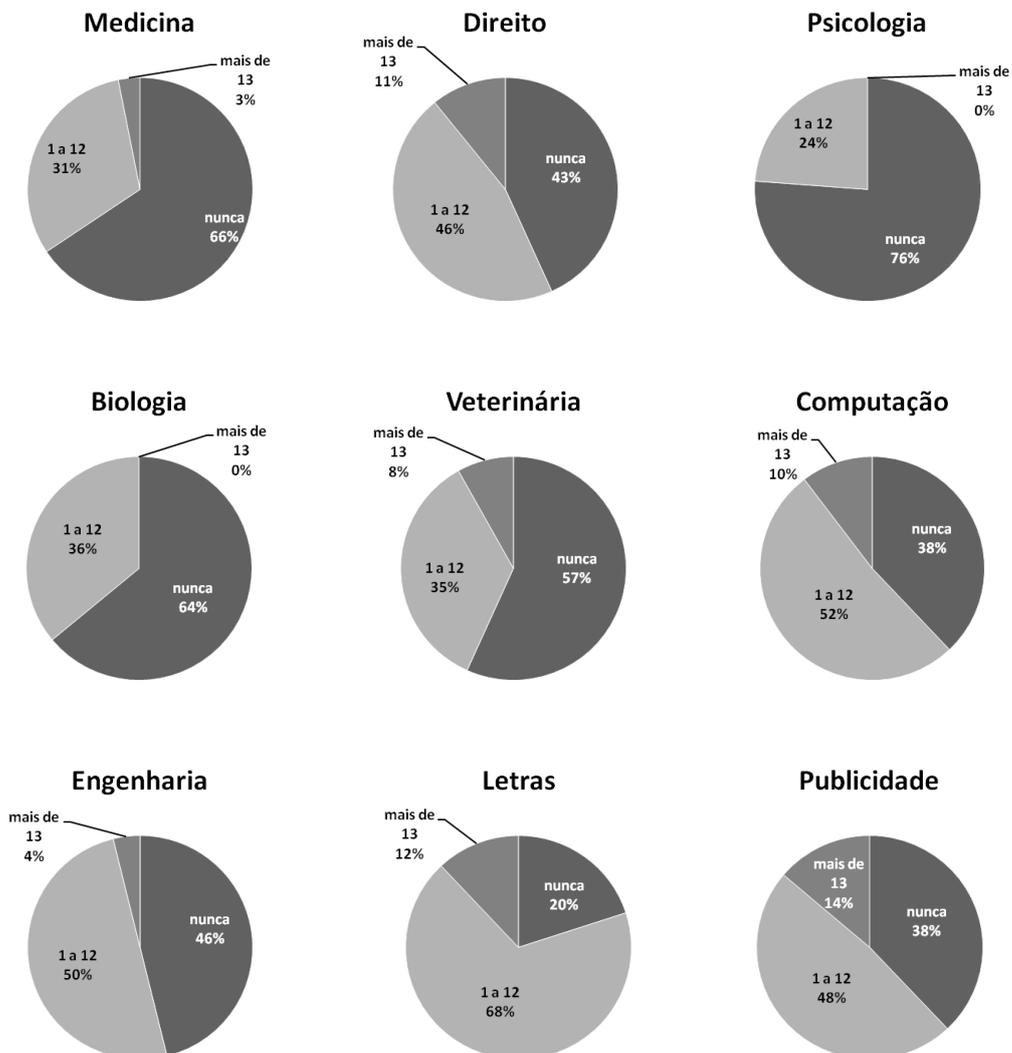


Gráfico 6.16. Leituras por inteiro no computador, *laptop* ou *netbook*, segundo os alunos (%)

Para compreender o que dizem estes números sobre a relação dos estudantes com o suporte, convém comparar a Tabela 6.31 com a Tabela 6.30. No quadro que fala das quantidades de *download*, 55 alunos, dentre os 263 pesquisados, declararam que nunca haviam descarregado livros. O total equivalia a 20,91% da amostra, portanto uma minoria. Na tabela sobre a leitura integral em computador, a opção “nunca” pula para 129 pessoas ou 49,05%, quase a metade da amostra. Subtraindo-se um número do outro, são 74 pessoas (28,14%) que realizaram *download* de livros que não chegaram a ler. Os cursos em que este contraste foi maior são Medicina (15 usuários, 46,88%), Biologia (10 alunos, 38,46%) e Computação (10 alunos, 34,48%). Os números totais do comparativo dos cursos, incluindo a diferença e a percentagem para cada caso, estão listados na Tabela 6.32. Nela observa-se, ainda, que nos cursos de Veterinária, Letras e Engenharia foram registradas as menores diferenças. Ou seja, nestes cursos houve menor tendência a que os livros descarregados não fossem lidos. Medicina, Biologia, Computação, Psicologia e Direito ficaram com percentuais acima de 30% para esta medida, indicando que foram os casos em que foram feitos mais *downloads* de obras que não foram efetivamente lidas.¹²⁸

| Curso | Nunca leram no computador | Nunca descarregaram | Diferença | Diferença (%) |
|-------|---------------------------|---------------------|-----------|---------------|
| MED | 21 | 6 | 15 | 46,88% |
| BIO | 16 | 6 | 10 | 38,46% |
| COMP | 11 | 1 | 10 | 34,48% |
| PSI | 16 | 9 | 7 | 33,33% |
| DIR | 16 | 4 | 12 | 32,43% |
| ENG | 12 | 7 | 5 | 26,92% |
| LET | 5 | 0 | 5 | 19,23% |
| PP | 11 | 6 | 5 | 17,24% |
| VET | 21 | 16 | 5 | 13,51% |

Tabela 6.32. Diferenças entre livros descarregados e lidos na íntegra

6.10 Obras lidas na íntegra em *hardware* portátil

A pesquisa avaliou a leitura de textos eletrônicos em duas instâncias. Na pergunta anterior, os estudantes responderam se haviam lido obras na íntegra em computador, *laptop* ou *netbook*, o que corresponderia à definição de *e-book* como *software*. A ques-

¹²⁸ As motivações provavelmente são devidas a combinações de fatores, e talvez sujeitas a idiosincrasias dos cursos. Indicativo qualitativo do Direito aponta que alguns estudantes utilizam o texto eletrônico como suporte de consulta conjugado com o livro impresso. No curso de Computação, a observação sugeriu que alguns usuários tendem a acumular arquivos eletrônicos descarregados em geral, não só no caso dos livros.

tão seguinte inquiria sobre os títulos lidos por inteiro em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*, abrangendo o entendimento de *e-book* como *hardware* dedicado. O Gráfico 6.17 traz percentuais arredondados de resposta. Havia três opções: “nunca leu”, “1 a 12” e “mais de 13”. As quantidades tinham por base a lista de vestibular de 12 títulos.

Tanto o Gráfico 6.17 quanto a Tabela 6.33 e o Gráfico 6.18, que vêm a seguir com dados mais detalhados, devem ser interpretados em comparação com a Tabela 6.17, que trazia informações sobre a quantidade de leituras da lista de vestibular em *hardware* dedicado. Naquele quadro, constavam apenas cinco estudantes que marcaram o uso desta plataforma, equivalendo a 3,42% da amostra. A pergunta atual teve 17 casos positivos para a opção “1 a 12” e 2 para “mais de 13”¹²⁹, perfazendo um total de 7,22% dos leitores. A diferença se deve ao fato de que a questão é mais ampla, não abrangendo apenas os livros da lista de vestibular mas todas as leituras dos estudantes.

Lidos em leitor, tablet ou celular

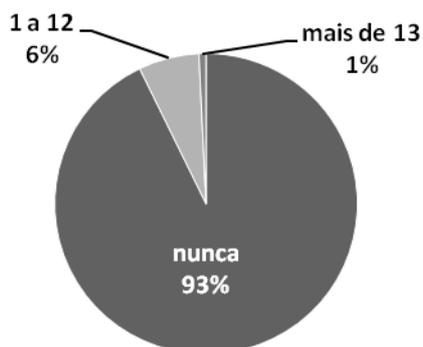


Gráfico 6.17. Obras lidas na íntegra em leitor de *e-book*, *tablet* ou celular, segundo os alunos (%)

Uma das principais observações é que esta é a configuração de leitura de *e-book* menos usada ao longo da pesquisa. Uma grande maioria de 92,78% nunca teve contato com ela. O Gráfico 6.18 mostra as frequências de resposta ao longo dos cursos. A comparação com o Gráfico 6.17 mostra que a tendência se distribuiu uniformemente, com oito dos nove cursos acima da faixa dos 90% para “nunca leu” (exceção para o Direito, com 89%). Em duas áreas esta opção foi de 100%, Engenharia e Psicologia.

Apenas dois alunos, da Veterinária e da Computação, assinalaram a opção “mais de 13”. Houve mais leitores em *hardware* portátil no Direito, com quatro estudantes, todos na faixa dos 1 a 12 títulos. Em seguida vêm a Medicina, Veterinária e Publicidade,

¹²⁹ Um dos dois respondentes que marcaram mais de 13 livros em *hardware* portátil foi contatado durante a fase de triangulação da pesquisa e confirmou que utiliza um iPod com função de *e-book*. Ver subseção 6.19.3.

com três. A não ser na Engenharia e Psicologia, que não registraram valores positivos, em todos os outros cursos houve no mínimo dois leitores nesta categoria. A leitura em *tablet*, celular ou *e-book reader* foi um índice pequeno em todo o levantamento mas com uma distribuição consistente, indicando que ela efetivamente existe no universo pesquisado¹³⁰, embora em proporção muito reduzida.

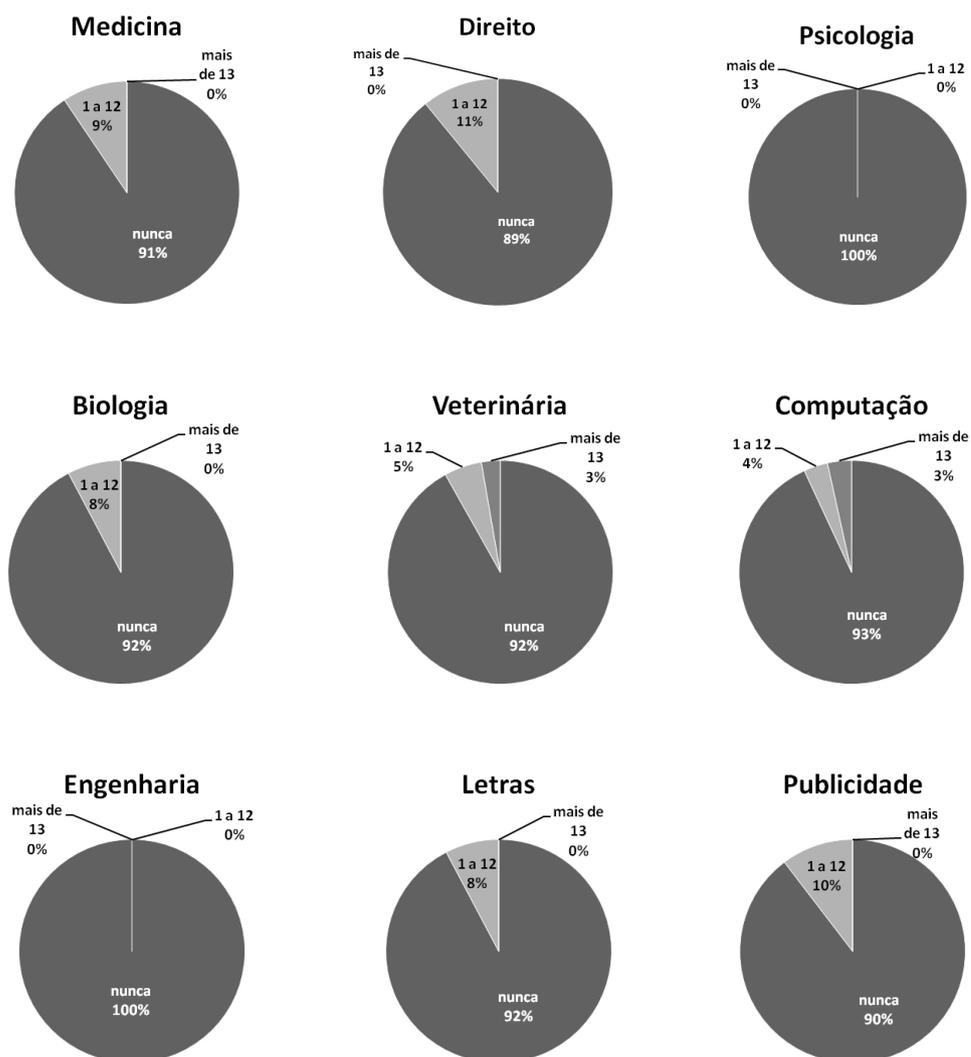


Gráfico 6.18. Leituras por inteiro no *e-book reader*, *tablet* ou celular, segundo os alunos (%)

¹³⁰ A este respeito também houve indicadores qualitativos, como pelas entrevistas e respostas por escrito.

| | Nunca | 1 a 12 | mais de 13 |
|---------------|---------------|--------------|--------------|
| MED | 29 | 3 | 0 |
| DIR | 33 | 4 | 0 |
| PSI | 21 | 0 | 0 |
| BIO | 24 | 2 | 0 |
| VET | 34 | 2 | 1 |
| COMP | 27 | 1 | 1 |
| ENG | 26 | 0 | 0 |
| LET | 24 | 2 | 0 |
| PP | 26 | 3 | 0 |
| Totais | 244 | 17 | 2 |
| (%) | 92,78% | 6,46% | 0,76% |

Tabela 6.33. Lidos livros em *e-book reader*, *tablet* ou celular, números absolutos

6.11 Biblioteca doméstica assinalada pelos estudantes

A última das perguntas de múltipla escolha do formulário tinha o enunciado “Faça uma estimativa de quantos livros há em sua casa”. As opções eram “até 20 livros”, “entre 21 e 100 livros”, “entre 101 e 1000 livros” e “mais de 1000 livros”. O objetivo desta questão era obter dados sobre o perfil de relacionamento dos estudantes com os livros. A frase fazia alusão aos livros em “sua casa” em uma tentativa de incluir os alunos que moram com os pais e não são donos da biblioteca na íntegra. Contudo, a observação durante a aplicação do questionário apontou que a redação suscitou dúvidas. Alguns perguntaram se deviam marcar só os livros que possuíam ou se deviam assinalar os da casa de seus pais. Outra pergunta foi se deviam ser incluídos os livros em formato eletrônico.¹³¹ Devido à possibilidade de interpretações divergentes, os dados a seguir devem ser relativizados.

O Gráfico 6.19 mostra que a maior parte dos respondentes (47%) estimou a biblioteca doméstica entre 101 e 1000 livros, com uma parcela ligeiramente menor de opções pelo “21 a 100” (42%). Foram minoria as alternativas “mais de 1000 (2%) e “até 20” (9%).¹³² Os percentuais foram arredondados.

¹³¹ No primeiro caso, os respondentes foram orientados a marcar todos os livros da casa de seus pais. No outro, foi deixado a critério de cada um. Mas as dúvidas que foram verbalizadas pelos alunos indicam que provavelmente houve interpretações divergentes entre os que responderam. Estas informações devem, então, ser avaliadas com cautela.

¹³² Esta opção provavelmente foi uma das interpretações divergentes. Durante a aplicação do formulário, uma estudante havia dito que morava sozinha para estudar na Universidade e que seus livros estavam todos na casa de seus pais. Neste caso, foi orientada a marcar os livros da casa paterna. Mas é possível que alguns dos que tenham marcado esta opção tenham assumido o contrário.

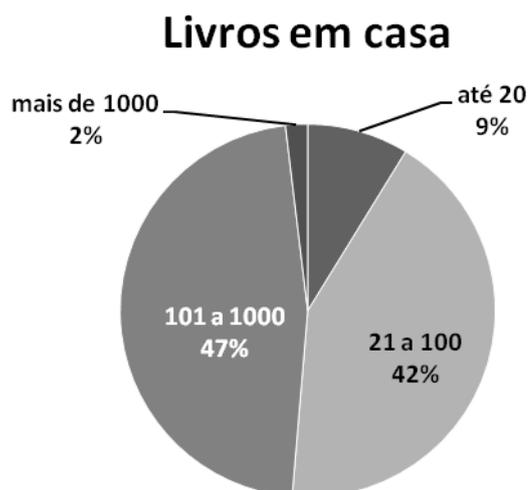


Gráfico 6.19. Respostas à pergunta “Quantos livros há em sua casa?” em toda a amostra (%)

A Tabela 6.34 mostra os números absolutos, as porcentagens não arredondadas e a distribuição por curso. A maior parte dos cursos não teve grandes disparidades entre as duas opções mais marcadas de número de livros em casa, “21 a 100” e “101 a 1000”. Estes valores quase empataram na Biologia (10 e 11), Engenharia (10 e 9) e Letras (13 e 12). As diferenças mais amplas foram no Direito (23 “101 a 1000” e 10 “21 a 100”), Psicologia (14 “101 a 1000” e 6 “21 a 100”) e Veterinária (19 “21 a 100” e 12 “101 a 1000”).

| | até 20 | 21 a 100 | 101 a 1000 | mais de 1000 |
|--------------|--------------|---------------|---------------|--------------|
| MED | 0 | 17 | 15 | 0 |
| DIR | 4 | 10 | 23 | 0 |
| PSI | 1 | 6 | 14 | 0 |
| BIO | 5 | 11 | 10 | 0 |
| VET | 5 | 19 | 12 | 1 |
| COMP | 1 | 11 | 15 | 2 |
| ENG | 6 | 10 | 9 | 1 |
| LET | 0 | 13 | 12 | 1 |
| PP | 1 | 15 | 13 | 0 |
| média | 2,56 | 12,44 | 13,67 | 0,56 |
| mediana | 1 | 11 | 13 | 0 |
| total | 23 | 112 | 123 | 5 |
| (%) | 8,75% | 42,59% | 46,77% | 1,90% |

Tabela 6.34. Respostas à pergunta “Quantos livros há em sua casa?”, números absolutos, por curso

Houve cinco marcações de bibliotecas acima de 1000 exemplares, dado que deve ser relativizado.¹³³ Fora estes casos dos extremos, a maior proporção de acervos entre

¹³³ Dois casos foram na Computação, onde alunos haviam perguntado se deviam contar os livros digitais. Os outros foram na Veterinária, Engenharia e Letras.

101 e 1000 livros foi no Direito, com boa diferença em relação ao segundo lugar (23, contra 15 da Medicina e Computação). Os dois cursos com maior densidade no vestibular e maiores índices de leitura, Medicina e Direito, ficaram entre os três maiores valores na coluna “101 a 1000” da Tabela 6.34. Apesar disso, a Medicina teve ligeiramente mais marcações “21 a 100” que “101 a 1000” (17 para 15).

Também constam na Tabela 6.34 dois cálculos estatísticos, a média aritmética e a mediana, cujas definições foram dadas na seção 6.2.¹³⁴ É útil confrontar as informações com os diagramas de caixa do Gráfico 6.4. Na Psicologia, terceiro maior índice de leitura conforme aquela figura, os valores de “101 a 1000” ficaram ligeiramente acima da média aritmética e da mediana (o valor foi 14, contra 13 da mediana e 13,67 da média aritmética). O curso de Publicidade, último no ranking de média de leitura, ficou um pouco abaixo da média aritmética nesta coluna. Mas a relação é fraca, já que cursos com índices um pouco superiores de leitura, como Veterinária, tiveram valores mais baixos. Em geral, os dados declarados pelos estudantes sobre tamanho da biblioteca doméstica não parecem indicar ligação direta com outros índices medidos pela pesquisa.¹³⁵

6.12 Quais dessas coisas você já fez?

A última das questões fechadas do formulário de pesquisa era uma lista de diferentes ações envolvendo formas de interação com livros. Pedia-se que os respondentes assinalassem aquelas coisas que já haviam feito. Os resultados são mostrados a seguir, em tabelas com o total de alunos para cada uma, a divisão por curso com números absolutos e também o percentual que representam, em cada área, as respostas afirmativas. Os quadros estão em ordem decrescente de percentagem.

6.12.1 Apoio para leitura pela Internet

O primeiro item que os estudantes podiam escolher era “Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular”. Esta questão buscava avaliar de outra forma a interação com os suportes de estudo e leitura já tratados em trechos anteriores do questionário. Aqui, o objetivo era sondar especificamente a interação on-line que ocorresse paralelamente à leitura. Os dados estão na Tabela 6.35.

¹³⁴ Os valores de mediana foram calculados com o programa Microsoft Office Excel 2007. Ver observação da nota de rodapé 81.

¹³⁵ Exceções para o Direito e Medicina, como já mencionado.

| | alunos | (%) |
|-------------|------------|---------------|
| PP | 27 | 93,10% |
| BIO | 24 | 92,31% |
| VET | 32 | 86,49% |
| COMP | 25 | 86,21% |
| ENG | 21 | 80,77% |
| PSI | 16 | 76,19% |
| DIR | 28 | 75,68% |
| MED | 24 | 75,00% |
| LET | 18 | 69,23% |
| | | |
| Soma | 215 | 80,52% |

Tabela 6.35. Obteve da Internet material de apoio para livros da lista de leitura

Observa-se que o ranking de respostas afirmativas é diferente daquele das médias de leitura do Gráfico 6.4. O último curso em índice médio de leitura, Publicidade, ocupa aqui a primeira posição, com 93% dos alunos tendo assinalado que obtiveram material de apoio on-line para os títulos da lista de vestibular. A ordem do quadro não é exatamente inversa, mas Medicina, Direito e Psicologia, maiores médias de leitura, ficaram em posições respectivamente mais baixas na parte inferior da tabela. Curiosamente a última posição foi dos alunos da Letras, que nas médias de leitura já ocupavam o penúltimo lugar.¹³⁶

A Tabela 6.35 pode ser comparada com a Tabela 6.17, que trazia os números para os diferentes suportes de leitura e estudo. Lá, poderiam ser consideradas como formas on-line de contato as categorias Resumo Internet, Computador e *E-book*, que tinham, respectivamente, percentuais de participação de 44,11%, 31,56% e 1,9%. Somadas, as categorias perfaziam na média geral 77,57%, número semelhante aos 80,52% do total da Tabela 6.35. Mas esta pode ser uma coincidência apenas aparente, já que era permitido assinalar mais de uma forma de suporte e os percentuais não representavam grupos diferentes de alunos. Para averiguar esta possibilidade, foi feito o exercício a seguir.

Tomando-se os números absolutos, o item “Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular” teve 27 respostas afirmativas no primeiro do ranking, Publicidade. Na Tabela 6.17, os números deste curso eram de 13 alunos para “Resumo Internet”, nove para “Computador” e zero para “*E-book*”, total de 22. Foi consultada, então, a planilha de tabulação do curso, observando-

¹³⁶ Aqui, contudo, o posicionamento da Letras poderia estar ligado a outro fenômeno que não a baixa leitura. Em seções anteriores deste capítulo números sugeriam um perfil mais conservador nesta parte da amostra, com estudantes em geral menos afeitos às formas de interação que não envolvessem contato direto com o texto integral dos livros.

se quantas destas respostas estavam em superposição. Após o procedimento, verificou-se que os alunos que tinham marcado “computador” e/ou “resumo Internet” totalizavam 16. É uma diferença de 11 para os 27 da Tabela 6.35, ou 37,93% da amostra. Uma parte deste número poderia ser creditada à incoerência de respostas¹³⁷, mas ele também parece apontar outras formas de interação on-line com o material de estudo. A medida é igualmente significativa em outros cursos, como na Medicina, em que o quadro mostra 24 respostas afirmativas. Este número é bem superior mesmo somando-se sem fazer ressalvas aos dados da Tabela 6.17, que eram de oito para “Resumo Internet” e seis para “Computador”, total de 14. Seriam, portanto, no mínimo dez alunos da Medicina que utilizaram outras formas de interação on-line com o conteúdo que as previstas na pesquisa. Número possivelmente maior, levando-se em conta a superposição de categorias nas respostas.

Um dado possivelmente significativo da Tabela 6.35, então, seria que houve maioria afirmativa em todos os cursos (o menor, Letras, teve 69,23%). Essa parcela majoritária não havia sido registrada em nenhuma categoria de interação eletrônica vista nas seções anteriores e, como já se viu, possivelmente excede mesmo a soma de todas elas. Esta foi a porção da pesquisa que apontou mais fortemente a presença de mídias digitais ligadas à atividade de leitura preparatória ao vestibular.¹³⁸

6.12.2 Trechos de livros no computador ou celular

O item seguinte oferecido aos estudantes era “Leu trechos de livros no computador ou celular”. O objetivo, aqui, era complementar as informações sobre a interação dos estudantes com os suportes eletrônicos de texto. É útil confrontar estes dados, que estão na Tabela 6.36, com as informações das seções anteriores. Na Tabela 6.19 eram mostrados comparativamente os totais de respondentes que haviam tido acesso aos textos da lista do vestibular em computador e que haviam lido obras na íntegra desta forma. Percentualmente, havia cerca de 10% de diferença: 31,56% haviam consultado os livros no computador, 21,67% leram alguma coisa na íntegra. A Tabela 6.36 pode ser confrontada da mesma forma com quadros anteriores. Na Tabela 6.30 havia informações sobre *download* de livros em formato digital. Somando-se as diferentes parcelas referentes às quantidades de livros digitais descarregados, seriam 79,09% dos respondentes que

¹³⁷ Sobre isso, ver seção sobre os índices de fiabilidade distribuídos por cursos, seção 6.13.

¹³⁸ Sempre deve ser levada em consideração a possibilidade de que as respostas sejam incoerentes ou produto de interpretação divergente dos respondentes em relação à pergunta. Mas se esse efeito existiu, foi consistente ao longo de toda a amostra, visto que as percentagens de resposta afirmativa são altas em todos os cursos.

havam baixado textos eletrônicos. Seria de se esperar que o total do item “Leu trechos de livros no computador ou celular” na Tabela 6.36 ficasse dentro deste intervalo, o que de fato aconteceu (74,16%).

Mas já havia sido feita, na Tabela 6.32, uma tentativa de quantificar os alunos que haviam descarregado livros que não haviam lido na íntegra, obtendo-se um total de 74 alunos, ou 28,14% da amostra.¹³⁹ Teoricamente, a expectativa seria de que ficasse nesta faixa o total de respondentes que tivessem assinalado a leitura de apenas trechos. Mas isso não aconteceu, como mostra a Tabela 6.36.

| | Alunos (%) | |
|-------------|------------|---------------|
| LET | 23 | 88,46% |
| DIR | 31 | 83,78% |
| COMP | 24 | 82,76% |
| ENG | 20 | 76,92% |
| VET | 27 | 72,97% |
| PP | 21 | 72,41% |
| MED | 23 | 71,88% |
| PSI | 13 | 61,90% |
| BIO | 16 | 61,54% |
| soma | 198 | 74,16% |

Tabela 6.36. Leu trechos de livros no computador ou celular

O quadro mostra 74,16% de respondentes (198 alunos no total) que assinalaram ter lido trechos de livros tanto em computador quanto em celular, percentagem bem acima daquela projetada pela inferência das questões anteriores do formulário. Há ao menos três possíveis explicações para esta aparente incoerência de números.

A primeira hipótese é que os respondentes que realizaram a leitura de livros na íntegra, excluídos da projeção anterior, tenham assinalado também esta opção. Neste caso, trata-se de pessoas que leram alguns livros na íntegra em computador mas que fizeram a leitura de trechos de outros. Esta seria a explicação mais intuitiva.

Uma segunda hipótese seria que os números da Tabela 6.36 incluam leitura em bibliotecas on-line, caso em que estes leitores não constariam na categoria de *download*.

¹³⁹ O quadro mostrava a diferença entre os números de estudantes que declararam nunca ter lido obras na íntegra em computador e que nunca haviam descarregado. O total de 74 não constava na tabela, mas consiste na soma da coluna de Diferença. Era possível obter um dado coerente, embora não idêntico, somando-se as três quantidades de downloads da Tabela 6.30 e tirando-se a diferença para os livros lidos na íntegra mostrados na Tabela 6.31. Neste caso, o número obtido era 76, indicando que as duas marcações eram compatíveis entre si.

O peso desta possibilidade pode ser medido consultando-se a Tabela 6.37, mostrada na subseção a seguir.

A terceira hipótese é a inconsistência das respostas, que sempre deve ser levada em consideração em levantamentos empíricos envolvendo respondentes. Mas embora não possa ser descartada, ela em princípio teria ficado limitada aos índices sugeridos pelos coeficientes de fiabilidade mostrados adiante na seção 6.13, que não dariam conta da amplitude da diferença tratada aqui. Talvez, finalmente, se trate de uma conjugação destes fatores.

O quadro geral dos dados mostrados na Tabela 6.36 também mostra uma parcela majoritária de respostas afirmativas. Neste ranking a Letras consta no topo, com 88,46% (23 respondentes), compatível com o hipotético perfil de leitura dos estudantes da área, que em outros trechos do levantamento ficaram melhor colocados nas categorias em que houvesse contato com texto integral.

6.12.3 Leitura em bibliotecas on-line ou digitais

O item seguinte que os alunos podiam marcar era “Leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais”. Esta opção buscava avaliar a participação na atividade de leitura dos estudantes de acervos eletrônicos como o do Google Livros, das bibliotecas estudantis e universitárias ou do Portal Domínio Público. Os dados estão na Tabela 6.37.

| | alunos | (%) |
|-------------|---------------|---------------|
| LET | 9 | 34,62% |
| PSI | 7 | 33,33% |
| DIR | 11 | 29,73% |
| COMP | 8 | 27,59% |
| ENG | 7 | 26,92% |
| VET | 9 | 24,32% |
| PP | 6 | 20,69% |
| MED | 6 | 18,75% |
| BIO | 2 | 7,69% |
| | | |
| Soma | 65 | 24,34% |

Tabela 6.37. Leu livros ou trechos em bibliotecas on-line ou digitais

Trata-se da primeira ocorrência, nesta seção, de registro de participação minoritária. A maior ocorrência de respostas afirmativas foi na Letras, com 34,62% da amostra (nove respondentes), novamente indicando participação maior dos estudantes desta área

em questões que envolvam acesso a texto na íntegra. Em números absolutos a maior participação foi dos alunos de Direito (11). Como nas questões anteriores, aqui a Medicina não esteve entre os principais colocados, ao contrário dos rankings de média de leitura. A menor participação neste item foi da Biologia, com dois alunos (7,69%).

6.12.4 Discussão de material lido em fóruns ou redes sociais

Outro item apresentado aos respondentes era “Discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu”. Esta opção buscava sondar a participação em grupos de discussão ligados a estudo mas também a adesão a comunidades virtuais de obras populares, como as séries de aventura e infantojuvenis. O comparativo pode ser visto na Tabela 6.38, com os índices mais baixos desta seção da pesquisa, totalizando 13,86% (37 dos 263 integrantes da amostra).

Percentualmente, o primeiro colocado foi o curso de Letras, com 30,77% de participação, ou oito estudantes, seguido pelo Direito (27,03%), que também foi o maior número absoluto (dez alunos). Todos os outros cursos tiveram apenas três respostas afirmativas ou menos. Esta foi uma das poucas atividades de interação digital que não envolvessem texto integral nas quais estudantes de Letras tiveram maior participação. Talvez se trate de fóruns ligados ao estudo acadêmico, mas também é possível interpretar os dados como uma decorrência da leitura em texto integral. Neste caso, não seria uma das formas de interação para suporte de estudo ou de conteúdo audiovisual nas quais os estudantes de Letras não registraram tanta participação em seções anteriores. No caso do Direito, outros indicadores já haviam apontado que o curso ficou melhor colocado em atividades híbridas de leitura.

| | alunos | (%) |
|-------------|---------------|---------------|
| LET | 8 | 30,77% |
| DIR | 10 | 27,03% |
| PSI | 3 | 14,29% |
| BIO | 3 | 11,54% |
| ENG | 3 | 11,54% |
| COMP | 3 | 10,34% |
| MED | 3 | 9,38% |
| PP | 2 | 6,90% |
| VET | 2 | 5,41% |
| | | |
| soma | 37 | 13,86% |

Tabela 6.38. Discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu

6.12.5 Quem recomendou livros digitais

Um item trazia a alternativa “Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes”. Esta opção procurava fazer uma aproximação indireta à questão da pirataria de conteúdo digital. Para não constranger os respondentes a questão foi construída em forma de eufemismo. A intenção era que estudantes que eventualmente houvessem repassado livros digitais para colegas se identificassem com este item.

É possível que a redação do tópico não tenha funcionado para o efeito desejado, ou que efetivamente a ação não tenha presença muito expressiva. Como se vê na Tabela 6.39, o índice geral foi o segundo mais baixo da seção, 17,60%, embora tenha atingido percentagens maiores em alguns cursos. Direito foi o primeiro lugar, com 29,73% (11 respondentes). Os demais ficaram entre seis e quatro respostas afirmativas. Engenharia (seis alunos, 23,08% da amostra) e Computação (idem, 20,69%) foram os outros dois acima dos 20%.

| | alunos | (%) |
|-------------|---------------|---------------|
| DIR | 11 | 29,73% |
| ENG | 6 | 23,08% |
| COMP | 6 | 20,69% |
| PSI | 4 | 19,05% |
| PP | 5 | 17,24% |
| MED | 5 | 15,63% |
| BIO | 3 | 11,54% |
| LET | 3 | 11,54% |
| VET | 4 | 10,81% |
| | | |
| soma | 47 | 17,60% |

Tabela 6.39. Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes

6.12.6 A relação entre livros e filmes

Os dois últimos itens da questão “Quais dessas coisas você já fez?” sondavam a relação entre livros e meios audiovisuais. As duas alternativas eram “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele” e “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”. Esta porção da pesquisa ensaiava uma verificação empírica de um dos pontos enfatizados por autores da linha teórica referida na seção 3.2. Por estarem estreitamente relacionadas, as respostas para as duas opções são apresentadas juntas na Tabela 6.40, onde também consta a quantidade de respondentes que marcaram as duas, assim como as respectivas percentagens dentro dos cursos.

| | filme-livro (%) | livro-filme (%) | ambos (%) |
|--------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| MED | 18 56,25% | 29 90,63% | 18 56,25% |
| DIR | 23 62,16% | 34 91,89% | 23 62,16% |
| PSI | 13 61,90% | 19 90,48% | 12 57,14% |
| BIO | 16 61,54% | 22 84,62% | 15 57,69% |
| VET | 25 67,57% | 32 86,49% | 23 62,16% |
| COMP | 17 58,62% | 25 86,21% | 15 51,72% |
| ENG | 9 34,62% | 20 76,92% | 9 34,62% |
| LET | 14 53,85% | 23 88,46% | 13 50,00% |
| PP | 16 55,17% | 24 82,76% | 15 51,72% |
| Total | 151 57,41% | 228 86,69% | 143 54,37% |

Filme-livro corresponde à opção “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”

Livro-filme corresponde à opção “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”

Tabela 6.40. Respostas sobre leitura de livro a partir de filme e audiência de filme a partir de livro

O quadro mostra um dos resultados mais inesperados da pesquisa, uma preponderância expressiva da alternativa “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”, com 86,69% (228 respondentes), contra 57,41% (151 alunos) que marcaram “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”. Esta configuração se manteve coerente ao longo de todo o levantamento, com diferenças entre os cursos entre 30 e 40 pontos percentuais. Pouco mais da metade (54,37%) marcou as duas opções.

Na seção 3.2 Arlindo Machado fazia referência a uma linha teórica que considerava que “as imagens animadas do cinema e da televisão [...] atraem muito mais a atenção e o interesse de nossos jovens do que os assépticos tipos seriados da literatura impressa” (MACHADO, 2002, p.114). Em vista de perspectivas como esta, havia a expectativa de que houvesse uma maioria de alunos que afirmassem ter primeiro assistido a um filme e depois, a partir do interesse despertado audiovisualmente pela narração, lido o livro no qual era baseado. Esse raciocínio seria válido para séries de aventura que coexistam em forma literária e cinematográfica, como é o caso de títulos infantojuvenis e de alguns best-sellers.¹⁴⁰ Sob este ponto de vista pareceria surpreendente a constatação de que a

¹⁴⁰ Nas perguntas abertas nas quais os alunos podiam escrever o que liam alguns desses títulos surgiram, como as sagas Crepúsculo, de Stephenie Meyer; As Crônicas de Nárnia, de C.S. Lewis; e Harry Potter, de J.K. Rowling.

maioria dos estudantes marcou a opção contrária, indicando que havia lido os livros antes e assistido aos filmes depois.

Uma das respondentes entrevistadas na fase de triangulação qualitativa do levantamento, uma aluna de Veterinária referida pelo código VET1, disse que em dois casos assistiu a filmes que despertaram seu interesse para sagas de literatura de fantasia, cujos livros leu a partir dali. Alguns desses, presumivelmente, ela já teria lido ao ver as continuações no cinema ou em vídeo. VET1 foi uma das respondentes que marcaram as duas opções.

Em outra das entrevistas, a estudante de Direito DIR23 disse ter assistido a um filme porque era baseado em um dos livros da lista de vestibular. Especificamente, mencionou que leu a obra antes e depois assistiu à adaptação cinematográfica, a fim de comparar diferenças. Por este motivo DIR23 marcou somente a opção “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”.

Dos dois casos referidos, VET1 pareceria se encaixar na expectativa prevista teoricamente de que os jovens tivessem seu interesse inicial despertado por meios audiovisuais. Mesmo assim, ela representa uma exceção nos dados empíricos porque marcou ambas as opções. DIR23, por outro lado, ofereceu uma possível explicação para parte da maioria que indicou ter feito o trajeto contrário e lido os livros antes de ver os filmes. Mas esta hipótese não dá conta da dimensão dos números. A Tabela 6.28 trazia as quantidades de alunos que assistiram a filmes baseados nas leituras obrigatórias. O total era de 83 (31,56%), dentro do qual 43 (16,35%) não haviam lido os livros. DIR 23 está entre os 40 alunos que leram o livro e viram o filme (no caso dela, nesta ordem). O número é inferior aos 77 de diferença entre as duas alternativas mostrados na Tabela 6.40, então a preparação para o vestibular não poderia explicar, sozinha, a disparidade.¹⁴¹ BIO16, estudante de Ciências Biológicas também entrevistada, apresentada na seção 6.19, faz parte da maioria estatística deste item e confirmou que escolheu a opção por ter lido um livro antes do filme, em seu caso *O Código Da Vinci*.

¹⁴¹ Não pode ser descartado um efeito de indução de formulário. O item mais assinalado, coincidentemente, era o último da lista de opções oferecida aos respondentes. Esta hipótese poderia ter sido testada distribuindo-se duas séries de formulários com ordens diferentes nos itens, mas o fenômeno da disparidade entre os dois tópicos só foi percebido após a tabulação final, com o trabalho de campo terminado. Por problemas no cronograma do projeto não houve estudo piloto, que também poderia ter indicado a conveniência de adotar este procedimento.

6.13 Indicadores de fiabilidade

A seção anterior mostrou os últimos dados quantitativos cuja análise empregou elementos estatísticos. Antes da apresentação das informações qualitativas, uma última série de valores será apresentada. Trata-se dos indicadores de fiabilidade, conforme explicado no capítulo de Procedimentos Metodológicos.

Levantamentos quantitativos de maior escala costumam usar, entre os recursos para averiguar a consistência das respostas, a técnica do *split-half*¹⁴², que divide o questionário em duas metades repetidas e calcula a coerência dos respondentes ao preencher as porções espelhadas. A pesquisa não utilizou esta técnica mas propôs uma variante, com uma parte do formulário justaposta. Durante a tabulação, foram assinalados os respondentes que apresentassem algum tipo de inconsistência. As percentagens e os tipos de contradições são apresentados na Tabela 6.41.

| | Casos | (%) | Descrição |
|--------------|-----------|--------------|------------|
| PP | 5 | 17,24% | T1, T2, T4 |
| VET | 6 | 16,22% | T1, T4 |
| PSI | 3 | 14,29% | T1 |
| LET | 3 | 11,54% | T1, T3 |
| BIO | 2 | 7,69% | T1, T3 |
| ENG | 2 | 7,69% | T1 |
| MED | 2 | 6,25% | T1 |
| DIR | 2 | 5,41% | T1, T2 |
| COMP | 1 | 3,45% | T1 |
| Total | 26 | 9,89% | |

| LEGENDA |
|--|
| T1 - inconsistência entre leituras totais e categorias assinaladas |
| T2 - categoria possivelmente marcada de forma equivocada |
| T3 - um campo em branco no formulário |
| T4 - grade de categorias de leitura não foi preenchida |

Tabela 6.41. Inconsistências observadas nos formulários da pesquisa

O tipo de contradição verificada mais vezes foi entre totais de leitura na íntegra dos livros da lista de vestibular e categorias de leitura. Alguns leitores marcaram, por exemplo, seis livros lidos de forma integral mas apenas cinco títulos possuíam marcação de categoria de suporte. Dois leitores em toda a pesquisa não preencheram a grade de categorias de leitura. Também houve dois casos de estudantes que não marcaram respos-

¹⁴² A definição foi dada no final da seção 5.3.

ta em uma das questões da segunda metade do formulário. Em dois casos no levantamento, ainda, os respondentes podem ter marcado equivocadamente categorias de leitura.¹⁴³

Durante a aplicação do formulário, os alunos receberam três folhas grampeadas, sendo a primeira delas um termo de consentimento livre e esclarecido. Na última folha havia dois quadros com dados pessoais. Um deles continha informação demográfica (curso, idade, sexo). Outro solicitava telefone e e-mail para contato, sendo precedido de um aviso de que os dados eram sigilosos e de preenchimento não obrigatório. Só foram validados os questionários que foram devolvidos com assinatura do termo e com o quadro de informações demográficas preenchido, os demais foram excluídos da pesquisa e não estão contabilizados entre os 263 integrantes da amostra. Foram validados os formulários sem dados de contato (desde que tivessem o termo assinado), no entendimento de que os alunos optaram por não integrar a parte posterior qualitativa da pesquisa.

A maior percentagem de inconsistências foi no curso de Publicidade (cinco casos, 17,24%) e a menor na Computação (um caso, 3,45%). Veterinária teve o maior número absoluto de casos deste tipo, embora representando percentual menor (seis, sendo 16,22%). Com exceção da Publicidade e Veterinária, a maioria dos cursos teve de uma a três incoerências. Isso foi levado em consideração nos casos em que quantidades de respostas caíram dentro desta faixa. Foi o caso das leituras em *e-book reader*, *tablet* ou celular, com um total de cinco leitores e ocorrência por curso de um ou dois, e que por estarem dentro desta margem de erro não foram analisadas estatisticamente em separado.¹⁴⁴

A pesquisa não possui um cálculo de margem de erro em termos rigorosamente quantitativos. A justificativa é metodológica e epistemológica. Como discutido no capítulo 5, embora os dados tenham sido coletados com um instrumento quantitativo, o tratamento dado a eles pela pesquisa é de fundo qualitativo, não havendo pretensão de universalização dos resultados. A tônica da investigação era no relacionamento dos estudantes com os suportes de leitura, com ênfase no texto eletrônico, buscando-se indicativos que pudessem ser contrapostos à discussão teórica. Embora o critério de fiabilidade seja utilizado para relativizar a observação, ele não tem a pretensão de consistir em uma

¹⁴³ Num deles, um respondente do Direito assinalou 12 audiolivros. Outro, na Publicidade, marcou títulos de filme que não haviam aparecido no restante da pesquisa. Os dois casos foram tabulados nas respectivas seções, mas com observação de que podiam não passar no teste de fiabilidade.

¹⁴⁴ Ver discussão na seção 6.6.

margem de erro de validade matemática como nos grandes levantamentos quantitativos demográficos estatísticos.

6.14 Discussão sobre representatividade da amostra

O levantamento dos dados quantitativos utilizou a chamada amostra de conveniência, definida por Manuela Magalhães Hill e Andrew Hill como “os casos facilmente disponíveis” (HILL; HILL, 2009, p.49). Os autores alertam que “a desvantagem é que, em rigor, os resultados e as conclusões só se aplicam à amostra, não podendo ser extrapolados com confiança para o Universo. Isto porque não há garantia de que a amostra seja razoavelmente representativa do Universo” (idem).

Dentro da proposta de interpretação qualitativa dos resultados, a pesquisa buscou oferecer insights sobre o comportamento dos integrantes da amostra, identificando relações e dinâmicas entre as categorias estudadas. Não se pretendeu estender as conclusões à totalidade dos matriculados na Universidade, nem sequer ao conjunto dos calouros. Mas três técnicas foram empregadas para ajudar a avaliar intuitivamente a representatividade. A primeira consta na seção 6.1, no Gráfico 6.1, que comparava numericamente os respondentes e o total dos ingressantes dos cursos no ano. A segunda foi um exercício de decomposição de parte da amostra, que consta na Tabela 6.42 e no Gráfico 6.20.

O teste consistiu em tabular separadamente duas turmas de um dos cursos da observação, para avaliar se haveria diferenças significativas nos dados gerais. O exercício foi realizado no curso de Publicidade (PP), que havia sido aplicado em duas disciplinas, uma com 14 e outra com 15 estudantes.¹⁴⁵ A Tabela 6.42 compara as diferentes medidas de média de leitura, em termos semelhantes aos da Tabela 6.4. A primeira linha mostra os valores gerais para a Publicidade e as duas seguintes os das duas metades do teste. Observa-se que entre as metades PP A e PP B há desvios significativos em relação ao grupo geral, como é o caso da mediana, da moda e dos valores mínimo e máximo.

O Gráfico 6.20 traz valores de *download* declarados pelos alunos das duas metades do curso de Publicidade. Os totais do curso haviam sido dados no Gráfico 6.14. Há grandes oscilações entre os diagramas de setores de PP A e PP B. As maiores diferenças são nas quantidades de 13 a 99 (8% contra 36%) e 1 a 12 (50% contra 77%).

¹⁴⁵ A opção foi por um curso da amostra que não houvesse sido pesquisado em turma única e que originasse duas parcelas com tamanhos semelhantes.

O Gráfico 6.20 e a Tabela 6.42 sugerem que a redução do tamanho da amostra diminuiria a variedade dos dados e afetaria numericamente o quadro geral do curso. Sob esse aspecto, uma pesquisa eventualmente realizada com 14 ou 15 respondentes por área mostraria resultados significativamente diferentes. Este experimento também ilustra a representatividade da cota de 30 alunos adotada pela pesquisa, que pode diferir analogamente em relação ao total dos estudantes de cada curso. O efeito poderia ser exacerbado naquelas áreas em que a proporção da amostra tenha sido menor em relação à população total de calouros, como foi o caso da Letras (as proporções da amostra em relação às vagas do ingresso anual de cada curso estão no Gráfico 6.1).

| Turmas | Mediana | d. padrão | média | moda | mínimo | máximo |
|----------|---------|------------|----------|------|--------|--------|
| PP geral | 4 | 3,48572034 | 4,689655 | 0 | 0 | 12 |
| PP A | 4,5 | 3,12469779 | 5,071429 | 4 | 1 | 12 |
| PP B | 3 | 3,86683087 | 4,333333 | 0 | 0 | 9 |

Tabela 6.42. Comparativo entre turmas da amostra de Publicidade

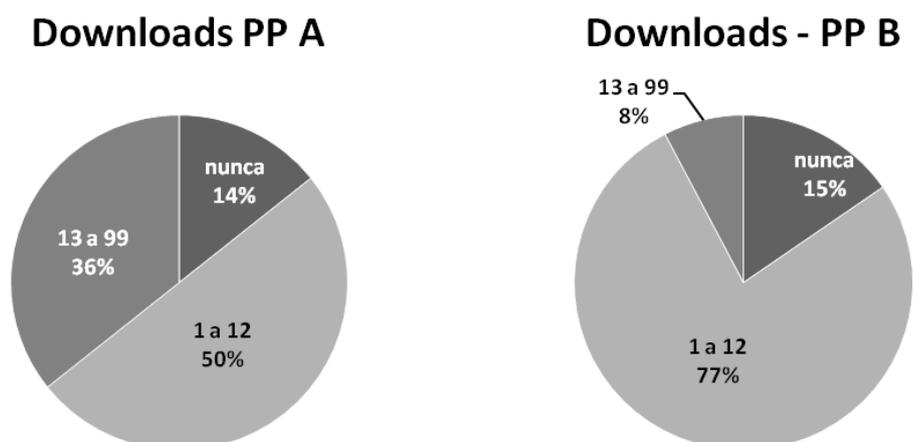


Gráfico 6.20. Comparativo entre *downloads* nas turmas da Publicidade

6.14.1 Subamostragem fora do universo da pesquisa

Uma terceira técnica de discussão da representatividade consistiu em realizar uma observação paralela subamostrada em dois cursos que não faziam parte do universo da pesquisa. O objetivo era comparar as médias com as demais e observar se apresentavam desvios significativos. Este exercício foi realizado com os cursos de Jornalismo e Relações Públicas. Trata-se dos outros dois integrantes da área de Comunicação da UFRGS. Assim como na Publicidade e Propaganda, a opção é feita no vestibular. Todos

os cursos de Comunicação têm o mesmo peso na prova de Literatura.¹⁴⁶

Foram aplicados questionários a 15 alunos de cada um destes dois cursos, a metade da meta amostral dos nove cursos que integraram a pesquisa. Estes 30 alunos, cujas respostas são apresentadas a seguir, não fazem parte dos 263 respondentes contabilizados nas tabelas e gráficos das seções anteriores.

A Tabela 6.43 traz os valores absolutos e percentuais, nos dois cursos deste teste de subamostragem, para a leitura e consulta dos livros da lista de vestibular nos diferentes suportes. Os dados devem ser comparados com a Tabela 6.17. Observa-se que os dados são coerentes tanto entre Jornalismo e Relações Públicas quanto entre ambos e os nove cursos da amostra efetivamente computada na pesquisa. Há algumas oscilações, mas tendências gerais seguem dentro da mesma faixa, como a preponderância do suporte livro impresso e parcela minoritária ou nula para as categorias Áudio e *E-book*. Aula e resumos seguem em faixas similares às das outras áreas. A leitura de computador aparece um pouco acima da média (40% em Relações Públicas e Jornalismo, pouco acima dos 31,56% mostrados na Tabela 6.17). Estes números sugerem que pelo menos algumas das tendências observadas quanto ao relacionamento dos estudantes da amostra com as formas de suporte poderiam ser extrapoladas para o universo maior. Ainda assim, não se trata de dado conclusivo.

| JORNALISMO | Livro | Xerox | Computador | E-book | Res.Int. | Res.Impr. | Filme | Aula | Áudio |
|-------------------|--------------|--------------|-------------------|---------------|-----------------|------------------|--------------|-------------|--------------|
| Alunos | 15 | 7 | 6 | 0 | 6 | 11 | 5 | 13 | 0 |
| (%) | 100,00% | 46,67% | 40,00% | 0,00% | 40,00% | 73,33% | 33,33% | 86,67% | 0,00% |

| RELAÇÕES PÚBLICAS | Livro | Xerox | Computador | E-book | Res. Int. | Res.Impr. | Filme | Aula | Áudio |
|--------------------------|--------------|--------------|-------------------|---------------|------------------|------------------|--------------|-------------|--------------|
| Alunos | 15 | 4 | 6 | 2 | 7 | 13 | 4 | 10 | 0 |
| (%) | 100,00% | 26,67% | 40,00% | 13,33% | 46,67% | 86,67% | 26,67% | 66,67% | 0,00% |

Tabela 6.43. Leitura de livros da lista por suporte nos cursos do teste de subamostragem

A Tabela 6.44 mostra várias medidas referentes ao total de leitura dos livros da lista de vestibular para os cursos de Jornalismo e Relações Públicas (RP). Também constam as densidades no vestibular, totais de vagas e a quantidade de formulários nos quais foram encontradas discrepâncias, nos parâmetros mencionados na seção 6.13, que discutiu os indicadores de fiabilidade. O quadro deve ser comparado com Tabela 6.4. Nota-se que os valores estão dentro da faixa de amplitude da amostra da pesquisa, embora com algumas configurações únicas. Jornalismo, se fosse classificado na Tabela 6.4, ficaria entre os três cursos com maior índice de leitura, com média de 8,46 e moda ele-

¹⁴⁶ Como mostrado na Tabela 6.4, esta prova tem peso 2 para Publicidade, assim como para os outros cursos de Comunicação.

vada (dez), além de um valor mínimo (três) mais alto que o da Medicina (dois), primeiro lugar nesta medida. Relações Públicas ficaria em penúltimo na Tabela 6.4, com média de leitura de 5,26 e moda em dois, apesar de um mínimo mais elevado (dois), equivalente ao da Medicina.

| JORNALISMO | | RP | |
|---------------|------------|---------------|------------|
| mediana | 8 | mediana | 6 |
| d. padrão | 2,41621506 | d. padrão | 2,9872746 |
| média | 8,46666667 | média | 5,26666667 |
| moda | 10 | moda | 2 |
| mínimo | 3 | mínimo | 2 |
| máximo | 12 | máximo | 12 |
| densidade | 13,98 | densidade | 7 |
| vagas | 50 | vagas | 50 |
| amostra | 15 (30%) | amostra | 15 (30%) |
| discrepâncias | 3 (20%) | discrepâncias | 2 (13,33%) |

Tabela 6.44. Médias de leitura dos livros da lista nos cursos do teste de subamostragem

É útil comparar a Tabela 6.44 com a Tabela 6.42, que trazia o teste de divisão da amostra do curso de Publicidade em duas tabulações de 14 e 15 respondentes cada. As médias aritméticas de PPA e PPB oscilaram entre 4,68 e 5,07, mas não ficaram mais de um ponto fora da faixa da média geral da PP, de 4,6. É possível que nos cursos subamostrados esta variação não tenha sido muito maior. A parte universalizável da comparação entre Jornalismo e Relações Públicas e as nove áreas efetivamente pesquisadas é que há mudanças de ranking e flutuações, mas coerência nas faixas de amplitude. Em níveis de leitura e suporte não houve diferenças significativas entre estes dois cursos e os restantes. Deve ser levado em conta, contudo, um índice mais alto de discrepâncias, especialmente no Jornalismo (três alunos, equivalente a 20%), comparando-se esta medida com aquelas da Tabela 6.41. Este indicador de fiabilidade menor seria um dos principais motivos para não adotar uma amostra tão reduzida.

Outros indicadores estão na Tabela 6.45, que mostra as respostas para a pergunta “Quais dessas coisas você já fez?” no Jornalismo e Relações Públicas. Os quadros devem ser cotejados com aqueles da seção 6.12. Quase todos os itens têm tendências semelhantes em termos gerais. Há pequenas diferenças, como o fato de que o Jornalismo teve menor índice de alunos que apontaram ter obtido apoio on-line para as leituras da lista de vestibular (foram 66,67%, quando a média dos 9 cursos havia sido 80% e o mínimo 69,23%, na Letras). Os dois grupos subamostrados mantêm a preponderância da opção “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu” sobre “Leu um

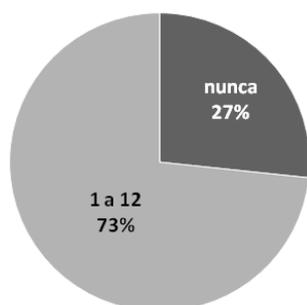
livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”. A proporção é menor no Jornalismo, com diferença de apenas um respondente. Em Relações Públicas são dois. No Jornalismo também são um pouco menores as recomendações de livros digitais e a discussão de livros em redes sociais, embora dentro da amplitude observada no resto da pesquisa.

| JORNALISMO | alunos | (%) |
|--|--------|--------|
| Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular | 10 | 66,67% |
| Leu trechos de livros no computador ou no celular | 12 | 80,00% |
| Leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais | 3 | 20,00% |
| Discuti em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu | 1 | 6,67% |
| Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes | 1 | 6,67% |
| Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele | 13 | 86,67% |
| Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu | 14 | 93,33% |
| RELAÇÕES PÚBLICAS | alunos | (%) |
| Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular | 13 | 86,67% |
| Leu trechos de livros no computador ou no celular | 12 | 80,00% |
| Leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais | 2 | 13,33% |
| Discuti em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu | 2 | 13,33% |
| Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes | 2 | 13,33% |
| Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele | 10 | 66,67% |
| Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu | 12 | 80,00% |

Tabela 6.45. Respostas a “Quais dessas coisas você já fez?” nos cursos do teste de subamostragem

O Gráfico 6.21 deve ser comparado com o Gráfico 6.13 e com o Gráfico 6.14. Traz as quantidades de download de livros feitos pessoalmente pelos respondentes dos dois cursos do teste de subamostragem. Em termos gerais as quantidades de livros descarregados estão próximas do intervalo dos outros 9 cursos. Relações Públicas tem valores mais próximos da média geral que era mostrada no Gráfico 6.13. Jornalismo tem um perfil mais semelhante ao da Medicina, com grande concentração de respostas na faixa de 1 a 12 títulos (73%, sendo que na MED eram 69%).

Download Jornalismo



Download RP

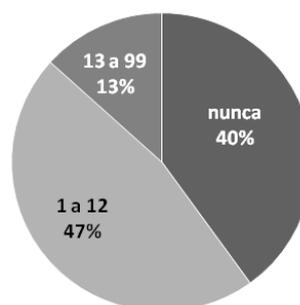


Gráfico 6.21. Downloads declarados nos cursos do teste de subamostragem

Também quanto às leituras na íntegra em computador, mostradas no Gráfico 6.22, os dois cursos do teste ficam em intervalos similares àqueles que eram observados

na pesquisa, como se observa comparando com o Gráfico 6.15 e com o Gráfico 6.16.

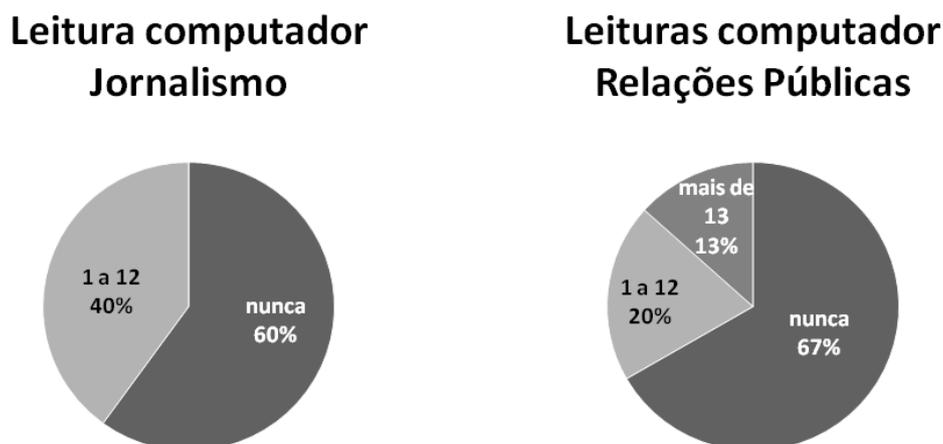


Gráfico 6.22. Leituras em computador nos cursos do teste de subamostragem

Os totais de leitura na íntegra em hardware portátil dos dois cursos estão em faixa coerente com o levantamento. A Tabela 6.46 mostra que não houve leitura nesta plataforma no Jornalismo (a Engenharia também havia registrado 100% de “nunca” para a leitura em tablet, celular ou e-book reader, conforme comparação com o Gráfico 6.18) e que em RP houve dois leitores na amostra de 15, o que equivaleria a 13,33%.

| | Jornalismo | RP |
|------------|------------|-------------|
| nunca | 15 (100%) | 13 (86,67%) |
| 1 a 12 | 0 | 1 (6,67%) |
| mais de 13 | 0 | 1 (6,67%) |

Tabela 6.46. Leituras na íntegra em *e-book*, *tablet* e celular nos cursos do teste de subamostragem

Na Tabela 6.47, por último, estão os dados de bibliotecas pessoais nas respostas de Jornalismo e Relações Públicas, para comparação com a Tabela 6.34. No caso do Jornalismo, as proporções são semelhantes às do Direito. Relações Públicas tem, nesta medida, uma configuração que não havia sido vista no restante da pesquisa.

| | Jornalismo | RP |
|--------------|------------|---------|
| até 20 | 0 | 3 (20%) |
| 21 a 100 | 5 (33,33%) | 3 (20%) |
| 101 a 1000 | 10 (66,7%) | 9 (60%) |
| mais de 1000 | 0 | 0 |

Tabela 6.47. Bibliotecas em casa nos cursos do teste de subamostragem

Apesar de pequenas diferenças que podem ser tanto devidas ao tamanho reduzi-

do da amostra quanto às idiossincrasias dos diferentes cursos, os números tabulados do teste com o Jornalismo e Relações Públicas são coerentes com os observados nos nove cursos da pesquisa. Tendências gerais se mantiveram, assim como as grandes proporções. Este seria um indicador intuitivo, embora não rigorosamente estatístico, de que algumas das informações trazidas pelo levantamento talvez sejam universalizáveis. Apesar disso, tecnicamente, em caso de repetição da coleta de dados quantitativos no futuro, a amostra no tamanho testado, de 15 respondentes, mostrou ser menos confiável devido aos intervalos muito pequenos. É o caso da leitura em *hardware* portátil no Jornalismo, em que a inexistência de casos pode ser devida ao tamanho da amostragem, menor do que a proporção de casos necessária para registro. Mesmo categorias com um ou dois respondentes podem ser inconclusivas nesta escala, já que mais facilmente podem ser incluídas em margens de erro ou descartadas em função dos índices de fiabilidade.

6.15 Campo qualitativo: categoria Outros

As seções anteriores deste capítulo apresentavam e analisavam dados quantitativos, de natureza numérica. Mas a pesquisa também foi composta de informações de outro tipo. Em levantamentos por questionário como o que foi adotado, Sonia Vieira menciona que é preciso “distinguir respostas quantitativas, isto é, numéricas, de respostas qualitativas, isto é, obtidas por meio de palavras” (VIEIRA, 2009, p.31).

O primeiro campo qualitativo registrado no levantamento foi referente à categoria “Outros”. Na segunda questão do formulário, apresentada na seção 6.5, os estudantes eram solicitados a marcar, para cada título da lista de vestibular, as formas de suporte e estudo que haviam utilizado. Além das alternativas apresentadas havia o campo “Outros (especificar)”, que trazia espaço para que os respondentes acrescentassem outros meios de acesso que haviam utilizado.

Durante a tabulação, conforme mostrado na Tabela 6.14, foram acrescentadas duas categorias que surgiram espontaneamente a partir das respostas qualitativas do campo Outros. Trata-se de “palestras” e “teatro”. Elas foram acrescentadas à contabilização geral porque traziam mais de um respondente. Houve outras entradas que não chegaram a se repetir, mas que ajudam a compreender a variedade de respostas.

Entre os 263 respondentes, a categoria foi assinalada 15 vezes. Onze dos alunos

que marcaram esta opção detalharam que assistiram a peças de teatro baseadas nos livros ou palestras. Quatro trouxeram informação única.

Um dos quatro respondentes singulares era BIO21¹⁴⁷, uma estudante de Biologia de 21 anos que marcou na opção “Outros” os livros *Estrela da Vida Inteira*, *Porteira Fechada*, *O Pagador de Promessas* e *O Filho Eterno*. Ao lado da marcação dos títulos, acrescentou “não li”. Foi o único caso em que um respondente não assumiu que bastasse não assinalar os títulos lidos. Por um lado é um indicativo técnico válido, já que aponta que talvez fosse conveniente, em um questionário aplicado em escala maior, esclarecer o procedimento a ser tomado para livros não lidos. Mas a resposta de BIO21 também poderia ser interpretada de outra forma, mais enfática, indicando que estes são os títulos que a aluna fez questão de apontar que não leu.

Outro dos casos únicos é semelhante, embora mais radical. COMP16, um aluno de Ciência da Computação de 18 anos, marcou nesta categoria todos os títulos. Durante a aplicação do questionário, solicitou ajuda e informou ao pesquisador que havia escolhido esta opção porque não havia tido qualquer contato com a lista de leituras obrigatórias do vestibular. Perguntado se não havia visto resumos ou trabalhado algum dos títulos em aula, reiterou a negativa. COMP16 não chegou a especificar sua opção no formulário, apenas marcou os 12 títulos com um X na categoria “Outros” e justificou verbalmente.

LET9, uma estudante de Letras de 18 anos, marcou “Outros” para os livros *Porteira Fechada*, *Manuelzão e Miguilim*, *O Pagador de Promessas* e *Feliz Ano Novo*, acrescentando a indicação “contaram-me”. Trata-se de um indicativo de transmissão oral. Poderia ser considerado como integrante da opção “aprendeu em aula ou grupo de estudo” do formulário, mas a aluna considerou que se tratasse de forma suficientemente singular para justificar a marcação em separado.

A última das entradas únicas desta porção do formulário foi de uma aluna da Medicina de 18 anos, MED12. Ela assinalou, para os *Poemas de Álvaro de Campos*, que imprimiu da Internet. É interessante observar que MED12 leu todos os 12 livros da lista de vestibular, e 11 deles em livro. O único ao qual teve acesso em outro suporte foi o título de Fernando Pessoa, que obteve eletronicamente mas optou por ler em versão im-

¹⁴⁷ As seções a seguir que tratam de informações qualitativas utilizam um código para identificação dos respondentes, quando referidos individualmente. Trata-se das iniciais do curso seguidas da numeração do aluno na tabulação da área.

pressa em papel. Ela também marcou os 12 títulos na categoria Aula. MED12 representaria um perfil conservador de leitora. Nas informações sobre *download*, marcou “1 a 12” e “nenhum” para leituras na íntegra em computador e *hardware*. Assinalou a biblioteca doméstica entre 101 e 1000 exemplares. Embora singular como ocorrência estatística, seu caso ilustra a complexidade das interações entre os textos eletrônicos e os usuários e indica que há várias nuances entre as categorias digitais e impressas que podem não ser facilmente percebidas.

6.16 Campo qualitativo: *sites de download*

Uma das perguntas abertas do questionário era “Se você já baixou livros da Internet, quais *sites*, programas ou redes sociais você usou para fazer isso?”. A questão buscava, entre outras coisas, abordar indiretamente a possibilidade de pirataria.¹⁴⁸ Como se trata de um campo no qual os estudantes respondiam com suas próprias palavras, não se aplica o tratamento gráfico e estatístico utilizado em seções anteriores. Como critério de análise das respostas, foram identificadas categorias que tenham surgido espontaneamente. Os resultados são mostrados na Tabela 6.48. Várias delas são sobrepostas, já que a maioria dos alunos preencheu o espaço com dados múltiplos.

Dos 263 alunos que participaram do levantamento, houve 179 que responderam ao campo que perguntava sobre *sites de download*, o equivalente a 68,06% da amostra. O número é coerente com os 79% que assinalaram já ter descarregado livros eletronicamente, conforme era mostrado no Gráfico 6.13.

A menção espontânea que aparece mais vezes é do *site* de compartilhamento de arquivos *4shared.com*, mencionado por 53 dos 179 respondentes que preencheram este campo (29,61%). Trata-se de um serviço que se define oficialmente como de “armazenamento on-line gratuito”, e cujo lema é “faça *upload*, acesse e compartilhe seus arquivos”.¹⁴⁹ Consulta realizada durante a pesquisa mostrou que há para *download* sem restrição vários livros em vários idiomas incluindo o português, tanto de domínio público quanto protegidos por direito autoral.¹⁵⁰ A posição proeminente do *site* na pesquisa espontânea pode estar associada à prática de pirataria, mas não necessariamente.

¹⁴⁸ Na intenção de não constranger os respondentes, não foi utilizada uma pergunta direta.

¹⁴⁹ <<http://www.4shared.com/>> Consulta em 20/2/2012

¹⁵⁰ Idem.

| | (%) | |
|----------------------------|-----|--------|
| 4shared | 53 | 29,61% |
| Google | 47 | 26,26% |
| não sabe/não lembra | 40 | 22,35% |
| Domínio público | 25 | 13,97% |
| <i>Torrent</i> | 14 | 7,82% |
| <i>Blogs</i> | 11 | 6,15% |
| Orkut | 9 | 5,03% |
| Megaupload | 7 | 3,91% |
| Bibliotecas | 4 | 2,23% |
| Facebook | 3 | 1,68% |
| Rapidshare | 3 | 1,68% |
| Gutenberg | 3 | 1,68% |
| <i>sites de cursinho</i> | 3 | 1,68% |
| Amazon | 3 | 1,68% |
| Pirate bay | 2 | 1,12% |
| Scribd | 2 | 1,12% |
| Liber liber | 2 | 1,12% |
| Grátis | 2 | 1,12% |
| Kindle | 2 | 1,12% |
| Mule | 1 | 0,56% |
| Respostas: 179 | | |
| (68,06% da amostra) | | |

As percentagens da terceira coluna são referentes ao grupo de 179 respondentes deste campo do questionário

Tabela 6.48. Espontânea para *sites de download*

A segunda menção mais lembrada pelos respondentes é o *site* de busca Google.¹⁵¹ Esta categoria engloba uma das respostas mais recorrentes, como a dada pelo respondente DIR12: “Procuro no Google a versão para *download* da obra, não uso um *site* específico.” Trata-se de uma técnica pragmática para localizar conteúdo na Internet, à qual os usuários já podem estar acostumados no ambiente on-line. Este procedimento também dá um indicativo sobre o tipo de interação entre a pessoa que descarrega e o texto eletrônico. Como indica a declaração de DIR12, o portal de busca é utilizado para localizar arquivos específicos. Muitos dos estudantes que marcaram esta opção estavam em busca de um livro determinado, seja da lista de vestibular, seja de seu interesse pessoal. O uso do Google como ferramenta para localização de títulos pode sugerir um uso instrumental do texto eletrônico, nos termos descritos por Alan Jacobs (2011, p.73). Esta tendência é compatível com a observação, já que houve indicativos, ao longo da pesqui-

¹⁵¹ Foram incluídas aqui também as citações da biblioteca on-line Google Livros ou Google Books.

sa, de que alguns estudantes utilizam os arquivos eletrônicos como forma mais rápida de acesso.¹⁵²

Em terceiro lugar em frequência de respostas estão os alunos que disseram não usar um *site* específico. Este campo se sobrepõe parcialmente a outros, como o do Google. A frase citada de DIR12 é um exemplo e também foi computada nesta categoria. Há duas formas de interpretar este tipo de resposta. Por um lado, podem indicar também uma instrumentalidade da relação com o texto eletrônico. Neste caso, trata-se de estudantes que estão em busca de um título específico e que, assim que o encontrarem, não vão lembrar do endereço onde ele foi obtido. Outra possibilidade é que alguns dos respondentes tenham se sentido constrangidos em indicar *sites* que envolvessem violação de direitos autorais. Muitas respostas foram lacônicas: “Não lembro.” Aqui, é preciso reconstruir as circunstâncias de aplicação do questionário. Por exigência formal, o formulário era distribuído com uma folha de rosto composta pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que devia ser preenchido com o nome do aluno e assinado. Embora ao longo do formulário e na apresentação da pesquisa fosse reiterado que os dados eram sigilosos, houve indicativos de que os estudantes preferiam não se associar à ideia de pirataria de conteúdo.

O Domínio Público também esteve entre as respostas espontâneas mais comuns, lembrado por 25 pessoas. A questão do conteúdo sem direitos autorais, pelo menos para uma parcela dos estudantes, é um dos determinantes para acesso ao texto eletrônico. Indicativo nesse sentido já havia sido observado na análise dos livros mais lidos, na Tabela 6.13 e na Tabela 6.21. Comparados, os dois quadros indicavam que obras em domínio público tiveram a tendência de figurar mais para cima no ranking de leitura em computador.

Muitas das menções espontâneas sobre *download* foram únicas, ou com frequências pequenas. Houve menções a *sites* específicos, como *4shared*, mas também a protocolos de transferência de arquivos, como *torrent*, assim como alusões genéricas a “comunidades”, “fóruns”, “*blogs*” e “*links*”. Muitos destes casos singulares não constam na Tabela 6.48.

Uma tendência observada discretamente, que também apareceu de forma recor-

¹⁵² Nem todas as buscas por livros no Google são necessariamente de fundo instrumental, à procura de um livro específico. O Google Livros é organizado como uma biblioteca e, teoricamente, permitiria que o usuário percorresse os títulos como se passeasse por prateleiras. Mas as marcações fazendo referência ao Google Books ou Google Livros foram minoria nesta categoria: totalizaram três estudantes (1,68% dos respondentes que preencheram este campo).

rente em outros momentos da pesquisa, foi a dos repositórios da Internet. Alguns alunos citaram entre as fontes de *download* os *sites* de bibliotecas, as páginas de cursinhos e o projeto Gutenberg. Essas referências aparecem em alguns momentos em sobreposição com *sites* identificados com a pirataria. É o caso da resposta de COMP17, estudante da Ciência da Computação, que indicou três endereços da Internet: o *site 4shared*, o Domínio Público e um *site* de cursinho pré-vestibular. A superposição de categorias pode indicar que se encontram confundidas na prática dos estudantes. Uma hipótese intuitiva seria que para alguns leitores e em algumas ocasiões a situação legal do texto eletrônico torna-se menos relevante do que sua disponibilidade.

6.17 Campo qualitativo: o que você lê?

O último campo do formulário de pesquisa era uma pergunta aberta: “Independente de estudo, trabalho ou faculdade, o que você lê?”. Um dos objetivos era apurar a frequência com que os livros aparecessem espontaneamente nas respostas. Além disso, buscava-se aproveitar a grande vantagem desta técnica, descrita por Sonia Vieira: “Você pode receber respostas inesperadas, que ajudarão a entender o assunto que está estudando” (VIEIRA, 2009, p.51). A Tabela 6.49 traz algumas das informações, agrupadas por ordem de repetição. Dos 263 respondentes da pesquisa, 247 preencheram o campo. Destes, 221 mencionaram livros diretamente ou indicaram estilos literários. O quadro mostra a frequência de palavras-chave, observando-se que as respostas misturam gêneros (como romance, conto e crônicas) com estilos de narrativa (policiais, ficção científica, mitologia) e suportes (jornais, revistas, *sites*).

A tabela 6.49 serve apenas como um indicativo geral do conteúdo das respostas. Sonia Vieira alerta que na técnica das perguntas abertas “as respostas devem ser lidas separadamente” (VIEIRA, 2009, p.51). O quadro é útil para observar linhas gerais, como o fato de que os romances são o gênero mais lembrado e que outras formas literárias tiveram menor ocorrência espontânea, como os poemas e poesias (17 respostas). O conto, citado por 17 leitores, foi mais popular que a crônica, com nove, mas esta última pode estar incluída também nas respostas sobre *blogs*, *sites* e mesmo revistas e jornais.

| | alunos | (%) |
|-------------------|------------|---------------|
| Respostas | 247 | 93,92% |
| Livros | 221 | 84,03% |
| romance | 82 | 31,18% |
| Jornais | 58 | 22,05% |
| revistas | 57 | 21,67% |
| literatura | 43 | 16,35% |
| história | 29 | 11,03% |
| contos | 17 | 6,46% |
| policial | 16 | 6,08% |
| ficção científica | 14 | 5,32% |
| artigos | 13 | 4,94% |
| aventura | 13 | 4,94% |
| filosofia | 13 | 4,94% |
| fantasia | 11 | 4,18% |
| poesia | 10 | 3,80% |
| crônica | 9 | 3,42% |
| <i>blogs</i> | 8 | 3,04% |
| biografia | 8 | 3,04% |
| poema | 7 | 2,66% |
| <i>sites</i> | 6 | 2,28% |
| auto-ajuda | 6 | 2,28% |
| quadrinhos | 5 | 1,90% |
| espírita | 5 | 1,90% |
| mitologia | 4 | 1,52% |
| clássico | 4 | 1,52% |
| mangá | 4 | 1,52% |
| arte | 4 | 1,52% |
| infantojuvenil | 3 | 1,14% |
| séries | 2 | 0,76% |
| teatro | 1 | 0,38% |
| fanfic | 1 | 0,38% |
| religiosos | 1 | 0,38% |

Tabela 6.49. Espontânea para tipos de leitura

Jornais e revistas estão entre as citações mais frequentes, logo abaixo dos romances.¹⁵³ Um detalhe interessante é que alguns mostraram uma tendência a separar os livros dos jornais e revistas, indicando que se tratava de gêneros informativos diferen-

¹⁵³ A respeito da frequência com que foram citados livros é preciso levar em conta ainda um efeito de formulário. Sendo a última questão de uma pesquisa que abordava livros, alguns alunos podem ter assumido naturalmente que as respostas deveriam tratar disso.

tes. É o caso de MED13, aluna de Medicina, que utilizou duas linhas do formulário para a resposta. Em uma, escreveu “Jornais e revistas”. Em outra, “Romances”. Em exemplos similares, a resposta veio em uma espécie de gradiente, com os gêneros mais prestigiados no início. Da estudante de Ciências Jurídicas DIR26: “Livros de ficção, história e fantasia; jornais; revistas de História, literatura e filosofia; *blogs*.” Da aluna de Psicologia PSII2: “Romances, Poesia, Contos, Crônicas, revista” (observe-se inclusive a diferença de caixa, com inicial minúscula apenas para “revista”). Este fenômeno de separação e valoração das categorias não foi preponderante, mas parece ter sido mais comum nos cursos com médias mais altas de leitura, como Medicina, Direito e Psicologia.

Muitas das respostas também faziam referência às circunstâncias do cotidiano dos estudantes, com pouca oportunidade de leituras eletivas. Da estudante de Veterinária VET23: “No momento, a única coisa que tenho tempo de ler sem ser os livros da faculdade é o jornal.” VET9: “Leio notícias (impressas ou na Internet) diariamente, revistas (sempre que possível) e livros em geral (cerca de dez por ano).” Também aqui se observa o gradiente de formas de suporte, com o jornal indicado como leitura rápida, as revistas como um estágio intermediário e os livros como a forma superior porém mais rara. Mas o livro ainda preenche dupla função, como veículo de conteúdo informativo e como instrumento de lazer, como implica MED18: “Principalmente artigos científicos e livros didáticos. Literatura apenas nas férias.” Alguns respondentes indicaram as leituras em função do tempo que podiam dedicar a elas. MED28: “Revistas de notícias, jornais (esporadicamente), gibis (pouquíssimo), *blogs* (de notícias).” No caso desta aluna, claramente a escassez de tempo se traduzia em uma variedade de meios de leitura mais rápida, como os jornais, *blogs* e histórias em quadrinhos.

VET9, citada acima, mencionava “notícias (impressas ou na Internet)”. No caso das leituras rápidas, alguns respondentes especificaram o suporte diferenciando o impresso do eletrônico. DIR28: “Contos, filosofia, psicologia, crônicas, colunas virtuais.” PSII6: “Notícias em *sites* e livros.” PSII9: “Revistas, livros do romance, livros no geral, curiosidades na Internet.” Mas a fronteira entre o texto jornalístico impresso e eletrônico parece mais tênue. A estudante de Letras LET1, entrevistada por telefone na triangulação qualitativa, marcou na resposta do formulário só gêneros literários (“Filosofia, psicologia, história, romances”), mas durante a conversa mencionou também ler notícias. “Acompanho jornal. Pela Internet. Os portais, mais.” Neste caso, ao falar em “jornal” a aluna se referia à imprensa on-line.

Em relação aos gêneros literários mencionados espontaneamente, pode ser importante considerar a questão da falta de tempo. Embora o levantamento tenha sido realizado com estudantes de primeiro ano, deve-se levar em conta o tempo de preparo para o vestibular ou para a conclusão dos estudos do ensino médio e cursinhos, que podem ter dado pouca oportunidade para leitura por lazer no ano da pesquisa e no anterior. Com isso, é possível que muitas das respostas sobre preferências literárias tenham reproduzido memórias de leitura de períodos anteriores. Neste caso, como se observava na distribuição etária mostrada no Gráfico 6.3, muitos estariam na faixa infantojuvenil, que efetivamente foi bastante lembrada nas categorias da Tabela 6.49.¹⁵⁴ Esse efeito pode ser observado em algumas respostas, às vezes enunciado literalmente. De PP21, estudante de Publicidade e Propaganda de 18 anos: “Livros de séries ou filmes (Crepúsculo, por exemplo).” DIR14, 17 anos: “Livros de romance ou ficção científica, na maior parte. Literatura infantojuvenil.”

Mas também houve muitas alusões espontâneas a literatura adulta. Neste caso, às vezes foram indicados os autores, além dos gêneros. COMP19, 21 anos: “Dostoyevsky, Jack Kerouack, Douglas Adams, Machado de Assis.”¹⁵⁵ COMP23, 22: “Satre, Nietche, Bukowski.” BIO6, 21, da Biologia: “José Saramago, Mario Llosa, Richard Dawkins, Hilda Hilst, Charles Bukowski, Paulo Nogueira Neto, José Lutzemberger, entre outros.” BIO14, sexo masculino, 25 anos: “Literatura pura e suja. Principalmente os malditos.” Respostas deste tipo tinham a tendência de pertencer a estudantes da faixa etária superior da amostra (21 anos para cima).

Na relação de autores citados por BIO6 constavam José Lutzemberger e Richard Dawkins, fontes diretamente ligadas à sua área, a Biologia. Naturalmente, as referências de leitura, como indicadores de preferência pessoal, muitas vezes mostraram relação com o curso. DIR25, Ciências Jurídicas: “Livros de suspense e romance na maior parte das vezes e sobre casos antigos de direito penal.” VET10, Veterinária: “Livros relacionados a animais, comportamento, raças, doenças etc.” LET18, Letras: “Ficção, ensaios sobre literatura, livros sobre escrever.” Este interesse de ofício também podia se refletir em meios de comunicação diferentes. BIO23: “Revista de biotecnologia.”

A leitura temática vinculada ao curso, contudo, não foi a regra. Em geral as respostas envolveram as categorias que constam na Tabela 6.49. Mas também havia ten-

¹⁵⁴ Embora a palavra-chave “infanto-juvenil” tenha sido mencionada poucas vezes, gêneros como “fantasia”, “ficção científica” e afins foram mais comuns.

¹⁵⁵ A grafia de nomes entre aspas reproduz integralmente a dos respondentes, sem correções.

dência no extremo oposto, em que alunos indicavam forte preferência por áreas diversas da sua. “Literatura fantástica, literatura técnica relacionada à TI (informática) e Física” foi a resposta de LET20, da Letras. Já DIR17, do Direito, observava: “Leio muita literatura nacional (ainda farei o curso de letras).” COMP7, Ciência da Computação: “Leio de tudo, economia, política, mas em termos de literatura gosto de temas medievais, místicos e um pouco de investigativos (romances policiais).” Esta diversidade mencionada por alguns respondentes mostra como os gostos e interesses individuais se refletem em relacionamentos únicos com os livros, às vezes extensivos a outros suportes. PP23, Publicidade e Propaganda: “Livros técnicos/não fictícios, *blogs*, fóruns, portais.” COMP9: “Literatura estrangeira, *comic-books* e mangás.” DIR13: “Jornal pela Internet e livros impressos que tenho interesse, além de diversos assuntos automotivos pela Internet.”

A análise das respostas de perguntas abertas deve considerar a possibilidade de vies dos respondentes. “O respondente pode ter a intenção de agradar ao entrevistador, de dar a resposta correta, de ser socialmente correto”, alerta Sonia Vieira (2009, p.66). Já havia sido referida na nota de rodapé 153 a hipótese de que, ao fim de um questionário sobre livros e hábitos de leitura, os estudantes se sentissem compelidos a oferecer respostas versando sobre livros. Alguns alunos, efetivamente, formularam frases que dão a impressão de cumprir a tarefa de prestar contas de sua relação com os livros. Do estudante de Engenharia ENG18, 18 anos: “Revistas, jornal, notícias na Internet e dificilmente livros.” LET3, 21, sexo masculino, Letras: “Os livros que leio são quase sempre relacionados à faculdade, como literatura brasileira, literatura estrangeira e livros de linguística.” ENG8, Engenharia Civil: “Na base de 1 livro sobre qualquer assunto a cada 2 anos e de vez em quando a Bíblia.”

Diferente da porção do formulário que buscava apurar objetivamente suportes de leitura adotados pelos estudantes¹⁵⁶, as perguntas abertas são mais sujeitas ao efeito de vies descrito por Sonia Vieira e também dão margem a reações emocionais por parte dos pesquisados, inclusive respostas dialogando com a própria pesquisa. A redação da questão terminava com “O que você lê?”, formulação aberta que buscava estimular a maior variedade possível de respostas a fim de testar a espontaneidade das categorias que sur-

¹⁵⁶ Como era discutido no capítulo de Procedimentos Metodológicos, a apuração de dados quantitativos também é sujeita às suas próprias distorções, a ponto de alguns autores mencionarem que “o valor verdadeiro constitui uma entidade hipotética que nunca se consegue chegar a conhecer” (PEROSANZ, 2006, p.307). Mas há o diferencial de que se trata, ainda assim, de dados mensuráveis, diferentemente das formulações subjetivas próprias das perguntas abertas.

gissem. Pelo menos um respondente percebeu, mesmo que intuitivamente, que a pergunta possuía esse sentido amplo. LET17, estudante de Letras do sexo masculino, 25 anos, forneceu a resposta mais inusitada: “Romances, ficção, jornais, revistas, *sites*, caixa de cereal.” À parte a boa ironia, a resposta indica que o aluno percebeu a margem de amplitude deixada pela questão e se divertiu com a possibilidade de indicar todos os pequenos atos de leitura cotidianos. A resposta de LET17 também percorre o ranking de importância das leituras já referido anteriormente, com os livros em primeiro lugar, depois jornais, revistas e *sites* (nesta escala em particular, os letrados de cereais foram classificados em último).

Mencionar a brincadeira do pesquisado serve também para ilustrar a importância deste último campo do levantamento, que foi a principal entrada subjetiva do formulário. Nestas respostas foi percebida sob outro olhar a natureza abrangente da interação dos jovens com as diferentes configurações e suportes de leitura, variando desde a relação instrumental de consulta profissional ou acadêmica até a curiosidade pessoal ou o mergulho nas narrativas ficcionais por lazer. Seria, subjetivamente, um vislumbre dos indivíduos e das vidas que existem por trás dos números mostrados nas seções anteriores. Em um trabalho com aspiração científica, contudo, deve-se alertar que a interpretação dos dados subjetivos sempre pode estar, por sua vez, contaminada pelas expectativas e pontos de vista também pessoais do pesquisador. A descrição desta seção procurou agrupar os casos em categorias e tendências, mas para minimizar o inevitável viés interpretativo do redator é reproduzida no Anexo 6 a íntegra das respostas fornecidas pelos estudantes. O acesso aos dados brutos pode ser útil para outros trabalhos e também busca facilitar a tarefa científica de questionar as conclusões do atual estudo.

6.18 Perfis de leitura

Analisando respostas fornecidas nas próprias palavras dos estudantes, as seções 6.15, 6.16 e 6.17 introduziam os elementos qualitativos da pesquisa, contrastando tecnicamente com os dados numéricos das demais porções do capítulo. É possível ainda percorrer outros caminhos metodológicos dentro do levantamento, lendo as informações de formas diferentes. A seção atual busca realizar um exercício de interpretação qualitativa das fichas preenchidas pelos respondentes. Aqui, a intenção foi uma leitura holística dos formulários preenchidos individualmente, identificando o que poderiam ser considera-

dos perfis de usuários, tendo em vista modelos como o de Ana Helena Seuánez Salgado (2008, p.156). Metodologicamente, trata-se da aproximação qualitativa descrita por Guillermo Orozco Gómez que consiste em “encontrar o distinto, o próprio, o que diferencia aquilo que estamos explorando do conjunto que está integrando” (GÓMEZ, 2000, p.72). Nas análises de fundo estatístico que apontaram tendências dentro dos cursos, já havia sido mencionada a necessidade de levar em conta o peso dos perfis individuais na compreensão dos números totalizados.

Avaliados individualmente, os questionários revelam extremos que podem ser ilustrativos da grande variedade de perfis do universo pesquisado. DIR9, estudante de Ciências Jurídicas do sexo masculino de 64 anos, está em uma das pontas do Gráfico 6.3, que mostrava a distribuição etária do grupo amostrado. Mesmo em um curso com médias altas de leitura, ele estava entre a minoria (cinco pessoas) dos que leram na íntegra as 12 obras da lista do vestibular. DIR9 leu todos os títulos em livro. Das demais categorias de suporte e consulta marcou apenas uma, “filme”, tendo assistido a *O Pagador de Promessas*. Assinalou ter descarregado de 1 a 12 livros da Internet, o mesmo para a leitura em computador, indicando ainda que já leu trechos on-line. Nunca leu em *hardware* portátil. Estimou sua biblioteca pessoal entre 100 e 1000 volumes. Não assinalou apoio on-line para leitura nem participação em fóruns ou recomendação de livros digitais. Informou ter tanto assistido a filmes baseados em livros que leu quanto lido livros depois de ver o filme. Não detalhou *sites* de *download* e mencionou que não tem tempo de ler devido à faculdade.

A própria definição do universo de amostragem, composto por universitários, foi estabelecida com base em um perfil jovem que era apontado por pesquisas (como a mostrada na Tabela 5.1 e na Tabela 5.2) como simultaneamente motivado por estudo e afeito à leitura por diversos suportes. Sob esse ponto de vista, DIR9 seria uma exceção. A tendência intuitiva seria creditar à sua diferente faixa etária os fatos de ter lido todos os livros e de ter feito isso na forma clássica em papel, com pouco apoio de meios eletrônicos. De fato, ele poderia mesmo ser uma corroboração empírica para argumentos teóricos como o de Sven Birkerts (2006, p.201) de que as gerações anteriores eram mais ligadas aos livros. Mas embora DIR9 seja sem dúvida um caso simbólico, relacionar diretamente a idade com a leitura, neste caso, seria uma simplificação.

Colega de DIR9, DIR1 também é do sexo masculino e tem 18 anos. Leu os 12 títulos da lista de vestibular, todos em papel, e não marcou qualquer outra forma de su-

porte e leitura para os títulos recomendados. Neste sentido, seria até mais conservador e ilustra como idade e leitura não são necessariamente vinculados. Há, contudo, outros indicadores de DIR1 que aproximam seu perfil daquele mais jovem. Assinalou volume de *downloads* entre 13 e 99 e indicou ter lido mais de uma dúzia de livros em computador. Também indicou ter lido tanto trechos eletronicamente quanto usado bibliotecas online. Citou o *site 4shared* como referência de *download*.

Vizinha de tabulação de DIR9, DIR8, 19 anos, vem logo acima na planilha eletrônica de totalização da pesquisa e leu 11 livros da lista na íntegra. Diferente de DIR9 e DIR1, usou uma conjugação de suportes para leitura e estudo. DIR8 leu nove títulos em papel, um em xerox ou apostila e um em computador. Como muitos estudantes da pesquisa, marcou 12 obras na categoria “aula” e também em resumo impresso. O único livro recomendado que não leu, *Estrela da Vida Inteira*, de Manuel Bandeira, é um dos dois que ela marcou, adicionalmente, em resumo na Internet. DIR8 viu três filmes baseados na lista. Indicou ter feito entre 13 e 99 *downloads* de livros. Mencionou ter descarregado livros com auxílio do *4shared* e *Facebook*. Escreveu que gosta de ler “jornais, histórias, romances, revistas e *sites*”. Seu perfil de estudo conjugando suportes lembra o de DIR23, estudante entrevistada por telefone na triangulação qualitativa, apresentada na subseção 6.19.2.

Comparados entre si, DIR1, DIR8 e DIR9 têm pontos em comum (como o curso e o nível elevado de leitura), mas características únicas que vão desde a idade até a forma de estudar lançando mão de vários recursos. São indivíduos. Como tais, não se enquadram perfeitamente em descrições genéricas. O ponto relevante para o objetivo geral da pesquisa é que a singularidade deles se expressa em diferentes relacionamentos com os suportes de conteúdo.

Para compreender as variações pessoais é útil comparar extremos também em áreas diferentes. Na Engenharia Civil, a moda (o valor que mais se repetiu) de leitura de títulos da lista obrigatória era zero. Um dos que assinalaram este valor foi ENG11, estudante do sexo masculino de 25 anos, o mais velho da amostra do curso. Ele não assinalou qualquer obra como lida na íntegra nem marcou modalidades de contato com o texto integral. Indicou ter visto sete dos 12 títulos em aula, quatro em resumos na Internet e assistiu a dois filmes (*O Pagador de Promessas* e *O Primo Basílio*). ENG11 estimou sua biblioteca pessoal entre 101 e 1000 volumes. Disse ter feito de 1 a 12 *downloads* de livros em computador e indicou um valor na mesma faixa para leitura integral. Nunca

leu em *hardware* portátil. Declarou ter buscado apoio on-line para a lista de vestibular, ter lido trechos de livros on-line e também ter utilizado bibliotecas na rede. Viu filmes baseados em livros que leu e também leu livros depois de ter ficado interessado a partir de filmes. Disse descarregar livros com auxílio do Google, *4shared* e *blogs*. Como preferências de leitura, disse gostar de jornal, revistas e livros de “ficção/aventura”.

Outro estudante de Engenharia que não leu qualquer título da lista, ENG17, sexo masculino, 19 anos, marcou bem menos categorias que ENG11. Apontou apenas ter lido o resumo na Internet dos *Contos de Machado de Assis*, fora isso não indicou ter tido qualquer contato com os títulos recomendados. Nunca fez *download* nem leu em computador ou *hardware* portátil. Indicou ter entre 100 e 1000 livros em casa. Assinalou ter obtido apoio on-line para o estudo do vestibular. Como a maioria dos respondentes, assinalou apenas a opção de ter visto um filme baseado em um livro que leu. Sobre preferência de leituras, escreveu “ultimamente, tenho lido livros do estilo ‘on the road’”.

Contrastando com os dois colegas, ENG12 leu integralmente 11 livros da lista de vestibular. O único título que não leu foi *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa. Dez títulos marcou ter lido em livro. Indicou ter lido um título em xerox e um em computador. Marcou ter visto todos os títulos em aula e também leu todos os resumos em apostila ou livro. Viu três filmes baseados nos títulos recomendados. Descarregou e leu de 1 a 12 livros, indicando um *site* de cursinho e o Google. Procurou apoio on-line para o estudo, leu trechos e usou bibliotecas on-line, recomendou a amigos livros digitais e marcou tanto ter lido livros após ver filmes quanto visto filmes após ler os livros. Disse gostar de literatura brasileira, mencionando também ler artigos de engenharia, história da Física e livros espíritas. ENG12 tem um perfil diferente não só pelos hábitos de leitura. Pertence à minoria de mulheres no seu curso.¹⁵⁷

O principal objetivo da análise individual das fichas empreendida nesta seção foi oferecer a compreensão das variações pessoais de perfil de leitura e relacionamento com os suportes, dimensão que poderia escapar ou ser mascarada pelo tratamento estatístico. Os casos referidos não são necessariamente os mais representativos, tendo sido escolhidos por representar contrastes. Sua exposição não buscou oferecer ou reforçar conclusões, mas enriquecer a compreensão dos dados. O degrau seguinte na passagem das

¹⁵⁷ A questão do gênero, no caso da Engenharia, teve algum peso na quantidade de leitura. A proporção na amostra era de 20 homens para seis mulheres. A maioria se invertia quando se tratava dos volumes de leitura: das cinco pessoas que indicaram ter lido 10 ou 11 títulos da lista, três eram mulheres. Mesmo assim havia contrastes individuais. ENG20 era outra estudante do sexo feminino, 21 anos, mas acompanhou a moda de zero na leitura da lista.

técnicas quantitativas para as qualitativas é representado pelas entrevistas telefônicas, apresentadas na próxima seção.

6.19 Triangulação através de entrevista telefônica

Como mencionado no capítulo 5, a pesquisa empregou alternância de métodos quantitativos e qualitativos com fins de triangulação. Definição de Uwe Flick:

Dito de forma simples, o conceito de triangulação significa que uma questão de pesquisa é considerada – ou, em uma formulação construtivista, é constituída – a partir de (pelo menos) dois pontos. Normalmente, a consideração de dois ou mais pontos se materializa utilizando-se diferentes abordagens metodológicas. (FLICK, 2009b, p.61)

Como parte do trabalho foi composta por levantamento de dados a partir de questionários fechados, alguns respondentes foram contatados por telefone para uma entrevista semiestruturada a fim de aprofundar informações e também averiguar a fiabilidade do instrumento de pesquisa. Em alguns casos, os resultados contradisseram conclusões parciais dos dados numéricos.

Apesar de sua importância, esta porção da pesquisa teve que ser contingenciada em razão de dificuldades não antecipadas no cumprimento do cronograma.¹⁵⁸ Com isso, a exposição dos resultados através de eixos temáticos inicialmente planejada foi substituída por uma apresentação baseada nos perfis individuais, nos moldes da seção anterior. A amostra também foi limitada pela baixa adesão.¹⁵⁹

6.19.1 LET1

LET1 é uma estudante de Letras de 22 anos. No questionário, assinalou ter lido seis títulos da lista de vestibular na íntegra. Na tabela sobre os suportes, indicou que teve acesso a três obras em livro, três em xerox e seis em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*. Marcou 13 a 99 *downloads*, 1 a 12 leituras no computador, nenhuma em *hardware* portátil. Estimou sua biblioteca entre 101 e 1000 volumes. Na questão “Quais dessas coisas você já fez?” marcou todas as opções menos ter recomendado livros digitais. Mencionou *Orkut* e Domínio Público como fontes de *download* e no campo sobre preferências de leitura escreveu “filosofia, psicologia, história, romances”.

¹⁵⁸ Além de diminuição na quantidade de entrevistados também houve mudança da técnica de abordagem. Inicialmente havia sido programada entrevista pessoal semiestruturada, posteriormente substituída por entrevista telefônica.

¹⁵⁹ De 17 respondentes do questionário inicialmente contatados por e-mail, apenas cinco concordaram em conceder entrevista, um dos quais não tinha disponibilidade de horário. Com isto, além do contingenciamento numérico, também houve disparidade de gênero. Todas as entrevistas foram realizadas com alunas, as únicas que concordaram em participar desta fase da pesquisa e dispunham de horário.

Entrevistada por telefone, LET1 disse que durante o estudo para o vestibular baixou alguns PDFs da Internet e “olhou” diretamente no computador. Perguntada se não havia tido acesso a eles em *tablet*, leitor de *e-book* ou celular, reiterou que não, ao contrário do que havia marcado no formulário de pesquisa. Sobre as cópias em xerox ou apostila, mencionou ter recebido de um amigo que as havia obtido no cursinho. “Mas a maioria é livro impresso mesmo”, falou a respeito da forma de leitura que adotou. Comentou que já leu livros em computador, mas que acha cansativo.

Sobre a quantidade de *downloads* marcada (13 a 99), LET1 explicou o seguinte:

De vez em quando eu baixo alguma coisa. Este último ano na faculdade baixei bastante coisa no Domínio Público. Porque o primeiro semestre é literatura brasileira dos séculos 18 e 19, então já estão liberados, os professores até indicaram bastante para baixar. É que às vezes nem estão na xerox, e na biblioteca também são bem disputados os livros e a gente acaba baixando. Pode baixar, a gente baixa.

Questionada se já havia baixado e lido livros como lazer, a aluna comentou que já fez isso com títulos que não encontrou nas livrarias. Mencionou as obras de Jane Austen, algumas das quais não havia encontrado em livro. Mas acrescentou que as comprou depois de publicadas por uma editora.

A respeito de preferências de leitura:

Eu costumo ler romance, leio muita crítica de cinema, que acompanho semanalmente. Gosto de ler filosofia, principalmente Nietzsche, História também, e jornal. Acompanho jornal, assim, pela Internet, os portais, mais.

Sondada a respeito dos jornais, disse que faz a leitura pela Internet.

A entrevista com LET1 revelou discrepância entre a marcação do formulário, que indicava leitura em *hardware* portátil, e o que a respondente declarou ter lido para estudo, que eram arquivos de PDF no computador. Isso indica que a distinção entre as categorias pode não ter sido suficientemente esclarecida no formulário. Também aponta a necessidade de relativizar alguns dos dados de suporte, especialmente nesta distinção específica.

LET1 fez repetidamente alusões às obras em domínio público, inclusive apontando a recomendação dos professores. A frase “Pode baixar, a gente baixa” e a expressão “estão liberados” em relação aos títulos dos séculos 18 e 19 apontam um cuidado em evidenciar a legalidade dos *downloads*. É possível que se trate de um efeito circunstancial da interação com o pesquisador, revestida de um caráter institucionalizado e oficial. Os títulos que a leitora havia marcado em *hardware* portátil e que depois revelou

ter lido em computador incluíam obras com direito autoral: *Porteira Fechada*, de Cyro Martins; *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa; *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca; *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza; e *Estrela da Vida Inteira*, de Manuel Bandeira. Ela não mencionou espontaneamente este aspecto.

Ao falar de outros livros lidos em computador, LET1 comentou ter descarregado livros de Jane Austen mas acrescentou ter comprado os títulos depois. Também utilizou a frase “Mas a maioria é livro impresso mesmo” e disse não gostar de ler na tela. Claramente são indicativos de uma preferência pelo papel. A instância do suporte eletrônico, no caso desta entrevistada, parece atuar instrumentalmente para facilitar acesso, tanto no caso dos livros descarregados por falta de outra opção quanto nos jornais que menciona ler pela Internet.¹⁶⁰

6.19.2 DIR23

Aluna de Ciências Jurídicas, 19 anos, DIR23 marcou ter lido integralmente 11 títulos da lista de vestibular (não leu apenas *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós). Indicou ter tido acesso a 11 dos títulos em livro (exceção para os *Poemas de Álvaro de Campos*, de Fernando Pessoa) e quatro em computador. Assinalou ter consultado resumos na Internet e resumos impressos ou de apostila para todas as obras. Viu um filme (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e assinalou os 12 títulos na opção “outros”: dois em peça de teatro e dez em palestras. Estimou sua biblioteca entre 101 e 1000 livros, assinalou de 13 a 99 *downloads* e 1 a 12 títulos lidos em computador. Sem leitura em *hardware* portátil. Disse ter obtido material de apoio para livros da lista na Internet e lido trechos de livros no computador ou celular. Pertence ao grupo majoritário que assinalou apenas a opção “viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”. Indicou o *site 4shared* como fonte de *downloads*. Nas preferências pessoais de leitura, mencionou “literatura científica (astronomia), revistas (Super, Galileu), jornais, livros de Direito, literatura nacional e estrangeira, livros de psicologia e filosofia, artigos científicos, poesias de Mario Quintana”.

Na entrevista, DIR23 disse que durante o estudo para o vestibular utilizou os textos eletrônicos principalmente como apoio, para relembrar os livros, acessar citações e também consultar trechos. Fez isso lendo em tela, no computador. Comentou ter assistido ao filme *Memórias Póstumas de Brás Cubas* dentro do processo de preparação para

¹⁶⁰ Embora não diga respeito diretamente ao tema da pesquisa, é significativo que a leitora tenha identificado os jornais com a Internet e os portais.

as provas, após ter lido o livro, a fim de comparar. Por este motivo assinalou a opção de ter visto um filme baseado em obra que leu.

DIR23 havia marcado duas peças de teatro. Explicou que mora em Santa Catarina, onde há um grupo de teatro estudantil que anualmente encena as obras indicadas para leitura obrigatória no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina. No ano em que prestou as provas da UFRGS havia dois títulos que também estavam na lista da universidade gaúcha e assistiu a essas peças por causa disso. Tratava-se de *O Pagador de Promessas* e *O Filho Eterno*.

A estudante disse ler bastante mas que não tem preferência de gênero. “O que cair nas minhas mãos acabo lendo.”

No caso de DIR23, uma dimensão de sua forma de estudo e relacionamento com os suportes se sobressaiu na entrevista. Seu processo de preparação para o vestibular era baseado nos livros. Após ler as obras em papel, conjugava outros suportes, como os resumos impressos e da Internet, o filme e as peças de teatro. Este processo era iniciado pela leitura em livro, o que justifica também sua indicação de ter visto um filme baseado em obra que leu.¹⁶¹

Uma das lições da entrevista com DIR23 é de ordem metodológica. Os dados brutos do formulário eram apenas capazes de indicar que esta aluna em particular havia lançado mão de vários suportes ao tomar contato com a lista de vestibular. A prioridade que havia dado para eles só foi apreendida através da entrevista. A conversa com a aluna também ajudou a aprofundar uma informação inesperada que havia surgido espontaneamente no formulário, a menção às peças de teatro. A própria existência de um grupo teatral amador dedicado às encenações de títulos da lista é indicativo de que há estudantes que se interessam pela possibilidade de tomar contato com o conteúdo dos textos sob diferentes meios. Especificamente no caso da preparação meticulosa de DIR23, alguns dos suportes de estudo que escolheu incluíam uma variedade oral e audiovisual, com filme, montagens teatrais e palestras.

DIR23 lê bastante e com interesses variados. Além do estudo conjugando meios e formatos, também alterna conteúdos, das ciências naturais à literatura. Ela lê por prazer mas também instrumentalmente, conjugando suportes quando se trata de tarefas específicas como a preparação às provas. Mesmo nessa dimensão mais prática, contudo,

¹⁶¹ Apesar deste indicativo qualitativo, a quantidade de alunos que assinalaram ter assistido a filmes da lista de vestibular não é suficiente para explicar por si só a grande margem de diferença desta opção no formulário.

ela evidencia uma escala de valores. Ao mencionar que assistiu a um filme baseado na lista recomendada, indicou que havia lido o livro antes e especificou que era “Para ter um complemento e, assim, comparar o que o filme tinha de diferente do livro”. Para DIR23 os livros vêm antes, os outros suportes depois.

6.19.3 VET1

VET1 é do sexo feminino, estuda Veterinária e tem 18 anos. Leu quatro livros da lista de vestibular na íntegra: *O Uruguai*, *Lucíola*, *Contos de Machado de Assis* e *O Primo Basílio*. Assinalou ter tido acesso a três desses títulos em livro, com exceção de *O Uruguai*, que marcou na opção “celular, *tablet* ou leitor de *e-book*”. Também acrescentou nesta categoria os *Contos*. Além destes, o único outro suporte marcado foi filme, para *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, título que tinha em livro mas não leu. Ela descarregou de 13 a 99 livros e indicou ter lido na íntegra mais de 13 tanto em computador quanto em *hardware* portátil. Estimou a biblioteca doméstica entre 101 e 1000 livros. Marcou os dois campos “leu um livro porque ficou interessado após o filme” e “viu um filme porque era baseado em livro que leu”. Indicou quatro *sites* de *download* incluindo endereço completo da Internet, um deles o Domínio Público. Acrescentou ainda usar “diversos *sites* e programas de compartilhamento de arquivos”. Sobre suas preferências de leitura: “Ficção fantasiosa, ficção científica, ação policial, história, literatura clássica; revistas sobre cinema ou história.”

Como outros respondentes abordados na seção 6.17, VET1 deu um discreto indicativo no campo qualitativo do formulário de que tem algum tipo de ordem de valores no que se refere aos meios impressos. Ao descrever suas preferências de leitura, separou com um ponto-e-vírgula duas porções da listagem. Na primeira ficaram os diversos gêneros de livro, na segunda as revistas.

Contatada por telefone, VET1 disse que os dois títulos da lista de vestibular que marcou na categoria “celular, *tablet* ou leitor de *e-book*” ela leu em seu iPod, que descreveu como “um mini iPad”. “Tem um aplicativo que é leitor de *e-book*, daí eu salvei”, acrescentou. Comentou que ultimamente tem lido bastante nesta plataforma. Confirmou também que leu obras na íntegra em computador. Perguntada se lembrava de algum título, falou ter lido os sete volumes de *As Crônicas de Nárnia*, assim como *As Fronteiras do Universo*. Contou ter se interessado por eles após ter visto os filmes *As Crônicas de Nárnia* e *A Bússola de Ouro*.

Diferente de DIR23, VET1 descreveu um uso não instrumental do texto eletrônico, tendo lido vários títulos integralmente em computador ou *hardware* portátil. Ela também ilustra uma das tendências identificadas na seção 6.17, aquela dos alunos que têm memórias de leitura no gênero infantojuvenil (no seu caso, ela também ainda declara como uma preferência os temas de fantasia e ficção científica). Outro aspecto revelado pela entrevista com VET1 é o fluxo entre livros, filmes e suportes digitais. Duas produções de cinema despertaram seu interesse por séries literárias, sendo que realizou a leitura em meio eletrônico. No estudo para o vestibular, tinha *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em livro mas não leu. Assistiu ao filme baseado nele.

Do ponto de vista metodológico, a conversa telefônica com VET1 confirmou as categorias assinaladas no formulário quantitativo. Ao contrário de LET1, que havia assinalado a opção de *hardware* portátil mas disse ter lido arquivos no computador, a estudante de Veterinária efetivamente disse ter realizado leitura em dispositivo móvel, conforme assinalou no questionário. Se LET1 era um indicativo de que a divisão por categorias do instrumento de pesquisa não havia funcionado perfeitamente como planejado, VET1 aponta que pelo menos parte dos respondentes compreendeu a divisão do modo inicialmente esperado.

6.19.4 BIO16

Estudante de Ciências Biológicas de 23 anos do sexo feminino, BIO16 leu três títulos da lista de vestibular na íntegra: *O Uruguai*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Contos de Machado de Assis*, todos em livro. Fora isso, marcou apenas uma outra categoria, resumo em livro ou apostila, onde assinalou dez dos 12 títulos (ficaram de fora apenas *Lucíola* e os *Contos de Machado de Assis*). Ela indicou ter feito de 13 a 99 *downloads* de livros e ter lido 1 a 12 tanto em computador quanto *hardware* portátil. Estimou ter em casa entre 21 e 100 livros. Disse ter obtido material de apoio para o estudo na Internet e também ter lido trechos de livros no computador ou celular. Como fontes de *download*, escreveu “geralmente são *blogs*”. Sobre preferências de leitura: “Livros policiais, jornal e alguma coisa que alguém recomenda.”

Na entrevista telefônica, uma das perguntas a BIO16 foi de que forma havia selecionado os títulos para ler da lista de vestibular. Respondeu que decidiu começar pelos menores.

BIO16 havia marcado que leu “1 a 12 livros” em *hardware* portátil e também em

computador, então outra pergunta foi sobre isso. Disse ter lido algumas obras no leitor de *e-book Sony Reader*, que havia ganhado de seu pai. “Li inteiros, mas não foram muitos, não”, acrescentou. Falou que leu uma obra sobre defesa pessoal e outra de humor. “Comecei a ler o *1808*, que não cheguei a terminar.” Questionada se havia comprado este título, comentou: “Não, eu baixei da Internet, não paguei.” A estudante disse só ter feito leituras eletrônicas desta forma, nunca tendo lido livros inteiros em computador, só trechos.

Um dos motivos para BIO16 ser contatada foi que estava entre a maioria dos que marcaram, na pergunta “Quais dessas coisas você já fez?”, só a última opção, “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”. Ela confirmou ter marcado a opção e citou ter lido *O Código Da Vinci* e depois visto o filme.

Quanto ao aspecto técnico de triangulação da pesquisa, BIO16 representou outro indicativo de falha da divisão de categorias de leitura eletrônica do formulário. A estudante assinalou ter lido de 1 a 12 títulos tanto em “computador, *netbook* ou *laptop*” quanto em “celular, *tablet* ou leitor de *e-book*”, mas na conversa por telefone disse nunca ter lido obras por inteiro no computador, só em *hardware* portátil (no seu caso, em um *Sony Reader*). Curiosamente, BIO16 representou um desvio no extremo oposto de LET1. A estudante de Letras havia marcado leitura em *hardware* mas disse ter só feito leitura em *software*. A aluna de Biologia, pelo contrário, assinalou no formulário ter lido também em computador mas pessoalmente disse ter lido apenas em *hardware*.

BIO16 forneceu um indicativo sobre um dos pontos em aberto surgidos durante a tabulação dos resultados, o motivo pelo qual mais respondentes marcaram ter lido livros antes dos filmes do que o caso contrário. No seu caso particular, ela realmente havia feito uma leitura de título que depois viu no cinema. Tratava-se do best-seller *O Código Da Vinci*.

6.20 Notas de observação durante o levantamento

A pesquisa utilizou duas fontes básicas de informação, o levantamento de dados por questionário fechado (que incluiu campos numéricos e qualitativos) e as entrevistas qualitativas utilizadas principalmente com fins de triangulação. Mas uma terceira modalidade apresentou indicativos que podem ser relevantes para o tema. Trata-se da observação direta, realizada durante a fase de aplicação dos formulários junto aos estudantes.

Durante o trabalho de campo os 263 respondentes dos nove cursos da amostra foram abordados em 16 turmas, com autorização dos professores. Em três destes grupos, por solicitação dos regentes, o questionário foi distribuído pelos docentes sem a presença do investigador. Nos demais, a solicitação de que os alunos participassem e a entrega das folhas de preenchimento foram feitas pelo próprio pesquisador. Isso permitiu que fossem dirimidas eventuais dúvidas dos respondentes e também que fossem tomadas notas sobre a dinâmica dos estudantes durante as respostas. Em alguns casos, este tempo de 15 a 25 minutos também serviu para conversas com os professores, interessados no tema do trabalho. Embora se trate de informações cuja leitura é mais subjetiva, alguns dados obtidos desta forma são úteis para contextualização e também como possíveis direções intuitivas de interpretação.¹⁶²

Um tema recorrente entre os comentários dos regentes das disciplinas era a percepção sobre o baixo nível de leitura de livros por parte de muitos estudantes. Uma professora da Letras, especulando sobre possíveis resultados do levantamento de leitura da lista de vestibular, mencionou “a praga dos cursinhos”, referindo-se aos resumos esquemáticos das obras recomendadas apresentados em cursos preparatórios e em aula, que seriam usados instrumentalmente pelos candidatos na preparação às provas e diminuiriam a leitura efetiva dos textos integrais. Um professor da Medicina, similarmente, referiu-se ao “baixo nível generalizado” dos candidatos do vestibular em termos de leitura. Na Engenharia Civil, o regente de uma turma também lamentou a pequena leitura de livros pelos alunos mesmo durante o curso universitário. Ele citou a “cultura do polígrafo”, que descreveu como a consulta para estudo apenas dos trechos distribuídos por xerox. Alguns não se dão conta, comentou, de que consultando diretamente os livros de onde as apostilas foram extraídas poderiam ampliar e aprofundar seu conhecimento.

Também foi possível observar reações dos estudantes ao tema da pesquisa e mesmo comentários diretos. Em uma turma de Publicidade, duas alunas sentadas em frente ao pesquisador dialogaram sobre suportes de leitura. Uma delas disse preferir livros (“livros mesmo”) para estudar, não *e-books*. A outra concordou, mas acrescentou “só que eu não ia *comprar* estes livros”. Em outra turma de Publicidade, um aluno, an-

¹⁶² Esta seção também foi acrescentada por motivo de transparência do relatório de pesquisa. Levantamentos estritamente quantitativos costumam apresentar preocupação quanto à contaminação de resultados, ou seja, a interferência do investigador durante a própria aplicação do instrumento de medida, motivo pelo qual alguns manuais recomendam que o autor do questionário não seja o aplicador. No trabalho realizado este risco teve que ser assumido para viabilizar a pesquisa. Defende-se que os dados da observação oriunda da presença do investigador no local enriqueçam a compreensão sobre o processo cultural estudado.

tes de devolver o formulário preenchido, disse que ia dar uma última revisada “para ver se não tem nada comprometedor”, reação talvez ligada à menção de *downloads* ilegais.

Um fenômeno curioso foi observado em duas turmas diferentes da Ciência da Computação. Em duas ocasiões, estudantes que respondiam à seção do questionário que pedia uma estimativa do número de *downloads* de livros comentaram não saber a quantidade, só o espaço ocupado em disco. Um deles disse ter três gigabytes de textos e PDFs em seu computador. O outro afirmou ter seis gigabytes, o que estimou em mais de 1000 livros. Em uma turma da Letras, uma aluna leu o formulário e consultou algo no *laptop* antes de responder a uma das questões.

Em uma das turmas de Publicidade uma estudante comentou não ter lido todos os livros da lista de vestibular “porque era muito fácil”. Um de seus colegas de curso disse ter feito 21 acertos na prova de Literatura sem ter lido qualquer dos títulos da lista por inteiro. “Li *Feliz Ano Novo* até um pedaço e *Manuelzão e Miguilim*, depois li aquele livro vermelho dos resumos e vi no cursinho as histórias.”

Muitas perguntas eram relativas a categorias e campos do formulário. Na Ciência da Computação, um estudante perguntou se a questão “O que você lê?” era só referente a livros ou se incluía qualquer coisa.¹⁶³ Uma estudante de Publicidade questionou se devia preencher, na estimativa dos livros em sua casa, aqueles do apartamento onde morava sozinha para estudar ou os da casa de seus pais, que incluíam sua biblioteca pessoal.¹⁶⁴ No mesmo curso, dois estudantes debateram entre si se deviam incluir as histórias em quadrinhos encadernadas na categoria livro. Ficaram em dúvida sobre as HQs on-line, desenhadas para circulação na *World Wide Web*. Mencionaram, ainda, que muitos dos textos que liam estava em *blogs*.

6.21 Considerações sobre a alternância de metodologias e técnicas

Este capítulo apresentou a tabulação e análise dos dados quantitativos apurados através dos formulários de resposta, que incluíam valores numéricos como quantidade de livros lidos, tamanho das bibliotecas pessoais, *downloads* e livros lidos na íntegra em meio eletrônico. Embora a interpretação e discussão não tenham seguido rigorosamente

¹⁶³ Como foi detalhado na seção de procedimentos metodológicos, esta questão permaneceu aberta justamente a fim de verificar a espontaneidade da menção a livros. Aos que fizeram perguntas semelhantes sobre o preenchimento do formulário, a resposta dada era que ficava a critério do respondente.

¹⁶⁴ Neste caso, a orientação foi que preenchesse os livros da casa de seus pais. O parâmetro buscado era do convívio com o meio impresso.

os critérios estatísticos e tenham sido realizadas qualitativamente, de forma mais intuitiva, os dados foram referidos como quantitativos por sua natureza mensurável. Dentro das definições encontradas na bibliografia, Juan José Igartua Perosanz identifica este tipo de informação com o paradigma positivista, já que pressupõe uma realidade objetiva apreensível (PEROSANZ, 2006, p.58). O objeto de estudo comportava esta dimensão, já que efetivamente constituem grandezas aferíveis alguns dos parâmetros investigados, como as quantidades de livros lidos ou descarregados pelos estudantes. A exposição foi feita entre a seção 6.2 e a 6.12.

A partir dos dados quantitativos houve um gradiente de observações empíricas em direção a outra metodologia, qualitativa. Estes estágios sucessivos começavam pela distinção mais básica trazida nos manuais de estatística e investigação por questionário, que se referem a campos qualitativos como sinônimo de informação textual, não matemática.¹⁶⁵ Este primeiro nível de diferenciação técnica entre os tipos de dados foi embutido no próprio instrumento de pesquisa, na forma de questões abertas, e produziu as respostas apresentadas e analisadas nas seções 6.15, 6.16 e 6.17. As seções 6.18, 6.19 e 6.20 seguiram mais extensivamente a metodologia qualitativa, que Juan José Igartua Perosanz define como a busca por entender “o que significam tais ações para os próprios sujeitos” (PEROSANZ, 2006, p.58).

A alternância de técnicas e métodos, além de ter cumprido a função de constituir triangulação dentro da pesquisa¹⁶⁶ ajudando a compreender o fenômeno estudado em maior profundidade, também apontou deficiências na execução de algumas etapas e forneceu *insights* sobre como teria sido possível fazer as coisas de outra forma. Especificamente dignos de nota são os contrastes entre os dois casos de marcações no formulário que se mostraram inconsistentes com as entrevistas telefônicas. Há duas conclusões possíveis. Tecnicamente, a elaboração do instrumento de pesquisa pode ter falhado ao não deixar suficientemente clara a diferenciação entre as categorias que apresentaram disparidades de preenchimento (leitura em computador e leitura em *hardware* portátil). Mas também é possível que a própria definição das categorias, efetuada teoricamente, não tenha se mostrado adequada na transposição para a realidade empírica. Neste último caso, isso poderia ser advindo do fato de que a diferenciação entre os diversos textos

¹⁶⁵ “Os dados *qualitativos* são tratados como palavras e os dados *quantitativos* são tratados como *números*” (VIEIRA, 2012, p.2)

¹⁶⁶ A definição de triangulação foi dada no início da seção 6.19.

eletrônicos é mais tênue e complexa do que o construto teórico inicialmente elaborado para dar conta dela.

Embora os dados de observação direta referidos na seção 6.20 não sejam conclusivos, alguns dos diálogos entre respondentes presenciados indicaram a utilidade que teriam tido outras técnicas dentro da metodologia qualitativa. Foi possível compreender, por exemplo, como a dinâmica de grupos focais poderia ter funcionado para estimular a sondagem de hábitos culturais. Em duas das situações relatadas foram trazidas informações sobre usos de suporte que só surgiram a partir da interação entre dois estudantes. As entrevistas semiestruturadas presenciais, que não foram realizadas por readequação do cronograma, também se mostraram como uma possibilidade enriquecedora de pesquisa, a partir do que pôde ser observado nos contatos por telefone e mesmo nas interações com os respondentes por ocasião da aplicação do formulário.

Apesar dos indicativos de como teria sido possível aprofundar a observação com técnicas diferentes, a conclusão geral da alternância de abordagens foi que quanto à ins-tância do método ela cumpriu seu objetivo. As informações mais abrangentes ajudaram, como havia sido planejado, a vislumbrar o objeto da pesquisa sob diferentes olhares. Mesmo ao evidenciar possíveis falhas na elaboração do questionário a triangulação se mostrou uma ferramenta efetiva.

Na instância teórica há o indicativo parcial de que a diferenciação de categorias pode não ter se mostrado adequada. Mas o contraste entre os métodos não evidenciou disparidades profundas entre as tendências numéricas apuradas e o conjunto de práticas culturais dos respondentes. Na maior parte das vezes houve coerência entre marcações nos campos quantitativos e afirmações qualitativas. Guardadas as proporções e feitas as ressalvas próprias da cautela exigida do procedimento científico, a síntese e a discussão dos resultados começam a partir da compreensão gestáltica destas aproximações metodológicas ao objeto de estudo.

6.22 Síntese e discussão dos resultados

Depois da apresentação e discussão dos dados da observação, esta seção procura relacionar os resultados encontrados com as perspectivas teóricas e os estudos anteriores apresentados nos capítulos 2 a 4, que constituem o referencial teórico. Entre a perspectiva macrossocial na qual se criam e discutem teorias e o nível cotidiano e familiar dos

alunos há uma grande distância composta por várias etapas. A passagem entre estes diferentes estratos precisa ser operacionalizada por uma série de decisões, hipóteses e pressupostos. A discussão dos resultados precisa situá-las. Para esta tarefa, conforme explicado no capítulo 5, utiliza-se a nomenclatura do modelo de pesquisa proposto por Maria Immacolata Vassallo de Lopes, que inclui as instâncias teórica, epistemológica, do método e da técnica.

Parte das conclusões do trabalho pertence aos âmbitos que não são teóricos. A seção 6.21 discutia a eficácia do contraste de métodos adotado, que procurou compreender o objeto de estudo sob diferentes olhares. Esta é a dimensão da epistemologia, do tipo de ciência ao qual se vincula a investigação. Foi um dos pressupostos que há uma dimensão mensurável do problema de pesquisa: as quantidades de leitura feitas pelos estudantes dentro da lista recomendada; os diferentes suportes de leitura e estudo adotados, com suas diversas frequências e superposições; os números de *downloads* e leituras pessoais. Esta assunção epistemológica originou uma configuração metodológica, o levantamento quantitativo, por sua vez operacionalizado em uma instância da técnica, o questionário autoaplicado oferecido aos estudantes do corpus. É um efeito colateral da técnica sua própria limitação, detalhada nas seções que abordaram os índices de fiabilidade e a possibilidade de universalização da amostra. O trabalho não pode reivindicar a validade dos dados além do grupo de alunos observado, composto por 263 pessoas. Há indicativos, na forma dos grupos subamostrados referidos na subseção 6.14.1, de que parte dos resultados seja universalizável. Mas o exercício de decomposição da tabulação de uma das turmas realizado para simular o comportamento de uma amostragem menor, referido na seção 6.14, ilustrou como o tamanho reduzido da amostra é passível de distorções, conclusão parcial que torna necessária a cautela na extensão das conclusões ao universo não pesquisado.

Também foram utilizadas táticas qualitativas, desde a análise dos números até em recursos como a observação direta e a entrevista. Estas operacionalizações técnicas da metodologia partiam de um pressuposto epistemológico diferente, de fundo fenomenológico, buscando a compreensão das subjetividades dos leitores. Desde o nível mais básico dos dados de texto incluídos nos formulários até a interação mais avançada das entrevistas, esta etapa da pesquisa forneceu os dados mais facilmente universalizáveis, já que deu principalmente indicativos de categorias e padrões de comportamento. A aproximação qualitativa, porém, tem suas próprias limitações, uma das quais a possibili-

dade de superdimensionamento por conta do viés do próprio pesquisador. Dentro do possível, o texto final incluiu as entrevistas e informações textuais dos respondentes nos Anexos a fim de permitir o eventual questionamento das conclusões parciais. As categorias e tendências observadas qualitativamente poderiam ser testadas extensivamente em futuros levantamentos, novamente cotejadas com métodos quantitativos.

O instrumento de pesquisa não foi elaborado especificamente com este propósito, mas os dados encontrados são compatíveis com o modelo de perfis de leitores descrito por Ana Helena Seuánez Salgado (2008), apresentado na seção 4.2.2. Do ponto de vista estritamente técnico, contudo, a porção quantitativa do trabalho não empregou os recursos estatísticos necessários para validar ou refutar a categorização da autora. Outro aspecto em que a atual dissertação contrasta com a de Ana Salgado é a orientação acadêmica. Seu trabalho se constituía em uma *survey* com um problema aplicado, realizada nos moldes de uma pesquisa de mercado. Já a atual investigação, embora partindo igualmente de uma amostragem empírica, buscava coligir informações sobre a configuração de práticas culturais a fim de confrontá-las com a instância teórica.¹⁶⁷

Se o trabalho não teve o objetivo de se constituir em um estudo aplicado, por outro lado também buscava evitar o risco de incorrer na simplificação do problema através de um enfoque excessivamente macroestrutural. Isso se traduz na interpretação dos resultados, que pela própria técnica e metodologia apresentaram grande variedade de ocorrências e riqueza de detalhes. A cautela em não extrair conclusões prematuras dos dados observados aconselha que se fale em tendências e indicativos, não comprovação ou rejeição de hipóteses. Defende-se que este seria um resultado aceitável tendo em vista o nível científico da dissertação de mestrado, que, diferentemente da tese de doutoramento, busca constituir um exercício de rigor metodológico e conceitual, não necessariamente uma contribuição conclusiva ao corpo de conhecimento acadêmico.

No levantamento, o principal dado numérico com desdobramentos teóricos é a maioria expressiva de 90,11% que realizou leitura de títulos da lista de vestibular em

¹⁶⁷ A diferença de enfoques das duas pesquisas também explica diferenças nas proporcionalidades dos grupos. No levantamento de Ana Salgado, foram identificados três perfis de leitores em relação à intenção de compra de dispositivos leitores de livros eletrônicos: os *print lovers*, que liam só em papel, 13% da amostra; os *techies*, interessados nos aparelhos, 33%; e um grupo intermediário misto e majoritário, os *trenders*, 52% (SALGADO, 2008, p.157). A pesquisa atual não era uma prospecção de mercado nestes termos, mas identificou grupos semelhantes. Seriam compatíveis com a descrição dos *print lovers* os 21% de alunos que nunca descarregaram livros eletronicamente (Gráfico 6.13). O grupo equivalente aos *techies* seriam os 7% que já realizaram leitura na íntegra em hardware portátil (Gráfico 6.17). Os *trenders* poderiam estar incluídos entre os 79% que já realizaram *downloads* de obras pelo computador (Gráfico 6.13). Note-se que aqui estes grupos sinalizam hábitos culturais efetivamente declarados pelos respondentes, não intenção de compra.

livro.¹⁶⁸ A expressividade quantitativa da ligação com o volume impresso é corroborada pela análise qualitativa dos estudantes que fizeram leitura exclusivamente em papel.¹⁶⁹ Estes indicativos tendem a apoiar a observação de Ted Striphas sobre a “vitalidade dos livros” (STRIPHAS, 2011, p.188) no momento presente. Os dados também são compatíveis com o conceito de Striphas sobre o que chama de “*late age of print*”, em que “através da crescente prevalência dos livros na vida cotidiana, as condições presentes estão se abrindo para futuros emergentes” (Idem). O autor defendia que a configuração das sociedades atuais segue profundamente ligada ao livro, mas com algumas características históricas próprias que ainda devem ser compreendidas.

Entre estas características únicas do presente contexto editorial, o livro de Striphas fazia estudos de caso sobre os direitos autorais aplicados aos *e-books* (STRIPHAS, 2011, p.19) e sobre pirataria de obras impressas (STRIPHAS, 2011, p.141). Estes temas foram recorrentes durante a pesquisa. Houve o indicativo de que obras em domínio público tinham maior propensão a ser lidas em computador.¹⁷⁰ O compartilhamento de obras à revelia da proteção por direito autoral também apareceu repetidamente, tanto na forma de indicadores indiretos¹⁷¹ quanto menções diretas.¹⁷² Tendências semelhantes já haviam sido apontadas em pesquisas brasileiras analisadas na subseção 4.4.2. Tese de José Antônio Rosa mencionava o potencial junto aos leitores da crescente disponibilidade de obras em domínio público (ROSA, 2008, p.107) e dissertação de José de Mello Junior tocava na questão da pirataria (MELLO JR, 2006, p.51).

Guardadas as proporções da diferença geográfica e da metodologia e dimensão dos trabalhos de campo, as observações também são compatíveis com a tipificação elaborada por John B. Thompson, abordada na seção 4.1. Estão dentro da projeção de relevância do autor os dados sobre leitura em xerox ou apostila mostrados na subseção 6.6.2, apontando que 43% dos respondentes fizeram consultas neste meio e 35% fize-

¹⁶⁸ Tabela 6.16.

¹⁶⁹ São os casos de DIR9 e DIR1, na seção 6.18.

¹⁷⁰ A discussão está na subseção 6.6.1, que inclui a Tabela 6.21. Também houve indicadores qualitativos, tanto na forma do depoimento da estudante LET1 ouvida durante a triangulação (subseção 6.19.1) quanto pelo fato de que o domínio público tenha sido a quarta menção espontânea no campo qualitativo dos *sites de download* discutido na seção 6.16, que inclui a Tabela 6.48.

¹⁷¹ Um destes indicadores indiretos é o fato de que a única obra disponível para compra em *e-book* na lista do vestibular, *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza, foi, paradoxalmente, a única não lida em computador, como mencionado em nota de rodapé na seção 6.6.1. Outros livros protegidos por direito autoral e não disponíveis para venda tiveram alguma leitura neste meio, embora baixa, como pode ser visto na Tabela 6.21, o que indica que foram pirateados. Outro indicador indireto é a menção espontânea a *sites* associados a pirataria, como *4shared*, *Megaupload*, *Rapidshare* e *Pirate Bay*, como visto na Tabela 6.48.

¹⁷² É o caso do comentário da estudante BIO16, na seção 6.19.4, que disse ter tido acesso em um leitor de *e-book* a um livro que não havia comprado.

ram leitura integral.¹⁷³ O autor falava na importância dos *course packs* (THOMPSON, 2008, p.253) a partir da percepção observada através das entrevistas com editores e agentes ligados ao livro que constituíam o corpus de sua pesquisa. No trabalho atual, a observação complementa estes dados identificando o mesmo fenômeno a partir do ponto de vista dos leitores.¹⁷⁴

Os números não foram tão expressivos em relação a outra das categorias de Thompson sobre o livro digital, as bibliotecas ou acervos on-line, mencionadas por ele como uma área que vem merecendo atenção crescente por parte dos editores (THOMPSON, 2008, p.401). O item que buscava aferir o uso deste segmento, apresentado na Tabela 6.37, teve participação minoritária de respondentes e totalizou 24%. Pode-se argumentar que isso representa cerca de um quarto dos alunos pesquisados, número ainda significativo em termos estatísticos. Deve ser levada em conta a diferença das abordagens empíricas. Thompson fez um levantamento com editores e livreiros, já a pesquisa atual ouviu leitores da classe estudantil. A percepção dos editores, neste caso, estaria mais ligada a um público comprador composto por bibliotecas e instituições de ensino, enquanto as respostas dos alunos podem ter refletido apenas o uso que fazem destas plataformas a eles disponibilizadas, como acervos em rede e sistemas de consulta informatizados.

Algumas observações da pesquisa se alinham com as principais conclusões de Thompson sobre migração de conteúdo para o meio digital. O autor apontava que obras de referência, jornais científicos e mesmo monografias estavam na metade mais afeita à transposição para o meio eletrônico, mas tinha dúvidas sobre a viabilidade das narrativas longas (THOMPSON, 2008, p.327-328). Um dos indicadores mais significativos encontrados no levantamento são os 80,52% que declararam ter obtido apoio na Internet durante o estudo dos livros da lista de vestibular, número que em alguns cursos foi ainda maior, como na Publicidade (93,10%).¹⁷⁵ As quantidades, como discutido na subseção 6.12.1, ficaram bem acima das percentagens de leitura em computador e consulta a resumos na Internet. Este uso maciço da mídia eletrônica como recurso de apoio aos livros de estudo corresponderia ao caráter informativo dos textos que Thompson conside-

¹⁷³ Tabela 6.22.

¹⁷⁴ Além dos dados numéricos quantitativos há indicadores qualitativos, como a menção da aluna LET1 de que havia recebido cópias em xerox de livros da lista de vestibular por um amigo que as havia obtido no cursinho. Também foi observado um indicativo de que exista, entre outros segmentos que não o dos alunos, uma percepção intuitiva sobre a importância das fotocópias e apostilas no mundo acadêmico. Um professor referido na seção 6.20 falava na “cultura do polígrafo”.

¹⁷⁵ Os dados estão na Tabela 6.35.

ra mais afeitos ao meio digital. Informações qualitativas, ainda, apontam que alguns estudantes têm o hábito de ler on-line informativos científicos e jornais, dentro das previsões do autor.¹⁷⁶

Foi observado que narrativas curtas concentraram mais leitores em meio digital¹⁷⁷, o que, em princípio, também estaria dentro das tendências antecipadas por Thompson. Aluna entrevistada mencionava o desconforto de ler textos longos no computador.¹⁷⁸ Mas nem todos os dados são convergentes em relação a estas conclusões do autor inglês. Embora tenham sido poucos casos, houve respondentes que declararam ter feito leituras extensas neste meio.¹⁷⁹ Uma explicação possível seria a defasagem temporal do levantamento de Thompson. Na época de seu estudo, realizado entre 2000 e 2003 (THOMPSON, 2008, p.440), ainda não estavam no mercado aparelhos leitores da geração do Kindle e Sony Reader, nem os *tablets* como o iPad ou mesmo muitos dos celulares e dispositivos móveis com função de *e-book*.¹⁸⁰ Foram justamente estas plataformas que concentraram alguns leitores de narrativas longas.

Este ponto poderia ser melhor desenvolvido em pesquisas futuras. Embora a leitura em *hardware* portátil, em si, pudesse ser considerada um viés aplicado de pesquisa, aproximando-se de trabalhos mencionados anteriormente como o de Ana Salgado (2008), o próprio Thompson mencionava que as tecnologias devem ser contextualizadas no âmbito do uso pelos leitores, já que constituem um fenômeno social (THOMPSON, 2008, p.317). Resta viável a hipótese de que este tipo de leitura constitua uma prática cultural emergente só viabilizada recentemente por algum tipo de marco tecnológico. A dimensão temporal, neste caso, poderia ser importante, e seria útil mapear mudanças editoriais surgidas após o estudo inglês.

A questão das práticas sociais de leitura também é o ponto em que os principais dados do levantamento se articulam com o construto teórico macroestrutural que foi utilizado como referência. No capítulo 2 resumia-se a proposição da *Ordem dos Livros* de Roger Chartier, extensão da categoria de Michel Foucault dos discursos. Neste mo-

¹⁷⁶ É o caso da entrevistada LET1, citada na subseção 6.19.1, e de algumas das respostas espontâneas sobre hábitos de leitura apresentadas na seção 6.17.

¹⁷⁷ Comparativo entre as obras lidas em computador discutido na subseção 6.6.1 e ilustrado no Gráfico 6.10 mostrava que este meio concentrou a leitura em dois títulos, *Contos de Machado de Assis* e *Poemas de Álvaro de Campos*, ambos com tamanho menor que os demais.

¹⁷⁸ LET1, subseção 6.19.1.

¹⁷⁹ Casos de VET1, subseção 6.19.3, que indicou ter lido séries de ficção em hardware portátil, e de BIO16, subseção 6.19.4, que indicou possuir um Sony Reader no qual leu alguns títulos. O Gráfico 6.17 indica 7% (17 pessoas) que declararam ter feito leituras na íntegra em leitor de *e-book*, *tablet* ou telefone celular.

¹⁸⁰ Esta geração de dispositivos merece atenção de trabalhos mais recentes, sendo mencionada por Alan Jacobs (2011, p.63) e David Ulin (2010, p.126), conforme discutido no capítulo 2.

delo, os livros eram vistos como uma determinada configuração da ordem social, identificados com os procedimentos de produção, controle e redistribuição de discursos. Podem ser interpretadas sob esse filtro algumas das informações sobre médias e suportes de leitura.

A seção 6.2 apresentava e discutia as médias de leitura dos títulos da lista de vestibular pelos respondentes da amostra. O Gráfico 6.4, que mostrava um ranking, apontava que os três cursos com maior densidade de candidatos por vaga (ou seja, maior competitividade) tiveram a tendência de apresentar níveis mais altos de leitura da lista¹⁸¹, fenômeno observado mais pronunciadamente nos dois primeiros, Medicina e Ciências Jurídicas. A densidade no vestibular teve a tendência de ser mais determinante na quantidade de leituras do que o próprio peso da prova de Literatura. Na seção 2.1 havia sido discutida a proposição de que a lista de vestibular representaria a voz institucional da Universidade fazendo recomendações de leitura, ou seja, endossando discursos. Uma interpretação possível dos dados de média de leitura, então, seria que os candidatos aprovados naqueles cursos mais competitivos foram os que aderiram mais fortemente ao gênero de discursos exigido pela instituição. Eles leram mais.¹⁸²

Ter lido mais também significou, em muitos casos, ter tido mais contato com os volumes impressos, como era mostrado na Tabela 6.24, que apontava Medicina e Direito como os cursos em que, respectivamente, 100% e 97,3% dos alunos haviam feito leituras integrais em livro, números também à frente das demais áreas. De uma certa forma, a adesão aos discursos testada pela Universidade passava pelo suporte.

Mas esta ordem dos livros podia ser subvertida. O efeito institucional que funcionava como ênfase deste suporte se atenuava em muitos casos, seja porque havia competitividade menor dos cursos, seja porque os candidatos usaram outros meios para estudar.¹⁸³ Neste segundo caso, os meios de leitura e estudo alternativos tinham maior participação.

Aqui entram as classificações de consulta e leitura discutidas na seção 6.5, em especial aquelas exibidas nas Tabelas 6.15 e 6.18, e nos Gráficos 6.8 e 6.9. Ali constam

¹⁸¹ O comparativo era dado no Gráfico 6.5.

¹⁸² A inferência é estatística, já que se trata da análise das médias. Houve casos singulares menos frequentes tanto de alunos com baixa leitura nos cursos de alta densidade no vestibular quanto de alunos com alta leitura nos cursos menos competitivos.

¹⁸³ Aqui, é sintomático o relato de um estudante de Publicidade referido na seção 6.20, que disse ter tido uma boa quantidade de acertos na prova de Literatura mesmo sem ter lido qualquer um dos livros da lista de vestibular, apenas tendo visto os resumos.

os números por consulta e por respondentes para as diversas categorias empregadas pelos estudantes ao tomar contato com a lista de vestibular. Em termos absolutos, houve mais indicações de “aula” do que de “livro”¹⁸⁴, significando que, pela contagem de títulos, houve mais casos em que candidatos apontaram ter entrado em contato com as obras em classe. Mas pelo critério da contagem de indivíduos o primeiro lugar ficou com os livros.¹⁸⁵ As consultas a resumos tiveram forte presença estatística (60,8% dos alunos consultaram resumos impressos, 44,11% resumos pela Internet¹⁸⁶), vindo em seguida as demais categorias de acesso a texto integral (xerox ou apostila, 43,35%; computador, 31,56%).

Uma forma de analisar estes dados é que para alguns estudantes os suportes diferentes do livro funcionaram como um atalho ou desvio para acesso ao conteúdo de leitura obrigatória.¹⁸⁷ Em certos casos, obras que não haviam sido lidas eram compensadas com a superposição de outras categorias, como aula e resumos.¹⁸⁸ Os suportes como filmes e textos eletrônicos também foram empregados por alunos como forma de apoio ao estudo dos livros.¹⁸⁹ Este aspecto da observação empírica fica dentro da definição de leitura instrumental de Alan Jacobs, que o autor também chama de “estilo *upload* de leitura” (JACOBS, 2011, p.73).¹⁹⁰ Neste caso a metáfora computacional de Jacobs ao falar em “*upload*” é curiosamente adequada aos textos eletrônicos, que pelos indicativos observados teve algumas vezes este caráter instrumental.

Os livros eletrônicos, entretanto, não apareceram na observação apenas nesta dimensão instrumental e de apoio. É possível falar em outras tendências associadas especificamente a este suporte, algumas das quais dentro das vantagens do meio digital mapeadas por John Thompson (2008, p.318), que falava em facilidade de acesso. Indicativos apontam que a disponibilidade em meio eletrônico era um dos determinantes no uso por parte de certos leitores.¹⁹¹ A porção do levantamento que era independente da preparação para o vestibular, e que portanto incluiria também a leitura por lazer, não

¹⁸⁴ Gráfico 6.8.

¹⁸⁵ Gráfico 6.9.

¹⁸⁶ Tabela 6.16.

¹⁸⁷ É interessante observar que esta inferência tem uma tradução intuitiva na percepção expressada por alguns professores mencionados na seção 6.20, que atribuíam a pouca leitura dos alunos aos cursinhos ou aos polígrafos.

¹⁸⁸ Um destes casos é o de DIR8, mencionada na seção 6.18, sobre perfis de leitura.

¹⁸⁹ É o que demonstrou a entrevista com DIR23, subseção 6.19.2. Também é uma das implicações dos dados discutidos na subseção 6.6.1 e na Tabela 6.19, mostrando a diferença de quantidades entre alunos que descarregaram títulos da lista e fizeram leitura eletrônica integral.

¹⁹⁰ O conceito era discutido no capítulo 2.

¹⁹¹ Na subseção 6.19.1, a estudante LET1 mencionava ter lido livros eletrônicos porque não havia achado os títulos nas livrarias. Também é o caso das alusões ao domínio público na seção 6.16 e do indicativo de que obras sem direito autoral tivessem maior tendência de leitura em meio digital, conforme sugerido pela Tabela 6.21.

instrumental, mostrava 50% de alunos que nunca haviam lido livros eletrônicos na íntegra.¹⁹² Já a quantidade de alunos que realizaram *downloads* de títulos era maior, 79%.¹⁹³ Isso parece indicar que embora a leitura em computador ou *hardware* portátil ainda não seja uma prática cultural tão difundida quanto a leitura em livro, a distribuição de títulos em forma de arquivo eletrônico já é disseminada. Este aspecto da observação é compatível com a descrição de Jeff Gomez (2008) da Geração *Download*.¹⁹⁴

Muitos aspectos da observação evidenciaram um quadro cultural mais complexo do que o construto teórico inicialmente empregado a partir da apropriação de conceitos dos autores do referencial teórico.¹⁹⁵ A seção 3.2 abordava preocupações como a de Sven Birkerts de que os meios audiovisuais diminuam o público leitor de livros (BIRKERTS, 2006, p.201), ou as teorias mencionadas por Arlindo Machado (2002, p.114) de que cinema e televisão atraíam mais interesse dos jovens do que os meios impressos. Na subseção 6.6.4 mostrava-se como efetivamente houve casos de estudantes que substituíram a leitura de alguns dos títulos da lista de vestibular pelo ato de assistir aos filmes baseados neles.¹⁹⁶ Mas esta percentagem foi de cerca de 16% (43 alunos). Outra porção praticamente igual (40 alunos, cerca de 15%) assistiu aos filmes concomitantemente às leituras.¹⁹⁷ O comportamento dos respondentes que assinalaram ter assistido a filmes baseados na lista é especialmente interessante dentro da pesquisa porque o grupo era numericamente igual ao dos que haviam marcado leitura em computador. E como havia acontecido no texto eletrônico, foi observado que uma grande porção dos estudantes havia utilizado o meio como apoio à leitura em livro.

Na porção do levantamento que não era necessariamente vinculada ao vestibular e incluía hábitos culturais, os filmes também estavam envolvidos em um dos indicadores com resultados mais inesperados em toda a pesquisa. Na subseção 6.12.6 analisava-se como, contrariamente à expectativa inicial, mais alunos assinalaram ter visto filmes baseados em livros que haviam lido do que lido livros após assistir aos filmes.¹⁹⁸ Embora os dados não sejam conclusivos e ainda merecessem atenção em levantamentos pos-

¹⁹² Gráfico 6.15. Os números são discutidos na seção 6.9.

¹⁹³ Gráfico 6.13. Os números são discutidos na seção 6.8.

¹⁹⁴ O conceito do autor era apresentado na seção 1.1.

¹⁹⁵ Neste caso se enquadra o colapso parcial das categorias de livro eletrônico como *hardware* e *software*, conforme descrito nas seções 6.19 (subseção 6.19.4) e 6.21, apreendido durante a triangulação quantitativo/qualitativa.

¹⁹⁶ Tabela 6.28.

¹⁹⁷ Inferência estatística mas também fundamentada em observação qualitativa, a partir do depoimento de DIR23 mostrado na subseção 6.19.2.

¹⁹⁸ O indicador não era apenas quantitativo. Também apareceu qualitativamente, em uma observação da aluna BIO16 (subseção 6.19.4).

teriores, parecem indicar que na amostra observada ainda há um fluxo de interesse por parte dos jovens originado a partir dos livros. O processo de deslocamento da atenção em direção aos meios audiovisuais, neste aspecto e junto ao público estudado, não estaria ainda tão pronunciado quanto a preocupação de alguns autores pareceria indicar.

A aparente disparidade entre a expectativa vinda da apropriação teórica de algumas observações dos autores do referencial e o que foi efetivamente observado não significa necessariamente inadequação dos modelos originais, mas pode indicar que sua transposição para o nível empírico deve ser realizada com cautela. O presente capítulo buscou, justamente, apresentar e discutir em detalhe relações dos dados do trabalho de campo, tanto no contexto comparativo dos próprios resultados quanto em face das perspectivas teóricas. A exibição extensiva das informações em gráficos e tabelas procurou reunir indicativos concernentes aos objetivos da pesquisa, mas também cumpriu o propósito de disponibilizar material de consulta para outros pesquisadores ou, ao menos, oferecer a possibilidade de que as próprias conclusões e interpretações possam ser questionadas a partir de outros olhares. Cumprida esta etapa de exposição mais minuciosa, a porção final da dissertação destila estes resultados em observações de caráter mais genérico e perspectivas futuras de pesquisa, o que será feito no capítulo 7, das Considerações Finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo da definição de um problema de pesquisa, o tema escolhido para este trabalho havia sido o livro eletrônico, assunto cujo debate, conforme abordado no capítulo 3, já perpassa décadas. Uma das questões em discussão, quando se trata do *e-book* ou livro digital, é sua própria ontologia, a essência mesma à qual o termo possa ser aplicado. Autores se dividem entre tratá-lo como *software*, como *hardware*, como revolução ou continuação, conteúdo ou recipiente. Como objeto de estudo, oferece como primeira dificuldade sua própria natureza ainda indefinida. Um exercício de conceituação, neste caso, poderia ser a tática de demarcar fronteiras. Estabelecer os limites de um objeto ajuda a defini-lo.

Um dos limites do livro eletrônico, justamente, é o livro, o objeto que lhe deu origem ou, ao menos, antecedeu historicamente. Daí a primeira operação de refinamento do tema, a exploração da fronteira entre o livro clássico, objeto material feito de papel, e o *e-book*. Mesmo este território fronteiro, contudo, resiste ao mapeamento. Porque o próprio livro, com sua história de séculos abordada no capítulo 2, é ele mesmo motivo de debate. Aqui, há mais a considerar do que seu aspecto morfológico ou sequer seu conteúdo. O livro, em uma compreensão mais ampla, é também prática cultural, solidificação ou arranjo de discursos que por ele são instaurados ou, pelo contrário, o constituem. Nessa dimensão de materialização de uma ordem social ele se confunde e mescla com outros objetos, que vão desde a catedral de Vitor Hugo citada por Umberto Eco (1996) até a caixa de cereais mencionada por um aluno entrevistado. Nesta vizinhança do livro, uma fronteira de limites tênues e muitas vezes pantanosos, também se encontra o livro eletrônico.

Este era o primeiro nível do problema de pesquisa, uma sondagem da fronteira entre o livro impresso e o eletrônico que levasse em conta tanto suas configurações físicas quanto culturais e sociais. Uma segunda operação foi metodológica, levando em consideração as pesquisas nacionais e internacionais abordadas no capítulo 4. Aqui a opção foi pela aproximação empírica e, dentro dela, pelo ponto de vista dos leitores. Neste cruzamento de opções outras pesquisas percorrem caminhos diferentes, algumas pelas vias teóricas, outras, como o abrangente trabalho de John B. Thompson (2008) analisado na seção 4.1, pela via dos produtores ou agentes ligados ao livro.

Este trajeto de sucessivas opções dentro da definição do problema de pesquisa foi reproduzido aqui para situar em suas diversas instâncias a opção e os objetivos pretendidos ao se estudar a interação entre os estudantes que passaram pelo vestibular e os suportes de conteúdo. No interesse original de investigar os usos e funções do livro eletrônico junto a estes leitores, também se buscou dimensionar o papel do *e-book* comparado a outras práticas sociais e culturais.

A pesquisa realizou, então, um levantamento empírico com estudantes a respeito da lista de vestibular com o objetivo de analisar o uso de texto eletrônico e suportes de leitura, dentro do propósito mais amplo de entender as fronteiras entre o livro eletrônico e o livro a fim de enriquecer a discussão teórica sobre o tema. Como é próprio do trabalho de campo com dados quantitativos, trata-se de um procedimento indutivo, com raízes positivistas. Deve-se conceder que a observação nunca constitui um retrato da realidade; ela constitui um índice, uma pista de como um aspecto da realidade se parecia no momento em que o instrumento de medida foi aplicado, e unicamente no escopo e sob a perspectiva desta medição. É uma técnica sujeita a erros de amostragem e tabulação, distorções por conta da elaboração imperfeita da ferramenta e mesmo da interpretação e exibição dos resultados. Entretanto, mesmo feitas todas essas ressalvas e tomadas as devidas cautelas requeridas pelo processo científico, as informações tendem a ser muito ricas, espelhando em alguma medida a variedade quase caótica da própria realidade. Decorre da própria natureza epistemológica deste tipo de estudo que ele não constitui uma projeção da teoria sobre o mundo mas o contrário. Pode-se partir de conceitos, mas o procedimento vai confrontá-los com um conjunto de informações que pode tanto ajudar a consolidar construtos quanto indicar sua inadequação.

Na investigação que foi realizada, isto se traduziu em uma complexidade por vezes inesperada na configuração dos usos de suporte por parte dos estudantes, tanto que

houve categorias surgidas espontaneamente a partir dos dados coletados. Os gráficos e tabelas mostrados e analisados no capítulo 6 apontam extensivamente um fluxo de leituras e métodos de estudo que passa por vários meios, às vezes de forma sobreposta, embora ainda predominantemente baseado no impresso. Confrontados pela Universidade com a missão de ler uma série de livros da lista de vestibular, os candidatos da amostra lançaram mão de estratégias que em alguns casos foram únicas. Alguns leram todos os títulos no formato clássico, outros empregaram uma conjugação de recursos, seja como atalho para acessar o conteúdo, seja como estratégia de reforço na preparação às provas. O texto eletrônico foi um dos modos de atingir este propósito instrumental, ao lado dos meios audiovisuais como os filmes e, em menor escala, peças de teatro, palestras e mesmo a transmissão oral.

Os livros digitais aparecem presentes no cotidiano dos estudantes associados à cultura da transferência de arquivos, embora não necessariamente como material de leitura intensiva. Entre os leitores desta plataforma houve indicativos de que o acesso facilitado foi um dos determinantes no uso, mostrando-se em alguns casos relevante a distribuição em domínio público, embora as cópias ilegais também tenham aparecido de forma intermitente. A consulta em computador foi a prática mais disseminada entre os usuários do livro eletrônico, embora tenha havido uma menção recorrente ao desconforto de leitura. Uma minoria utiliza *hardware* portátil em variadas configurações, desde os aparelhos multimídia com função de *e-book* até os dispositivos leitores dedicados. De um modo geral o livro eletrônico apareceu na observação sob a sombra do impresso.

Este foi um trabalho da área de Comunicação, enfocando o tema do texto eletrônico e investigando a dimensão de sua participação nas práticas culturais dos estudantes em comparação com outros meios de estudo e categorias de suporte à leitura. Mas como se trata de levantamento empírico, os dados também envolveram colateralmente outras dimensões. Certos aspectos da observação seriam da alçada de análise de outras áreas do conhecimento, como a Educação e a Teoria da Literatura. Pertencem a este grupo considerações como a adequação ou não da adoção de uma lista de vestibular como forma de estimular a leitura, ou mesmo os critérios de seleção dos títulos e autores que a integram. A dissertação procurou se manter à margem destes debates, procurando apenas disponibilizar a maior quantidade possível de dados que eventualmente fossem úteis para pesquisadores destas áreas.

Há direções mesmo na área de Comunicação que poderiam ser melhor explora-

das em futuros projetos. A portabilidade das narrativas longas para o meio digital seria um destes pontos, já que estudos mais antigos como o de John B. Thompson (2008) a viam com desconfiança. Na pesquisa, embora tenham sido observados leitores neste gênero inclusive com uso de *hardware* dedicado, também houve o indicativo de que os textos acessados eletronicamente eram predominantemente curtos. O fluxo entre narrativas audiovisuais e escritas foi outro dado interessante que poderia ser explorado em pesquisas à parte.

Uma possibilidade de pesquisa, sobretudo, emerge metodologicamente do estudo que foi realizado. Este foi em larga medida um trabalho de sondagem. Analisou, através de uma técnica específica, uma dada configuração de interações entre os estudantes e os suportes de leitura e estudo. Os resultados, espera-se, podem enriquecer a compreensão local do debate sobre o livro eletrônico e o futuro do livro, ainda que, dentro da expectativa inicial, tenham sido necessariamente inconclusivos por limitações técnicas e mesmo epistemológicas. Uma característica diretamente decorrente do método de abordagem é que se tratou de um corte transversal do problema, ou seja, foi analisado um contexto em um único intervalo temporal. Embora se defenda a riqueza da observação e tenha sido possível relacioná-la com diversos conceitos e estimativas dos autores e estudos anteriores, nesta dimensão de tempo a pesquisa se encontra inevitavelmente limitada, o que exige questionar seu alcance e exclui a possibilidade de projeções. Uma direção possível de desenvolvimento futuro do tema seria a repetição do levantamento com parâmetros similares em um ou mais momentos diferentes. Isso permitiria uma abordagem longitudinal do problema de pesquisa, tornando possível analisar o desenvolvimento de alguns dos fenômenos observados em uma outra dimensão, a do tempo, viabilizando inferências sobre evolução e dinâmica das práticas culturais de leitura que, aqui, foram proibidas pela limitação do método.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Silvano. **O uso das mídias no ensino de língua estrangeira:** concepções e métodos utilizados por professores dos cursos de graduação em Letras e Secretariado Executivo. Maringá: UEM, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2007.

ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. **Dez livros e uma vaga:** a leitura de literatura no vestibular. Porto Alegre: PUC/RS, 2001. Tese (Teoria da Literatura) – Curso de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, Porto Alegre, 2001.

BIRKERTS, Sven. **The Gutenberg Elegies:** The fate of reading in an electronic age. New York: Faber and Faber, 2006.

BONETTI, Marco Antonio de Carvalho. **O computador: próteses sonoras e visuais que dão suporte à multimídia.** São Paulo: PUC-SP, 1997. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

CARR, Nicholas. **The Shallows:** what the Internet is doing to our brains. New York: W.W. Norton, 2011.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2.ed, 1998.

DARNTON, Robert. **The case for the books:** past, present, and future. New York: Public Affairs, 2009.

DUGUID, Paul. Material matters: the past and futurology of the book. In: **The future of the book.** Berkeley: University of California Press, 1996. pp. 63-102

ECO, Umberto. Afterword. In: **The future of the book.** Berkeley: University of California Press, 1996. pp. 295-306

ECO, Umberto. CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

FIDÉLIS, Ana Cláudia. **Do cânone literário às provas de vestibular:** canonização e escolarização da literatura. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. Tese

(Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur? (conferência). In: **Dits et écrits**, I (1954-1969). Paris, Gallimard, 1994, p. 789-821.

FROSSARD, Vera Cecília. **A trajetória do livro: da matéria impressa ao mundo digital** novas possibilidades emergem para a aquisição do conhecimento. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel: do impresso ao digital: continuidades e transformações**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GOMBERG, Felipe. **A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2006.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. La Plata: Universidad Nacional de la Plata/IMDEC, 2000.

GOMEZ, Jeff. **Print Is Dead: Books in our digital age**. 8th. ed. New York: Macmillan, 2008.

HESSE, Carla. Books in Time. In: **The future of the book**. Berkeley: University of California Press, 1996. pp. 21-36

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.

JACOBS, Alan. **The pleasures of reading in an age of distraction**. New York: Oxford University Press, 2011.

KURZWEIL, Ray. **The age of the spiritual machines: when computers exceed human intelligence**. New York: Viking Press, 1999.

LEVIN, Jack; FOX, James Alan. **Estatística para ciências humanas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MACHADO, Arlindo. As mídias são os livros de nosso tempo? In: PERUZZO, Cicilia. **A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2002. pp. 109-121

MATHIAS, Arlete Aparecida. **A questão do livro: do formato impresso ao eletrônico**. Marília: UNIMAR, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília – UNIMAR, Marília, 2011.

MELLO JR., José de Mello. **Do códex ao e-book: metamorfoses do livro na era da informação**. São Paulo: UNIP, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) -

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1972.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAVLIK, John Vernon. **Converging media**: a new introduction to mass communication. New York: Oxford University Press, 2010.

PEROSANZ, Juan José Igartua. **Métodos cuantitativos de investigación en comunicación**. Barcelona: Bosch, 2006.

PITTAMIGLIO, Silvia Elsa Lizarralde de. **Novas tecnologias e a prática docente**. São Paulo: USP, 2004. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2004.

PORTELLA, Eduardo (org). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. São Paulo: Unesco/Moderna, 2003.

Retratos da leitura no Brasil / Organizador Galeno Amorim. – São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

Retratos da leitura no Brasil / São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf> Acesso em 02/04/2012.

RIBEIRO, Rosiane Lúcia. **O futuro do livro**: o eletrônico como um contraponto do impresso. Campos dos Goytacazes: UENF/RJ, 2009. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciências do Homem – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2009.

ROSA, José Antônio. **Análise do livro como produto e como negócio no contexto brasileiro atual**. São Paulo: ECA/USP, 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. Investigação qualitativa – caracterização. In: **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.29-68

SALGADO, Ana Helena Seuánez. **O impacto das novas tecnologias na indústria editorial do livro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto Coppead de Administração, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

Setting the Baseline: The National Literacy Trust's first annual survey into young people's reading - 2010 / Organizadora Christina Clark. - London: National Literacy Trust, 2011. Disponível em <http://www.literacytrust.org.uk/assets/0001/0336/Omnibus_reading_2010.pdf> Acesso em 25/8/2011

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. In: CÁCERES, Jesús Galindo (coord.). **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México: CNCA/Addison Wesley Longman, 1998.

SILVA, Luiz Otavio Maciel da. **Softbook e Rocket Book**: o livro eletrônico dos bits aos átomos. Belém: UFPA/UFRJ, 2000. Dissertação (Curso de Mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação, convênio Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Departamento de Ensino e Pesquisa) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

SILVA, Pablo Mobellan Cuquejo. **Novos agenciamentos rizomáticos**: navegando pelos sites de social networking - leituras de uma comunicação literária da dissipação e o pensamento do fora. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2006.

SIMÕES, Marco Antonio. **Bases históricas das práticas ocidentais de leitura**: do papiro ao suporte digital. Paulínia: USM, 2007. Dissertação. Programa Interdisciplinar em Educação, Comunicação e Administração da Universidade São Marcos, Paulínia, 2007.

STRIPHAS, Ted. **The late age of print**: everyday book culture from consumerism to control. New York: Columbia University Press, 2011.

THOMPSON, John B. **Books in the digital age**. Cambridge: Polity, 2008.

ULIN, David L. **The lost art of reading**: why books matter in a distracted time. Seattle: Sasquatch Books, 2010.

VELASCO, Juliana Oliveira. **O uso do livro eletrônico na prática científica**. Salvador: UFBA, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2008.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, Sonia. **Estatística básica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

9 ANEXOS

9.1 Anexo 1 – Levantamento de trabalhos encontrados no Estado da Arte

| Autor | Nível | Título |
|--|-------------|---|
| Ana Cláudia e Silva Fidelis | Tese | Do Cânone Literário às Provas de Vestibular: Canonização e Escolarização da Literatura. |
| Ana Helena Seuánez Machado | Dissertação | O impacto das novas tecnologias na indústria editorial do livro |
| Angela Maria Grossi de Carvalho | Dissertação | Alfabetização digital: um estudo sobre a apropriação dos instrumentos de e-gov na educação |
| Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia | Dissertação | Fluxo da informação no processo de pesquisa na UFPE: as influências das tecnologias da informação e comunicação |
| Arlete Aparecida Mathias | Dissertação | A questão do livro: do formato impresso ao eletrônico |
| Daiva Maria Fidelis | Dissertação | Reflexões sobre a atividade de leitura no livro didático no Ensino Médio. |
| Daniel Pinsky | Dissertação | O uso do livro eletrônico no ensino superior sob a ótica dos professores universitários e profissionais de editoras |
| Dina Blanco Cadahia Conceição | Dissertação | Notas para a compreensão de um novo leitor: o do texto digital |
| Elisângela Aparecida Alves | Dissertação | Convergência digital e o futuro do livro |
| Felipe Gombert | Dissertação | A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica |
| Gustavo Barros Bezerra de Melo | Dissertação | Formação de novos leitores: práticas multimídiais sociais e culturais de leitura |
| João Batista Simão | Dissertação | Universalização de serviços públicos na Internet para o exercício da cidadania: análise crítica das ações do Governo Federal |
| José Antônio Rosa | Tese | Análise do livro como produto e como negócio no contexto brasileiro atual |
| José de Mello Junior | Dissertação | Do Códex Ao E-Book: Metamorfoses Do Livro Na Era Da Informação |
| José Mauro Gnaspini | Tese | Derivação não consentida e proteção ao acréscimo criativo no direito de autor |
| Juliana Oliveira Velasco | Dissertação | O uso do livro eletrônico na prática científica |
| Julie de Araujo Pires | Dissertação | A Reconstrução do Livro: um estudo em design acerca das possibilidades do livro a partir da hipertextualidade eletrônica |
| Luiz Maurício Azevedo Silva | Dissertação | A tela e o miolo: a influência da mídia eletrônica na construção do mercado editorial brasileiro |
| Luiz Otavio Maciel da Silva | Dissertação | Softbook e rocket book: o livro eletrônico dos bits aos átomos. |
| Marco Antonio De Carvalho Bonetti | Dissertação | O Computador: Próteses Visuais E Sonoras Que Dão Suporte A Multimídia |
| Marco Antonio Simões | Dissertação | Bases históricas das práticas ocidentais de leitura: do papiro ao suporte digital |
| Maria Regina Momesso de Oliveira | Tese | Discursos, representações e gestos de leitura: a formação do leitor entre o impresso e o digital. |
| Pablo Mobellan Cuquejo Silva | Dissertação | Formas rizomáticas na internet escrita/leitura no mundo digital |
| Pablo Mobellan Cuquejo Silva | Tese | Novos Agenciamentos Rizomáticos: Navegando Pelos Sites De Social Networking – Leituras De Uma Comunicação Literária Da Dissipação E O Pensamento Do Fora |
| Paula Pereira Scherre | Dissertação | Análise ergonômica da navegação dos usuários em um livro-texto digital |
| Raquel Silvano Almeida | Dissertação | O Uso Das Mídias No Ensino De Língua Estrangeira: Con-cepções E Métodos Utilizados Por Professores Dos Cursos De Graduação Em Letras E Secretariado Executivo |
| Reginaldo Gonçalves do Amaral | Dissertação | Mídias digitais interativas: perspectivas de níveis, graus e modelos |
| Roberta Barni | Tese | Tradução e hipermídia |
| Rogério De Souza Sergio Ferreira | Tese | Implicações Literárias e culturais da narrativa digital |
| Rosane Lúcia Ribeiro | Dissertação | O futuro do livro: o eletrônico como um contraponto do impresso |
| Silvia Elsa Lizarralde de Pittamiglio | tese | Novas tecnologias e a prática docente: um estudo a partir do livro-texto digital aprendendo a estudar |
| Silvia Helena Firmino Zanutto | Dissertação | Hipermídia: novo formato para o conhecimento |
| Silvia Helena Rodrigues | Dissertação | O dialogismo no livro didático e no hipertexto eletrônico: um estudo sobre letramento no ensino fundamental |
| Vera Cecília Frossard | Dissertação | A trajetória do livro: da matéria impressa ao mundo digital - novas possibilidades emergem para a aquisição do conhecimento |
| Wagner Bandeira da Silva | Dissertação | E-bible: características de hipertextualidade na Bíblia impressa e digital |

9.2 Anexo 2 – Questionário para pesquisa quantitativa

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO – PPGCOM UFRGS

Pesquisa sobre hábitos de leitura – Pesquisador: André Carlos Moraes
Projeto registrado no Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS com o número 21.645

Esta é uma pesquisa sobre hábitos de leitura. As respostas são sigilosas e só o pesquisador terá acesso a elas. Algumas pessoas poderão ser contatadas mais tarde para, se concordarem, conceder uma entrevista sobre este assunto.

Esta pesquisa só se aplica aos alunos que ingressaram na Universidade via Vestibular 2011. Se você fez o Vestibular em outro ano ou entrou por ingresso extravestibular, por favor avise o pesquisador e devolva o questionário.

Não se trata de um teste. Não há respostas certas nem erradas. Por favor, responda com sinceridade.

Abaixo está a lista das leituras obrigatórias no Vestibular da UFRGS de 2011. Assinale aquelas que você leu por inteiro:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Basílio da Gama - O Uruguai | <input type="checkbox"/> Cyro Martins - Porteira Fechada |
| <input type="checkbox"/> José de Alencar - Lucíola | <input type="checkbox"/> Dias Gomes - O Pagador de Promessas |
| <input type="checkbox"/> Machado de Assis - Memórias Póstumas de Brás Cubas | <input type="checkbox"/> Rubem Fonseca - Feliz Ano Novo |
| <input type="checkbox"/> Contos de Machado de Assis - O Caso da Vara, Pai contra Mãe, Capítulo dos Chapéus | <input type="checkbox"/> Cristóvão Tezza - O Filho Eterno. |
| <input type="checkbox"/> Eça de Queirós - O primo Basílio | <input type="checkbox"/> Poemas de Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa (1. Mestre, Meu Mestre Querido!, 2. Ao Volante do Chevrolet pela Estrada de Sintra, 3. Grandes São os Desertos, e Tudo é Deserto, 4. Lisboa com suas Casas, 5. Todas as Cartas de Amor São, 6. Ode Triunfal, 7. Lisbon Revisited (1923), 8. Tabacaria, 9. Aniversário, 10. Poema em linha reta) |
| <input type="checkbox"/> Manuel Bandeira - Estrela da vida inteira | |
| <input type="checkbox"/> Guimarães Rosa - Manuelzão e Miguilim (Campo Geral e Uma estória de amor) | |

A tabela abaixo mostra formas pelas quais você pode ter lido ou tomado contato com as leituras obrigatórias do Vestibular. Assinale aquelas que utilizou para cada título. É permitido marcar mais de uma para cada leitura. Marque todas as que você usou, mesmo que não tenha lido os livros por inteiro.

| | O Uruguai | Lucíola | Memórias Póstumas de Brás Cubas | Contos de Machado de Assis | O primo Basílio | Estrela da vida inteira | Porteira Fechada | Manuelzão e Miguilim | O Pagador de Promessas | Feliz Ano Novo | O Filho Eterno | Poemas de Álvaro de Campos |
|--|-----------|---------|---------------------------------|----------------------------|-----------------|-------------------------|------------------|----------------------|------------------------|----------------|----------------|----------------------------|
| leu em livro impresso | | | | | | | | | | | | |
| leu em xerox ou apostila | | | | | | | | | | | | |
| leu no computador, netbook ou laptop | | | | | | | | | | | | |
| leu em celular, tablet ou leitor de e-book | | | | | | | | | | | | |
| leu resumo na Internet | | | | | | | | | | | | |
| leu resumo ou resenha em livro ou apostila | | | | | | | | | | | | |
| viu filme ou documentário | | | | | | | | | | | | |
| aprendeu em aula ou grupo de estudo | | | | | | | | | | | | |
| escutou audiolivro ou arquivo de áudio | | | | | | | | | | | | |
| outros (especificar) | | | | | | | | | | | | |

Você já baixou livros da Internet ou pelo computador? Faça uma estimativa de quantos:

() nunca descarregou () 1 a 12 () 13 a 99 () mais de 100

Você já leu livros por inteiro no computador, netbook ou laptop? Estime quantos:

() nunca leu () 1 a 12 () mais de 13

Você já leu livros por inteiro em celular, tablet ou leitor de e-book? Estime quantos:

() nunca leu () 1 a 12 () mais de 13

Faça uma estimativa de quantos livros há em sua casa:

() até 20 livros () entre 21 e 100 livros () entre 101 e 1000 livros () mais de 1000 livros

Quais dessas coisas você já fez?

- () Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular
- () Leu trechos de livros no computador ou celular
- () Leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais
- () Discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu
- () Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes
- () Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele
- () Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu

Se você já baixou livros da Internet, quais sites, programas ou redes sociais você usou para fazer isso?

Independente de estudo, trabalho ou faculdade, o que você lê?

Por favor, não deixe de preencher os campos abaixo, porque integram a parte estatística da pesquisa.

Curso: _____

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino

Dados para contato

Estes dados serão mantidos em sigilo e só o pesquisador terá acesso a eles. A finalidade é permitir o contato posterior se o aluno for escolhido para entrevista. Nesta eventualidade, você será consultado se concorda ou não, e em qualquer momento poderá optar por não participar mais da pesquisa.

Prenome: _____ Telefone para contato: _____

E-mail: _____

9.3 Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta é uma pesquisa sobre hábitos de leitura e apropriação de textos eletrônicos realizada com estudantes que prestaram o Vestibular UFRGS de 2011. A participação é espontânea e você está sendo convidado a participar. Os seus dados são sigilosos e só serão divulgados de forma estatística, sem identificação. Apenas o pesquisador terá acesso a eles. Este projeto já foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS e está registrado sob o número 21.645.

Alguns dos respondentes poderão ser convidados posteriormente para entrevista individual, igualmente sem obrigação de participar. As entrevistas daquela segunda fase serão realizadas por telefone ou pessoalmente e gravadas. O conteúdo irá integrar o trabalho no todo ou em parte, mas de forma anônima.

Eu, _____, declaro ter recebido informação sobre esta pesquisa e concordo em participar.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do pesquisador

Esta pesquisa está registrada no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, telefone (51) 3308 3629

9.4 Anexo 4 – Carta de aceite para unidades das turmas pesquisadas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

À Comissão de Graduação do Curso xxxxxx

Unidade xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxx

CARTA DE ACEITE

Esta é uma pesquisa sobre hábitos de leitura e apropriação de textos eletrônicos realizada com estudantes de primeiro ano da UFRGS. Ela foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, registrada sob o número 21.645.

Solicitamos a autorização da Comissão de Graduação desta unidade para realizar levantamento junto a alunos do primeiro ano do curso de xxxxxxxxxxxx. Um questionário será aplicado em uma turma de calouros, após o devido aceite por parte do professor responsável. De um a três alunos serão selecionados posteriormente e, caso concordem, serão entrevistados individualmente. Será contatado o professor xxxxxxxx, da turma de xxxx (CÓDIGO XXX). Se ele optar por não autorizar a pesquisa, outra disciplina será selecionada.

Os dados individuais dos alunos serão sigilosos e só utilizados de forma estatística ou anônima. A Unidade será identificada na pesquisa.

Porto Alegre, novembro de 2011.

De acordo:

Pela Comgrad

André Carlos Moraes, pesquisador

9.5 Anexo 5 – Transcrições das entrevistas qualitativas

*Transcrição entrevista DIR23
6 de janeiro de 2012 – 14h30
Estudante de direito, F, 19 anos*

Estava dando uma conferida, tabulando os dados de toda a pesquisa...

Certo...

...e vi que marcou que leu bastante livros eletronicamente. Tu descarregas bastante, também?

Não, eletronicamente não tanto...

Tu leste alguns livros só assim?

Sim.

Ah, sim. É que ali nos livros da leitura obrigatória, tu marcaste que tinha olhado alguns no *netbook*.

Ahã.

Como foi, foi no computador em tela?

Sim, no computador em tela.

Tu usaste mais como suporte?

Sim, mais como suporte de leitura.

Porque eles, mesmo, tu leste em livro impresso?

Sim.

O computador tu usaste mais como suporte para consultar, então? Trechos?

Sim, para consultar alguns trechos, para lembrar alguns, algumas citações.

Eu vi também que muitas pessoas também marcaram que assistiram filmes. Tu marcaste que assistiu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, né?

Isso.

Tu já tinhas visto o filme ou tu viste porque precisava ler também?

Assim: eu li o livro antes, e assisti o filme depois. Para ter um complemento e, assim, comparar o que o filme tinha de diferente do livro.

Ah, tá, mas já dentro da preparação para o Vestibular?

Sim.

Eu vi também que tu marcaste duas peças de teatro, até...

Isso. Assim. Aqui em Santa Catarina tem um grupo de teatro que é da UFSC, da Universidade Federal, e da Udesc, que são alunos da estadual. Eles formaram um grupo de teatro com alguns alunos e esses alunos todo ano apresentam de uma forma simplificada os livros que são obrigatórios para a Universidade Federal de Santa Catarina. E coincidentemente tinha dois livros que serviriam tanto para a UFSC quanto para a

UFRGS, que era *O Pagador de Promessas* e *O Filho Eterno*. Então, acabou servindo para a UFRGS.

Então, tu acabaste assistindo também. Tu fazes parte do grupo?

Não.

Só assististe mesmo?

Sim.

Eu vi também que tu lêes bastante de um modo geral...

Sim.

Tu tens alguma preferência de gênero?

Não, o que cair nas minhas mãos acabo lendo.

Ah, sim. A pesquisa também tinha uma questão na qual a pessoa podia marcar se tinha assistido a algum filme por causa de um livro que tinha lido. No teu caso, foi bem o caso do livro do vestibular, então?

Sim, sim.

Especificamente pensando neste caso que tu marcaste, então?

Sim.

Muito obrigado.

De Nada. Boa sorte com a pesquisa.

*Transcrição entrevista LET1
16 de janeiro de 2012 – 14h16
Estudante de Letras bacharelado, F, 22 anos*

Alô?

Oi, é sobre uma pesquisa, eu tinha te mandado um e-mail. Tudo bem?

Tudo bem.

Tu podes falar agora? Prefere que eu ligue outra hora?

Não, posso falar agora.

Ah, tá. Era uma pesquisa sobre como leu os livros do vestibular. Estou checando com algumas pessoas, para entender algumas coisas que não aparecem no formulário...

Ahã.

Uma das coisas que eu vi é que alguns livros tu marcaste que tinha em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*, embora não tenha lido inteiros.

Não, não. Na verdade, alguns livros eu olhei na Internet em PDF. Eu baixei.

Não chegaste a olhar em celular, nem *tablet* nem nada?

Não, foi direto no PC, no computador.

Ah, tá, que esses estava marcado Primo Basílio, Estrela da Vida Inteira, Porteira Fechada, Manu-elzão. Deve ser esses aí, então?

Isso.

Esses então tu só deste uma olhada em PDF para ver como o livro era, embora não tenha lido inteiro, é isso?

Isso, isso.

Eu também vi que alguns livros que tu leste inteiro, até leste em xerox.

Alguns eu tinha e outros, um ou dois, tinha em xerox, mas a maioria tinha impresso mesmo.

Alguns tu tiraste xerox, foi de biblioteca, ou como foi?

É, eu tinha... um amigo me deu xerox os livros, em cópia de cursinho, e coisa. Mas a maioria é livro impresso mesmo.

Outra coisa. Tinha um campo para marcar se tu já tinhas baixado livros da Internet ou pelo computador. No teu caso, estava marcado de 13 a 99 livros descarregados. Isso são só os livros do Vestibular ou de vez em quando tu baixas alguma coisa?

De vez em quando eu baixo alguma coisa. Este último ano na faculdade baixei bastante coisa no Domínio Público. Porque o primeiro semestre é literatura brasileira dos séculos 18 e 19, então já estão liberados, os professores até indicaram bastante para baixar.

Os próprios professores indicam?

Isso. É que às vezes nem estão na xerox, e a biblioteca também é bem disputado os livros e a gente acaba baixando. Pode baixar, a gente baixa.

E tu já leste livros inteiros no computador?

Já. Não muitos, porque eu acho cansativo. Mas já li.

Só esses de estudo ou alguma coisa de lazer?

Já li de lazer também. Alguns livros que não encontrei em livrarias, assim, já baixei no computador.

Algum título?

Por exemplo, a Jane Austen, alguns não encontro. Agora até já saiu da LPM, então comprei. Mas antes tinha baixado da Internet.

Tu lês outros idiomas também?

Inglês.

De um modo geral, como lazer, o que tu costumas ler? Que títulos, assim?

Eu costumo ler romance, leio muita crítica de cinema, que acompanho semanalmente. Gosto de ler filosofia, principalmente Nietzsche, História também, e jornal. Acompanho jornal, assim, pela Internet, os portais, mais.

Tu lês bastante jornal pela Internet?

Isso.

E livros em geral tu lê impressos, em papel?

Isso, no geral impressos.

Tu já leste alguma coisa em telefone celular, algo assim?

Não, não, ou impresso ou no computador mesmo. Nunca usei *tablet*.

Muito obrigado, então. Desculpe incomodar...

Não, não.

Tchau.

Tchau.

*Transcrição entrevista VET1
24 de janeiro de 2012 – 14h30
Estudante de Veterinária, F, 18 anos*

Alô?

Oi, é sobre uma pesquisa, tinha te mandado um e-mail.

Ahã.

Tudo bem?

Tudo.

Prefere que eu ligue mais tarde?

Não, esta hora está ótimo.

Estou ligando para algumas pessoas para entender alguns dados do formulário. Não sei se tu lembra, tinha que marcar os livros da leitura do vestibular e a maneira que tinha lido. Lembro que marcaste quatro livros que leu inteiros...

Sim.

E eu vi que tu marcou que leu dois deles em *tablet*, leitor de *e-book* ou celular, o Uruguai e os contos do Machado de Assis, é isso?

É... Sim, eu peguei no Domínio Público.

E tu leste isso em *tablet*, ou...

Eu li no iPod, é tipo um mini iPad, sabe? Tem um aplicativo que é leitor de *e-book*, daí eu salvei.

Da Apple mesmo tu tens?

Sim.

E tu costumava ler nesta plataforma livros?

Sim, ultimamente eu tenho lido bastante assim.

E tu já lias antes da faculdade assim?

Sim, já lia antes.

No computador tu lêes também?

Sim.

Algum título em especial que tu lembres?

Foi... As crônicas de Nárnia.

Essa era outra pergunta... Tinha uma parte para marcar se tinha lido livro depois de ter visto filme e vice-versa.

Ah, sim, as crônicas de Nárnia eu vi o filme e depois eu li o livro, e também As Fronteiras do Universo, teve um filme, A Bússola de Ouro. Eu vi o filme, gostei bastante, depois eu fui ler o livro. E eu li o livro no computador também.

Interessada a partir do filme?

Sim.

Mas tu lêes também livros impressos...

Claro.

Alguma dúvida sobre o questionário?

Lembro que marquei alguma quantidade errado em relação a números...

É... quantos livros tinha lido no computador e no leitor, tu tinhas marcado um número depois corrigiu.

É. Eu marquei poucos, depois lembrei das Crônicas de Nárnia, são 7 livros, então deu bem mais...

Tá legal, então. Muito obrigado. Tchau.

Nada. Tchau.

Transcrição entrevista BIO16

01 de março de 2012 – 10h30

Estudante de Ciências Biológicas, F, 23 anos

Oi, tinha te mandado um e-mail sobre uma pesquisa.

Oi!

Pode falar agora?

Claro!

Lembras que era uma pesquisa sobre hábitos de pesquisa e leitura do vestibular, né? Estava olhando os livros que tu marcaste... Como é que tu decidiste quais ia ler? Tu leste os que tinha acesso, ou os que preferiste? Adotaste algum critério?
Eu na verdade acho que decidi começar pelos de tamanho menor, começar pelos menores.

Também tinha uma área sobre hábitos de leitura em computador e *tablet*, vi que tu marcaste alguns. Chegou a ler livros inteiros no computador?

Eu li no *Reader*, que eu ganhei do meu pai. Li inteiros, mas não foram muitos, não.

Tu tens um Sony Reader, daqueles de *e-book*?

Exato.

Tu lembras alguns títulos?

Li um livro sobre defesa pessoal, um que era de humor, assim, engraçado, e comecei a ler o 1808, mas não cheguei a terminar.

Estes títulos tu compraste através do Reader?

Não, eu baixei da Internet, não paguei.

Tu também chegaste a ler um livro no computador?

Não, no computador, inteiro, não.

Só trechos?

Sim.

Também tinha uma opção de que viu um filme porque era baseado em um livro que você leu. Lembras de algum título?

Aquele do Código Da Vinci.

Tens mais alguma observação?

Olha, gosto muito de ler. Até agora nas férias li três livros, todos na área de Biologia.

Tá legal, muito obrigado. Desculpe incomodar.

De nada. Tchau.

9.6 Anexo 6 – Respostas ao campo qualitativo “O que você lê?”

- MED1 livros (literatura) e revistas
- MED2 Livros de poesias, ficção, romance, jornais, revistas.
- MED3 filosofia
- MED4 Poemas, romances...
- MED5
- MED6
- MED7 Livros de literatura
- MED8 Variados tipos de livros
- MED9 Jornais, revistas semanais, literatura infanto juvenil
- MED10 jornais e revistas
- MED11 livros sobre história, clássicos
- MED12 romances
- MED13 Jornal e Revistas / Romances
- MED14 Livros de ficção, romance, suspense, policial, jornais, revistas variadas.
- MED15 jornais, revistas e livros de histórias variadas
- MED16 Fora literatura científica e livros didáticos, leio jornal online, livros de ficção, principalmente Agatha Christie e Machado de Assis, romances históricos e crônicas.
- MED17 romances, ficção, biografias, etc.
- MED18 Principalmente artigos científicos e livros didáticos. Literatura apenas nas férias - leio muitos livros em inglês para treinar... Procuo ler livros de diversas épocas/estilos
- MED19 Biografias, história do Brasil
- MED20 Alguns poucos livro de teoria política e alguns livros de romance.
- MED21
- MED22 Livros de literatura; romance, drama e suspense.
- MED23 romances, poemas, científicos
- MED24 Gosto de livros de suspense e romance.
- MED25 Jornal, revistas e livros ficcionais.
- MED26 Romances e ficção
- MED27 Literatura nacional
- MED28 Revistas de notícias, gibis (esporadicamente), *blogs* (de notícias)
- MED29 Jornais na Internet (Folha de S. Paulo e Gazeta do Povo) e revista Veja (esporadicamente)
- MED30
- MED31 Romances, contos, comédias
- MED32 Revistas, jornais, outros livros
- DIR1 revistas, jornais e livros
- DIR2 jornais, literatura
- DIR3 Ficção, romances policiais, obras que estão entre as mais vendidas e livros de mitologia.
- DIR4 Literatura clássica ocidental
- DIR5 livros de lazer e de direito
- DIR6 Eu gosto muito de romances e ficção, mas leio de tudo, à exceção de biografias, que até hoje não li.
- DIR7 Ficção, romance, religiosos, contos, entre outros.
- DIR8 Jornais, histórias, romances, revistas, *sites*
- DIR9 Atualmente só leio assunto relacionado ao meu curso - falta tempo
- DIR10 -Literatura Brasileira; - Jornais de notícias; -Revistas; - *blogs* jornalísticos
- DIR11 Gosto de vários tipos de livros, mas os preferidos são realismo, realismo fantástico, ficção, história, poesia... Aprecio a literatura em geral.
- DIR12 Romance; contos; revista, artigos de interesse...
- DIR13 jornal pela Internet e livros impressos que tenho interesse, além de diversos assuntos automotivos pela Internet.
- DIR14 Livros de romance ou ficção científica, na maior parte. Literatura infanto-juvenil.
- DIR15 Geralmente algo relacionado à faculdade.
- DIR16 Livros de suspense (Sidney Sheldon...), drama ou romance.
- DIR17 Tenho o hábito de ler jornais, ler a "muy interessante" e, principalmente em períodos não letivos leio muita literatura nacional (ainda farei o curso de letras)
- DIR18 Revistas.
- DIR19 Jornais, revistas, livros de ficção, etc.
- DIR20 Música, Literatura, Filosofia Estética, Musicologia, História,...
- DIR21 Romances policiais, jornais e revistas
- DIR22 ultimamente, nada; por falta de tempo.
- DIR23 Literatura científica (astronomia), revistas (super, Galileu), jornais, livros de Direito, literatura nacional e estrangeira, livros de psicologia e filosofia, artigos científicos, poesias de Mário Quintana
- DIR24 Livros de ficção, romance e, principalmente, aqueles relacionados a minha área de interesse (Direito)
- DIR25 Livros de suspense e romance na maior parte das vezes e sobre casos antigos de direito penal.
- DIR26 Livros de ficção história e fantasia; jornais; revistas de História, literatura e filosofia; *blogs*.
- DIR27 Ficção, Fantasia.
- DIR28 Contos, filosofia, psicologia, crônicas, colunas virtuais.
- DIR29 Todos os livros que eu acredito serem interessantes, livros com boa crítica, livros que alguém tenha me indicado. Sou bem eclética.
- DIR30 Romances e livros de história, principalmente do Brasil.
- DIR31 Ficção, romances
- DIR32 Leio muitos romances de autores clássicos antigos e atuais, brasileiros e estrangeiros.
- DIR33 Principalmente obras de fantasia medieval, como Tolkien, ou livros de terror, como S. King.
- DIR34 Gosto de literatura estrangeira principalmente. Leio Jane Austen, Sidney Sheldon, Stephen King, entre outros. Leio bastante o gênero suspense, terror e sobrenatural.
- DIR35 Romances de ficção; Romances em geral
- DIR36
- DIR37 Romance policial, romance histórico, romance, leituras da faculdade, artigos.
- PSI1 Livros de interesse pessoal, romances, contos. Autores como Caio Fernando Abreu, Jack Kaureac, etc.
- PSI2 Livros best-seller, indicações.
- PSI3 Livros que ouço falar (indicações) e que tratem de assuntos que me interessem. Dificilmente leio best sellers.
- PSI4 Muitos livros de literatura, principalmente brasileira, inglesa e norte-americana. Geralmente romances.
- PSI5 Nada.
- PSI6 Jornal, revistas
- PSI7 É difícil eu comprar livros, geralmente os pego emprestados aqueles que me recomendam, de variados temas. Fora isso, eu procuro ler jornal, pelo menos aos fins de semana.
- PSI8 Romance
- PSI9 Poesia, contos...
- PSI10 Livros de literatura, revista, jornal
- PSI11 literatura em geral
- PSI12 Romances, Poesia, Contos, Crônicas, revistas;
- PSI13 fanfictions, literatura de auto-ajuda, revistas variadas, romances espíritas, livros espiritualistas
- PSI14 Assuntos do meu gosto, como história e literatura
- PSI15 notícias em *sites* e livros
- PSI16 jornal, livros, artigos, livros teóricos, foruns, etc.
- PSI17 Livros ou ficções ou biografias e fanzines.
- PSI18 revista, livros literário, jornal

- PSI19 revistas, livros do romance, livros no geral, curiosidades na Internet
- PSI20 livros policiais e romances em geral
- PSI21 Poesias, contos, novelas, romances, etc...
- BIO1 Qualquer gênero que eu ache interessante, bem recomendado, ou que eu li sobre o livro.
- BIO2 jornais
- BIO3 Jornal, textos diversos em fóruns
- BIO4 Espiritualidade, policial, romance, drama, aventura, biologia, auto-ajuda, mitologia, fábulas.
- BIO5 Livros de ficção, romances modernos, curiosidades sobre os seres em geral e livros e revistas sobre seres vivos.
- BIO6 José Saramago, Mario Llosa, Richard Dawkins, Hilda Hilst, Charles Bukowski, Paulo Nogueira Neto, José Lutzemberger, entre outros
- BIO7 Literatura brasileira; livros de filosofia, de antropologia; e alguns romances estrangeiros.
- BIO8 livros espírita, literatura internacional
- BIO9 Gosto de ler romances românticos, de ficção, policiais, suspense e humorísticos.
- BIO10 ficção histórica, ficção científica, história, biologia, auto-ajuda, espiritualidade, mitologia, geografia, pedagogia, fábulas.
- BIO11 romances, ficção
- BIO12 Romance e suspense.
- BIO13 artigos acadêmicos de áreas biológicas e da saúde
- BIO14 Literatura pura e suja. Principalmente os malditos.
- BIO15 ficção, aventura, terror, contos, poemas, etc...
- BIO16 Livros policiais, jornal e alguma coisa que alguém recomenda.
- BIO17 Livros históricos, clássicos, romances, suspenses, poemas, políticos, literatura beat, entre outros. Atualmente estou lendo os livros sobre as viagens de Darwin e o último foi do Lutzemberger.
- BIO18 Livros ficção, revistas, livros de contos e material de estudo.
- BIO19 Revistas sobre ciência; livros de romance
- BIO20 varios... Romances, poemas, textos científicos, textos acadêmicos, práticas alternativas (permacultivo, agrofloresta), texto de política, sociologia, livros de história.
- BIO21 Não tenho um gênero definido. Se eu acho interessante o tema eu leio.
- BIO22 Ficção científica
- BIO23 Revista de biotecnologia.
- BIO24 Livros de terror, fantasia, suspense, policiais, etc.
- BIO25 Jornal, revistas, romances, comédia, contos, históricos
- BIO26 Artigos acadêmicos e científicos de medicina. *Sites* de notícias, livros de literatura (Nelson Rodrigues, Edgar Allan Poe). Livros de ciências, críticas de cinema, livros de mitologia, livros de história.
- VET1 Ficção fantasiosa, ficção científica, ação policial, história, literatura clássica, revistas sobre cinema ou história.
- VET2 Ultimamente foi só os de estudo.
- VET3 Jornal e livros diversos
- VET4 Jornal, revistas, livros sobre animais (comportamento). Gosto de livros sobre investigação, romance, ação...
- VET5 Leio livros relacionados a faculdade e quando possível leio livros do meu interesse.
- VET6
- VET7
- VET8 romance, ficção aventura
- VET9 Leio notícias (impresas ou na Internet) diariamente, revistas (sempre que possível) e livros em geral (cerca de dez por ano).
- VET10 Livros relacionados a animais, comportamento, raças, doenças etc.
- VET11 Jornal, livros, revistas, etc. Notícias na Internet.
- VET12 sim.
- VET13 Aventura, suspense, livros sobre med. Veterinária, revistas de curiosidades, *sites* de notícias...
- VET14 /- Superinteressante/Mundo Estranho/Cultura Geek - Revistas eletrônicas na área de veterinária/jornal - Literatura nórdica
- VET15 Leio notícias na Internet, artigos científicos sobre veterinária e saúde. Literatura, deixo mais para as férias que é quando leio romances ou terror (Edgar Allan Poe) e policial (principalmente Sherlock Holmes, tenho a coleção toda).
- VET16 Romance, suspense, biografia.
- VET17 jornal
- VET18 Leio livros e artigos sobre veterinária, e romances, jornal.
- VET19 Romances, jornal, revistas
- VET20 Romances - Orgulho e Preconceito e Beleza Negra são os livros que estou lendo.
- VET21
- VET22 livros, revistas, notícias (via Internet)
- VET23 No momento, a única coisa que tenho tempo de ler sem ser os livros da faculdade é o jornal.
- VET24 Livros de adestramento canino
- VET25 Livros de história, aventura, romance.
- VET26 Romances, livros indicados por amigos,
- VET27
- VET28 Jornal e livros diversos
- VET29 Livros, revistas, jornais e artigos online que possuam um assunto de meu interesse
- VET30
- VET31
- VET32 Sobre romance, animais, histórias relacionadas à cachorro, livros indicados por amigos.
- VET33 suspense e contos
- VET34
- VET35 Ficção, romance, drama e histórias em quadrinhos.
- VET36 Jornal, livros de ação, suspense, fictícios, mas são poucos.
- VET37 Livros da literatura brasileira e outros com histórias que acho interessantes
- COMP1 Livros relacionados com matemática e/ou informática
- COMP2 Livros didáticos/técnicos
- COMP3 notícias online e textos técnicos
- COMP4
- COMP5 suspense, terror, policial
- COMP6 revistas, artigos, jornal (ocasionalmente)
- COMP7 leio de tudo, economia, política, mas em termos de literatura gosto de temas medievais, místicos e um pouco de investigativos (romances policiais)
- COMP8 Normalmente, leio biografias e fantasias.
- COMP9 Literatura estrangeira, comic-books e mangás.
- COMP10 ficção científica, fantasia medieval, história
- COMP11 Ficção científica, mistério, aventura.
- COMP12 livros de ficção ou histórias épicas e medievais
- COMP13 Livros a que façam referência ou assuntos de meu interesse como: filmes, ação, ficção, aventura, etc.
- COMP14 Livros épicos e/ou mitológicos.
- COMP15 Ficção científica (Metrô 2033), Fantasia (O Senhor dos Anéis), Suspense/policial, assuntos históricos entre outros
- COMP16 Fantasias, auto-ajuda: Cornwell, Tolkien, J.R.R. Martin, Asimov, Pai Rico Pai Pobre
- COMP17 Ficção científica, ficção.
- COMP18 Romances
- COMP19 Dostoyevsky, Jack Kerouack, Douglas Adams, Machado de Assis, -
- COMP20 visual novels, livros recomendados por amigos, no formato impresso.
- COMP21 livros recomendados e artigos
- COMP22 Quadrinhos
- COMP23 Satre, Nietche, Bukowski (?) [ponto de interrogação é do respondente]
- COMP24 literatura em geral, recomendada por amigos
- COMP25 Qualquer livro que eu ache interessante
- COMP26 ficção, ficção científica, livros didáticos, fantasia, revistas de atualidades, curiosidades, tec-

nologia, textos diversos na Internet, jornais
COMP27 Ficções e romances
COMP28 Livros de aventura, Dan Brown, Khaled Houssen, científicos.
COMP29 Livros policiais, livros sobre informática.
ENG1
ENG2 Não tenho o hábito de ler muito, por isso quando vou ler algo, escolho aquilo que mais me chama a atenção.
ENG3 Material científico, ficção científica, comédia, documentários em geral.
ENG4 Mangas, Matemática analítica, Física, Astronomia Árabe, Romance, Origame
ENG5
ENG6 livros espíritas e auto-ajuda
ENG7 Em geral tenho hábito de ler revistas tipo Época e Sup. Int, leio frequentemente em média 2 por semana, acho uma leitura mais dinâmica e informativa.
ENG8 na base de 1 livro sobre qualquer assunto a cada 2 anos e de vez em quando a Bíblia.
ENG9 Livros de "condicionamento físico", aventuras, ficção, história, principalmente sobre GM)
ENG10 jornais, revistas
ENG11 Livros de ficção/aventura, jornal Correio do Povo, revista Veja
ENG12 Livros referentes à literatura brasileira; textos (artigos) sobre engenharia, livros ligados à história da física; livros de cunho espírita, etc.
ENG13 Revista (Época, Galileu...)
ENG14 Livros voltados para o mundo dos negócios, principalmente de gestão e liderança, e também livros de relacionamento com mulheres
ENG15 Romances nacionais ou estrangeiros com temática filosófica, ficção científica. Ou livros sobre história e filosofia.
ENG16 Nesse ano eu não li nada, mas eu gostava de ler livros baseados em histórias reais ou romances.
ENG17 Ultimamente tenho lido livros do estilo "on the road"
ENG18 Revistas, jornal, notícias na Internet e dificilmente livros
ENG19 Jornal, revista
ENG20 Livros
ENG21 livros ficção, jornal, revista, *blogs*
ENG22 Livros de filosofia e ficção científica.
ENG23 Livros de ficção não relacionados a faculdade

ENG24
ENG25 Geralmente livros de ficção.
ENG26 ficção, jornal.
LET1 filosofia, psicologia, história, romances.
LET2 poemas, contos, outros livros que me chamar atenção.
LET3 Os livros que leio são quase sempre relacionados à faculdade, como literatura brasileira, literatura estrangeira e livros de linguística.
LET4 Literatura estrangeira e nacional, filosofia, história e estudos teóricos/críticos sobre cinema e literatura.
LET5 Romances, filosofia, livros de história, revistas
LET6 Normalmente livros de ficção de diversos assuntos, desde romances, aventura, ação, contos.
LET7 Literatura estrangeira; Ficção; Filosofia
LET8 Livros principalmente de ficção, que escolho aleatoriamente ou por indicação de amigos
LET9 Livros, revistas.
LET10 Jornal, *blogs*, livros de vários gêneros
LET11 Poemas, *blogs*, livros de drama ou baseados em fatos reais.
LET12 Ficção, auto-ajuda, jornais, revistas científicas e *sites* da Internet.
LET13 Leio: revistas, novelas (principalmente), romances, livros de contos, HQs.
LET14 Ficção, romance, biografias
LET15 Romances. Poesia. Crônicas Jornalísticas [escreveu cada um em linhas diferentes]
LET16 Romances, quadrinhos, *blogs*, crônicas, etc.
LET17 Romances, ficção, jornais, revistas, *sites*, caixa de cereal.
LET18 Ficção, ensaios sobre literatura, livros sobre escrever
LET19 Literatura estrangeira, basicamente americana e inglesa ou japonesa. Ficção, históricas fantásticas, medievais. Leio também muitos mangás (histórias em quadrinhos japonesas) e jornal ou notícias na Internet, sobre assuntos diversos.
LET20 Literatura fantástica, literatura técnica relacionada à TI (informática) e Física.
LET21 Livros de romance, poesia e teatro, revistas e periódicos na Internet
LET22 Qualquer tipo de livro (contos, crônicas, poesia, romance, novela etc).

LET23 Livros de romance, ação. Crônicas, contos
LET24 Jornais, livro relacionados ao estudo agora.
LET25 Livros de poesia, crônicas, ficção,... Leio todo tipo de livros.
LET26 Literatura, principalmente brasileira
PP1 Filosofia e clássicos europeus ou alguns de cultura beat.
PP2 Romance, fantasia, suspense
PP3 Ficção científica, ciências sociais
PP4 Livros de ficção, mangás, quadrinhos, livros sobre histórias reais (serial killers), biografia
PP5 ficção, romance, livros informativos...
PP6 Romances variados, romances policiais, crônicas.
PP7 Todo tipo de leitura, de jornal a romance.
PP8 Histórias de ficção, narrativas.
PP9 Romance, aventura, fantasia, suspense, comédia
PP10 Livros com temática fantástica, romance, drama, comédia e livros sobre história geral
PP11 Livros de arte.
PP12 Ficção científica, ficção, suspense, crime, romance, espírita.
PP13 Livros, jornais.
PP14 Publicações esportivas, publicações sobre fotografia, roteiros de cinema
PP15 Literatura, revista.
PP16 Romances, dramas, livros ligados a área de história
PP17 romances
PP18 Gosto de ler ficção, principalmente histórica. Gosto de séries infanto-juvenis e romances mais adultos, prefiro livros de enredo criativo
PP19 *blogs*; revistas; livros
PP20 ficção, romance, suspense
PP21 Livros de séries ou filmes (Crepúsculo, por exemplo)
PP22 Exame, livros fotográficos
PP23 Livros técnicos/não fictícios, *blogs*, forums, portais.
PP24 Livros de aventura
PP25 Ficção e livros voltados para a área de comunicação
PP26 Gosto de livros de fotografia de surf, arte.
PP27 Literatura fictícia, jornalismo literário.
PP28 Livros sobre história mundial, ficções, literatura internacional, além de revistas e jornais.
PP29 Ficção, romance, drama

9.7 Anexo 7 – Datas e turmas pesquisadas

| Curso | Disciplina | Etapa | Alunos | Data | Ingresso |
|------------------|--|----------|--------|------------|-----------|
| Medicina | (BI010019) BIOFÍSICA MÉDICA II | segunda | 18 | 22/11/2011 | semestral |
| Medicina | (BI010019) BIOFÍSICA MÉDICA II | segunda | 14 | 25/11/2011 | semestral |
| Direito | (DIR03007) POLÍTICA E TEORIA DO ESTADO II | segunda | 37 | 18/11/2011 | anual |
| Psicologia | (PSI02014) PSICOLOGIA SOCIAL II | segunda | 9 | 30/11/2011 | semestral |
| Psicologia | (PSI03012) CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSÍQUICO | segunda | 12 | 09/12/2011 | semestral |
| Biologia | (BI010017) CAMPO PROFISSIONAL DO BACHAREL EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS | primeira | 26 | 24/11/2011 | semestral |
| Veterinária | (VET03001) INTRODUÇÃO À MEDICINA VETERINÁRIA | primeira | 37 | 12/12/2011 | semestral |
| Computação | (INF05508) LÓGICA PARA COMPUTAÇÃO | segunda | 21 | 16/11/2011 | semestral |
| Computação | (INF05508) LÓGICA PARA COMPUTAÇÃO | segunda | 8 | 22/11/2011 | semestral |
| Engenharia Civil | (ENG01158) INTRODUÇÃO À ENGENHARIA CIVIL | primeira | 26 | 22/11/2011 | semestral |
| Letras | (LET01441) ELEMENTOS DE LATIM I | primeira | 11 | 21/11/2011 | semestral |
| Letras | (LET01441) ELEMENTOS DE LATIM I | primeira | 10 | 24/11/2011 | semestral |
| Letras | (LET01011) LITERATURA PORTUGUESA I | primeira | 5 | 28/11/2011 | semestral |
| Publicidade | (PUB02049) CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA | primeira | 14 | 10/11/2011 | semestral |
| Publicidade | (PUB02016) INTRODUÇÃO À FOTOGRAFIA | segunda | 9 | 01/12/2011 | semestral |
| Publicidade | (PUB02016) INTRODUÇÃO À FOTOGRAFIA | segunda | 6 | 02/12/2011 | semestral |

9.8 Anexo 8 (com adendo eletrônico) – Planilhas de tabulação da pesquisa

Anexo em mídia eletrônica contém as planilhas em que foram tabulados os 293 formulários (ver Anexo 2) preenchidos pelos respondentes (263 das nove turmas da pesquisa, 30 de duas turmas subamostradas do teste de representatividade detalhado na subseção 6.14.1). Abaixo, constam as convenções e nomes das variáveis das planilhas.

Respondente: cada aluno que integrou a pesquisa tem uma identificação única, composta pelas letras correspondentes ao curso e um número ordinal em que o formulário foi tabulado dentro do curso. Os códigos dos cursos são os seguintes:

MED – Medicina
 DIR – Ciências Jurídicas
 PSI – Psicologia
 BIO – Ciências Biológicas
 VET – Medicina Veterinária
 COMP – Ciência da Computação
 ENG – Engenharia Civil
 LET – Letras (Licenciatura e Bacharelado)
 PP – Comunicação Social - Publicidade e Propaganda
 JOR – Comunicação Social - Jornalismo
 RP – Comunicação Social – Relações Públicas

Total lidos – Quantidade de livros que o respondente assinalou ter lido na íntegra na primeira questão do formulário.

CAMPOS A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L – Correspondem à leitura na íntegra dos livros da lista de vestibular, conforme os códigos abaixo:¹⁹⁹

| | |
|--|--|
| A - Basílio da Gama – O Uruguai | G - Cyro Martins – Porteira Fechada |
| B - José de Alencar – Lucíola | H - Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim |
| C - Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas | I - Dias Gomes – O Pagador de Promessas |
| D - Contos de Machado de Assis | J - Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo |
| E - Eça de Queirós – O Primo Basílio | K - Cristóvão Tezza – O Filho Eterno |
| F - Manuel Bandeira – Estrela da Vida Inteira | L - Poemas de Álvaro de Campos – Fernando Pessoa |

Tlivro – Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “leu em livro impresso” da segunda questão do formulário

Tcomp - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “leu no computador, *netbook* ou *laptop*” da segunda questão do formulário

Tebook - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “leu em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*” da segunda questão do formulário

TResInter - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “leu resumo na Internet” da segunda questão do formulário

TResPrint - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “leu resumo ou resenha em livro ou apostila” da segunda questão do formulário

Tfilme - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “viu filme ou documentário” da segunda questão do formulário

Taula - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “aprendeu em aula ou grupo de estudo” da segunda questão do formulário

Taudio - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “escutou audiolivro ou arquivo de áudio” da segunda questão do formulário

Toutros - Total de títulos marcados pelo respondente na categoria “Outros (especificar)” da segunda questão do formulário (campo alfanumérico, inclui Algarismos e a eventual descrição feita pelo respondente)

Livro - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Tlivro**²⁰⁰

Xerox - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Txerox**

Comp - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Tcomp**

Ebook - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Tebook**

ResInt - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **TResInt**

ResPrint - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **TResPrint**

Filme - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Tfilme**

¹⁹⁹ Neste campo, o registro 1 equivale a um x ou sinal de checagem. Este procedimento foi adotado para facilitar as operações de cálculo da planilha. Livros não lidos ficavam com o campo em branco.

²⁰⁰ Neste e nos campos seguintes, os códigos alfabéticos para os títulos são os mesmos do quadro exibido mais acima. Algumas marcações, para facilitar a consulta, eram “TODOS” ou seguiam a formatação “TODOS-X”, significando que o respondente havia marcado naquela categoria todos os livros menos o X. A convenção foi usada para casos em que o aluno houvesse lido até 8 livros na categoria (por exemplo, “TODOS-ABCD” significando que o respondente havia lido naquela categoria os títulos E,F,G,H,I,J,K e L).

Aula - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Taula**

Audio - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Taudio**

Outros - Contém os títulos marcados pelo respondente na categoria descrita em **Toutros**

Download - Valor marcado pelo respondente na terceira questão do formulário, “Você já baixou livros da Internet ou pelo Computador? Faça uma estimativa de quantos”

LidoComp - Valor marcado pelo respondente na quarta questão do formulário, “Você já leu livros por inteiro no computador, *netbook* ou *laptop*? Estime quantos”

LidoEbook - Valor marcado pelo respondente na quinta questão do formulário, “Você já leu livros por inteiro em celular, *tablet* ou leitor de *e-book*? Estime quantos”

Livroscasa - Valor marcado pelo respondente na sexta questão do formulário, “Faça uma estimativa de quantos livros há em sua casa”

As variáveis abaixo representam sim (registrados como 1) ou não (campo vazio) para os itens da sétima questão do formulário, “Quais dessas coisas você já fez?”:

Apoio? - item “Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular”

trechos? - item “Leu trechos de livros no computador ou celular”

leu online? - item “Leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais”

fóruns? - item “Discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que você leu”

recomendou? - item “Recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes”

filme-livro? - item “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”

livro-filme? - item “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”

quais sites usou para download? - primeira questão de campo qualitativo do formulário

o que você lê? - segunda questão de campo qualitativo do formulário

variáveis demográficas e informativas:

curso

idade

sexo

data pesquisa

Um último campo, **observações**, concentrou apontamentos durante a tabulação, como inconsistências no preenchimento por parte do respondente e marcações de interesse para a análise ou para a etapa posterior, qualitativa

As planilhas de tabulação não contêm dados pessoais de contato dos respondentes, a fim de garantir o sigilo assegurado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 3).